



**LSPA**  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

*O MOSAICO HUMANO*

A EXPERIÊNCIA DE VIDA DOS INDIVÍDUOS  
DE TERCEIRA CULTURA

Sara-Lisa Purper Gujral

**Orientador de Dissertação:**

Professor Doutor António José César de Almeida Gonzalez

**Professor de Seminário de Dissertação:**

Professor Doutor António José César de Almeida Gonzalez

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Prof. António José César de Almeida Gonzalez, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

*“And their whole life will be spent taking pieces of many different places and putting them together into a stained-glass whole. Home for them is really a work in progress. It's like a project on which they're constantly adding upgrades and improvements and corrections. And for more and more of us, home has really less to do with a piece of soil than, you could say, with a piece of soul.”*

*– Pico Iyer (2013)*

## *Agradecimentos*

Ao Professor Doutor António Gonzalez por ter aceite o desafio de me orientar com este tema de dissertação. Pelo seu apoio e encorajamento neste processo fundamental do meu percurso de mestrado.

Ao Professor Daniel Sousa pelo seu contributo que impactou este trabalho.

À minha família que foi uma das minhas grandes inspirações e motivações que me conduziu até este momento, e por terem um grande papel na pessoa que sou hoje.

Aos meus pais pelo apoio, carinho, encorajamento e transparência, que tem sido essencial para mim ao longo destes últimos 5 anos no ISPA.

Ao meu avô, por ter desde o início, sempre acreditado e investido em mim, e ter sonhado os meus sonhos comigo. Não há dia que passe que não sinta a sua falta.

À minha prima Kyara, pela nossa cumplicidade, pela irmandade singular que temos encontrado e desenvolvido na vida uma da outra. És muito especial para mim.

Aos meus colegas e amigos do ISPA que deram outra cor ao meu percurso académico, permitindo que terminasse estes 5 anos com uma obra de arte única e singular. À Joana, por todos os desafios que temos enfrentado e ultrapassado com o apoio da nossa amizade. Começamos este percurso ISPIANO juntas, e do mesmo modo iremos acabar juntas. Ao António pela sua amizade, apoio e presença desde a primeira até à última semana aqui no ISPA. À Joana pelo seu carinho e autenticidade que me tem inspirado. À Cristina, Martim, Raquel e Márcia que foram uma inesperada e boa surpresa nestes últimos dois anos de mestrado.

À Matilde pela amizade que encontramos uma na outra, que vai amadurecendo como o vinho. Pelo teu companheirismo e presença que tem feito toda a diferença ao longo destes últimos anos.

Aos participantes deste estudo pela sua disponibilidade e entusiasmo em partilhar as suas experiências de vida de forma tão autêntica e transparente. Foi um privilégio ter o vosso contributo, que inalou vida a todo este trabalho.

## *Resumo*

**Problema:** Existem ainda lacunas nas investigações psicológicas que abordam as experiências de vida dos indivíduos de terceira cultura no contexto do nosso mundo atual, cada vez mais globalizado. **Objetivo:** Este estudo qualitativo pretende compreender a experiência vivida dos indivíduos de terceira cultura numa perspectiva fenomenológica/existencial. **Método:** Foram realizadas entrevistas qualitativas semiestruturadas, baseadas no método fenomenológico, com 5 participantes com idades compreendidas entre os 18 e os 26 anos, que viverem em dois ou mais países durante um período significativo dos seus anos de desenvolvimento. **Resultados:** Surgiram os significados psicológicos do impacto psicológico das mudanças, da convivência com a diversidade cultural, da quebra dos relacionamentos interpessoais, da construção do conceito de identidade, da definição de “casa”, do sentimento de pertença, da valorização do viajar e do confronto entre mobilidade e enraizamento. **Discussão:** Há uma clara conexão entre os significados psicológicos encontrados, que retrata como estes indivíduos percecionam as suas experiências de vida enquanto cresciam, e como influencia as suas vidas adultas no presente.

*Palavras Chave:* Indivíduos de terceira cultura; experiências multiculturais; estilo de vida de elevada mobilidade; experiência vivida; perspectiva fenomenológica-existencial

## *Abstract*

**Problem:** There are still gaps in the psychological investigations that address the life experiences of third culture individuals in the context of our current increasingly globalized world. **Objective:** This qualitative study intends to understand the lived experience of third culture individuals in a phenomenological-existential perspective. **Method:** Semi-structured qualitative interviews, based on the phenomenological method, were conducted with 5 participants with the ages between 18 and 26, living in two or more countries during a significant period of their developmental years. **Results:** The findings revealed the psychological meanings of the psychological impact of the changes, the coexistence with cultural diversity, the loss of interpersonal relationships, the construction of the concept of identity, the definition of "home", the sense of belonging, the appreciation of travel and the confrontation between mobility and rooting. **Discussion:** There is a clear connection between the psychological meanings, which portrays how these individuals perceived their life experiences growing up, and how it influences their present adult life.

*Key Words:* Third culture individuals; multi-cultural experiences; high mobility lifestyle, lived experience; phenomenological-existential perspective

### *Lista de Abreviações e Definições*

***Third Culture Kids (TCKs) ou Third Culture Individuals (TCIs)*** – Crianças/Indivíduos de Terceira Cultura, que viveram em dois ou mais países durante um período significativo dos seus anos de desenvolvimento.

***TCKs Tradicionais*** – Crianças que mudam para outra cultura com os seus pais devido a escolha profissional dos mesmos.

***TCKs Domésticos*** – Crianças cujos pais têm se mudado várias vezes entre subculturas do próprio país de origem.

***Primeira Cultura-*** Corresponde a cultura do país de origem ou de passaporte dos pais.

***Segunda Cultura-*** Corresponde a cultura do país atual de residência em que a família vive.

***Terceira Cultura-*** Corresponde a cultura construída pelo indivíduo, através da interação entre as várias culturas com que convive significativamente.

***Cross Cultural Kids (CCKs)*** – Crianças Transculturais, que viveram ou interagiram de forma significativa, com dois ou mais contextos culturais durante um período significativo dos seus anos de desenvolvimento.

***Adotados Internacionais*** – Crianças adotadas por pais de um país diferente do seu país natal.

***CCKs Educacionais***– Crianças que frequentam uma escola com uma base cultural distinta daquela do seu contexto familiar.

***Crianças Bi/Multiculturais ou Bi/Multiétnicas*** – Crianças de pais com pelo menos duas culturas ou/e etnias diferentes.

***Crianças de Grupos Minoritários*** - Crianças cujos pais são de um grupo racial ou étnico que não faz parte da maior raça ou etnicidade do país em que vivem.

***Crianças de Imigrantes*** – Crianças de pais que fizeram uma mudança permanente para um novo país onde não eram originalmente cidadãos.

***Crianças Refugiadas*** – Crianças cujos pais estão a viver fora do seu país de origem, não necessariamente por escolha pessoal, mas devido às circunstâncias, como a guerra, violência, fome ou desastres naturais.

## Índice

I.	<b>Revisão de Literatura.....</b>	<b>2</b>
	<b>Os Indivíduos de Terceira Cultura .....</b>	<b>2</b>
	História e Definição .....	2
	<b>Assuntos significativos na Vida dos Indivíduos de Terceira Cultura .....</b>	<b>4</b>
	Adaptação Intercultural .....	4
	Perda e Luto .....	6
	Sentimento de Pertença .....	7
	Identidade .....	10
	<b>Objetivos e Pertinência da Presente Investigação.....</b>	<b>13</b>
II.	<b>Método .....</b>	<b>14</b>
	<b>Participantes.....</b>	<b>14</b>
	<b>Procedimento.....</b>	<b>16</b>
	Recolha de Dados.....	16
	Análise de Dados.....	17
III.	<b>Resultados .....</b>	<b>18</b>
	<b>Estrutura Geral de Significados Psicológicos.....</b>	<b>18</b>
IV.	<b>Discussão .....</b>	<b>25</b>
	<b>Diálogo com a Literatura .....</b>	<b>25</b>
	<b>Limitações da investigação.....</b>	<b>29</b>
	<b>Estudos Futuros .....</b>	<b>30</b>
V.	<b>Conclusão .....</b>	<b>32</b>
VI.	<b>Referências .....</b>	<b>33</b>
VII.	<b>ANEXOS .....</b>	<b>38</b>
	<b>ANEXO A: Transcrição da Entrevista P1.....</b>	<b>39</b>

<b>ANEXO B: Transcrição da Entrevista P2.....</b>	<b>55</b>
<b>ANEXO C: Transcrição da Entrevista P3.....</b>	<b>67</b>
<b>ANEXO D: Transcrição da Entrevista P4.....</b>	<b>81</b>
<b>ANEXO E: Transcrição da Entrevista P5 (em inglês) .....</b>	<b>92</b>
<b>ANEXO F: Método Fenomenológico .....</b>	<b>103</b>
<b>ANEXO G: Tabela 6 - Constituintes Essenciais .....</b>	<b>177</b>

## **Lista de Figuras**

Figura 1 - <i>Esquema Global da Relação dos Constituintes Essenciais da Experiência Vivida dos Indivíduos de Terceira Cultura</i> .....	24
---	----

## **Lista de Tabelas**

Tabela 1 – Participante N° 1 (P1) .....	103
Tabela 2 – Participante N° 2 (P2) .....	116
Tabela 3 – Participante N° 3 (P3) .....	132
Tabela 4 – Participante N° 4 (P4) .....	151
Tabela 5 – Participante N° 5 (P5) .....	161
ANEXO G: Tabela 6 - Constituintes Essenciais .....	177

## **Introdução**

No nosso mundo atual, cada vez mais interligado, a migração internacional tornou-se uma realidade que toca quase todos os pontos do planeta. Em 2017, as Nações Unidas reportaram que 258 milhões de pessoas da população mundial eram imigrantes internacionais. O crescimento nos últimos 17 anos tem sido exponencial, em comparação com as 220 milhões de pessoas imigrantes internacionais em 2010 e 173 milhões em 2000 (DESA, 2017). A globalização visivelmente intensificou a exposição intercultural e a diversidade das sociedades.

Para muitos indivíduos que passam a sua infância crescendo em diferentes países, a sua “casa” é constantemente recriada quando passam fronteiras. As crianças que passam um período significativo dos seus anos de desenvolvimento a viver em dois ou mais países, vivenciam uma construção de identidade pessoal e cultural que se distingue de pessoas que se desenvolvem num só contexto cultural. Estas crianças e adolescentes são conhecidos como híbridos culturais (Bhabha, 1994), nômades globais (McCaig, 1992), camaleões culturais (McCaig, 1996) e crianças da terceira cultura (Useem, 1993). A literatura corrente favorece o termo crianças da terceira cultura, porque centra-se primeiramente nos filhos dos pais que vivem no estrangeiro.

De acordo com a literatura, há uma consideração dos benefícios e ganhos de um estilo de vida multicultural e de elevada mobilidade, como também dos seus desafios e perdas. Tendo em conta a atualidade e o aumento deste fenómeno, é de elevada pertinência a realização de investigações psicológicas sobre estes indivíduos, para um aprofundamento da compreensão do impacto e consequências psicológicas que este estilo de vida pode ter no desenvolvimento e na futura vida adulta destas pessoas. Assim sendo, o objetivo deste estudo é conhecer e compreender a experiência vivida dos indivíduos de terceira cultura.

# I

## Revisão de Literatura

### Os Indivíduos de Terceira Cultura

#### História e Definição

O termo *Third Culture Kid* (TCK), que significa Criança de Terceira Cultura, foi concebido pela primeira vez pela socióloga e antropóloga Ruth Hill Useem e o seu marido e sociólogo John Useem, em meados dos anos de 1950. Ambos eram professores na Universidade de Michigan nos Estados Unidos e foram ativos em investigação até ao fim das suas vidas, no início dos anos 2000. A maioria das suas investigações envolviam o contacto entre culturas, sendo um dos seus trabalhos mais conhecidos, a tentativa de compreender os relacionamentos entre pessoas do primeiro e terceiro mundo na sociedade globalizada (Pollock & Van Reken, 2017; Useem 1993).

Foi na Índia em 1958, que o casal observou famílias americanas que se mudaram para o estrangeiro devido às suas carreiras profissionais. Estas famílias trabalhavam como missionários, militares, empresários, educadores ou nos serviços estrangeiros, interagindo profissionalmente com as pessoas locais, no início da época pós-colonial. Foi a interação entre as pessoas dessas duas culturas que criou a terceira cultura. Ruth Useem teve como foco os filhos desses profissionais, que chamou de *Third Culture Kids* (TCKs), e definiu simplesmente como crianças que acompanham os seus pais numa cultura estrangeira. Desse modo, os primeiros TCKs categorizavam-se em 4 grupos principais que ela observou na época: as crianças missionárias, as crianças dos militares, as crianças dos cooperativos e as crianças dos serviços estrangeiros. Ruth Useem continuou as suas investigações com esta população, recrutando e supervisionado vários estudantes interessados em realizar investigações sobre o tema e manteve-se ativamente envolvida após a sua reforma, o que reflete o seu grande interesse pela experiência de vida destes indivíduos (Pollock & Van Reken, 2017; Useem 1993).

Em 1989, David Pollock dedicou-se também ao tema, definindo e descrevendo o termo *Third Culture Kid* (TCK), como indivíduos que passaram um período significativo dos seus anos de desenvolvimento fora do seu país de passaporte ou país de origem dos pais, devido à carreira profissional destes. De acordo com Pollock, a perspetiva global destes indivíduos, adquirida nos contextos multiculturais em que estão inseridos, produz um sentimento de relação

com todas as culturas, sem desenvolver uma posse total de nenhuma. O autor sugeriu que elementos de cada cultura são incorporados na experiência de vida destes indivíduos, mas o sentimento de pertença é na relação com pessoas que tiveram experiências multiculturais semelhantes. Mais tarde, o perfil destes indivíduos foi descrito por Pollock & Van Reken (2009) como intelectualmente flexível, culturalmente adaptável, multilingue e possuidor de uma visão global alargada (Pollock & Van Reken, 2009).

Com a evolução do conceito dos TCKs, ao longo dos anos, foram especificados os termos das três culturas. O termo da *primeira cultura* refere-se a cultura do país de origem ou de passaporte dos pais. O termo *segunda cultura* refere-se a do país para o qual a família se mudou e onde reside. O termo *terceira cultura* refere-se àquela, criada pelo próprio indivíduo, que representa um modo de vida constituído pela interação entre as várias culturas, que se assemelha à experiência de outras pessoas com o mesmo estilo de vida de elevada mobilidade internacional e experiências multiculturais (Pollock & Van Reken, 1999).

Van Reken, & Bethel (2005) revisitaram o conceito dos TCKs para adaptá-lo ao fenómeno crescente do nosso mundo transcultural de hoje, causado pela globalização. O número de Indivíduos de Terceira Cultura tem aumentado amplamente em todo o mundo. Muitas das pessoas que cresceram em ambientes transculturais distinguem-se como TCKs, pois identificam-se com as características que Pollock & Van Reken (2009) usaram para descrever o perfil dos TCKs. Por esse motivo, Van Reken & Bethel (2005) propuseram um termo mais inclusivo e descritivo daqueles indivíduos que cresceram num contexto multicultural. O *Cross-Cultural Kid* (CCK), ou Criança Transcultural, é uma pessoa que viveu ou interagiu de forma significativa com dois ou mais ambientes culturais durante os seus anos de desenvolvimento. CCKs incluem:

- *TCKs tradicionais* – Vivem numa cultura diferente devido à carreira profissional dos pais.
- *TCKs domésticos* – Mudaram várias vezes entre subculturas do próprio país de origem.
- *Crianças bi/multiculturais* – Pais têm pelo menos duas culturas ou/e etnias diferentes.
- *Crianças de imigrantes* – Mudaram-se permanente para um novo país onde não eram originalmente cidadãos.
- *Adotados internacionais* – Crianças adotadas por pais de um país diferente do seu país natal.
- *Filhos de grupos minoritários* – Crianças cujos pais são de um grupo étnico que não faz parte da etnicidade maioritária do país em que vivem.
- *Filhos de refugiados* – Vivem fora do seu país de origem devido às circunstâncias, como a guerra, violência, fome ou desastres naturais.

- *CCKs Educacionais* – Crianças que frequentam uma escola com uma base cultural distinta do seu contexto familiar.

Cada CCK pode pertencer a um ou mais subgrupos, o que significa que eles podem vivenciar simultaneamente mais de uma experiência multicultural e as suas consequências. O objetivo deste novo modelo foi, principalmente, poder distinguir melhor cada uma das experiências multiculturais existentes, suas características comuns, bem como as questões específicas relacionadas a cada tipo de experiência. O termo CCK valida a diversidade e singularidade de cada experiência e permite uma melhor compreensão de seu processo e consequências (Van Reken & Bethel, 2005). Contudo, para a realização deste estudo será utilizado majoritariamente o termo *Indivíduos de Terceira Cultura* para referenciar a população geral em estudo.

## **Assuntos significativos na Vida dos Indivíduos de Terceira Cultura**

### **Adaptação Intercultural**

No decorrer das pesquisas para a realização deste estudo, uma das temáticas que se apresentou como indispensável, é a capacidade de adaptação que os TCIs têm a novos e diversos contextos culturais. De acordo com o estudo realizado por Purnell & Hoban (2014), baseado numa investigação qualitativa fenomenológica, foram identificadas 4 etapas de transição que retratam o processo cíclico de mudança destes indivíduos: (1) *preparação* para a transição que ocorre antes da mudança; (2) *transição inicial* que ocorre nos 6 meses iniciais no novo local; (3) *adaptação* que acontece entre os 6 meses e dois anos de residência; (4) *estabilização* que se dá mais ou menos dois anos após a mudança inicial (Purnell & Hoban, 2014). Torna-se assim evidente que a adaptação intercultural é um processo recorrente e quase obrigatório na vida destas crianças e adolescentes.

Brewster, Suutari, & Haslberger (2005) definem adaptação transcultural como um processo complexo em que uma pessoa se torna capaz de funcionar de forma eficaz numa cultura diferente da sua cultura de origem. Para Berry (2008) a adaptação cultural é destacada como um processo bidimensional em que o indivíduo passa por dois processos de aculturação ou aprendizagem cultural, sendo o primeiro relativo a cultura de origem, e o segundo, à nova cultura. Kim (2008) propõem que um indivíduo que frequentemente experiencia uma aculturação e desculturação em várias culturas, passa por uma “evolução intercultural”, que incute nessa pessoa uma compreensão global singular, que lhe garante uma perspectiva

“universalizada”. Lyttle e colaboradores (2011) explicam como os Indivíduos de Terceira Cultura são forçados a realizar este processo de aculturação e desculturação, enquanto ainda estão no processo de enculturação. Além disso, estes indivíduos aculturam-se à cultura do seu país de residência, enquanto que simultaneamente resistem ao processo de desculturação e perda da sua cultura de origem.

Berry, Kim & Boski (1988) identificaram quatro categorias de “peregrinos”:

- (1) um *integrador* tenta fundir ambas as culturas;
- (2) um *marginalizador* não quer estar associado à sua cultura de origem, nem à cultura do país anfitrião;
- (3) um *separador* procura preservar a sua cultura de origem, mas não tem interesse em estabelecer relações dentro da cultura anfitriã; e
- (4) um *assimilador* minimiza ou evita a sua cultura de origem, enquanto abraça a cultura do país anfitrião.

Berry (2008) dita que integração ou separação são as respostas mais comuns à exposição intercultural. Tendo em conta o descrito por Lyttle e colaboradores. (2011), o exemplo principal de um Indivíduo de Terceira Cultura seria um integrador, devido ao indivíduo estar disposto a se adaptar a uma nova cultura sem querer desassociar-se da sua cultura de origem. A adaptação de um TCI resulta numa fusão cultural da sua cultura de origem com a cultura do país anfitrião, que cria a chamada terceira cultura.

Para estes indivíduos conseguirem lidar com estas transições que experienciam e serem capazes de ser tão adaptáveis, precisam de ser flexíveis (Cockburn, 2002). McCaig (1996) chamou estes indivíduos de camaleões culturais, que desde cedo, desenvolvem a adaptabilidade cultural como uma ferramenta para sobreviver às mudanças frequentes entre culturas. Conseguem facilmente alterar a língua, forma de interagir, aparência e comportamentos, para se adequarem melhor às características necessárias, a fim de se enquadrarem no contexto em que estão inseridos. Por outro lado, esta capacidade de adaptação pode tornar-se num desafio para se encontrar a sua própria “cor” e verdadeiro equilíbrio cultural (McCaig, 1996).

As experiências de aculturação e desculturação são inevitavelmente acompanhadas por stress na psique individual. Segundo Kim (2015), estas podem provocar um conflito de identidade entre a resistência à mudança devido ao desejo de reter os antigos costumes de acordo com a identidade original, e o desejo de mudar o comportamento em busca de harmonia no novo contexto.

Kim (2001) desenvolveu uma teoria da dinâmica psicológica entre a tríade stress, adaptação e crescimento, conseqüente das experiências de mudança e adaptação intercultural. A dinâmica desta tríade desenrola-se num padrão cíclico e contínuo de recuos e avanços

circulares ascendentes. Cada experiência stressante é respondida com um estado de regressão, que, por sua vez, ativa a energia adaptativa para ajudar os indivíduos a se reorganizarem e “avançarem para a frente”. O processo de transformação de stress – adaptação – crescimento continua desde que existam novos desafios de contacto intercultural e de comunicação, com um movimento geral de avanço para uma maior adaptação e crescimento. Neste processo, as mudanças grandes e repentinas são mais prováveis de ocorrer durante a fase inicial da exposição a um ambiente cultural novo ou em mudança. Durante um período prolongado de mudanças internas, as flutuações decrescentes de stress e adaptação tornam-se menos intensas ou severas, levando a uma estabilização geral da condição interna (Kim, 2001). Contudo, estas experiências de transição e mudança estão inevitavelmente interligadas com várias perdas e os seus processos de luto.

### **Perda e Luto**

Ainda existem poucas investigações científicas de foro psicológico sobre as perdas e processos de luto destes indivíduos, sendo este, no entanto, um tema fundamental a rever para a realização deste estudo. Devido às transições e mudanças entre países, estas pessoas passam por várias perdas ao longo de suas vidas, das quais algumas são substanciais (Cockburn, 2002; Pollock & Van Reken 2017; Schaetti, 2002). Como Schaetti (2002) observou, a principal fonte de continuidade para os indivíduos de terceira cultura, é precisamente a descontinuidade.

As experiências de níveis elevados de luto e perda durante períodos de transição, causam um *disenfranchised grief*, em que um indivíduo passa pelo luto da perda atual, e acumulação de lutos ao longo dos anos (Davis et al., 2010). De acordo com Doka (2002), *disenfranchised grief* geralmente ocorre quando a pessoa que está de luto, a própria perda, ou a relação entre quem está de luto e o que foi perdido não é reconhecido socialmente. Ocorre também quando as circunstâncias da perda contribuem para um estigma e julgamento negativo de outros, e/ou as formas como os indivíduos estão de luto não são considerados socialmente aceitáveis. Todas estas características são vistas nos lutos dos Indivíduos de Terceira Cultura (Doka, 2002).

Um Indivíduo de Terceira Cultura que experiencia perdas, pode ser aconselhado a seguir em frente e deixar a sua tristeza. A maioria das perdas que estes indivíduos experienciam não são de morte e podem ser desvalorizadas ou não reconhecidas pelos adultos presentes nas suas vidas, aumentando assim o risco de que o luto não seja tratado com o respeito que merece, e consequentemente permanecer não resolvido (Gilbert, 2008). Pollock & Van Reken (2017) referenciam também esta questão dos lutos não resolvidos destes indivíduos, que se apresentam

como uma das problemáticas principais que se prolongam até à vida adulta. Os autores dizem que os lutos não resolvidos podem vir de perdas reconhecidas e não reconhecidas, mas que nunca foram realmente processadas através de um luto saudável e curador.

No estudo qualitativo realizado por Gilbert (2008) foram identificadas e exploradas algumas das perdas e lutos experienciados pelos indivíduos de terceira cultura, descritos retrospectivamente por TCI's adultos. Os sujeitos referiram perdas concretas como pessoas, lugares, animais de estimação e posses, identificando o seu valor simbólico.

Pollock & Van Reken (2017) abordaram também a questão das perdas cíclicas das amizades destes indivíduos, e os consequentes padrões relacionais desenvolvidos. De acordo com os autores, as perdas constantes de relacionamentos desenvolvem padrões de proteção e autodefesa contra possíveis dores futuras de separação, que podem afetar os seus relacionamentos ao longo da vida. Alguns destes indivíduos passam a envolver-se rapidamente em novas amizades, vivendo-as com intensidade, enquanto duram. Muitos outros aproximam-se de novas amizades com muita cautela. As frequentes despedidas dolorosas tornam estes indivíduos menos abertos para novos envolvimentos emocionais. Até os indivíduos mais extrovertidos, com uma capacidade apurada de comunicação e socialização, raramente se abrem genuinamente a um nível relacional mais íntimo. Inconscientemente constroem barreiras, para prevenir que outras pessoas cheguem mais perto, para evitarem experienciar novamente o sofrimento envolvido na perda de pessoas significativas (Pollock & Van Reken, 2017).

Adicionalmente, foram também reconhecidas no estudo de Gilbert (2008) perdas existenciais, como a perda da crença de um mundo seguro, a perda “de quem se pensava que era”, e de ter um lugar que se possa chamar de casa. A perda existencial “de quem se pensava que era” pode ser traduzido para os desafios da formação de identidade destes indivíduos. A perda de um lugar que se pode chamar de casa relaciona-se com a falta de sentimento de pertença, abordado em seguida.

### **Sentimento de Pertença**

Entre as questões e preocupações principais que são centrais na literatura sobre os Indivíduos de Terceira Cultura, estão os temas recorrentes de casa e pertença. Um dos maiores desafios que estes indivíduos encaram é a formação de um sentimento de pertença, que é um conceito de saúde mental vital (Fail, Thompson, & Walker, 2004; Pollock & Van Reken, 2017). Para estes indivíduos, a relocação foi a norma, em que toda a sua infância pode ser considerada

uma série permanente de deslocamentos temporários, com um sentimento de pertença moldado conformemente (Hayden, 2012). Um estilo de vida de elevada mobilidade pode fazer com que estes indivíduos se sintam confusos em relação a que lugar chamar de casa. Vários autores identificam o sentimento de falta de raízes, frequentemente vivenciado por estes indivíduos (Loewn, 1993; Pollock & Van Reken, 2010). Estes indivíduos mudaram-se tantas vezes, viveram em diferentes lugares e frequentaram várias escolas, que acabam por se sentirem em casa em todo o lugar e em nenhum lugar (Pollock & Van Reken, 2017; Wretsch, 1991).

Entre as várias investigações realizadas com estes indivíduos sobre o seu sentimento de pertença, surgem diferentes vivências do fenómeno. Nette e Hayden (2007) compreenderam que as crianças abrangidas na sua investigação de facto desenvolveram um sentimento de pertença, mas têm dificuldade em identificar um lugar específico ao qual sentem que pertencem. Na investigação de Fail e colaboradores (2004) a maioria dos sujeitos apresentam ter um sentimento múltiplo de pertença, ou, não terem de todo um sentimento de pertença. O mesmo foi visto com os participantes no estudo de Moore & Barker (2012) que descreveram ter a habilidade de alternar ou fundir identidades culturais, sem necessariamente sentirem que pertencem a nenhuma delas. Enquanto que alguns tinham um sentimento de pertença a vários países, outros não sentiam que pertenciam a algum país em particular. Isto pode ser explicado pelo facto destes indivíduos frequentemente vivenciarem alguns níveis de marginalização.

No estudo de Fail e colaboradores (2004) verificaram-se dois tipos de marginalidade. A marginalidade encapsulada ocorre quando pessoas se sentem como estranhos nos países em que vivem, até mesmo quando estão a viver nos seus países de origem ou passaporte. Estes participantes explicaram que não têm nenhum verdadeiro sentimento de pertença nas comunidades em que vivem. Por outro lado, alguns participantes experienciaram uma marginalidade construtiva, em que utilizaram as suas identidades multiculturais para a sua vantagem. Desenvolveram um sentimento de pertença múltiplo a vários lugares diferentes, e uma habilidade de se ajustarem e enquadrarem num contexto em que podem usufruir da vantagem de se sentir parte, e simultaneamente à parte de um lugar. Esta ambivalência não os incomoda necessariamente, mas dá-lhes uma sensação de diferenciação dos outros que os rodeiam. Estes indivíduos encaram com otimismo e entusiasmo as vantagens das suas experiências multiculturais e as habilidades adquiridas pelas mesmas, pois conseguem sentir-se em casa em vários lugares diferentes e identificar-se com pessoas semelhantes a eles (Fail et al., 2004).

Outros estudos demonstram que estes sujeitos recorreram a relacionamentos interpessoais para a criação e manutenção de um sentimento de pertença. Isto foi visível no estudo de Fail (1995), que pediu aos participantes para avaliarem numa escala de Likert, o seu sentimento de pertença a um país, lugar, comunidade ou relacionamento. Descobriu-se que os participantes tinham um sentimento de pertença três vezes mais forte a relacionamentos do que a algum país em particular. Em 2004, Fail e colaboradores, voltam a verificar que os Indivíduos de Terceira Cultura têm mais probabilidade de desenvolverem um sentimento de pertença a pessoas em vez de a lugares geográficos, em comparação com indivíduos monoculturais que frequentemente desenvolvem um sentimento de pertença a um lugar.

Além disso, Pollock & Van Reken (2009) notaram que para muitos Indivíduos de Terceira Cultura, o sentimento de pertença é na relação com outros indivíduos, que frequentemente também tiveram experiências de vida semelhantes. Tal vai de encontro com o estudo de Walters & Cuff (2009) que também observaram que estes indivíduos encontram um sentimento de pertença através de relacionamentos com outros Indivíduos de Terceira Cultura. Os autores descobriram que as interações com pessoas com um estilo de vida semelhante, normalizaram as suas próprias experiências. Através destes relacionamentos, substituíram o sentimento de marginalização por um de pertença. Nessa mesma investigação de Walters & Cuff (2009), foi ainda possível ver como o sentimento de pertença dos participantes também foi alcançando através do contacto com literatura e pesquisa sobre as suas experiências de vida, que reforçou a sua identidade como um Indivíduo de Terceira Cultura.

Pode-se assim dizer que um estilo de vida de elevada mobilidade pode fazer com que estes indivíduos se sintam confusos em relação a que lugar chamar de casa e apresentem alguns desafios em desenvolver um sentimento de pertença, que pode conduzir a uma confusão identitária (Easthope, 2009, Elliott and Urry, 2010). O sentimento de pertença afeta o nosso sentido de quem somos. É durante os anos de desenvolvimento que o sentimento de pertença e o sentido de identidade se formam, estando estes dois conceitos interligados. Tanto o sentimento de pertença como o sentido de identidade podem suscitar emoções diferentes e ter significados diferentes entre pessoas diferentes. De qualquer modo, pode-se assumir com segurança que estes são assuntos que a maioria dos Indivíduos de Terceira Cultura terão de enfrentar, mais cedo ou mais tarde (Fail et al., 2004).

## Identidade

Identidade define valores, crenças e comportamentos, e influencia as nossas interações com outros. A nossa identidade nuclear, o “*self* interno”, consiste de atributos e características pessoais, e a nossa identidade externa ou factos de identidade, são facilmente identificados por outros, como a nossa etnia, género e nacionalidade (Jones & McEwen, 2000). Muitas das discussões sobre a identidade começam com Erikson (1963) e a sua formulação das 8 etapas psicológicas do desenvolvimento humano. De acordo com o autor, é durante a adolescência que ocorre a 5ª etapa, onde se alcança a realização de identidade, tendo como objetivo central a resolução de perguntar “quem sou eu?”. A diferença entre adultos que viajam e Indivíduos de Terceira Cultura é que estes indivíduos se movem entre culturas antes de terem a oportunidade de completarem a tarefa crítica do desenvolvimento da sua identidade pessoal e cultural. Estes indivíduos formam um sentido de identidade pessoal e cultural da mesma maneira de todas as outras pessoas, através da internalização de regras e costumes do contexto que os rodeiam. Todavia, interagem com vários tipos de regras, costumes, comportamentos e valores de diversos contextos culturais, tornando assim, encontrar um sentido de identidade numa tarefa complexa e, por vezes, confusa (Pollock & Van Reken, 2017). Em consequência, os indivíduos de terceira cultura podem experienciar uma adolescência tardia, em que lidam com estas questões identitárias muito depois do período em que normalmente ocorrem (Schaetti, 2002; Useem & Cottrell, 1996).

No estudo de Wrobbel & Plueddemann (1990), baseado na teoria das etapas de desenvolvimento de Erikson (1963), os Indivíduos Adultos de Terceira Cultura não tinham resolvido esta crise de desenvolvimento com tanto sucesso como os indivíduos monoculturais. O mesmo foi visível no estudo de Walters (2009) em que os participantes passaram por uma disrupção do seu desenvolvimento identitário devido às mudanças. Quando estes indivíduos se mudam para um lugar novo, focam-se na sua adaptação e sobrevivência. Têm de se ajustar às mudanças das normas no novo contexto escolar e social e criar amizades. A pergunta de desenvolvimento “quem sou eu?”, altera-se para “como é que eu me devo comportar?”. Estes indivíduos deixam de ter energia para se focar nas tarefas normais do desenvolvimento. As mudanças frequentes abrandam o processo da formação de identidade, pois os pontos de referência estão igualmente em constante mudança. Contudo existem algumas teorias e estudos que exploraram a formação de identidade singular destes indivíduos e descrevem a sua ocorrência (Pollock & Van Reken, 2017; Walter, 2009; Wrobbel & Plueddemann, 1990).

De acordo com a teoria comunicacional da identidade de Hecht (2005), a identidade de um indivíduo é composta por quatro camadas: pessoal, “encenação”, relacional e comunal. A camada *pessoal* refere-se ao autoconceito e sentimentos que o indivíduo tem sobre si. A camada da “*encenação*” refere-se à identidade retratada e expressa do indivíduo. Na camada *relacional* a identidade é negociada e formada em conjunto por meio de relacionamentos, através de quatro níveis: *atribuições externas, papéis relacionais, relação entre papéis e relacionamentos como unidades de identidade*. A camada comunal é onde a identidade do indivíduo é agregada a identidade de um grupo maior. Assim, a internalização, externalização e a atuação social da identidade são perpetuadas pela comunicação e por meio dela (Hecht, 2005).

Em 2018, Pang & Hutchinson realizaram a aplicação da teoria Comunicacional da Identidade de Hecht (2005) com os Indivíduos de Terceira Cultura, tendo em foco a análise das três camadas de identidade: pessoal, relacional e comunal. Os autores propõem que a camada pessoal destes indivíduos se baseia no autoconceito de um self híbrido e multicultural, por vezes confuso e em conflito, devido a falta de sentimento de pertença e casa. Na camada relacional destes sujeitos, ocorre uma intensa troca de comunicações que influenciam a formação de identidade. Frequentemente estes indivíduos podem orientar-se pelas categorizações e rótulos que lhes são atribuídos externamente, o que é perigoso porque a maioria destas categorizações são incompletas para comunicar a identidade completa destes indivíduos. Em relação à camada comunal, são inseridos em múltiplos ambientes socioculturais, frequentemente não tendo uma comunidade constante com características comuns e coletivas. Todavia, a comunidade comunal pode ser constituída por outras pessoas que também experienciam o mesmo estilo de vida, em que assim podem encontrar uma cultura e experiência comum. No entanto, não são todos os indivíduos de terceira cultura que procuram e encontram uma comunidade assim (Hecht, 2005; Pang & Hutchinson, 2018).

Outros estudos focam na formação de identidade baseados na relação que pessoas desenvolvem com um lugar. Lijadi & Van Schalkwyk (2017) ditam que uma parte integral do desenvolvimento da identidade é a identidade de lugar, geralmente definido como a produção de significado de um indivíduo, relacionado a um lugar e a um sentimento de pertença. Tradicionalmente, a identidade baseada no lugar referenciava-se a uma conexão singular a um só lugar onde o indivíduo cresceu, criando uma grande afiliação a esse lugar (Creswell, 2004). A noção da identidade de local desenvolve-se quando a pessoa se identifica com o lugar em que vive e onde estabelece a sua identidade pessoal, envolvida no seu sentimento de pertença e conexão emocional ao lugar (Twigger-Ross and Uzzell, 1996). Casa, a componente física da

habitação, cidade ou país de residência, é onde as pessoas desenvolvem ligações a lugares durante os primeiros anos da sua infância, se envolvem em interações sociais e exploram a sua identidade durante a adolescência (Chow and Healey, 2008; Easthope, 2009). É este o lugar onde as pessoas crescem, que oferece um sentido de origem e cria um sentido de continuidade. A identidade de lugar poderia assim ser considerada como o enraizamento numa casa, como também nos espaços sociais na comunidade onde esta casa é situada. Casa fornece um espaço físico, familiaridade, sentimentos de aceitação, conforto, privacidade, enraizamento e pertença (Spencer, 2005). Tendo isto em conta, o estilo de vida de elevada mobilidade pode resultar em tempo insuficiente para que os indivíduos de terceira cultura aprendam complexidades e nuances da cultura local, como comportamentos, linguagem e habilidades sociais exigidas pelo país de origem e pelos outros países em que vivem (Dewaele e Van Oudenhoven, 2009). Isto sugere que para aqueles que experienciam múltiplas deslocações, casa é um espaço constantemente em mudança que aumenta o potencial de uma confusão identitária, que por sua vez, pode causar ansiedade (Elliott e Urry, 2010; Fail et al., 2004; Lijadi & Van Schalkwyk, 2017). De qualquer modo, o nível elevado de conflito entre culturas está associado a alguns resultados cognitivos positivos. Por exemplo, Tadmor e colaboradores (2012) e Nguyen & Benet-Martínez (2012) descobriram que indivíduos biculturais que experienciam conflitos de identidade demonstram uma maior complexidade cognitiva. Thomas e colaboradores (2012) afirmam que indivíduos biculturais que sentem um maior conflito de identidade, têm uma metacognição cultural mais elevada, ou seja, uma maior autoconsciência das suas suposições e inferências culturais.

Em contrapartida, existem estudos que afirmam precisamente que estes indivíduos não possuem uma identidade confusa, mas sim uma identidade mais complexa e multicultural. Existe um consenso geral entre os estudiosos de que a adaptação transcultural está frequentemente associada à mudança na identidade cultural (Berry, 2008; Kim, 2008; Moore, 2012; Shaffer et al., 2012; Sparrow, 2000; Sussman, 2000). Arasaratnam (2013) propôs uma definição de identidade multicultural, como a condição de pessoas que formaram uma identidade que não é afiliada com uma cultura em particular, mas em vez disso, é uma fusão de múltiplas culturas e contextos.

Na investigação de Moore & Barker (2012) os resultados indicam que TCI's são mais aptos a possuir múltiplas identidades culturais ou uma identidade multicultural, em vez de uma identidade cultural confusa. Os resultados confirmam que é possível que um indivíduo seja plenamente funcional e alfabetizado em mais de uma cultura sem comprometer o seu senso de

identidade, pois nunca perde a sua identidade cultural de origem, mas adota uma nova e pode alternar com sucesso entre as duas. Esta identidade corresponde de perto a de um integrador, como proposto por Berry (2008). Os TCI's com identidades fundidas são diferentes daqueles com identidades alternantes, em que os primeiros são incapazes de compartimentar suas identidades culturais diferentes. Eles integram diferentes elementos de cada cultura, formando assim uma identidade multicultural à qual aderiram consistentemente, independentemente do país, contexto e cultura em que se encontram (Moore & Barker, 2012).

Os mesmos resultados foram antes vistos no estudo de Sparrow (2000) que também sugeriu que os indivíduos de terceira cultura alternam entre identidades culturais, de forma intuitiva e com facilidade. Do mesmo modo, as descrições de mudança entre múltiplas identidades correspondem intimamente ao modelo de alternância descrito por LaFromboise e colaboradores (1993), que sugere que é possível que um indivíduo participe plenamente em duas culturas diferentes. Ainda Kim (2008) sugere que um indivíduo que frequentemente vivencia aculturação pode alcançar uma identidade intercultural, descrita como uma orientação aberta, adaptativa e transformadora de si mesma. Um elemento chave desta identidade cultural dinâmica e integrativa é uma autodefinição clara, que permite ver estereótipos culturais passados e concentrar-se em semelhanças em vez de diferenças. As identidades culturais dos Indivíduos de Terceira Cultura são adaptativas e abertas, moldadas pelas diferentes culturas que vivenciaram e internalizam, fazendo uma parte permanente de quem são. Nesse sentido, adquirem o tipo de identidade intercultural que foi teorizada por Sussman (2000), de uma mente aberta, adaptável e com uma clara autodefinição.

### **Objetivos e Pertinência da Presente Investigação**

Já foram realizados vários estudos sobre estes indivíduos com uma perspectiva sociológica. Contudo, existem muito menos investigações científicas na área da psicologia, sobre as experiências de vida dos Indivíduos de Terceira Cultura e o seu impacto psicológico. Sendo este um fenómeno cada vez mais frequente na sociedade globalizada de hoje, torna-se pertinente a realização deste estudo qualitativo com a utilização do método fenomenológico, que visa explorar e compreender os significados psicológicos das experiências descritas na perspectiva das pessoas que as vivenciaram. Assim, o objetivo principal do presente estudo é ouvir as vozes dos jovens adultos, indivíduos de terceira cultura, para tentar conhecer e compreender de forma mais aprofundada o significado e impacto psicológico das suas experiências vividas.

## II

### Método

#### Participantes

Utilizando *snowball sampling* (Noy, 2008), ou seja, amostragem aleatória e por conveniência, sete Indivíduos de Terceira Cultura foram recrutados para participar neste estudo, sendo quatro do sexo feminino e três do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 18 e os 26 anos. Dos sete participantes iniciais, somente cinco foram incluídos neste estudo por possuírem todos os critérios de inclusão necessários. A seleção dos participantes para esta investigação baseou-se nos seguintes critérios de inclusão:

- a) ter vivido em dois ou mais países diferentes durante um período significativo dos seus anos de desenvolvimento, que se apresenta dos 0 aos 18 anos de idade;
- b) ser atualmente um jovem adulto, entre os 18 a 26 anos, para compreender a experiência de indivíduos que recentemente iniciaram a sua vida adulta;
- c) falar fluentemente inglês e/ou português para completarem a entrevista de forma capaz e confortável;
- d) ter a capacidade de comunicar e expressar verbalmente as suas experiências de vida do fenómeno em estudo de forma descritiva.

Todos os participantes são atualmente estudantes ou haviam estudado recentemente no ensino universitário. Curiosamente todos os participantes têm algum nível de vinculação com Portugal, o país em que o estudo foi realizado. Os participantes enquadravam-se num ou mais dos seguintes subgrupos descritos anteriormente: TCKs tradicionais, crianças bi/multiculturais, CCKs educacionais e crianças de Imigrantes. Todos os participantes frequentaram pelo menos três escolas desde o ensino básico ao secundário. Quatro nacionalidades e quinze países de residência estão representados neste estudo. Três dos participantes residiam no seu país de passaporte durante o período desta investigação e dois num país anfitrião. Em seguida apresenta-se uma breve descrição de cada um dos participantes, de acordo com as informações fornecidas pelos mesmos.

P1 é uma mulher de 26 anos, com três nacionalidades: portuguesa, angolana e brasileira. É filha de um pai angolano e uma mãe brasileira. Podendo ser caracterizada como uma TCK tradicional e bicultural, P1 nasceu no Brasil, mudou-se para Angola com um ano de idade e regressou ao Brasil aos seis anos de idade, onde viveu até aos 13 anos. Aos 13 anos voltou para

Angola e aos 19 anos foi para Lisboa, Portugal com o intuito de estudar na universidade. Atualmente ainda vive em Lisboa, onde está a concluir o seu mestrado em Psicologia Clínica.

P2 é uma mulher de 22 anos, de nacionalidade portuguesa, nascida de pais portugueses. Como TCK tradicional e CCK educacional, viveu em três países diferentes: Portugal, Espanha e Polónia. Nasceu em Portugal, mas mudou-se para Espanha antes de completar o seu primeiro ano de idade. Em Espanha residiu em três cidades diferentes: Madrid, Benidorm e Barcelona. Aos 16 anos, mudou-se para Varsóvia na Polónia com a sua família, onde completou o ensino secundário, e aos 18 anos mudou-se para Lisboa, Portugal, sozinha, com a intenção de estudar no ensino superior. Atualmente vive em Lisboa, a concluir agora o seu mestrado em Psicologia Clínica. Ela fala quatro a cinco línguas, sendo estas português, espanhol, inglês, francês e catalão.

P3 é uma mulher de 24 anos, nascida no Brasil de pais brasileiros, com a nacionalidade brasileira e está no processo de aquisição da nacionalidade portuguesa. Como TCK tradicional e CCK educacional, aos seis meses de idade mudou-se para o Chile. Com um ano e meio mudou-se para os Estados Unidos da América. Aos cinco anos de idade regressou ao Brasil. Aos 9 anos de idade mudou-se para a Guatemala e aos 14 foi para Portugal, onde reside até ao presente. Sempre frequentou o Liceu Francês em todos os países em que residiu. P3 fala quatro línguas fluentemente: português, inglês, francês e espanhol. Completou a sua licenciatura em Relações Internacionais e o seu mestrado em Antropologia numa universidade em Lisboa, Portugal.

P4 é um homem de 23 anos, nascido em Guiné-Bissau com dois pais guineenses. Ele tem a nacionalidade portuguesa. Como criança de uma Imigrante e CCK educacional, a partir dos 3 anos de idade mudou-se várias vezes entre Portugal e Guiné-Bissau até aos 10 anos, onde se mudou permanentemente para Portugal. Com 18 anos, mudou-se para a Inglaterra para realizar os seus estudos universitários, onde reside até ao presente. Frequentou uma escola particular na Guiné-Bissau e algumas escolas públicas em Portugal. Fala quatro línguas: português, inglês, espanhol e crioulo.

P5 é uma mulher de 18 anos, nascida em Londres, filha de um pai francês e uma mãe portuguesa, com uma dupla nacionalidade correspondente à dos pais. Sendo uma TCK tradicional e bicultural, mudou-se com um ano de idade para o Quênia, onde viveu durante quatro anos. Com cinco anos de idade, a sua família mudou-se para Itália. Entre 2010 e 2013 viveu no Panamá e depois mudou-se para Cuba, onde viveu até 2018 e terminou o ensino

secundário. Recentemente, mudou-se para França para ingressar na universidade. P5 frequentou escolas internacionais em todos os países em que residiu. É fluente em cinco línguas: português, francês, espanhol, inglês e italiano. A entrevista de P5 foi realizada em inglês, do qual os excertos apresentados na seção dos resultados, foram traduzidos para português.

## **Procedimento**

A escolha da utilização do método fenomenológico para este estudo baseia-se na característica distinta da entrevista fenomenológica, que possibilita a criação de um contexto empático em que os participantes se podem sentir confortáveis e capazes de descrever os significados da sua experiência humana como Indivíduos de Terceira Cultura (Giorgi & Sousa, 2010). Esta linha de investigação fenomenológica em psicologia é baseada na eidética e na intencionalidade, que tem como objetivo realizar a análise da forma como os objetos surgem à consciência e definir as estruturas essenciais da experiência. O fenómeno não é o objeto de uma experiência, mas sim a vivência intencional em que o objeto surge (Sousa, 2008).

### **Recolha de Dados**

Nesta investigação, foram concretizadas 7 entrevistas qualitativas presenciais ou através de videochamada em tempo real, entre dezembro de 2018 e março de 2019. Todas as entrevistas foram realizadas em português ou inglês de acordo com o nível de fluência e conforto de cada participante. Cada entrevista teve a duração aproximadamente de 45 minutos, em que foram gravadas em áudio e transcritas para análise posterior. Destas 7 entrevistas, somente 5 foram utilizadas por reunirem as características necessárias para a aplicação do método fenomenológico.

Para a realização da entrevista qualitativa, foi utilizada uma abordagem semiestruturada composta por 3 partes. A primeira parte consiste de uma recolha dos dados demográficos de cada participante como: idade, estado civil, nacionalidade/s, nacionalidade dos pais, país de residência atual, países em que já residiu, motivo de mudança entre países, conhecimento e aquisição linguística e escolaridade.

A segunda parte foi a entrevista fenomenológica, constituída por perguntas abertas sobre a experiência pessoal de cada participante em relação ao tema de investigação. As respostas obtidas nesta segunda parte da entrevista foram o alvo de análise para os resultados deste estudo. Ao longo da entrevista, foram utilizadas habilidades de escuta ativa e instruções verbais para

encorajar cada entrevistado e deixá-lo confortável. Por último, após a descrição da experiência de cada participante ser apresentada, foram feitas perguntas gerais finais, para poder compreender a perspectiva de terceira pessoa do participante em relação à entrevista e o tema em estudo.

### **Análise de Dados**

Após a transcrição na íntegra, de todas as entrevistas, presentes em anexo (Anexos: A, B, C, D e E), a análise dos dados seguiu o método fenomenológico descrito por Giorgi & Sousa (2010). Durante toda a aplicação do método, é fundamental que o investigador exerça a redução fenomenológica, para que se possa alcançar a essência pura do fenómeno em estudo, sem a contaminação de elementos pessoais, culturais e sociais do investigador. Igualmente relevante é a realização da análise eidética dos relatos dos participantes para obter uma perspectiva psicológica das experiências vividas relacionadas com o tema de estudo (Giorgi & Sousa, 2010).

De acordo com Giorgi & Sousa (2010), a aplicação do método fenomenológico na investigação em psicologia consiste dos seguintes quatro passos:

- 1) O primeiro passo, *estabelecer o sentido do todo*, corresponde à leitura atenta da transcrição completa da entrevista para compreender o sentido da experiência na sua globalidade, sem a criação de hipóteses interpretativas.
- 2) No segundo passo, *divisão das unidades de significado*, faz-se uma nova leitura da transcrição, procurando dividir o todo em partes mais pequenas, usando o critério da transição de sentido. Esta divisão permite uma análise psicológica mais aprofundada.
- 3) No terceiro passo, realiza-se a *transformação das unidades de significado em expressões de carácter psicológico*. Cada unidade de significado anteriormente identificada, após uma análise eidética, é transformada de uma linguagem de senso comum dos participantes para uma linguagem de significado psicológico.
- 4) No quarto e último passo é feita a *determinação da estrutura geral de significados psicológicos*, através de uma síntese da descrição dos constituintes essenciais da experiência e da relação existente entre eles. Os constituintes essenciais são as unidades de significado psicológico essenciais transversais a todos os participantes.

### III

#### Resultados

Após a realização de uma análise eidética do conjunto de unidades de significado de cada participante, transformadas em expressões de significado psicológico, que se encontra no Anexo F, foi possível determinar uma estrutura geral para alcançar um entendimento da experiência dos indivíduos de terceira cultura entrevistados.

#### **Estrutura Geral de Significados Psicológicos**

Para estes cinco participantes, as várias mudanças entre cidades e países, pelos quais tiveram que continuamente passar desde muito cedo nas suas vidas, produziram um grande impacto psicológico. As mudanças, por um lado, causaram sofrimento devido às várias perdas, no qual se destaca a quebra dos relacionamentos interpessoais. Por outro lado, a necessidade de adaptação a essas mudanças e à diversidade cultural, desenvolveu-se numa competência favorável, marcada pela resiliência e empatia.

Sendo que estas experiências multiculturais e de elevada mobilidade ocorreram durante os anos de desenvolvimento dos participantes, observa-se o fenómeno da construção do conceito de identidade, visivelmente interligado com a definição de “casa” e o sentimento de pertença, que divergem do convencional.

Ainda na vida adulta, permanece o processo da criação e consolidação da identidade. Tendo elaborado um conceito de “casa” e pertença mais complexo que a limitação a um só lugar, do mesmo modo, a identidade toma uma dimensão mais complexa e flexível, composta pela junção e interação das diversas experiências culturais e sociais.

No presente, todos os participantes valorizam o viajar, como também demonstram a vontade de o continuar a fazer. Contudo, como atuais adultos autónomos, são confrontados com a escolha de manter um estilo de vida de elevada mobilidade ou de procurar um lugar para enraizar. Enquanto alguns dos participantes demonstram o desejo de enraizar, mesmo tendo algumas resistências identificadas, outros sentem que este é o único estilo de vida que conhecem e sabem ter.

Desta estrutura geral dos significados psicológicos, são identificados oito constituintes essenciais comuns a todos os participantes, que assumem uma especial relevância para a compreensão da experiência dos indivíduos de terceira cultura. Embora os constituintes sejam comuns, podem-se manifestar de modo diferente nos vários participantes. De seguida, é apresentada a lista dos constituintes essenciais, seguido pela sua explicação e o esquema global da relação existente entre eles. Em anexo é possível encontrar a tabela (Anexo G) com as narrativas correspondentes de cada participante.

### **Constituintes Essenciais**

- Impacto Psicológico das Mudanças
- Convivência com a Diversidade Cultural
- Quebra dos Relacionamentos Interpessoais
- Construção do Conceito de Identidade
- Definição de “Casa”
- Sentimento de Pertença
- Valorização do Viajar
- Confronto entre Mobilidade e Enraizamento

### ***Impacto Psicológico das Mudanças***

Todos os participantes partilharam como o processo de mudança entre os vários países ao longo dos anos, causou um grande impacto psicológico nas suas vidas durante os seus anos de desenvolvimento, como também na sua vida adulta no presente. Os participantes expressaram o sofrimento psicológico consequente das mudanças: *“As mudanças de país para uma escola nova (...) foram traumáticas.”* (P1: U.S. 2); *“...eu não estava muito bem porque aquela mudança de Barcelona para a Polónia foi muito difícil.”* (P2: U.S. 6); *“Mesmo assim eu acho que é sempre um stress. Causa muita ansiedade.”* (P3: U.S. 63); *“Complicado. Sim, foi complicado.”* (P4: U.S. 1).

Além disso, o sofrimento psicológico vivenciado, por vezes era desvalorizado: *“quase não havia espaço para eu e a minha irmã ficarmos tristes, porque eles estavam tão stressados com a parte logística da coisa (...) também tinha o mito que não é verdade “Ah já passaram por isso tantas vezes, já estão habituadas.” (...)e eu “sim! mas não muda o facto de ser horrível!” Não é uma coisa que se possa treinar. Não fica mais fácil cada vez. É um novo desconhecido.”* (P3: U.S. 65-66).

Por outro lado, também é sentido que estas experiências permitiram um maior amadurecimento, e produziram uma mentalidade mais aberta, que em condições diferentes não se teria proporcionado, *“Eu acho que na realidade cresci muito por ter vivido em todos aqueles lugares diferentes (...) eu acho que é a mentalidade aberta.”* (P5: U.S. 17).

### ***Convivência com a Diversidade Cultural***

Para todos os participantes, o contacto com pessoas e contextos tão diversos é visto como um privilégio, que permitiu alargar os horizontes, *“muita exposição a diferentes maneiras de viver, diferentes culturas, não só no sentido de maneiras de viver e língua, (...) mas também em termos de arte(...)”* (P4: U.S. 7-8), *“(...) a forma como a gente projeta a vida, como é que se veste, como é que se comporta, como é que se conhece, como é que brinca, (...) as dinâmicas relacionais, isso é muito diferente. Então é fixe ter tipo, várias janelas”* (P1: U.S. 21-23), uma maior capacidade de empatia, *“...a capacidade de compreender, de empatizar com diferentes culturas e diferentes mentalidades...”* (P5: U.S. 18), uma elevada capacidade de adaptação ao novo e ao diferente, *“...eu e a minha irmã sempre nos tivemos de adaptar muito para conseguir entender pessoas muito diferentes”* (P3: U.S. 17), e uma ligação com vários pontos do mundo, *“...eu tenho pessoas espalhadas por vários sítios, e isso é muito bom”* (P2: U.S. 17).

### ***Quebra dos Relacionamentos Interpessoais***

Entre as várias perdas vivenciadas e descritas pelos participantes, houve nitidamente uma perda transversal a todos. Devido a este estilo de vida que exigiu várias mudanças entre lugares de residência, existiu inevitavelmente uma quebra dos relacionamentos interpessoais, como também do acompanhamento próximo do desenvolvimento, *“(...) ver os bebés, as crianças pequenas, a gente sai e depois perde esse crescimento.”* (P1: U.S. 16), consequente da perda de contacto, *“Foi sempre horrível, sobre tudo antigamente quando não havia maneira de falar com as pessoas...”* (P3: U.S. 3), *“(...) depois com o tempo se foram desligando, deixando de fazer um esforço (...)”* (P2: U.S. 25).

Devido à consciência da limitação de tempo existente, os relacionamentos interpessoais caracterizavam-se pela intensidade: *“E eu acho que de certa forma sempre sabíamos que aquilo não ia durar muito, portanto aproveitávamos sempre ao máximo, portanto eu acho que a palavra é mesmo essa, intensidade.”* (P4: U.S. 10), *“Eu acho que há amizades que são geralmente muito intensas, porque se sabe que há sempre um limite de tempo para cada relacionamento (...) tem que se maximizar e aproveitar, tanto quanto possível, o tempo que se*

*tem com essas pessoas, porque, no final, se não o fizeres, estás em mudança toda a tua vida, e nunca terás amigos..." (P5: U.S. 21).*

### ***Construção do Conceito de Identidade***

Um tema fulcral e complexo das experiências vividas e descritas pelos sujeitos é a construção do conceito de identidade. Como jovem adultos, surgem várias questões identitárias: *"isso "triggers" uma série de perguntas essenciais. E essa pergunta de "Quem sou eu culturalmente?", não sei porquê, mas eu tenho pensado muito nisto." (P3: U.S. 25); "Não sei, é que é isso tipo, quem sou eu (...) consigo dar umas descrições tipo básicas, mas ainda não (...)"(P2: U.S. 36).*

Existe ainda um processo ativo de procura, descoberta e construção da identidade: *"ainda estou um bocado à descoberta disso, estás a perceber? Sinto que ainda tenho que..., é um processo" (P2: U.S. 36); "Acho que sou uma pessoa que está..., está sempre procurando se construir e..., e procuro contacto para isso." (P1: U.S. 29), "eu tipo fui chegando a uma..., não sei, a uma coisa mais profunda, (...) permitiu achar uma identidade mais profunda, que no fundo é o que me sinto" (P1: U.S. 11).*

Para alguns a identidade é definida precisamente pelo estilo de vida que se tem como indivíduo de terceira cultura, *"Eu acho que quem eu sou é muito essa ideia de mudar de um lugar para o outro (...) sendo forçada a me adaptar, e tudo o que eu aprendi com isso (...) ter uma mente aberta e as características que vêm disso. Então, no final, quem sou eu baseia-se muito nesse aspeto de mim. " (P5: U.S. 30-31), e pela junção das várias experiências vividas, *"(...) eu acho que no fundo (...) temos de aceitar que somos um pouco de cada uma das coisas que vivemos. E o que conta mais é as experiências que tivemos, mais do que um papel (...) eu posso ser uma mistura de tudo o que eu vivi, que é o que eu sinto que me representa mais." (P3: U.S. 28), "Sou um cidadão do mundo."(P4: U.S. 14).**

### ***Definição de "Casa"***

Para os sujeitos, determinar onde é "casa" foi difícil, sem respostas exatas de um só lugar, *"não sei o que é casa porque (...) depois mesmo tipo, profundamente tipo, não sei, se esta casa que eu tenho aqui é mesmo casa, porque depois tenho sempre saudades de muitos outros sítios." (P2: U.S. 43-44). Contudo existem conceitos que pudessem definir "casa", *"(...) quando eu me imagino no futuro imagino-me numa cidade qualquer (...) num apartamento meu, com as minhas decorações. Eu já a trabalhar, encontrei o meu grupo de amigos. Estar**

*bem no sítio. Isso para mim é casa.*” (P2: U.S. 42), “*É um lugar onde você pode ser quem você é e que está garantido, não te tiram. (...) Pode se mostrar sem medo, porque aquilo vai estar lá.*” (P1: U.S. 32).

Para outros “casa” está associado aos relacionamentos significativos, “*Um lugar onde as pessoas que eu amo estão. Onde estou com as pessoas que eu amo. É mais as pessoas do que o lugar. Mais o sentimento.*” (P3: U.S. 30), como também a vários lugares significativos, “*isso é um conceito muito, muito abstrato para mim, não é de todo um lugar fixo ou qualquer outra coisa. Há apenas quase muitos pequenos lugares muito específicos, e pessoas também, que me fazem sentir ou associar a casa*”(P5: U.S. 37-38). Há a compreensão de que “casa” não tem de ser limitado a um lugar, mas pode ser definido por algo mais complexo, “*(...) sendo um conceito eu também posso construí-lo, e isso é entusiasmante, é rico, é mais rico eu acho. Mas é muito difícil sim. Eu ainda estou tipo nessa embrulhada..., a criar.*” (P1: U.S. 20).

### ***Sentimento de pertença***

Interligado com o conceito de “casa”, o sentimento de pertença, e por vezes, a falta dele, emergiu, “*Será que eu sou dali? Será que eu sou daqui? Será que eu sou da Guatemala? Será que eu sou uma mistura de tudo?*” *E essas perguntas têm surgido muito nesta altura da minha vida, mais do que noutras alturas.*” (P3: U.S. 27). O sentimento de pertença era confrontado pela compreensão da diferença do próprio em comparação com os outros, “*Até dentro da minha própria família, nós somos as únicas dos dois lados que tem duas nacionalidades (...), eu sempre me senti também por isso, um bocado fora, dentro da minha própria família.*” (P1: U.S. 59).

Enquanto que para uns o sentimento de pertença está ligado a uma ambiguidade latente, para outros é estabelecido pelo que é sentido como significativo, “*Pertenço com as pessoas de quem gosto. Ou seja, eu consigo estar..., quando eu vou visitar amigos eu sinto que pertença*” (P2: U.S. 39-40), e constante na vida, “*Eu cheguei lá, e estavam os membros da minha família, com todos os móveis que já tínhamos antes, então ok eu também podia dizer que pertença, porque era todas aquelas coisas que na minha cabeça estão associadas à família, e portanto, ao pertencer (...)*” (P5: U.S. 34-35).

### **Valorização do viajar**

Viajar é inegavelmente parte da vida destes indivíduos desde muito cedo, "*a outra coisa grande, que eu sinto é a capacidade de viajar tanto, e tão facilmente (...)*" (P5: U.S. 20), e continua a ser algo bastante valorizado na vida adulta, "*para mim o viajar é uma coisa muito importante (...)*" (P2: U.S. 18), "*Fiz um ano de ERASMUS em Paris. Na licenciatura eu fiz um semestre no Rio também.*" (P3: U.S. 37). Viajar tem um papel fundamental nos planos e sonhos futuros, "*Um grande sonho meu, era viajar o mundo inteiro, nem que seja tirar dois anos da minha vida.*" (P4: U.S. 39), até no próprio processo de descoberta e decisão, "*(...) depois quando eu penso que vou acabar isso, é viajar, por um bom tempo, sabe. Depois é que vejo para saber mesmo para que lugar é que eu vou me sentir chamada.*" (P1: U.S. 38).

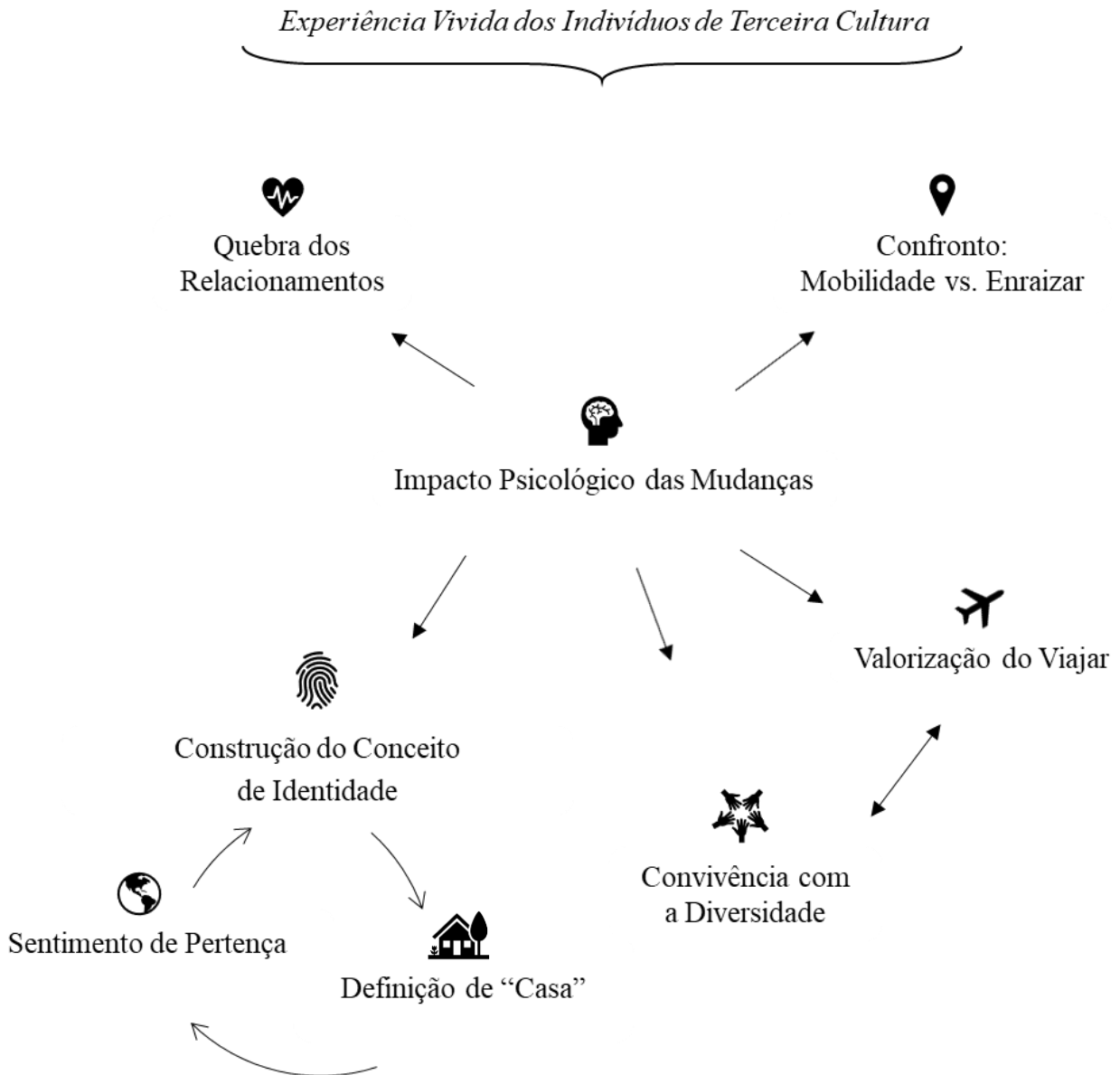
### **Confronto entre mobilidade e enraizamento**

Alguns dos participantes revelaram o desejo de terem um estilo de vida diferente agora como adultos para poderem receber aquilo que não experienciaram, "*seria aquilo que eu não tive que é, consistência. Um lar consistente, (...) sabe uma coisa onde eu possa (...) sentir sempre que aquilo não vai sair debaixo dos pés, (...) deve ser uma sensação maravilhosa* (P1: U.S. 49-51), e darem à sua família futura aquilo que não tiveram, "*(...)no sentido de estar sempre presente e acompanhar a minha família (...) não fazer nenhum trabalho, não fazer nada que me faça estar longe deles. É estar constantemente presente.*" (P4: U.S. 33). Existe um desejo nítido de enraizar, mesmo que identificadas alguns desafios em concretizá-lo, "*Gostaria de enraizar. Porque acho que é muito difícil este tipo de vida de andar de um lado para o outro. (...) É um objetivo que gostava de conseguir (...) acho que vou ter de trabalhar muito para isso, sei que tenho algumas resistências. [ri-se]*" (P2: U.S. 69)

Curiosamente, as duas participantes que passaram por mais mudanças entre países, num ciclo de quatro em quatro anos, consideraram continuar este estilo de vida de elevada mobilidade na sua vida adulta futura, "*Eu não consigo viver de outra forma. Já está muito impregnado no meu cérebro.*" (P3: U.S. 48), "*honestamente, a ideia de continuar a viajar e tudo mais, é algo (...) eu realmente gostaria, e eu não sei se isso é só porque eu não sei o que é viver num só país por um longo período de tempo, mas eu sei que não desgostei da maneira que cresci, de modo que seria de alguma forma, o que eu gostaria de continuar.*" (P5: U.S. 70).

**Figura 1**

*Esquema Global da Relação dos Constituintes Essenciais da Experiência Vivida dos Indivíduos de Terceira Cultura*



## IV

### Discussão

A presente investigação teve por base a experiência vivida dos Indivíduos de Terceira Cultura. Sendo este um estudo de caráter exploratório, através do método fenomenológico aplicado à psicologia, com a descoberta dos 8 constituintes essenciais anteriormente apresentados, pode-se considerar que os objetivos foram alcançados. Em seguida será realizado um diálogo com a literatura de investigações já realizadas que verificam alguma concordância com os resultados obtidos.

#### Diálogo com a Literatura

Um dos primeiros assuntos que quase todos os participantes abordaram em relação à sua experiência era o *impacto psicológico das mudanças* entre países pelas quais tiveram de passar. Gilbert (2008) relata como esta mobilidade conduz a um estado quase perpétuo de transição psicológica. Como crianças, aprender a viver entre as culturas pode ser um desafio complexo e difícil. O processo de transição de um país de residência para um novo, foi descrito pelos indivíduos como altamente stressante, doloroso e por vezes até traumático. O mesmo foi visto num estudo realizado por Kim (2015) que explica como estas experiências de aculturação e desculturação são inevitavelmente acompanhadas por stress na psique individual. De acordo com o autor, ocorre um conflito entre a resistência à mudança para manter os velhos costumes da identidade original e o desejo de mudar os comportamentos para alcançar harmonia no novo contexto. Esta questão causa um desequilíbrio interno que se manifesta em intensas emoções de incerteza, confusão e ansiedade, que podem gerar momentos de crise (Kim, 2015).

Uma das participantes descreveu a forma como o processo de transição era sempre bastante doloroso para ela, também porque os pais focavam-se maioritariamente nos fatores logísticos e demonstravam-se altamente stressados, não havendo espaço nem tempo para a gestão das suas emoções, sendo assim desvalorizadas pelos progenitores, principalmente pelo pai. O que esta participante descreveu aparenta ser o que Doka (2002) chama em inglês de “*disenfranchised grief*”, ou seja, a privação ao direito de realizar o luto. Estudos indicam que as perdas destes indivíduos frequentemente não são socialmente reconhecidas e compreendidas; conseqüentemente o luto dessas perdas é evitado ou desvalorizado (Doka, 2002; Schaetti, 2002; Gilbert, 2008).

Por sua vez, um outro participante descreveu que sente ter passado por uma certa dessensibilização emocional, devido às várias mudanças, descrevendo-se como mais frio e menos sensível, ao ponto das transições e perdas já não serem tão dolorosas. Este fenómeno, de achatamento emocional, é descrito por Pollock & Van Reken (2017) como uma das respostas comuns destes indivíduos aos ciclos de múltiplas perdas, em que se recusam a sentir a dor. O que pode aparentar como confiança ou independência para estes indivíduos, torna-se, na realidade, uma forma de distanciamento emocional, que se pode transferir para as várias áreas da vida (Pollock & Van Reken, 2017)

Por outro lado, foi também identificado um impacto psicológico positivo, em que participantes sentem que amadureceram e desenvolveram uma mentalidade mais aberta. Esta noção está em concordância com estudos que revelam que a mentalidade e visão do mundo alargada dos Indivíduos de Terceira Cultura é frequentemente desigual a de indivíduos que experienciaram uma só cultura (Cockburn, 2002; Dewaele, 2009; Walters & Auton-Cuff, 2009). Isto é devido também à *Convivência com a Diversidade Cultural*, que foi apresentado pelos participantes como um grande privilégio e ganho das suas experiências de vida. Foi referido que o contacto com pessoas de várias culturas distintas, permitiu uma exposição a diferentes línguas, formas de viver, de se expressar, socializar, vestir, como também a vários estilos de arte e música. Para os participantes, isto proporcionou, não só, o alargar dos horizontes, mas também uma incrível capacidade de adaptação ao novo e ao diferente. Foi esta extraordinária capacidade de adaptação que inspirou o termo “camaleão cultural” de McCaig (1996). De acordo com a autora, estes indivíduos desenvolveram a adaptação cultural como uma ferramenta primária para sobreviver às mudanças frequentes entre culturas, que os permite facilmente alterar a sua língua, aparência e forma de socializar para se enquadrarem melhor no contexto em que se encontram.

Contudo, uma perda evidente mencionada por todos os participantes foi a *Quebra dos Relacionamentos Interpessoais*. Foi referido que uma das consequências inevitáveis e mais dolorosas das mudanças, era a perda de contacto com as pessoas que tinham conhecido nos lugares onde tinham vivido. Dois dos participantes, explicaram que o conhecimento da limitação de tempo existente das relações, fez como que estas fossem vividas de forma intensa. A forma de lidar com esse fator, foi maximizar o tempo com as pessoas, sabendo que em breve chegaria a um fim. Isto é verificado por Pollock & Van Reken (2017) que descreveram como estes indivíduos sentem um certo nível de urgência em desenvolver os seus relacionamentos,

saltando rapidamente para níveis mais profundos de comunicação, por causa do limite de tempo que há para desenvolver uma amizade. Compreendem que se aquela amizade não acontecer agora, é capaz de nunca acontecer. Contudo, houve quem quisesse preservar as amizades mesmo à distância, fazendo um esforço ao longo dos anos em manter o contacto com pessoas em vários pontos do mundo (Pollock & Van Reken, 2017).

Um assunto que se apresentou fundamental na experiência destes indivíduos, que se alonga até a vida adulta, é a *Construção do Conceito de Identidade*. Foi expresso como a questão “Quem sou eu?” se manteve latente ao longo de toda a vida até ao presente. Alguns sentem que a sua identidade se baseia no próprio estilo de vida de mudanças entre países, experiências multiculturais, adaptação e aquilo que isso lhes ofereceu. O mesmo foi sugerido por Pollock & Van Reken (1999), que para estes indivíduos, identidade baseia-se no ser um Indivíduo de Terceira Cultura. Adicionalmente, participantes acrescentaram que a sua identidade é a junção das suas várias experiências multiculturais. O mesmo é descrito no estudo de Moore & Barker (2012) em que os indivíduos designam a sua identidade como uma mistura das diferentes culturas em que viveram.

Para outros, existe uma aparente crise de identidade, onde confessam que não sabem realmente quem são. Dizem que ainda se encontram no processo de descoberta e criação da sua identidade existencial e cultural. Isto verifica-se no estudo realizado por Schaetti (2002), que explica como estes indivíduos frequentemente experienciam uma adolescência tardia, lidando com questões identitárias após o tempo que normalmente já se espera estarem resolvidas. Esta questão é explicada também por Choi (2004) que refere como estes indivíduos na sua adolescência têm dificuldades em desenvolver uma identidade integrada e coerente, devido às mudanças, na altura primordial da formação da identidade.

A a *Definição de “Casa”* apresentou-se como um conceito mais complexo do que o costume. Para estes indivíduos, “casa” não se limite a um só lugar, mas vai além disso. Alguns confessaram que não sabem onde é a sua “casa”. Uma das participantes expressou que através da sua vivência compreendeu que “casa” é um conceito, podendo assim ser construído e desenvolvido pelo próprio indivíduo, e que esta se encontra ainda nessa criação. Gilbert (2008) analisou que uma consequência deste estilo de vida de elevada mobilidade é o sentimento de não ter uma “casa”. Hoersting & Jenkins (2011) também descreveram como as experiências interculturais podem criar um sentimento de suspensão entre culturas e uma consequente falta de “casa”

Todavia, outros partilharam que existem vários pequenos lugares específicos significativos que associam a casa. O mesmo verifica-se num estudo realizado por Lijadi e Schalkwyk (2017) que inferiu que Indivíduos de Terceira Cultura consideram que “casa” são todos os lugares em que viveram ou visitaram, e que estes lugares se tornam no pano de fundo das suas experiências e interações sociais da sua vida.

Um dos temas proeminentes que surgiu da análise, associado ao conceito de “casa”, é o *Sentimento de Pertença*. Apesar de haver uma fácil capacidade de adaptação entre culturas e países, para alguns destes indivíduos não existe necessariamente um sentimento de pertença a nenhum país, enquanto que para outros, conseguem sentir que pertencem a vários lugares em que viveram. Isto vai de encontro com o estudo realizado por Moore & Barker (2012), em que os sujeitos descreveram a sua capacidade de transitar entre diferentes contextos culturais sem necessariamente sentirem que pertencem. Enquanto que alguns tiveram um sentimento de pertença a um ou vários países, outros não sentem que pertencem a nenhum país em particular (Moore, 2012). Do mesmo modo, vai também de encontro com a investigação de Fail e colaboradores (2004) que revelou que a maioria dos indivíduos de terceira cultura têm, ou um sentimento de pertença múltiplo, ou não sentem que pertencem de todo, o que causa um sentimento de marginalização da população geral. Os participantes também descreveram ter esta sensação permanente de diferenciação dos outros que os rodeiam, nunca se sentindo completamente ou puramente uma coisa. Em vários estudos, esta questão é referenciada como marginalização construtiva, em que apesar da existência de um sentimento de pertença múltiplo, existe uma ambivalência que gera a sensação de diferenciação dos que os rodeiam (Chen, Benet-Martínez, & Bond, 2008; Fail et al., 2004; Pollock and Van Reken, 1999).

Tal como alguns dos participantes referiram que estar em casa, é estar com as pessoas de quem gostam, o mesmo foi também associado ao *sentimento de pertença*. Para estes, até quando visitam amigos ou familiares em lugares em que nunca viveram, conseguem também sentir que pertencem. Este fenómeno vai de encontro com os estudos de Fail (1995) e Fail e colaboradores (2004), que compreenderam que há uma maior probabilidade destas pessoas desenvolverem um sentimento de pertença através de relacionamentos com pessoas em vez de a lugares geográficos. Do mesmo modo, Walters & Cuff (2009) observaram a importância dos relacionamentos interpessoais para o sentimento de pertença destas pessoas, especialmente com outros indivíduos de terceira cultura, que também tiveram uma experiência de vida semelhante.

Noutra temática, todos os participantes demonstraram uma *Valorização do Viajar*. Claramente, o viajar foi algo frequente e que se tornou habitual na vida inicial destes indivíduos, que se mantém como algo fundamental e indispensável na vida adulta. Foi expresso o quão importante é para os participantes, esta habilidade de viajar de forma tão acessível. Para uns, o viajar representa estar em contacto com as pessoas significativas nos vários pontos do mundo. Para outros, o viajar é um sonho e desejo futuro, que faz parte do processo de autoconhecimento e de encontrar o lugar para onde se sentem chamados. Apesar de não encontrar literatura que refere diretamente estes achados, existem estudos que demonstram como a componente internacional se mantém importante e significativa na vida adulta destes indivíduos (Cottrell 2002; Ender 2000).

Porém, como atuais adultos, estes indivíduos encontram-se num *Confronto entre Mobilidade e Enraizamento*, ou seja, em continuar, agora de forma autónoma, a ter um estilo de vida de elevada mobilidade e mudanças entre países ou em procurar onde enraizar. As duas participantes que tiveram o maior número de mudanças cíclicas entre países de 4 em 4 anos, devido à profissão dos pais, declararam que intencionam continuar a ter este estilo de vida ao longo da sua própria vida adulta e com as suas futuras famílias. Ambas admitiram que já não sabem viver de outra maneira, e que a mudança já faz parte delas. Os outros participantes confessaram ter a necessidade de eventualmente enraizar, estabelecendo isso como um desejo e objetivo pessoal, apesar de reconhecerem ter algumas resistências e dificuldades em fazê-lo. Foi expresso o desejo de proporcionar um lar estável e consistente para as suas futuras famílias, em que os seus filhos pudessem experienciar a segurança e solidez que eles não tiveram ao longo do seu próprio crescimento. Pollock & Van Reken (2017), explicam como estes indivíduos têm um instinto migratório que acaba por controlar as suas vidas. De acordo com os autores, o resultado da constante mudança entre realidades temporárias, é um sentimento de inquietação. A vida foi sempre vivida em ciclos, sendo difícil para estes indivíduos na sua vida adulta, conseguirem encontrar a certeza interna do tempo e lugar para pararem e se enraizarem. Mesmo aqueles que o desejam, têm grandes dificuldades em realizá-lo (Pollock & Van Reken, 2017).

### **Limitações da investigação**

É preciso ter em conta que o método fenomenológico escolhido para este estudo tem características muito específicas, com uma abordagem mais orientada para a descoberta em vez da corroboração de uma teoria ou hipótese (Giorgi & Sousa, 2010). Assim sendo, os resultados

não podem ser generalizados, devido a amostra não ser representativa. O que se ganha é uma perspectiva mais aprofundada e descritiva da experiência vivida de um grupo de indivíduos. Através desta perspectiva, ganha-se também um conhecimento de fatores e temáticas pertinentes a investigar com maior objetividade em estudos futuros.

Nenhum método é perfeito e tem as suas limitações. Algumas das limitações principais do método fenomenológico são o facto dos dados brutos obtidos serem retrospectivos, o que dá abertura para erro nas descrições por parte dos participantes. Os relatos das experiências passadas podem não ser completamente congruentes com a sua realidade. Porém, o objetivo não é somente obter descrições das experiências subjetivas dos participantes, mas também compreender como estas se destacam e surgem à memória. Tanto um como o outro tem o seu valor psicológico. É por esse motivo que o investigador realiza a redução fenomenológica ao longo de todo o processo de recolha e análise de dados. Isso por si também pode ser uma limitação, devido à dependência da subjetividade do investigador, especialmente na transformação do conteúdo descrito em significados psicológicos. Visto isto, a maior crítica a este método é a subjetividade, mas a subjetividade está presente em tudo que é humano (Giorgi & Sousa, 2010). O que torna os dados obtidos através da utilização deste método, verdadeiramente ricos, é a vertente humana, e a compreensão do impacto psicológico da forma como estas experiências foram percebidas e vivenciadas.

### **Estudos Futuros**

Para sugestões de investigações futuras em psicologia, surgiram ao longo deste estudo várias temáticas pertinentes a aprofundar, para uma melhor compreensão do impacto psicológico das vivências multiculturais e de elevada mobilidade nestes indivíduos. Uma dessas temáticas são os diversos processos cíclicos de luto, que estes indivíduos passam e as suas consequências na sua saúde mental. De acordo com Cockburn (2002), lutos não resolvidos são frequentemente relatados como uma preocupação persistente entre indivíduos de terceira cultura na vida adulta.

Outro assunto pertinente para a investigação psicológica, são as consequências deste estilo de vida no próprio desenvolvimento socioemocional e cognitivo destes indivíduos. Seria assim pertinente realizar um estudo que compreendesse como essas questões psicológicas influenciam a maneira como estes indivíduos vivem, expressam e se relacionam na sua vida adulta.

Tendo em conta a questão dos lutos não reconhecidos e não resolvidos, como também outros assuntos de grande impacto psicológico apresentados neste estudo, surge outra sugestão de estudos que explorem técnicas adaptadas e direcionadas às problemáticas psicológicas específicas consequentes das vivências multiculturais e de mobilidade destes indivíduos. Como exemplo, há um estudo realizado por Davis e colaboradores. (2015) que explora o uso de técnicas da terapia focalizada nas emoções e processo experiencial para o acompanhamento destes indivíduos que vivenciam um conflito identitário e lutos não resolvidos. Os autores sugerem que técnicas como a exploração empática, a cadeira vazia, e o diálogo de duas cadeiras facilita a integração identitária e resolução de lutos dos indivíduos de terceira cultura. É fundamental a realização de mais estudos com o mesmo propósito, para o desenvolvimento e adaptação da prática clínica às necessidades e problemáticas psicológicas destes indivíduos.

Por último, ao longo da realização deste estudo, referenciou-se outra população que também vivencia experiências multiculturais e de mobilidade, mas num contexto e circunstâncias completamente distintas dos participantes deste estudo. A situação dos refugiados é um fenômeno sociopolítico do nosso presente, que está a ter um impacto global. Ainda assim, existe pouca investigação científica focada na vivência destes indivíduos a nível psicológico, relacionado com questões de identidade, luto, pertença, adaptação e saúde mental. Seria de elevada pertinência explorar e compreender o impacto psicológico destas experiências, para uma melhor intervenção na própria prática clínica e para uma postura e abordagem mais consciente e adequada dos profissionais que trabalham com esta população.

## V

### **Conclusão**

Em conclusão, o presente estudo permite compreender que a experiência vivida dos Indivíduos de Terceira Cultura é marcada por um grande impacto psicológico que, por um lado, desenvolve competências valorizadas, e por outro, causa sofrimento psicológico. Entre os ganhos identificadas por estes indivíduos, está a convivência com a diversidade cultural que proporcionou o desenvolvimento de uma elevada capacidade de adaptação, uma mentalidade aberta e o acesso e valorização do viajar. Foram também identificadas perdas concretas, como a quebra dos relacionamentos interpessoais, e perdas simbólicas e existências, como a falta de um sentimento de pertença e um lugar que se possa chamar de casa.

Como atuais adultos, estes participantes lidam com as consequências do estilo de vida de elevada mobilidade que tiveram ao longo da sua infância e adolescência. São confrontados com a possibilidade de manter a mobilidade no seu futuro ou procurar enraizar. Todavia, encontram resistências e desafios para mudarem o seu estilo de vida. Os ganhos e perdas mencionados tiveram impacto sobre o seu processo de desenvolvimento identitário. Para muitos destes participantes, o processo da sua construção de identidade alongou-se até a vida adulta. Aquilo que por alguns é sentido como uma fragilidade e confuso, para outros é vivido como um privilégio, de poder construir e criar o seu próprio conceito de identidade. Os pedaços das várias experiências multiculturais e conexões a várias pessoas e lugares por todo o mundo, são o que criam uma identidade colorida e singular, que torna estes indivíduos nos verdadeiros mosaicos humanos.

Estas conclusões afirmam e consolidam alguns estudos anteriormente realizados e contribuem para o aprofundamento do conhecimento acerca do fenómeno da experiência vivida dos Indivíduos de Terceira Cultura. Além disso, este estudo apresenta temáticas pertinentes para futuras investigações em psicologia e necessidades na prática clínica direcionadas a estes indivíduos.

## VI

### Referências

- Arasaratnam, L. A. (2013). A review of articles on multiculturalism in 35 years of IJIR. *International Journal of Intercultural Relations*, 37(6), 676-685.
- Berry, J. W. (2008). Globalisation and acculturation. *International Journal of Intercultural Relations*, 32, 328–336.
- Berry, J. W., Kim, U., & Boski, P. (1988). Psychological acculturation of immigrants. In Y. Y. Kim, & W. B. Gudykunst (Eds.), *Cross-cultural adaptation: Current approaches. International and intercultural communication annual* (pp. 62–89). Newbury Park, CA: Sage.
- Bhabha, H. (1994). *The location of culture*. New York, NY: Routledge.
- Brewster, C., Suutari, V., & Haslberger, A. (2005). Facets and dimensions of cross-cultural adaptation: refining the tools. *Personnel Review*.
- Chen, S. X., Benet-Martínez, V., & Bond, M. H. (2008). Bicultural identity, bilingualism, and psychological adjustment in multicultural societies: Immigration-based and globalization-based acculturation. *Journal of Personality*, 76(4), 803–837.
- Choi, E. (2004). Psychological difficulties and counselling principles applicable to missionary kids. *Torch Trinity Journal*, 7, 255–269.
- Chow, K., Healey, M., (2008). Place attachment and place identity: first-year undergraduates making the transition from home to university. *J. Environ. Psychol.* 28, 362–372.
- Cockburn, L. (2002). Children and young people living in changing worlds: The process of assessing and understanding the ‘third culture kid’. *School Psychology International*, 23, 475–484.
- Cottrell, A.B. (2002). Educational and occupational choices of American adult third culture kids. In *Military brats and other global nomads: Growing up in organizational families*, ed. M.G. Ender, 229–53. Westport, CT: Praeger Publishers.
- Creswell, T., (2004). *Place: A Short Introduction*. Wiley Blackwell, Oxford.

- Davis, P., Headley, K., Bazemore, T., Cervo, J., Sickinger, P., Windham, M., & Rehfuss, M. (2010). Evaluating impact of transition seminars on missionary kids' depression, anxiety, stress, and well-being. *Journal of Psychology and Theology*, 38(3), 186–194.
- Davis, P. S., Edwards, K. J., & Watson, T. S. (2015). Using process-experiential/emotion-focused therapy techniques for identity integration and resolution of grief among third culture kids. *Journal of Humanistic Counseling*, 54(3), 170–186.
- Dewaele, J., & Van Oudenhoven, J. (2009). The effect of multilingualism/multiculturalism on personality: No gain without pain for third culture kids? *International Journal of Multilingualism*, 6(4), 443–459
- DESA, U. N. (2017). International Migration Report 2017. Highlights. New York: United Nations
- Doka, K. J. (2002). Introduction. Teoksessa Kenneth J. Doka (toim.) *Disenfranchised Grief. New Directions, Challenges, and Strategies for Practice. Illinois: Research Press*, 5-22
- Easthope, H. (2009). Fixed identities in a mobile world? The relationship between mobility, place, and identity. *Identities*, 16(1), 61–82.
- Elliott, A., Urry, J., (2010). *Mobile Lives*. London: Routledge
- Ender, M. G. (2000). Beyond adolescence: The experiences of adult children of military parents. *The Military Family: A practice guide for human service providers*. Westport, CT: Praeger.
- Erikson, E. H. (1963). *Childhood and society* (2nd ed.). New York: W. W. Norton.
- Fail, H. (1995). Some of the outcomes of international schooling. MA dissertation, Oxford Brookes University
- Fail, H., Thompson, J., & Walker, G. (2004). Belonging, identity and Third Culture Kids: Life histories of former international school students. *Journal of Research in International Education*, 3(3), 319–338.
- Gilbert, K. R. (2008). Loss and Grief between and Among Cultures: The Experience of Third Culture Kids. *Illness, Crisis & Loss*, 16(2), 93–109.
- Giorgi, A., & Sousa, D. (2010). *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia*. Lisboa: Fim de Século Edições.

- Hayden, M. (2012). Third culture kids: The global nomads of transnational spaces of learning. In *Changing Spaces of Education* (pp. 73-92). Routledge.
- Hecht, M. L., Warren, J., Jung, E., & Krieger, J. (2005). The communication theory of identity. *Theorizing about intercultural communication*, 257-278.
- Hoersting, R. C., & Jenkins, S. R. (2011). No place to call home: Cultural homelessness, self-esteem and cross-cultural identities. *International Journal of Intercultural Relations*, 35(1), 17– 30.
- Jones, S.R., & McEwen, M.K. (2000). A conceptual model of multiple dimensions of identity. *Journal of College Student Development*, 41, 405–414.
- Kim, Y.Y. (2001). *Becoming intercultural: An integrative theory of communication and cross-cultural adaptation*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Kim, Y. Y. (2008). Intercultural personhood: Globalization and a way of being. *International Journal of Intercultural Relations*, 32, 359–368.
- Kim, Y. Y. (2015). Finding a “home” beyond culture: The emergence of intercultural personhood in the globalizing world. *International Journal of Intercultural Relations*, 46, 3–12.
- LaFromboise, T., Coleman, H., & Gerton, J. (1993). Psychological impact of biculturalism: Evidence and theory. *Psychological Bulletin*, 114(3), 395–412.
- Lijadi, A. A., & Van Schalkwyk, G. J. (2017). Place identity construction of Third Culture Kids: Eliciting voices of children with high mobility lifestyle. *Geoforum*, 81, 120–128.
- Lyttle, A. D., Barker, G. G., & Cornwell, T. L. (2011). Adept through adaptation: Third culture individuals’ interpersonal sensitivity. *International Journal of Intercultural Relations*, 35(5), 686–694.
- McCaig, N. (1992). Birth of a notion. *The Global Nomad Quarterly*, 1, 1-2
- McCaig, N. M. (1996). Understanding global nomads. *Strangers at home*, 99-120. Bayside, NY: Aletheia
- Moore, A. M., & Barker, G. G. (2012). Confused or multicultural: Third culture individuals’ cultural identity. *International Journal of Intercultural Relations*, 36(4), 553–562.

- Nguyen, A. M. D., & Benet-Martínez, V. (2012). Biculturalism and adjustment: A meta-analysis. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 44*(1), 122-159.
- Noy, C. (2008). Sampling knowledge: The hermeneutics of snowball sampling in qualitative research. *International Journal of Social Research Methodology, 11*(4), 327-344.
- Pang, K., Hutchinson, C., Hutchinson, C., & Pang, K. (2018). *An Application of the Communication Theory of Identity: Third Culture Kids. 6*(5), 20–27.
- Pollock, D. C., & Van Reken, R. E. (1999). *Third culture kids: The experience of growing up among worlds*. Yarmouth, ME: Intercultural Press.
- Pollock, D. C., & Van Reken, R. E. (2009). *Third culture kids: The experience of growing up among worlds*. Boston: Nicholas Brealey.
- Pollock, D. C., & Van Reken, R. E., Pollock, M. E., (2017). *Third culture kids: The experience of growing up among worlds*. London: Nicholas Brealey.
- Purnell, L., & Hoban, E. (2014). The lived experiences of Third Culture Kids transitioning into university life in Australia. *International Journal of Intercultural Relations*. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2014.05.002>
- Reken, R. Van, & Bethel, P. (2005). Third Culture Kids: Prototypes for Understanding Other Cross-Cultural Third Culture Kids. *Intercultural Management Quarterly, 6*(4), 3–9.
- Schaetti, B. F. (2002). Attachment theory: A view into the global nomad experience. *Military brats and other global nomads*, 103-119. Westport, CT: Praeger Publishers.
- Shaffer, M., Kraimer, M., Chen Y., Bolino, M. (2012). Choices, challenges, and career consequences of global work experiences: A review and future agenda. *Journal of Management 38*(4): 1282–1327.
- Sousa, D. (2008). Husserl, psicología fenomenológica e psicoterapia existencial. *Phainomenon, Revista de Fenomenologia, 16*, 221-234.
- Sparrow, L. (2000). Beyond multicultural man: Complexities of identity. *International Journal of Intercultural Relations, 24*(2), 173–201

- Spencer, C. (2005). Place attachment, place identity and the development of the child's self-identity: Searching the literature to develop a hypothesis. *International Research in Geographical & Environmental Education*, 14(4), 305-309.
- Sussman, N. M. (2000). The dynamic nature of cultural identity throughout cultural transitions: Why home is not so sweet. *Personality and Social Psychology Review*, 4(4), 355-373.
- Tadmor, C. T., Galinsky, A. D., & Maddux, W. W. (2012). Getting the most out of living abroad: Biculturalism and integrative complexity as key drivers of creative and professional success. *Journal of personality and social psychology*, 103(3), 520.
- Thomas, D. C., Brannen, M. Y., & Garcia, D. (2010). Bicultural individuals and intercultural effectiveness. *European Journal of Cross-Cultural Competence and Management*, 1(4), 315-333.
- Twigger-Ross, C. L., & Uzzell, D. L. (1996). Place and identity processes. *Journal of environmental psychology*, 16(3), 205-220.
- Useem, R. H. (1993). Third culture kids: Focus of major study. *ISS NewsLinks*, 12(1).
- Useem, R., & Cottrell, A. B. (1996). Adult third culture kids. *Strangers at Home: Essays on the Effects of Living Overseas and Coming "Home" to Strange Land*, (August), 22-35.
- Walters, K. A., & Auton-Cuff, F. P. (2009). A story to tell: The identity development of women growing up as third culture kids. *Mental Health, Religion & Culture*, 12(7), 755-772.
- Wrobbel, K.A., & Plueddemann, J.E. (1990). Psychosocial development in adult missionary kids. *Journal of Psychology and Theology*, 18, 363-374.

VII

# ANEXOS

## ANEXO A: Transcrição da Entrevista P1

E (Entrevistador)

P1 (Participante 1)

E: Vou começar por te perguntar algo mais em relação ao teu “background”, para compreender melhor qual é que foi especificamente a tua experiência, em que países, etc... Perceber também os dados demográficos teus, começando pela tua idade?

P1: Ya, tenho vinte-seis feitos este ano. E estive até agora em três países.

E: Ok, e viveste nos três países?

P1: Vivi nos três países, sim.

E: E quais foram esses três países?

P1: Brasil, Angola e Portugal.

E: E que idade é que tiveste?

P1: Nasci no Brasil. Com 1 ano nós nos mudamos para a Angola, eu tinha 1 ano, e fiquei lá até aos meus seis, seis anos. Depois voltamos para o Brasil, e depois e fiquei dos meus seis aos meus treze. E depois dos meus treze nós voltamos para Angola. Depois eu vim para cá, com, é, com- dos dezoito para os dezanove. E estou cá desde os meus dezanove até agora, com 1 ano de Angola nesse tempo. Eu parei o curso e voltei para Angola por um ano. Que foi..., isso é que é mais difícil, mas foi há quatro anos, então com vinte-dois.

E: Então a tua nacionalidade é qual?

P1: Sim, eu tenho as três.

E: Tens as três, é tripla?

P1: Sim, que o meu pai é angolano.

E: Sim.

P1: E o pai do meu pai é português, então...

E: ...conseguiste adquirir as três.

P1: Ya.

E: Muito bem, não sabia que podias ter as três ao mesmo tempo.

P1: Dá, dá.

E: OK.

P1: Acho que mais de três é que não dá. [Ri-se]

E: Ok. [Ri-se] Tens tudo a que tens direito!

P1: É! É! [Ri-se]

E: OK, muito bem. Então o teu pai é angolano com um pai português, e ele tem dupla ou é só...

P1: O meu pai tem dupla.

E: Ok. E a tua mãe?

P1: A minha mãe não. Teve um problema jurídico burocrático qualquer com a certidão de casamento deles, e por isso então não tem.

E: OK, mas ela é angolana, ou brasileira?

P1: Ela é brasileira. É filha de brasileiro.

E: Tu atualmente resides cá em Portugal.

P1: Sim.

E: Qual foi o motivo destas migrações e mudanças, que tu disseste foram 3 ou 4 no total?

P1: Já nem sei mais. [Ri-se] Mas todas foram, na parte da- todas foram para ter uma vida melhor. Para ter perspetivas mais amplas. E quando viemos para cá, eu e a minha irmã estudar, também pelo mesmo motivo, só que noutra dimensão já, mas ya, foram basicamente isso. Quer dizer, na segunda- teve uma que agora que estou pensando, quando voltamos para o Brasil..., quando voltamos, portanto, pela primeira vez, não houve, não foi bem isso na verdade. Foi mais..., acho que teve haver com os meus avós. Que o pai- nós estávamos bem até, financeiramente tivesse sido melhor para nós continuarmos lá em Angola. Mas acho que, agora que me estou lembrando, mais isso..., de eles já estarem velhinhos e ya, acho que foi isso.

E: São os pais da tua mãe?

P1: E o pai do meu pai e madrasta, eles têm uma loja, mas lá...

E: No Brasil?

P1: É.

E: Ah ok, também vivem no Brasil.

P1: Sim.

E: OK, então os teus pais conheceram-se lá no Brasil.

P1: Sim, exatamente, ya..., que o meu pai, o pai dele tava na Angola, foi lá que conheceu a minha avó, mas depois houve a guerra de Angola, e aí, de independência, e foi aí que ele foi para o Brasil. E lá conheceu- quer dizer, já estava casado com a mulher e já tinha a segunda filha, que é a irmã do meu pai. Então a família foi para o Brasil e eles ficaram lá desde sempre e, entretanto, a minha avó materna continuou (inaudível 6.05), e aí o meu pai foi para o Brasil

para não ser..., convocado. E pronto, conheceu a minha mãe e foi assim que eles iniciaram a vida. E pronto, eles tinham essa loja, sempre tiveram, o meu avô e a madrastra. E foi, acho que foi uma coisa assim, tipo, estar lá com eles, e..., ya.

E: Ok, aproveitarem estes últimos anos em família e perto...

P1: Sim, sim.

E: E depois a partir daí é que vieste para Portugal?

P1: Depois, não depois nós tivemos em Angola.

E: Depois voltaram para Angola, e depois é que foram para Portugal?

P1: Sim...sim. Portanto de motivos teve esse..., diferente, de mudar de vida.

E: Havia uma profissão que o teu pai tinha garantido em Angola, por exemplo, ou contactos? Qual era sua vocação ou projetos, etc...? Teu pai e a tua mãe.

P1: Sim, mas foi o meu pai mais. Quando nos mudamos da primeira vez foi o meu tio que é empresário e empreendedor. Então era tipo, ok, foi-se juntar a isso tio e ver que boas oportunidades surgem. Mas ya, trabalhar sempre junto esse meu tio, sempre trabalhou como contabilista. Mas sempre foi, sempre foi a partir de um contacto familiar.

E: Ok. E finalmente quando foste de Angola para Portugal, vieste sozinha com a tua irmã, certo?

P1: Sim.

E: E quais é que foram agora os motivos para vires para Portugal?

P1: Foi..., pessoais eu não tive, naquela época ainda tava muito mais confusa e estava querendo descobrir o que gostava, o que eu queria fazer e estudar. Mas, pronto, o apontado mesmo, o concreto foi isso de estudar numa universidade bem valorizada, reconhecida onde eu depois poderia- e depois estar num ambiente diferente. Ya, mas esse reconhecimento académico. Mas eu não vim com a minha irmã, ela já estava.

E: Ela estava cá?

P1: Ela já estava cá. Sim.

E: Ah ok.

P1: Ela ya, já estava aqui, já tinha começado a faculdade. E depois é que eu vim.

E: E a tua irmã é mais velha ou mais nova do que tu?

P1: Dois anos mais velha.

E: Ok. E falando então da escolaridade. Como foi o teu percurso escolar, pré até ao secundário, com essas mudanças todas? Que escolas frequentaste? Que mudanças tiveste que fazer, transições?

P1: Eu sempre tive nas mesmas escolas. No país em que estava nunca mudei de escola. Portanto, isso deu alguma, sei lá. Isso ajudou. Mas as mudanças de país para uma escola nova foram duas vezes, e depois aqui né, que também está nesse contexto de escola então..., foram traumáticas, ya. Tive..., quando era criança era uma coisa de “Pá, eu não quero estar aqui”, eu queria estar noutra lugar, eu queria- [respira fundo] depois as pessoas me pediam para eu falar..., achavam bonitinho o meu sotaque. E aquilo fazia me sentir mais estranha e tipo..., me destacava, ou seja, era mesmo diferente, e depois eu era brasileira ainda por cima. Mas ali não era..., era brasileira estrangeira.

E: Sim..., ok.

P1: E..., só que é isso, acho que quando se é criança também essas coisas podem se fluir mais facilmente, porque- não sei, tem mais facilidade para a criança se adaptar a uma coisa nova. O que eu mais queria era pertencer e estar ali então, isso depois, sei lá, não ficava a pensar naquelas coisas. Então aquilo ia passando, escoando. Depois eu passei a pegar o sotaque naturalmente e com a minha família, não sei que. Aquilo desapareceu, essa evidência de que eu era, diferente. Mas eu sempre me senti diferente porque sou e porque eu sou meia angolana. Nunca ia ser igual a eles, nessa questão da nacionalidade. Então isso sempre me incomodou. Me senti, senti que era sempre meia angolana. Mas enquanto estava lá no Brasil aquilo não era assim, tão incômodo, não era uma questão. Mas quando eu vim para cá, e entrava em contacto com outros brasileiros e falava tipo “Ok, de onde você é? Quanto tempo você tá fora do Brasil?”, e eu já estava fora do Brasil há mais tempo porque estive em Angola, e porque nós não temos mesmo- quer dizer, a maioria era sempre de dois pais brasileiros. Teve uma vez até com um menino, que eu estava falando, estávamos falando tipo disso, de nacionalidade, e ele disse “Ah, mas você não é brasileira”. Ouve..., disse isso tipo brincando “Você é angolana! Você é meio brasileira”, alguma coisa desse tipo. E aí, ya, aquilo deixou-me triste e fiquei..., ainda não estava assim tipo..., não tinha pensado muito sobre essa questão e aí, quando ele disse aquilo, aquilo ficou de novo evidente porque, ah fora do brasil, é assim mais ou menos se calhar que os brasileiros se vem, ou seja, só se você..., tiver..., sempre vivido lá, ou tiver o pai e mãe, os dois brasileiros, aí você é mais brasileira do que um que, né. E depois eu- isso é sempre uma questão que..., não sei..., está sempre assim..., tipo..., em mim...

E: Latente...

P1: É! Sim..., sim..., latente. E fiquei, entretanto, pensando sobre essas coisas, é que eu tipo fui chegando a uma..., não sei, a uma coisa mais profunda..., uma coisa..., permitiu achar uma identidade mais profunda, que no fundo é, é o que me sinto, né. Não são as outras pessoas que, que vão definir isso, se eu me sinto...

E: Não podem rotular o que é.

P1: Sim, e se eu me sinto brasileira, mesmo só tendo vivido lá só oito anos no total. Na minha vida só vivi lá oito anos no Brasil. Ya só, isso não é..., não é pela quantidade é pela conexão.

E: Também não é “só”, porque de facto viveste oito anos lá, que é uma quantidade significativa e grande para ti.

P1: Sim, e depois também foi em fases..., e depois também essa outra coisa do tipo, eu vivi momentos críticos do desenvolvimento nesses dois países. Passei a adolescência no início, uma fase em Angola. Então ya isso..., tem impacto..., na minha personalidade, na minha...

E: Claro, fez parte da moldagem.

P1: Sim, de tudo!

E: Sim!

P1: Então dos treze até aos dezoito eu sou mais angolana que brasileira, talvez. E dos 1..., do primeiro ano de vida sou brasileira. E depois é, isso ainda está tipo..., claro..., no processo, toda essa..., o que que dá..., ou o que que é..., qual o resultado, ou que já é. Eu ainda não, não, não..., estou vendo..., ou não...

E: Ainda não descobriste de certa forma?

P1: Sim..., talvez.

E: Ainda não entraste em contacto?

P1: Sim, por aí...

E: Tu falaste muito da parte da cultura Brasileira, dos próprios brasileiros. Desta questão de uma certa, distinção que sentiste, mas maioritariamente cá em Portugal, nem foi tanto no Brasil. Mais na tua vida adulta já, por assim dizer. Mas também falaste do teu percurso escolar. Na escola sentias sempre aquela etapa de adaptação, sentias ok, aquilo não era necessariamente de onde fazias parte. Tu própria encontravas diferenças, mas depois sentias que com o tempo..., ao passar do tempo sentias que havia adaptação e integração. E tu própria apanhavas coisas, o sotaque os costumes, etc...

Agora uma pergunta assim..., talvez um pouco mais dolorosa..., o que tu sentes- de certa forma já deu para perceber algumas partes, mas o que tu sentes que com esta experiência toda, ou seja, com as várias experiências, quais é que foram algumas das perdas que tu tiveste e passaste, alguns dos lutos das várias experiências?

P1: Coisas concretas, a relação..., a relação com as pessoas. Quebra de relações com alguns amigos e com a família. Tipo ver os bebés, as crianças pequenas..., a gente sai e depois perde esse crescimento. A casa, o espaço. O país, o clima. O estar, e depois é o estar em casa. Essa coisa de..., pertencer. Encontrar, saber que você está no seu lugar. E a mesma coisa- e depois o negócio de, não sei da..., formação contínua desse conceito de nacionalidade. Que depois há gente não pensa mais sobre o que é esse conceito porque você está sempre nesse conceito. As pessoas que não sofrem essa interrupção. E isso também é um ganho ao mesmo tempo, porque depois eu vejo que é um conceito. E que sendo um conceito eu também posso construí-lo, e isso é entusiasmante, é rico, é mais rico eu acho. Mas é muito difícil sim. Eu ainda estou tipo nessa embrulhada...

E: A criar.

P1: A criar, né, é.

E: Falaste então desse ganho, de certa forma tu teres poder, por assim dizer, a possibilidade de ganhares o teu próprio conceito de nacionalidade. Possivelmente também de identidade. Quais é que são outros ganhos que tu também sentes estas experiências tem te dado?

P1: Conhecer coisas novas, diferentes. Ver- entrar em contacto com perspectivas de vida diferentes, como é que a vida pode ser vivida de outras maneiras. E depois tudo o que isso significa, de sei lá, a forma com a gente projeta a vida, como é que se veste, como é que se comporta, como é que se conhece, como é que brinca, como é que nas situações sociais, socialmente, como é que é essa- como é esse chegar e..., as dinâmicas relacionais, isso é muito diferente. E eu tenho noção mais disso, depois- mesmo em viagens para outros países, viagens de passagem, é sempre essa coisa que mais me fica. Como é que as pessoas se portam de maneira diferente independentemente do lugar, e às vezes parece que é só- a gente esquece mesmo que tem haver com o lugar. Eu pelo menos esqueço. [Ri-se] Então é fixe ter tipo, janelas, várias janelas.

E: E sentes que isto ajuda-te a teres mais facilidade em adaptares-te ou pelo contrário?

P1: Pois..., pois. Os dois.

E: Ok. De que forma?

P1: Os dois sim. Depende, também depende muito, tem muito haver também como eu estou em determinada fase da minha vida. Mas, as vezes é, não sei. Só porque sou brasileira já sei melhor qual é tipo de partilha e o que poderia falar para não ser mal interpretado. Mas aqui em Portugal tenho muita dificuldade. [ri-se] Tenho que gerir a espontaneidade e o limite, do que para as pessoas é falta de educação, o até uma coisa invasiva. Eu fico tipo naquela “Até onde eu posso- até onde eu posso ir mesmo?”. Tem um outro impediante que é as pessoas que eu conheço são mais dentro dessa área de psicologia, e depois há muita sensibilidade, normalmente as pessoas são mais sensíveis. E não sei, e captam coisas que no Brasil por exemplo, o Brasil também é muito grande, no Brasil que eu conheço, seriam uma coisa..., não seriam nada de mais. Seriam uma coisa mais tranquila. O que eu percebi aqui é que já fui mal interpretada, já fui até tipo analisada. E depois eu fico pensando, mas isso é uma coisa..., tipo, eu fico confusa em relação a essa..., a isso tipo.... Será que no Brasil- depois eu fico perguntando, “Será que no Brasil a gente fala..., mais de uma forma indireta e de mais..., é mais aceitável essa coisa de mandar...?”

E: Indiretas...

P1: Sim, de mandar indiretas e de...

E: De segundas linhas e entrelinhas..., do que aqui? É isso? Se é mais aceitável, socialmente aceite?

P1: Sim, ya. Ou se tem haver com o contexto em que eu mais estou aqui. Se tem haver com o negócio, são pessoas que estão nessa área.

E: Que tem essa mania de estar sempre a analisar. [Ri-se]

P1: [Ri-se] Também..., também! Ya! Ainda não sou muito- ainda estou descobrindo isso aí, o que que é.

E: Então em relação a pergunta base que era: sentes que esse conhecimento das várias culturas e do teres noção como as pessoas são tão diferentes e se expressam de formas diferentes, se isso te ajudou a compreender melhor e adaptar melhor ou não. E tu disseste que acontecem essas duas coisas. E deste agora o exemplo de Portugal, que há aqui, pronto, não está muito claro ainda o motivo dos mal-entendidos talvez, ou das interpretações, pronto.

P1: Sim, ya.

E: Mas e talvez situações que tu sentes que te ajudou a adaptar ou a ser flexível talvez?

P1: Eu acredito que sim, só que agora não sei. Acho que não conseguiria dizer, mas eu acredito que sim porque, em relação a isso ainda está muito, eu sou isso. Está em mim. Só que eu não sei dizer, é nisso ou naquilo e porquê. Mas acredito que se expressa naturalmente na minha forma de chegar aos lugares por exemplo.

E: É quase uma coisa automática...

P1: Que não penso...

E: ...que já faz parte de ti há muito tempo.

P1: Ya. Sempre tive nessa coisa de mudar não sei que.

E: Fez parte, teve que ser...quase.

P1: Ya...

E: Eu queria perguntar-te, (inaudível 25.35) um lugar ou relacionamentos por exemplo, em que tu estás ou frequentes, etc..., onde há pessoas que tem características muito parecidas com as tuas neste sentido, experiências multiculturais...elas próprias terem um background multicultural. Se tu procuras isso, se tu tiveste isso durante a tua infância, adolescência.

P1: Ok, não, não.

E: Eram sempre monocultural no sentido em que as culturas onde estavas eram ambiente angolano ou ambiente brasileiro, ou amigos brasileiros, escolas brasileiras, etc...

P1: Sim, sempre que estive no Brasil sempre foi o Brasil, Brasil, Brasil. Fora houve uma coisa que talvez mais se aproxime disso, foi quando a minha mãe trabalhou em Angola numa empresa Brasileira, então eram só pessoas brasileiras, e eu acho que ia acontecendo naturalmente. Também naquela época, não sei, acho se calhar é uma coisa também nova de agora, dos últimos anos.

E: Estes terceiros espaços?

P1: Essa coisa, ya. E, pronto, na angola naquela altura não existia mesmo, mas agora talvez, não sei. Então ya, deves enquanto havia tipo almoços lá em casa. Mas Angola também tem uma coisa de- estava sempre muito em contacto com o Brasil. As novelas...

E: Há fascínio, por assim dizer?

P1: Tem esse fascínio, mas também o brasil está mesmo lá por causa das novelas, então...

E: Ok, então há uma presença cultural forte.

P1: É! E as músicas nas festas e tocando...

E: Sim.

P1: Ya então, existe esse tipo presença sempre, mas esse conceito dessa coisa em particular não, nunca, nunca procurei não.

E: Mas também sendo dois países ligados por causa da história, acaba por haver essa multiculturalidade automaticamente presente que permite um certo terceiro espaço englobado em si na cultura angolana.

P1: Sim, sim. Esta forma contemporânea sim.

E: Tu antes falaste dos teus relacionamentos, amizades, falaste como era uma das coisas que sentiste que- eram um dos lutos, pronto, que tu passaste nestas mudanças, quebra de relacionamentos, as mudanças exigiam isso, mesmo a distância física. Que tipo de amizades é que tiveste na tua infância? Quais eram as características das amizades, das pessoas, assim geralmente?

P1: Era criança então era- eu saí de lá com treze, então era uma coisa muito, amizade bué de criança, bué infantil mesmo. E era..., na verdade, na escola..., sei lá a gente tinha essa coisa de, éramos as estudiosas, éramos as estudiosas da turma. [Ri-se]

E: Ok. [Ri-se]

P1: E eu..., elas eram mais extrovertidas do que eu. Uma delas talvez até fosse popular, agora que estou pensando..., a \_\_\_\_\_. [Ri-se]. Ya, e depois eu..., eu não era tanto assim quando cheguei lá, mas acho que fui ficando mais dessa maneira quando a adolescência também ia chegando e tal. Ya e eu ia ficando mais parecida com essa coisa de, sei lá, conhecendo todo o mundo e de compartimentar as pessoas, não sei quantos. E da turma me escolheram para ser oradora do..., do...

E: Ah ok, sim..., a delegada de turma?

P1: Não, não! Essa nunca aceitei! [Ri-se]

E: Ah ok. [Ri-se]

P1: No Brasil ali não..., mas tínhamos a formatura no oitavo ano. Então, quisessem que eu fosse a oradora da turma, da formatura.

E: Ok, sim, sim!

P1: Ya. E pronto eram muito, se calhar seriam essas porque na rua eram circunstância, crianças que vinham ali, a gente brincava junto e não sei que. Mas nas escolas, as amizades que procurava eram tipo essas, as pessoas que estavam..., sabe brincalhonas..., estudiosas ao mesmo tempo sim. Tinha essa coisa, se calhar essas eram as principais. Que engraçado. [Ri-se]

E: Como é que tu irias responder à pergunta, “Quem sou eu?”

P1: [Ri-se] Acho que sou uma pessoa que está..., está sempre procurando se construir e..., e procuro contacto para isso.

E: Ok, isso é muito interessante. Ok, e onde é que tu sentes que pertences?

P1: Se eu tivesse que falar um país, o Brasil. Sim. Eu não sei se o Rio mesmo onde eu nasci. Mas agora por exemplo, estou com muita curiosidade de conhecer a Amazônia. Ya eu quero descobrir a Amazônia, ficar lá um tempo. Acho que a Amazônia é a mãe do Brasil e eu sendo brasileira quero ir ter com a mãe. [Ri-se]

E: Sim. [Ri-se]

P1: Seria, ya. Praticamente é isso.

E: E como irias descrever “casa”?

P1: É um lugar onde..., você pode ser quem você é e que está garantido, não te tiram. [Pausa] Ya, você sente envolvida, aceita, completamente, e..., ya, pode mostrar a..., pode-se mostrar sem medo de que..., ya. Pode se mostrar sem medo, porque aquilo vai estar lá.

E: E onde ou quem dirias que é a tua casa?

P1: Agora?

E: Não sei se descreves como um lugar, pessoa, ou pessoas, sítios...

P1: Sim, sim. Eu mesmo. Ya. Mais profundo é o meu corpo. Mas agora já me sinto mais..., na casa onde estou morando agora, eu sinto me mesmo muito mais em casa do que nas outras.

E: Ok, a tua casa física aqui Portugal? Em Lisboa?

P1: Sim. Do que as outras, tirando a de infância no Brasil. Essa, essa também talvez. Só que está no passado, então não fui lá buscar.

E: Sim

P1: Seria essa, e a que eu estou morando agora, estou morando sozinha. Antes estávamos na casa de um tio, e não era mesmo, era mesmo..., era mesmo passado que não era a nossa casa. E depois moramos, eu e a minha irmã, moramos dois meses em outro apartamento, mas foi muito rápido, foi muito problemático aquilo [Ri-se] Então não deu para sei lá, sentir mesmo que aquilo era fixe e seguro. Também houve uma questão também da nossa segurança. Mesmo

tipo na porta do prédio, sei lá, não, não ser muito seguro passar por ali, porque tinha uma pastelaria do lado, e que às vezes era mau..., sei lá...

E: Frequentado?

P1: Ya! E nós nos sentimos, sei lá...

E: Não muito confortáveis, à vontade...?

P1: ...seguras para passar por ali, chegando a casa. Então se calhar desde isso acontecer, não estava mesmo bem, relaxada. E nessa casa de agora, me sinto bem. Tenho o meu espaço, tenho..., ya.

E: Em relação agora ao presente, a tua vida adulta, escolhas que tens tomado e vais talvez também tomar no futuro. Tu falaste que vieste a Portugal com dezoito anos?

P1: Ya.

E: E que também era na altura que querias compreender melhor o que seguir o que estudar, mas que querias ter um curso académico cá, e do que eu sei, pronto, estás aqui no ISPA, e a fazer um mestrado em Psicologia Clínica. Mas começaste neste curso? Psicologia foi a tua primeira opção?

P1: Não, tive em design primeiro, na lusófona.

E: Ah ok.

P1: Ya. E- Mas fiquei um mês no curso. Porque depois eu vi que aquilo não- continuei interessada, pensando se calhar vou fazer essa licenciatura, mas não me via a trabalhar nessa área, percebeu? Então se não consigo me imaginar a trabalhar nisso, então ya, troquei para- mas também não foi logo a psicologia. Mas eu tipo “O que eu faço?”, não sei o que. Então- só que eu sempre- na adolescência foi uma coisa de que me chamou muita atenção e aí, foi até uma tia que disse. Ah não, não ela tinha questionada eu continuar em design. Não, não me foi ela que sugeriu. Mas pronto, nem me lembro como é que foi, mas lembrei-me de psicologia e pronto, e uma amiga da minha irmã falou do ISPA. Falou do ISPA para ela e ela me falou daqui, e eu vim. Mas ya, saindo logo porque era, porque foi um ano que tive parada e a fazer muitas coisas de design e desenho..., então pensei ya, eu vou começar. Eu vou fazer design.

E: Mas agora estás em Psicologia?

P1: Sim.

E: Então eu percebi que gostas da área da adolescência?

P1: [Ri-se e faz que não com a cabeça]

E: Ah não? Eu percebi mal então!

P1: Eu estou no estágio com adolescentes.

E: Ah ok.

P1: Ya, o meu estágio é de essa população.

E: Faixa etária, ok.

P1: Ya.

E: Mas então-

P1: Mas eu já estou (inaudível 37. 07) bué de vezes! [Ri-se]

E: [Ri-se] Pois, não é uma população fácil sem dúvida. Mas então porque psicologia? O que é que agora, que já estás no curso a algum tempo, já conheces melhor, já te exploraste o próprio curso, o que te levou a escolher psicologia e a manter essa escolha?

P1: Para me entender mesmo. Para me- tinha essa coisa de, quando entre eu pensava que era ajudar as pessoas. Depois eu fui sendo mais- se calhar vendo as coisas como elas são, para me entender para me compreender. Mas tem essa coisa do tipo, sempre quis também, não sei. Tem essa coisa também, de compreender o ser humano, que é fascinante. Mas, entretanto, eu fui descobrindo o teatro, e aí eu comecei a ver mesmo, o que eu gosto mais. Me perguntando, né.

E: Sim.

P1: Ainda não sei. [Ri-se] O que me levou a manter tem mais a ver com compromisso eu acho.

E: Ok.

P1: Uma- um pensamento que isso é importante de ter..., ter essa- concluir. Concluir essa coisa que começou com os meus pais. Esse investimento que sempre fizeram. Ya esse compromisso com eles e, que é importante para mim também. Na vida, sei la, futura. Se calhar numa coisa..., se calhar não, que me vai dar uma garantia de alguma forma. Uhm..., ya. E também sim, acho interessante.

E: Então, em relação ao futuro, qual é a tua escolha vocacional? O que gostarias de fazer em termos de trabalho? No futuro próximo ou no futuro longínquo, ou as duas opções, o que quiseres.

P1: [Ri-se] A curto prazo vai ser- acho que eu vou começar talvez pela..., não sei, pelo teatro talvez, ou artes expressivas. Estou a pensar em conjugar os dois. Seria uma coisa assim.

E: Então pensas fazer uma pós-graduação, ainda ou algum tipo de formação?

P1: Talvez. Ya. Mas depende, porque eu não sei onde eu quero viver sabe.

E: Ok.

P1: Eu não faço ideia. Estou tipo, “Ok, eu vou terminar aqui o meu mestrado e vou ver o que acontece.” Não penso logo entrar para a ordem, porque senão teria que ficar mais um tempo. Não me quero comprometer, acho que agora..., depois o que eu quero- o que me vem à cabeça

depois quando eu penso que vou acabar isso é viajar, por um bom tempo, sabe. Depois é que vejo para saber mesmo para que lugar é que eu vou me sentir chamada. Não quero Angola. Sei que sei isso. Eu já começo a achar que também não vou querer Portugal, porque estou tipo..., quero me distanciar também um pouco de Portugal e ver..., como é que dentro dessa minha fase adulta eu posso..., como é que eu posso vivê-la de outra maneira. E sinto que em Portugal tenho- estou vivendo essa minha fase adulta de forma muito..., não sei, talvez muito intelectual, coisas que..., não sei..., muito de intelectualizar as coisas, e de às vezes criar problemas. Complicar uma coisa que não é, na forma de relacionar de interpretar.

E: Mas em que sentido? Interpretar o que? Circunstâncias, atos...?

P1: Sim, isso tudo! [Ri-se] E aí- por exemplo quando eu tive há algum tempo lá em Barcelona, eu senti essa diferença da maneira que eu gostei, fiquei..., isso é um bom, uma boa chamada de atenção. Eu gostei bué da forma com as pessoas viviam lá entendeu? E eu sinto que aqui as vezes eu me fecho muito porque estou nesse ambiente, um ambiente que me influencia bastante e eu fico tipo, “Mas eu não quero ser assim, quero ser mais aberta!” Sabe?

E: Sim, sim...

P1: E aí, ya, sinto essa coisa aqui, que já não quero estar aqui nos próximos tempos.

E: Está a chegar ao seu prazo de limite.

P1: [Ri-se] Sim...

E: [Ri-se] Ok.

P1: Ya.

E: Se calhar já acabaste por responder a outra perguntar que te ia pôr em relação a onde pensas residir no futuro. Está entre aberto, né?

P1: Sim.

E: E esta numa questão de explorar. Mas estas curiosa em relação a isso? Como é que te sentes em relação a isso? Qual é a sensação que tens?

P1: Bem..., não sei, é bem neutro até. É tranquilo porque eu sei que para algum lugar eu vou. Então, então..., se eu tiver que criar condições para ir por exemplo para o Brasil, eu vou procurar criar essas condições.

E: Ok.

P1: Então ya, tipo..., ya. Vou acabar e depois..., depois se calhar fico ansiosa, [ri-se] não sei.

E: Sim [ri-se] Em relação aos relacionamentos e amizades, talvez, não sei se tens ou não relacionamentos amorosos.

P1: [Ri-se]

E: [Ri-se] Se sim, se não..., quais é que são as características e as qualidades que tu procuras na pessoa com quem estás ou queres estar?

P1: [Pausa] Não sei...

E: Acho que talvez-

P1: Acho que há uma...

E: Sim?

P1: Sim, fala, fala!

E: Eu ia dizer também, mais no sentido, que objetivos é que tu tens na vivência do relacionamento.

P1: Sim.

E: Talvez pode ser diferente de agora e talvez daquilo que tu vês no futuro, em termos das etapas da vida. Mas é nesse sentido.

P1: É mesmo..., o que há em comum eu acho é, abertura, pessoas abertas, expressivas, ya. Que tem essa curiosidade sim, pela, pela vida, pelo mundo, pelos outros. E..., ya..., essa coisa de..., isso é também bastante complexo acho. [Ri-se]

E: Sim...

P1: Mas é uma..., agora por exemplo estou..., sim estou num relacionamento amoroso que também não tem, não tem uma..., não é solteira ou..., não somos namorados também...

E: Não tem um rótulo?

P1: Sim.

E: Ok.

P1: Isso também as vezes me confunde, mas não tem então, acho que agora com ele é uma coisa de..., nós os dois gostamos daquilo que a nossa relação nos traz aos dois e que depois..., é uma coisa de muita amizade também, e também vai mudando muito, é muito..., é muito dinâmico. Vai passando tipo por fases sendo muito diferentes, mas dentro dessas fases o foco vai mudando, ou a forma como nós estamos um com o outro, fica mesmo diferente. Tem uma fase que éramos- para mim pelo menos era uma coisa..., éramos mesmo amigos que então..., ya.

E: Sim, ok.

P1: Mas se calhar as características seriam estas, pessoas abertas...

E: Expressivas, abertas..., curiosas...?

P1: Sim, sociáveis e que tão..., querendo estar no mundo.

E: Ok. E em relação às tuas amizades, agora na tua vida adulta. Quais é que as características que tu procuras nas pessoas, nas amizades que tu escolhes?

P1: Acho que elas vão acontecendo, mas as que eu mantenho e tenho interesse em manter..., é a mesma coisa, passam pela mesma coisa. Interessantes, pessoas interessadas, que depois ficam interessantes por isso. Ya, e calorosas, gosto de pessoas calorosas. E com quem eu, com quem eu- sim se calhar isso é mesmo a base. Com quem eu me sinta mesmo seguro, do tipo, posso mesmo, posso sei lá, estar mesmo aqui e falar, e falar besteira e falar, sem medo de ser mal interpretada, sem medo de ser julgada.

E: Em relação ao futuro mesmo, tens objetivos de criar família? E se sim, quais é que são as qualidades e os objetivos daquilo que procuras para a tua família, que sonhas para a tua família?

P1: Ya, tenho vontade de ter filhos. E seria uma coisa- seria aquilo que eu não tive que é, consistência. Um lar consistente. Só que isso também..., como eu também não sei mesmo como é que eu..., onde é que eu vou querer viver, onde eu vou estar..., eu não diria “Ok não vou ficar- não me vou casar com essa pessoa porque ela vai querer viajar pelo mundo e porque quero um lar consistente para os meus filhos!” Mas por agora..., é.

E: Mas é um objetivo, é um sonho que tens agora.

P1: É, sim. Seria essa. Eu..., sim, tenho muitas coisas boas a invejar mas eu sinto é que..., calma..., sabe uma coisa onde eu possa..., onde eles possam crescer e sentir sempre que aquilo não vai sair debaixo dos pés deles, deve ser uma sensação maravilhosa, e até, depois o contacto com as pessoas do lugar onde a gente tiver vivendo, não sei- por acaso eu penso numa coisa pequena. Uma comunidade, sei la, ya. E seria muito fixe isso, ter essa- pelo menos pela, não sei, primeira infância até a adolescência. Nessa fase acho que é bué importante ter essa..., ya, solidez.

E: Sim, ok..., segurança?

P1: Sim...ya.

E: E em relação- não sei se já pensaste nisso ou não, em relação a educação desses filhos que sonhas ter, que tipo de educação gostarias que eles tivessem, o que lhes queres oferecer, valores que queres transmitir, que experiências queres transmitir, vivências?

P1: Cidadania, ya. Serem pessoas que estejam..., preocupadas com essas coisas de como estar bem na sociedade, de como viver bem na sociedade, e como se posicionar, como não invadir os espaços, como exigir aquilo que é justo, e aquilo que é a justiça. [Pausa] Todo o mundo..., todo o mundo é mesmo igual. Isso então está lá tipo..., ya, um dos princípios mesmo. Sim, pessoas assim.

E: Ok. Tu disseste, isto agora um pouco fora de tópico, tu disseste que na tua infância, adolescência, não havia necessariamente terceiros espaços, sem ser aquela situação cultural em Angola que tem uma grande vertente brasileira, mas não necessariamente um espaço físico ou de relacionamentos que procuravas com pessoas com características muito semelhantes às tuas

vivências e experiências. Agora na tua vida adulta, no presente, tens essa vivência de estar em sítios de terceiros espaços?

P1: Não.

E: Também não. Ok.

P1: Não, mas eu, não sei, não é uma coisa que exista..., tenho as- quer dizer, antes tinha mais, mas, uma coisa de no mesmo país, estarem as vezes países diferentes. Porque quando vem para cá tios de Angola ou quando estou com amigos angolanos é outra coisa. Seria- é isso que se calhar criaria um terceiro espaço.

E: Essas amizades, sim.

P1: Ya.

E: Então são amizades que acabaste por manter também, que tu conheceste lá e que vieram para aqui também? Ou pessoas que conheceste cá?

P1: Sim, ya.

E: E em relação a aquilo que ainda não falaste em relação ao futuro, tens alguns sonhos ou aspirações futuras que gostarias de partilhar?

P1: Pois. [Pausa] Viver de um- é bem simples até. Viver de um trabalho que realmente gosto e poder, poder escolher, mais ainda, poder escolher onde é que trabalho. Mas ter prazer nessa coisa, ter prazer no trabalho. Eu sei que tem que passar pelo teatro. Eu não sei até se seria depois só teatro, não sei, mas mais isso. Essa seria a minha grande ambição em viver disso, né. Poder viver disso.

E: Ok, [sorri] agora chegamos ao fim.

P1: [Faz uma expressão de pena e ri-se]

E: [Ri-se] Mas mesmo assim queria ainda fazer umas perguntas para saber se há alguma coisa que tu achas que eu perguntei que foi de irrelevância ou talvez não faça muito sentido? E também se há alguma coisa que tu gostarias de adicionar? Algum tipo de pergunta que eu ainda poderia fazer que seria interessante?

P1: Cara agora não me ta ocorrendo nada, mas eu sei que vou ficar pensando nisso. Pode ser que ocorra. [Pausa]

E: Ok. Qual é a tua opinião em relação a isto, estas vivências, estas pessoa. Como é que achas- acreditas que realmente estas vivências multiculturais tem um impacto sobre quem a pessoa é? Sim ou não? Se sim como?

P1: Sim sem dúvida, sem dúvida! Porque é..., tem impacto porque forma quem eu sou mesmo. Então [pausa] bué, bué complicado. [Ri-se] Mas por exemplo, eu não sabia dessa..., sei lá. [Pausa] Mas quando eu fui me apercebendo dessa coisa das três nacionalidades, e de que, “Ah

então eu tenho coisas portuguesas”, até geneticamente mesmo, coisas angolanas e brasileiras, fico..., fico do tipo..., “Mas eu sou muito diferente de outras pessoas”. Como é que é- fico curiosa..., como é que é o contrário disso.

E: Como é que é ter só uma cultura?

P1: Ya! Mas, fico curiosa com isso. E depois o negócio de ter sempre vivido, até na mesma casa, pessoas que nunca mudaram de casa. [Ri-se] O que é, qual é a sensação? E..., sempre também me senti- Ah! Até dentro da minha própria família, eu e a minha irmã, nós somos as únicas dos dois lados que tem duas nacionalidades. Tanto que o meu pai, a família toda do meu pai, da minha mãe-

E: Mas o teu pai não tem duas?

P1: Ah! Mas isso, todos os angolanos que depois tiveram nacionalidades portuguesas. Mas não de terem casado com pessoas de outras nacionalidades, e terem tido...

E: Sim.

P1: Todos os nossos primos são ou angolanos dos dois lados, ou brasileiros dos dois lados. Nós somos mesmo as únicas que nessa situação. Eu sempre me senti também por isso, sei lá, um bocado fora, dentro da minha própria família. Mas se calhar pronto, eu também podia, tipo, me focar muito nisso totalmente, e a minha irmã nem tanto, até eles nem tanto. Mas ya, teve sempre essa coisa de, do- parece que eu não sou completa, completamente. Parece não! Não sou, completamente uma coisa, e isso tem um impacto psicológico. Que é isso, que é isso..., que está tipo..., que eu estou elaborando até, quando penso nisso, né. Mas uma coisa que, a música, tenho contato grande com música..., angolana e brasileira. E é tipo nisso, essas questões se desfazem, e pronto é só- tipo quando estou dançando, uma dança angolana, semba ou kizomba. E aí nesses momentos que a minha família angolana diz, “Mas Andressa ‘cê Angolana, olha como ela dança isso e aquilo.” [Ri-se] E aquilo era, ya, tem essa coisa que se expressa tão naturalmente que nem precisa- que está em mim e que nesses momentos que ela sai. Ya então, me relacionar e conectar com isso. Também sinto que é..., ou pelo menos lembrar, quando eu estou..., quando fico assim confusa, de lembrar essa coisa.

E: Ok. [Sorri]

P1: Ya. [Sorri]

E: Obrigada!

P1: Obrigada!

E: Foi mesmo bom, gostei muito.

P1: Eu também, gostei mesmo! [Ri-se]

## ANEXO B: Transcrição da Entrevista P2

E (Entrevistador)

P2 (Participante 2)

E: Queria então começar por agradecer-te, por estares disponível para participar e estares interessada. Como já disse, se tiveres alguma dúvida, estás à vontade. E se houver alguma pergunta que não queiras responder, também estás completamente a vontade. Podíamos iniciar então por perguntar: qual é a tua idade?

P2: Vinte-dois. [Ri-se]

E: Ok, vinte-dois anos. E o teu estado civil?

P2: Solteira.

E: Quantas línguas sabes falar?

P2: Fluente, ou tipo, saber alguma coisa?

E: Fluente e saber alguma coisa.

P2: Ok, então, português, espanhol, inglês, francês, catalão e..., bom, tipo no ano passado estive a aprender japonês, mas só sei tipo base.

E: Ok!

P2: Pronto.

E: E em que contextos, ou como aprendeste a falar cada língua? Se quiseres também especificar o nível que tens.

P2: Ok então, aprendi a falar português porque a minha família é portuguesa. Espanhol porque vivi dezasseis anos em Espanha. Inglês porque nesses dezasseis anos em Espanha estive em escolas inglesas. Francês porque na maior parte das escolas tive francês como terceira língua. Catalão porque vivi quatro anos em Barcelona. Pronto é isso. [Ri-se]

E: Já percebi que tiveste em vários países.

P2: Sim, sim.

E: Qual é a tua nacionalidade?

P2: É assim...

E: Ou nacionalidades.

P2: Sim, sou portuguesa. Não tenho mais nenhuma outra nacionalidade.

E: Ok, e nasceste cá em Portugal, também?

P2: Sim.

E: E correntemente também resides cá em Portugal?

P2: Sim.

E: Ok. E dos teus pais?

P2: Também são Portugueses.

E: Também são portugueses. Então, tu viveste em que países? Espanha?

P2: Vivi em Espanha..., na Polónia dois anos. E estou agora aqui em Portugal.

E: Que idade tu tiveste então precisamente quando estavas em Espanha e na Polónia?

P2: Então em Espanha eu vivi em três cidades diferentes, e vivi dos zero aos dezasseis mais ou menos. Depois na Polónia tive na Varsóvia, tive 2 anos lá, ou um ano e meio, dos dezasseis aos dezoito. E depois agora estou a viver em Lisboa, há..., bem, desde o início da licenciatura, devem ser então..., cinco anos..., não! Quatro anos..., quatro e tal. Sim exato! [riem-se as duas]

E: Sim, ok! E quais é que foram os motivos para que a tua família fosse para- portanto tu nasceste cá em Portugal, certo? Quais foram os motivos para a tua família ir para a Espanha, e depois para a Polónia?

P2: Então o meu pai é hoteleiro, trabalha em gestão de hotéis. Os meus trabalhavam em hotelaria aqui em Portugal. Mas quando a minha mãe ficou grávida, o meu pai- ofereceram-lhe, fizeram-lhe uma proposta de trabalho que era muito boa, e por isso o meu pai aceitou então, a partir daí fomos todos- todos não, a minha mãe e o meu pai. E depois o meu pai foi aceitando ofertas de trabalho conforme a necessidade.

E: Ok. E para a Polónia foi o mesmo?

P2: Sim, sim, foi a mesma coisa. Só que foi mudança de país mesmo. Antes tinha sido só de cidades.

E: Sim, muito bem. Então tu já falaste por alto sobre, estares na escola inglesa, na Espanha. Mas podes fazer uma breve descrição da tu escolaridade até ao secundário?

P2: Então, eu em Madrid, estudei numa escola britânica que tem uma coisa chamada *British Council*, não sei se conheces?

E: Sim conheço.

P2: E aprendi inglês e espanhol. Ou seja, eu em Espanha tive sempre uma escolaridade bilíngue. Pronto, que era tipo inglês e espanhol. Então em Madrid tive só nessa escola. Depois ainda vivi 3 anos ao pé de Valência, em Benidorm, onde tive também numa escola britânica, também metade inglês e metade espanhol. Mas sempre principalmente inglês. Depois em Barcelona tive em três escolas diferentes. Tive numa que era também britânica, tive três anos. Depois tive um ano numa escola também britânica, mas tipo, mais espanhol do que inglês. Depois tive três

meses numa escola americana porque eu tinha que fazer um- ou seja, antes de eu viver para Varsóvia- ou seja, eu ia viver para Varsóvia em janeiro de 2013, e eu ia entrar para uma escola americana, que tem o ensino que era o IB, não sei se conheces?

E: Sim, sim.

P2: Pronto, e eu precisava de setembro a dezembro, que eu ainda estava em Barcelona, de fazer esse..., começar esse ensino. Então mudei para uma escola americana, durante 4, pronto...

E: É o primeiro semestre.

P2: Sim, o primeiro semestre, para começar nesta escola...

E: Para depois fazer a transição, ok.

P2: Para fazer a transição. Depois foi para Varsóvia onde fiz o IB numa escola americana lá.

E: Ok, muito bem. E como é que sentes que foi a tua adaptação entre estas culturas todas, destes três países?

P2: Então, em Madrid, eu não senti assim grandes dificuldades em termos de adaptação porque pronto, ou seja, fui para lá viver muito nova e comecei lá a escola, portanto, onde é que me começou a ser assim mais difícil? Depois quando fui viver para Benidorm para aquela escola também não tive muitas dificuldades, era nova, tinha praí nove. Naquela altura as pessoas davam-se mais facilmente. Depois quando eu comecei a sentir dificuldades foi quando fui para Barcelona, e acho que também depende muita das idades, nê. Naquela idade, senti algumas dificuldades, porque, ou seja, as pessoas já estando todas juntas na escola a algum tempo, e eu vinha de fora. Foi mais difícil também em termos culturais porque não conhecia muito bem Barcelona, a cidade, era uma cidade muito grande, nova. [Pausa] E sim, a partir daí as transições, cada vez mais, começaram a ser mais difíceis.

E: Ok. Também na Polónia?

P2: Na Polónia..., ou seja, na fase em que fui viver para a Polónia tinha dezasseis, eu não estava muito bem porque aquela mudança de Barcelona para a Polónia foi muito difícil. Ou seja, no meu último ano de Barcelona sentia que já tinha conhecido as minhas amigas, apaixonei-me por um rapaz, então transição foi muito difícil. E eu tava, nem sequer, eu estava na escola, mas eu não queria tipo, não queria integrar-me. [Ri-se] Portanto, mas pouco a pouco fui me integrado até que agora tenho grandes amigos lá também, mas não fiz assim um esforço. Mas também não teria- também não era fácil. Era uma escola muito internacional. Não era no centro de Varsóvia, era fora de Varsóvia. Havia uma comunidade muito forte a volta da escola.

E: Pegando nisso, o que achas, ou, quais são as perdas que consegues identificar em todo esse processo? Tu já mencionaste algumas, sentiste que foram as amigas, uma possível paixão também. Mas mais perdas que tu sentes que tiveste que passar por causa dessas mudanças?

P2: Foi difícil para mim quando finalmente, ou seja, estava na cidade, perceber que eu tinha perdido um bocado a vida que tive na cidade anterior. Os meus pais, o meu pai estava- quando

nós fazíamos as mudanças e o meu pai não tinha a tendência a ficar agarrado aos sítios. Então ele preferia tipo, não voltar. E isso foi difícil para mim especialmente..., era difícil quando eu depois voltava por alguma razão, ver como as coisas tinham mudado, perceber que eu já não tinha, eu não tenho amigos por exemplo..., eu não tenho, das pessoas que conheci quando era mais nova, eu não fiquei com amigos em Madrid, não fiquei com amigos em Benidorm, mas depois eu fiquei com amigos em Barcelona. Mas só da última escola onde estive lá. Bom, das últimas duas. E é difícil esta coisa de sentires, sentir que se viveu num sítio, que se faz parte de um sítio, parte da tua identidade foi construída por esse sítio, mas que não tens razão para ir para lá voltar, porque não tens lá ninguém. E isso foi difícil. E agora também outra coisa que foi difícil, agora quando- que estou aqui em Lisboa, os namorados que eu tive, os meus dois namorados, eram de Barcelona. Ou seja, o primeiro que eu tive foi de Barcelona, e depois o segundo também foi de Barcelona. Com os dois um relacionamento à distância. Foi engraçado, que com o último quando acabei, das coisas que mais me tinha custado, obviamente tipo a nossa separação, mas também foi pensar que eu já não tinha um elo com a cidade, ou seja porque grande parte das coisas que mexiam comigo era eu ia visitá-lo à Barcelona. E quando acabamos eu pensei, “Não estou a acreditar que isto está a acontecer! Eu já não tenho razão para voltar lá.” [ri-se] É engraçado! [Ri-se]

E: Sim, sim. Faz sentido. Num tom mais positivo... [sorri]

P2: Sim! [Sorri]

E: ...o que achas que ganhaste com estas experiências? O que levas contigo?

P2: Ganhei, conhecer pessoas em todo o lado. Conheço, ou seja, estava a pensar, eu tenho..., vou..., por exemplo o ano passado em maio fui uma semana a Tóquio com os meus tios. Eu tinha lá uma amiga a viver. E depois agora também, vou ter com os meus pais que agora estão a viver na Malásia, entretanto continuar o percurso deles. [ri-se] Estão a viver na Malásia, vou visitá-los também a seguir, eu depois também vou para a Tailândia, e conheço uma amiga lá na Tailândia, portanto, eu tenho pessoas espalhadas por vários sítios, e isso é muito bom, ou seja, para mim o viajar é uma coisa muito importante. E é bom porque acho conheço sempre alguém em algum lado. Isso é muito bom.

E: Sim.

P2: E também experiências, ou seja, a minha capacidade de adaptação. Tive que aprender a me adaptar a diferentes contextos, se for para num sítio novo em que não conheço ninguém, já não me sinto tão mal. Já não é tão..., tão difícil. Já consigo ver assim um pouco mais- já consigo relativizar.

E: E, pronto, já falaste por alto também em relação aos teus relacionamentos. Mas como é que caracterizas as amizades que tiveste durante a tua adolescência, infância também, nas várias escolas? O que achas que são os aspetos que as caracterizam de forma mais significativa?

P2: Então, eu- pessoas que eu conheço desde a minha infância da Espanha, infância quer dizer, até aos onze anos, não fiquei com ninguém. Ou seja, não mantenho assim uma amizade com ninguém dessa altura. As pessoas que ficaram foram pessoas que conheci tipo aos meus quinze,

em Barcelona. O que hei de dizer? Tenho duas grandes amigas, que as vou visitar este fim de semana, que são de Barcelona, e damos- ou seja, continuamo-nos a dar já há imenso tempo, desde que fui para Barcelona. E esta coisa tipo amizade à distância. [ri-se]

E: Sim. [sorri]

P2: E aquilo que caracteriza, que eu mais acho significativo nestas relações que eu tenho, é a nossa disponibilidade e vontade de manter a amizade, basicamente. Gostamos muito uma das outras. Conhecemo-nos tipo, numa altura muito importante da nossa vida. Fomos importantes. Fazemos um esforço, de manter a amizade. Portanto é isso que caracteriza. [Ri-se]

E: Sim e achas que- ou seja, quais é que achas que são os maiores desafios, especificamente neste tipo de amizade, de distância?

P2: É de se perder a ligação, entre..., de já não se ver o sentido de manter, ou de manter-se ligado, por causa da distância. Quando (inaudível 27:45) é sorte de sempre ser recíproco. Nós gostamos muito uma das outras e queremos manter esta ligação. Mas conheço pessoas que não, que depois com o tempo se foram desligando, deixando de fazer um esforço. Da outra parte houve uma desligação, também da minha parte algumas vezes deve ter acontecido.

E: Sim. E facilidades ou ganhos? Consegues identificar?

P2: Sim. De certa forma talvez continuamos a manter a nossa amizade também porque não nos vemos tanto tempo, [ri-se] no sentido em que talvez, se convivêssemos no dia a dia, alguma coisa já tivesse passado alguma chatice ou..., não sei. [Ri-se]

E: [Ri-se] Sim, ok.

P2: Mas sim, há esta parte. E também viajar, encontrar e visitarmo-nos umas às outras. Passar o fim de semana juntas. Também é isso.

E: Então de certa forma, estas tuas amigas também tem uma experiência semelhante à tua, de mudança de países e de...?

P2: Sim, sim! Também tiveram..., sim estas minhas duas amigas também tiveram experiências de mudança. Lá está, uma delas também viveu nos Estados Unidos. Também tiveram algumas mudanças.

E: Achas que a maioria das tuas amizades que tens no momento são com pessoas que têm experiências semelhante à tua, de uma forma multicultural?

P2: Não, aqui em Lisboa não. Aqui em Lisboa, das pessoas que eu conheço, sou eu. [ri-se]

E: Ok.

P2: Mas as pessoas por exemplo quando eu tive na Varsóvia, quando estava numa escola americana, todo o mundo, ou seja, todas as pessoas que eu conhecia passar por isto, mudar de um sítio para o outro.

E: Ok.

P2: Acho que isto é bastante comum em ambientes mais de escolas...

E: Internacionais...

P2: Internacionais em que, ou seja, os pais têm tendência a pôr as crianças em escolas internacionais porque sabem que as pessoas vão estar, também vão ter esse tipo de experiências, e torna mais fácil a integração. Portanto, nessa escola conheci bastantes pessoas, muitos viveram em bastantes países diferentes, muito mais que eu. [ri-se]

E: Sim. E na altura, sentiste uma maior facilidade em criar amizades com pessoas que tinham uma experiência semelhante à tua multicultural ou pessoas que eram por exemplo, monoculturais como agora as amizades que tens cá em Lisboa?

P2: Depende muito do sítio. Por exemplo, eu nas escolas que eu tive, por exemplo em Barcelona que é o que mais me lembro. Em Barcelona eu tinha facilidade em dar-me com pessoas de diferentes contextos. Ou seja, por um lado conseguia dar-me com pessoas que tinham vivido toda a vida delas ali, em Barcelona. Por outro lado, conseguia dar-me com pessoa que tinham vivido em países diferentes. Portanto eu nunca fiz assim uma distinção, conseguia encontrar coisas em comum com ambas. Depois na minha escola em Varsóvia, tive mais facilidade em dar-me, por exemplo- dava-me com uma rapariga espanhola. Identificava-me com ela porque tinha vivido em Espanha. Também dava-me com uma rapariga italiana. Tive sempre mais afinidade talvez por pessoas que senti que eram mais próximas da minha cultura. Mas mesmo assim, por exemplo também tinha- fiz amigas e..., pessoas Coreanas, Tailandesas, não sei que..., portanto...

E: Sim, uma grande diversidade.

P2: Sim, sim! É uma grande diversidade.

E: Ok. Como responderias à pergunta “Quem sou eu?”.

P2: Hum, quem sou eu? [Pausa] Não sei, esta pergunta é difícil! [Ri-se] Ou seja, há tantas coisas nas quais pegar. Se fosse mais tipo em termos da minha nacionalidade, ou tipo de quem sou eu...[pausa]

E: Em geral, o que tu sentes quem és tu.

P2: Ok, ok! Quem eu sinto que sou. [Pausa] Sou uma rapariga de vinte-dois anos, que..., [pausa] estuda psicologia..., viveu em sítios diferentes..., e agora estuda em Lisboa. [Pausa] Não sei! Eu não sei por onde hei de pegar!

E: Ok.

P2: Há tantas coisas! [Pausa]

E: Sim. [Pausa] Se tu gostarias que eu te conhecesse de uma forma muito, essencial, por assim dizer...

P2: Sim.

E: ...o que gostarias que eu soubesse de ti, de quem tu és?

P2: [Silêncio] Ou seja, acho que é importante para mim as vezes falar destas minhas experiências de ter vivido, em sítios diferentes, mas não é uma coisa que eu introduza muito facilmente. Muitas vezes eu penso que..., as vezes tenho receio que as pessoas pensem que me estou a gabar, ou porque talvez traz confusão. Que alguém esteja tipo, “Quem é esta pessoa?”, tipo..., porque é isso, eu muitas vezes, ou seja, se eu não falar destas minhas experiências, as pessoas dizem, “Ok, ela é portuguesa”. “Tudo bem, está tipo aqui encaixada.” Mas depois tem outra coisa de que também tenho receio. Eu às vezes sinto que não domino muito bem o português, ou seja, domino, mas tipo tenho receio de dar e cometer erros, alguma coisa assim do género. Eu aprendi o português tipo em casa, então não tive tipo uma educação formal. Muitas vezes, começo a ter tipo receio dizer qualquer coisa que soe mal e depois as pessoas percebem que eu não sou tipo, que eu não sou portuguesa pura [ri-se], pronto. Não sei, é que é isso tipo, quem sou eu, tipo, consigo dar umas descrições tipo básicas, mas ainda não..., ou seja, ainda estou um bocado a descoberta disso, estás a perceber? Sinto que ainda tenho que..., que...

E: É um processo...

P2: Sim, é um processo. Tenho que talvez, ou seja, tenho sentido uma grande necessidade de enraizar. Que também uma coisa difícil, porque tenho sempre a tendência de ir de um lado para o outro. E depois quando é para ficar num sítio, começo a ficar tipo, “Epá, o que vou fazer agora? Vou ficar aqui? Vou me embora em três meses?” Então ainda estou, ainda estou a descobrir nesse aspeto como é que, como é que vai ser. [ri-se]

E: A minha próxima pergunta talvez é um pouco...[ri-se], mas então onde é que sentes que pertences?

P2: Hum... [pausa] Depende..., ou seja, eu sinto que pertenço..., onde..., hum. [pausa] Pertenço com as pessoas de quem gosto. Ok. Ou seja, eu consigo estar..., quando eu vou visitar amigos eu sinto que pertenço. Consigo ir ter com não sei quem à Madrid. Se eu tiver tipo- seu eu gostar muito da pessoa, se eu me sentir muito a vontade com ela, essa cidade torna-se uma parte de mim. E, portanto, eu não consigo encontrar só um sítio onde pertenço. Porque eu agora estou em Lisboa e sinto-me bem, mas eu sei que há uma parte de mim que está sempre a pensar em muitos outros sítios, onde eu também sinto que pertenço [ri-se], que é onde estão as pessoas que eu sinto que são importantes para mim.

E: Então como é que irias descrever casa?

P2: Opa! Que complicado! [Riem-se as duas] Casa...? É assim, quando eu me imagino no futuro imagino-me numa cidade qualquer, eu não sei qual. Às vezes penso em Londres, outras vezes não sei no que é que penso.... Imagino eu, num apartamento meu, com as minhas decorações. Eu já a trabalhar, encontrei o meu grupo de amigos. Estar bem no sítio. Isso para mim é casa. Pronto. Agora mesmo, não sei o que é casa porque, ou seja, obviamente eu estou muito bem em minha casa..., e quando eu chego lá, até que enfim. Considero tipo isto casa.

Depois mesmo tipo, profundamente tipo, não sei, se esta casa que eu tenho aqui é mesmo casa, porque depois tenho sempre saudades de muitos outros sítios, portanto... Antes, ou seja, este ano consegui estar mais à vontade em Lisboa e sentir que isto pode ser casa, mas até tipo a um ano ou dois anos atrás, para mim casa era ainda Barcelona, que era onde o meu namorado morava. Varsóvia, mas os meus pais não vivem lá. Portanto, então agora está um bocado, continua um bocado difuso..., mas está um pouquinho mais assente em Lisboa.

E: Ok. Em relação a tua vida adulta, ao presente mesmo, eu percebi que após o ensino secundário iniciaste a fazer o teu..., ou seja, entraste no ensino superior, e fizeste o curso de psicologia. Qual é que foi o motivo para a escolha deste curso?

P2: Então, eu quando tinha dezasseis anos, eu queria- eu tinha a ideia, eu queria estudar cinema. Mas eu na altura, ou seja, eu nunca tinha feito na prática com cinema. Gostava muito de ver filmes e adorava aprender tipo sobre história, mas todos os cursos que eu tinha visto, eram muito- eram tipo cinema prático. Pronto, e depois lembro-me que até uma vez sentei-me com a minha mãe, tipo na sala ou não sei aonde. Ela é uma pessoa que gosta muito de tipo ajudar e fazer assim uns esquemas para orientar e tal, e então começamos a fazer tipo um *brainstorming* sobre o que eu poderia- quais eram as minhas possibilidades, pronto. E depois eu cheguei tipo a conclusão de que, que eu gostava imenso de psicologia. Eu tive no IB, tive uma disciplina de psicologia, e que adorava. E depois cheguei a conclusão de que aquilo que eu tipo realmente gostava quando estava a ver os filmes era de perceber as personagens. Isso, perceber tipo, pronto... Isso também foi uma coisa que eu gostava. Eu sempre gostei muito de conversar com os meus amigos, percebê-los melhor. Falar mais de assuntos assim, complicados, de saúde mental e tudo mais, portanto acabei por fazer essa escolha.

E: Ok, muito bem. E escolheste Lisboa?

P2: Não. Tinha escolhido ir para Barcelona, mas depois os meus pais não deixarem por, pronto..., confusões, enfim...[ri-se] Não deixaram porque..., tinha lá o meu namorado [ri-se] sim..., que era um bocado complicado, os meus pais não gostavam muito dele, então não me deixaram ir, pronto. [ri-se]

E: Ok, e tu viveste para Lisboa por causa dos teus pais, para estudar?

P2: Sim, sim, sim. Porque então, na altura os meus pais queriam me incentivar para ir para a Inglaterra ou muitas pessoas da minha escola americana tipo iam para todo o lado. Pronto, só que eu na altura disse que não, "...não quero agora fazer tipo outra mudança, eu não me sinto pronta para...", porque eu na altura não estava muito bem, "...não me sinto preparada para estar a fazer outra vez um processo de mudança e de voltar a não conhecer nada". Portanto eu tinha ou Barcelona com opção, ou Lisboa, porque os meus pais têm cá uma casa, então obviamente dava para eu viver cá em casa dos meus pais. E pronto, não me deixaram ir para Barcelona, então acabei por vir para aqui.

E: Ok. E em relação, a quando fores acabar o mestrado, o que pensas fazer em relação ao emprego, no aspeto profissional? O que sonhas fazer?

P2: Então, estou a pensar em duas coisas. Uma, ficar aqui em Lisboa, e logo se vê. Ou seja, tentar arranjar cá estágio, inscrever-me na ordem dos psicólogos, pronto e tudo isso. E depois ainda eventualmente fazer pós-graduações em outras coisas fora ou aqui, não sei. Pronto, a minha segunda opção que eu duvido que vá acontecer, é, a seguir a acabar isto, acabar o mestrado, fazer um doutoramento. Um sítio que eu queria muito ir, mas para fazer mestrado, mas não consegui entrar, também em Londres. Portanto essas são as minhas duas opções.

E: Ok, muito bem. E em relação aos relacionamentos amorosos, se quiseres falar sobre o assunto, quais é que achas que são as características, as qualidades principais que tu procuras numa pessoa?

P2: Hum..., o que é que eu procuro numa pessoa? Procuro que seja muito inteligente! [Ri-se] Procuro pessoa aberta. [Pausa] Que seja séria, ou seja, que leva os relacionamentos à sério. [Pausa] Essas são as coisas mais importantes, e depois obviamente que seja giro! [Riem-se as duas] Não, mas sim, acho que essas três.... Têm *gostos* parecidos aos- gostos! Olha aí eu já... [ri-se] Gostos parecidos aos meus, em termos de músicas, filmes, e tudo mais, que são coisas importantes para mim. Acho que é principalmente isso.

E: Ok. E em relação as tuas amizades atualmente, o que achas que procuras? Ou seja, quando conheces pessoas, quais são as características que te chamam atenção?

P2: Sim. Pessoas que- ou seja, pessoas respeitadas. Ou seja, que combinam- conseguem manter compromissos, tipo quando se combinam coisas. Isso é uma coisa que me chama muito à atenção [ri-se]. Pessoas também abertas, pessoas disponíveis para ouvir, falar. [Pausa] Pessoas generosas. Por aí.

E: Ok. Sentes que agora atualmente, procuras espaços, amizades, sítios que também têm, de alguma forma, um ambiente internacional ou multicultural?

P2: Não. Aqui em Lisboa, não.

E: E gostarias de o fazer ou...?

P2: Lembro-me me que houve uma altura qualquer que eu às vezes pensava, “Era giro conhecer pessoas estrangeiras”, porque realmente sentia que era algo que me interessa e tudo mais, mas não. Não sinto essa necessidade, não procuro.

E: Ok. Tu falaste por alto em relação ao futuro, casa, que quiseres ter a tua casa, profissão, o teu espaço. Tens o objetivo de criar família? Se sim, como? Quais são os valores que gostarias de transmitir a tua família? Quais são os objetivos?

P2: É assim, eu não sei..., se quero ter filhos ou não. Já pensei nisso obviamente. Não tenho a certeza. Mas se, se alguma vez tivesse essa- ou seja, [ri-se] se tivesse filhos, uhm, o que que eu transmitiria? [pausa] Tentaria tipo criar uma pessoa tipo, independente, com um sentido crítico. Pessoa aberta. Mas a independência acho que é muito importante.

E: Ok. Gostarias de..., vou reformular. Estás interessada em continuar a ter uma vida na tua vida adulta, de mobilidade, multicultural, quando tiveres família? Ou gostarias de enraizar como também já disseste?

P2: Gostaria de enraizar. Porque acho que é muito difícil este tipo de vida de andar de um lado para o outro. Acho que, ou seja, agora estava a lembrar, eu tenho um amigo que ele já viveu em catrefadas de sítios. É um amigo meu que eu conheço desde que sou pequena. O pai dele é embaixador e não sei que. Só que eu sinto que ele, é uma pessoa muito defensivo, no sentido em que, ele quando fala das experiências de andar sempre de um lado para o outro, que ele literalmente já viveu, viveu no Brasil, viveu em França, viveu Xangai, Indonésia, Dubai, tipo mesmo, em todo o lado. Lisboa. Tipo, pronto [ri-se]. Eu quando falo com ele, ele diz que adora o estilo de vida e que tipo..., que ele tipo, que adorou a viver em sítios diferentes, não sei que. Ou seja, parece esta sempre, foca-se sempre no lado positivo da coisa, porque parece que é aquilo que ele quer apresentar as pessoas, mas eu sei que no fundo não é verdade [ri-se]. Mas estou a dizer que eu sinto que às vezes pode ser difícil para certas pessoas tipo encararem talvez esta parte, as dificuldades, de ter andado...

E: Em vários sítios.

P2: Em vários sítios...

E: Mas acreditas que ele de facto não queria, não quer continuar esse...?

P2: Não sei! Não sei. Só sinto que certa forma faz uma espécie de uma máscara...

E: Sim.

P2: Tipo como se..., como se..., nunca tivesse havido nada tipo de mal...

E: Sim. E isso para ti é claro, ou seja, tu sabes que gostarias de ter um sítio onde ficar e enraizar?

P2: Sim, sim.

E: É um objetivo de certa forma?

P2: Sim, é um objetivo que gostava de conseguir, mas não sei se.... Ou seja, acho que vou ter que trabalhar muito para isso..., ou seja, sei que tenho algumas resistências. [ri-se]

E: Ok. E, agora de uma forma muito geral, quais é que são os teus sonhos e as tuas aspirações futuras?

P2: Ok, então. Sonhos e aspirações futuras. Gostava de ser psicóloga, psicoterapeuta. Portanto, psicanalítica. Gostava de trabalhar, em alguma instituição com crianças, não sei quando, mas pronto. Gostava também, eventualmente, talvez, futuramente, abrir tipo o meu próprio consultório. Gostava de- tenho tipo uma série de viagens que gostava muito de fazer, sozinha ou acompanhada. [Ri-se] O que mais? Gostava de poder explorar melhor tipo..., a minha criatividade. Que é uma coisa que tenho há muito tempo dentro de mim, mas que tenho tido alguma dificuldade em explorar isso. Não sei, eu gostava conseguir de produzir coisas que considerasse de jeito [ri-se]. Gostava, de como estávamos a falar a bocadinho, de encontra um

sítio, um grupo ou amigos, um namorado[ri-se]. Mas, ou seja, mais pensando em mim, tipo estas primeiras coisas que disse, profissionais.

E: Muito interessante. [Ambas sorriem] Isto é a entrevista. Mas eu queria ainda, *off-record*, fazer-te algumas perguntas em relação a entrevista.

P2: Sim ok!

E: Achas que houve perguntas que eu fiz que não foram relevantes?

P2: Uhm, não. Acho que foram relevantes. Aquilo que eu reparei foi por exemplo, algumas perguntas tinham, ou seja, referenciavam coisas que eu tinha dito. Mas depois tipo, tu logo esclareceste.

E: Ok. E há perguntas que tu achas que eu não fiz e que seriam bastante interessantes ainda fazer?

P2: Talvez. Eu não sei tipo, eu não fiquei a perceber muito bem qual era- ou seja eu sei que estás a estudar tipo a terceira cultura, não é? Mas não percebi muito bem, ou seja, o que estás a tentar relacionar com o que, o que estás a tentar perceber. Ou se é mais um estudo exploratório. Mas, tipo acharia, eu já pensei, agora ando a pensar o que vou fazer para a tese, e já pensei explorar este assunto, portanto é algo que eu recentemente tenho andado a pensar muito e por isso que quando me disseram que estás a fazer este estudo, eu disse, “Eu quero participar! Tipo eu quero!” [Ri-se]

E: Sim! [Ri-se]

P2: Pronto, e o que estava a pensar, achava interessante talvez relacionar, talvez mais explorar, isto pode ser já um bocado intrusivo, tipo assuntos mais talvez de saúde mental por exemplo.

E: Ok.

P2: Como é que tipo, perceber se houve algumas complicações. Tu mencionaste, falaste um bocado das dificuldades na adaptação e tudo mais, mas eu por exemplo, se eu fizer tese em relação a isto talvez eu vou tentar pegar mais pela parte da...

E: Explorar mais-

P2: Sim, explorar mais que impactos as mudanças podem ter mais ao nível da saúde mental.

E: Sem dúvida, sim.

P2: Mas isto é já- eu- são escolhas que se fazem.

E: Sim claro! Mas acho que é relevante sem dúvida. E qual é a tua opinião em relação, já percebi que tens de certeza uma opinião em relação a estas experiências multiculturais e o seu impacto na vida das pessoas?

P2: Acho que é complicado. Pelo aquilo que tenho andado a perceber, a estudar, pronto, por estar em psicologia. Acho que- acho que não se percebe muito bem o impacto que talvez mudar

pode ter tipo- especialmente em crianças e adolescentes, obviamente já se estudou alguma coisa. Mas não sinto que seja uma coisa muito bem, muito bem explorada. E essa coisa quando se fala tipo das perdas e tudo mais, sinto que, pessoas que mudam mais, estão mais suscetíveis a, talvez a essa, essa conceção de uma perda, que depois não sei se..., depois as implicações que também tem na identidade das pessoas e..., acho que é complexo, não sei.

E: Sim, ok! Chegamos ao fim, muito obrigada. Não sei se tens alguma dúvida ou comentário adicional, que ainda gostarias de fazer?

P2: Não, acho que ficou tudo.

E: Ok, muito obrigada, pela tua participação.

P2: De nada.

### ANEXO C: Transcrição da Entrevista P3

E (Entrevistador)

P3 (Participante 3)

E: Eu vou então fazer várias perguntas. Estás à vontade para responderes ao que quiseres. Não tens que responder a nada que não te sintas à vontade. É algo muito sobre a tua experiência, ok, para poderes explorar aquilo que viveste. E como já disse, queria agradecer pela tua presença, pelo teu interesse em participar no estudo.

P3: Claro, Sim!

E: Inicialmente queria então perguntar mais em relação às dimensões ou fatores demográficos. Então, qual é a tua idade?

P3: Tenho vinte-cinco anos.

E: Ok, vinte-cinco anos. E teu estado civil?

P3: Solteira. [Ri-se]

E: Quais são as línguas que sabes falar?

P3: Então, para isso preciso de contar a minha história, posso? Ou, é melhor não contar? [Ri-se]

E: Sim, sim! Podes contar quais é que são e como é que as aprendeste a falar.

P3: Claro! Eu- quando a \_\_\_\_\_ me falou deste tema de crianças terceira cultura, que ela me disse que estavas a fazer a tua tese sobre isso, achei *super* interessante porque eu e a minha irmã, sempre nos sentimos muito desadaptadas em vários sentidos, culturalmente sobretudo. Umam amigas há três ou quatro anos deram-me um livro, chamado “*Third Culture Kids*”, e já não me lembro...era “*Third Culture Kids*”, dois pontos e mais alguma coisa que já não me lembro..., mas era mais alguma coisa.

E: *Growing Up Among Worlds?* Será?

P3: Isso! Exato! Há esse, e deram-me muito outro que era sobre arte, *TCK's* e arte. Eu posso te dizer o nome, eu tenho os dois em casa, mas não me lembro exatamente agora. Mas quando eu li esses dois livros fiquei tipo “Ó Meu Deus! Alguém me entende! Eu não sou estranha!” [ri-se] E eu mostrei a minha irmã e ficamos as duas “Ó Meu Deus!” Então havia uma explicação para muitas coisas que sentimos, e logo depois... Não, logo depois não. Mas recentemente no aniversário de um amigo, estava nos anos dele, e estávamos num grupo misturado de pessoas. E eu e a minha irmã, uma coisa que costumamos muito fazer que é muito “*Third Culture Kids*” é que os nossos pais são brasileiros, mas nós vivemos aqui há muito tempo, então quando eu estou com brasileiros eu mudo para o sotaque brasileiro, e as pessoas ficam sempre tipo “o que?” E foi o que aconteceu com a \_\_\_\_\_ quando estava a falar com ela sobre isso também porque ela disse que tinha vivido em Angola, e ela era do Brasil também. Então falamos muito sobre isso e eu passei a noite toda a falar com ela, que ela se identificava também muito

com essas coisas e foi muito, muito bom. Mas então, eu nasci no Brasil em 1993. Com seis meses fomos para o Chile, durante um ano. Com um ano e meio fomos para os Estados Unidos, quase dois anos. Ficamos lá até aos seis. Então nessa altura eu falava com os meus pais português brasileiro, e inglês na escola. Não, alias inglês com as pessoas do *nursing school*. E depois ainda fomos para o Liceu Francês, por isso ainda falamos francês na escola. Depois nós fomos para o Brasil outra vez, com cinco anos e fiquei lá até aos nove. Aos nove fomos para a Guatemala, e aí aprendemos a falar espanhol até aos treze/catorze. Aos treze/catorze viemos para Portugal e eu estou aqui há dez anos e tal. Então aprendi a falar português brasileiro e de Portugal, [ri-se] espanhol, inglês e francês em idades muito pequenas. Eu com catorze anos já falava isso tudo, e eu e a minha irmã até tivemos que ir ao fonoaudiólogo, porque misturávamos as línguas. É como a terapia da fala. Porque misturávamos tudo. Entre nós falávamos uma mistura. Falávamos cada uma das línguas, e dos sotaques e tudo. E os meus pais tipo “Não! Vocês precisam de separar o que é o que.” E eu lembro-me de ter muita dificuldade quando eu era criança, mas depois, obviamente com a escola e com tudo, fomos apreendendo cada uma das línguas, a sua maneira. Mas então é isso, hoje em dia falamos, sei lá, quatro contando com o português que é misturado.

E: Então foi apreendido em contexto escolar e também em casa. O Português claramente em casa.

P3: Sim, exato.

E: Ok, e tu disseste que eras Portuguesa? Qual é a tua nacionalidade?

P3: Não, Brasileira!

E: És mesmo brasileira.

P3: Vamos ter a dupla nacionalidade agora. Mas até hoje eu só tenho nacionalidade brasileira só que eu vi lá só quatro anos quando era muito pequena, então é engraçado porque no fundo tenho mais ligações aqui agora.

E: Então têm todos nacionalidade brasileira em casa também?

P3: Sim, o meu pai tem nacionalidade brasileira. Porque o meu pai é diplomata, por isso é que e isso significa que ele não pode pedir nacionalidade de outro país, porque como ele está a serviço do estado não pode. Só eu e a minha irmã agora é que pedimos o ano passado, e vão nos dar agora.

E: Ok, muito bem, pois a minha outra pergunta era, quais é que eram os motivos dessas mudanças? Era por causa da profissão do teu pai.

P3: Sim, exato.

E: Todas as mudanças foram por isso?

P3: Todas. Sim.

E: Também agora para Portugal.

P3: Sim, tudo, tudo.

E: Então os teus pais ainda residem cá?

P3: Não. Estão em Madrid agora. Eles ficaram em Portugal só quatro anos. Eu e a minha irmã decidimos ficar mais porque coincidiu com o momento que estávamos a acabar a escola. Nós viemos para cá com treze/catorze e eles ficaram até nós termos dezassete/dezoito. Foi quando se entra na universidade, então nós entramos na universidade e eles foram para Itália durante três anos, depois foram para o Brasil durante dois anos e agora estão em Madrid durante três anos.

E: Muito bem. Já descreveste um pouco por alto da tua escolaridade. Mas para ir mais a fundo, podes fazer uma breve descrição cronológica das escolas em que tu andaste, da primeira até agora?

P3: Então, eu tenho muito boa memória, eu não sei porquê. Não sei se é por isso das mudanças, mas eu acho que tenho muito boa memória das escolas. Da primeira que me lembro foi nos Estados Unidos, era o Liceu Francês de Nova Iorque. Lembro-me da entrada. Mas é para descrever?

E: Quais os tipos de escolas que frequentaste? Durante quanto tempo?

P3: Foi sempre o Liceu Francês.

E: Ah ok! Em todos os países?

P3: Sim em todos os países, porque o meu avô também era diplomata. Então o meu pai também passou por essa coisa de mudar muito e a solução que eles encontram foi manter sempre o mesmo sistema de ensino, foi estar sempre no Liceu Francês, porque é sempre igual. Quer dizer, a lógica é sempre igual.

E: Sim, faz sentido.

P3: Então andei no Liceu Francês, nos Estados Unidos, no Brasil, na Guatemala, em Portugal. E é isso.

E: E como é que tu sentes que foi a tua adaptação entre estas culturas? Até podes distinguir em cada país.

P3: Sim. Nos Estados Unidos não me lembro porque tinha dois anos. Eu só me lembro no primeiro dia de aulas eu não querer nada. Eu querer a minha mãe e chorar muito. Lembro-me disso. Depois, para o Brasil de volta, lembro-me pouco mas lembro-me que foi muito doloroso. Lembro-me sempre que foi muito doloroso, se eu tivesse de escolher uma palavra. Foi sempre horrível, sobre tudo antigamente quando não havia maneira de falar com as pessoas, o meu pai dizia..., sempre que eu e a minha irmã nos queixávamos disso ele dizia “Ah vocês pelo menos têm mais ou menos uma forma de comunicar por email ou o que for.” E ele dizia, “Quando era eu, eu despedia-me das pessoas e era para sempre. Era muito improvável eu voltar a ver aquelas

peças.” Uma ou duas talvez, mas era muito improvável voltar a ver aquelas pessoas outra vez. Do Brasil para a Guatemala é a primeira que me lembro mais, com mais força.

E: Tinhas que idade? Relembra-me.

P3: Nove anos! É isso. Essa é uma das mais marcantes para mim. Porque nós não falávamos espanhol. Então tivemos de aprender espanhol com nove anos e senti muito pressão e no início não sabia e falava francês com as pessoas na escola. E lembro-me de ser um bocado difícil, e certa altura começaram a falar comigo em espanhol. E quando saímos da Guatemala eu sentia-me mais Guatemalteca do que outra coisa. Eu falava espanhol, era a minha língua que eu tinha mais presente. E depois viemos para Portugal e no início havia essa coisa do sotaque porque nós viemos com treze/catorze, ainda deu para tipo entrar no nosso cérebro como se fosse outra língua, sei lá. Mas no início eu sentia alguma dificuldade. Eu e a minha irmã no início misturávamos o espanhol com português do Brasil e depois o português de Portugal e ficou uma mistura [ri-se]. Uma coisa engraçada, no liceu francês havia duas turmas de português. Havia Português de língua materna e outra que era português de língua estrangeira porque havia muitos franceses. E eu e a minha irmã fizemos o teste, e nós somos brasileiras e devíamos ter ficado com português de língua materna, mas ficamos com português de língua estrangeira porque estava tudo misturado. Os meus pais ficaram tipo “Ah! Não acredito!” [ri-se] Bom, depois fizemos isso, e pronto, ficamos lá. A de Portugal também me lembro muito no início o sotaque ser complicado, agora já dominamos, mas enfim, no início não. E lembro na Guatemala as pessoas eram muito..., a nossa escola era muito pequena. Então toda a gente se falava, toda a gente era amiga, independentemente do ano, de tudo. E aqui não. Aqui o liceu francês era muito..., sei lá, havia grupos e as pessoas não falavam umas com as outras. As pessoas eram muito mais frias. Também com a idade, nós chegamos aqui com treze, então as pessoas estão na adolescência e começam a ter uma atitude diferente. Na Guatemala demoramos cinco minutos a fazer amigos. Em cinco minutos já tínhamos amigos na turma. Aqui demorou mais. Demorou muito mais.

E: Se pensares nestas várias experiências, o que sentes que tu perdeste ao longo destas experiências? Algumas das tuas perdas?

P3: Ah! Eu no livro... não sei se isso é *bias*, mas nesse livro eu li uma coisa muito interessante que é “*os hidden losses*”. Que é a ideia que as perdas que são mais claras para nós são tipo perder o país, os amigos, etc... Mas há uma série de pequenas perdas que são muito sutis... não sei se leste sobre isso? [ri-se]

E: [Ri-se]

P3: Tipo os cheiros, cores, sensações que são muito específicas de um país, ou de um local ou de um momento também da nossa vida. Houve duas histórias engraçadas recentemente que me fizeram pensar nisso. Uma delas foi agora que os meus pais voltaram para o Brasil durante dois anos, eu fui visitá-los. E quando entrei na casa da minha tia e a abri a porta, veio um cheiro. E esse cheiro era o cheiro da casa da minha tia. Eu já não me lembrava desse cheiro, e automaticamente *triggered* memórias de quando tinha nove anos, ou oito, e brincava lá. E eu tipo “Ó meu Deus! Não me lembrava desse cheiro.” Eu tinha perdido esse cheiro. Uma outra

coisa engraçada que aconteceu recentemente foi, quando tínhamos sete anos aprendemos a andar de bicicleta no Brasil. E lembro-me que havia uma rampa atrás da nossa casa, que era uma rampa gigante. E todas as crianças do bairro aprendiam a andar de bicicleta nessa rampa, e era tipo super assustador. E quando alguém finalmente conseguia descer a rampa, era uma prova que a pessoa conseguia andar de bicicleta, e era tipo superperigoso, não sei que. [Ri-se] E quando os meus pais voltaram, eles foram para um prédio que era atrás do prédio em que nós tínhamos vivido. Então comecei “Ó meu Deus!”, e a chorar a ver tudo e a lembrar-me de tudo. “Mãe eu quero muito ver a rampa.” E a minha mãe “Ah ok, é ali atrás”. Eu fui ver e eu fiquei tipo meia hora a procura da rampa. “Mãe *cadê* a rampa?” E ela, “Essa é a rampa.” [Ri-se] E era uma coisa tipo minúscula, não era nem uma rampa. Era tipo uma pequena inclinação. E eu tipo, “Não, isso não! É muito maior que isso”. E ela “Não, não! Essa é a rampa...” E eu..., ó meu deus..., na altura parecia gigante e não havia nada. Eu na altura até pensava, como é que os meus pais me deixam andar nessa rampa tão perigosa. E agora obviamente eles deixavam, não é nada perigoso.

E: [Ri-se] Sim, é muito giro. E o que sentes então que ganhaste dessas experiências todas, multiculturais?

P3: Línguas. Eu sinto que tenho uma capacidade muito boa para línguas. E eu acho que isso é um tipo de coisa, é uma lógica que se treina quando se é muito pequeno. E uma coisa também eu acho que é a empatia, porque eu tive que conviver sempre com pessoas tão diferentes. Uma pessoa em Guatemala não tem nada a ver com uma pessoa em Lisboa. Não tem nada a ver com uma pessoa no Rio. Não tem nada a ver com uma pessoa nos Estados Unidos. E eu e a minha irmã sempre nós tivemos que adaptar muito para conseguir entender pessoas muito diferentes. Então eu sinto que tenho uma capacidade de falar com pessoas muito diferentes, e entender pessoas muito diferentes.

E: Sim, isso faz muito sentido mesmo. Tu falaste então dessas várias escolas, Liceu Francês. Sentias que havia uma população que era portuguesa e francesa, ou havia um ambiente internacional?

P3: Aqui?

E: Sim. E nas várias escolas.

P3: Portuguesa só aqui.

E: Sim. Mas havia sempre franceses, normalmente?

P3: Sim, franceses. Quer dizer, na Guatemala era 99% Guatemaltecos e 1%... Não ok. 95% Guatemaltecos e 5% estrangeiros. E dentro dos estrangeiros, os franceses, mas não havia muitos franceses. Aqui em Portugal por ser mais perto de França, havia muitos franceses. Quando eu cheguei eram tipo 55%, ou talvez 60% portuguesas e 40% franceses. Ok 59% portuguesas, 40% franceses e 1% estrangeiros que não fossem nem um nem outro. Mas agora parece que com a vinda de muitos mais franceses, alguém me disse recentemente que está 70 – 30. 70 de franceses e 30 de portuguesas. Porque em França há uma lei que a escolaridade é obrigatória, gratuita e não sei o que. E quando os *expatriates* franceses estão noutros países, como as escolas estão

ligados ao ministério de educação francês, é obrigatório que elas aceitem os alunos franceses. Então como tem vindo muitos franceses, eles têm ocupado as vagas e tem havido menos vagas para os portugueses nos últimos anos. Mas sim, na Guatemala era a maioria guatemaltecos e uma percentagem francesa. Aqui era 60-40. No Brasil era, também era como na Guatemala, eram mais brasileiros. Nos estados unidos eram mais americanos na verdade. Não! Nos estados unidos era mais..., mais proporcional, não sei. Por isso foi variando, também, mesmo isso.

E: Em relação as tuas amizades que tiveste na tua infância, na tua adolescência. Quais achas que são as características principais?

P3: Dos meus amigos?

E: Sim. Da tua infância-

P3: Eu acho os meus amigos muito diferentes, por ter conhecido pessoas muito diferentes. Mas eu identifico-me muito com pessoas que também tiveram essa experiência. Por exemplo, com a \_\_\_\_\_, eu identifiquei-me logo. Eu só a vi uma vez, mas foi tipo, ó meu deus! Uma empatia instantânea, por ela entender essas coisas também.

E: Por ter uma experiência parecida.

P3: Exato.

E: Dessas amizades, quais é que achas que são alguns dos ganhos ou facilidades que consegues identificar?

P3: Ganhos ou o que? Desculpa?

E: Ganhos ou facilidades, que tu consegues identificar. Mencionaste neste caso, uma pessoa que tu conhecestes e que sentiste logo empatia porque sentiste que havia uma experiência em comum. Mas talvez também haja outras coisas ao longo dos anos, portanto na infância, na adolescência e na vida adulta, que sentes que há ganhos.

P3: Nas amizades que eu tive?

E: Sim.

P3: Essa pergunta é difícil. Não sei, eu- É isso, eu conheci muita gente muito diferente, e eu sinto que isso me deu muitas perspetivas muito diferentes. Eu no ano passado fiz ERASMUS em França, porque tinha essa ligação com a comunidade francesa e nunca tive em França. Então eu achei que valia a pena eu ir, e identifiquei-me muito. Senti-me *super* em casa. Também porque como eu tinha muitos amigos dos liceus franceses, muitos deles foram estudar lá. Então no fundo eu encontrei- em Paris foi uma loucura. Eu encontrei amigos do Brasil, do liceu francês do Brasil, amigos do liceu francês de Portugal, amigos do liceu francês da Guatemala. Dos Estados Unidos não porque eu era muito pequena, enfim. Toda essa comunidade dos liceus franceses do mundo eu encontrei lá. Eu vivi na resi- Eu tive uma experiência muito boa também porque eu vivi num lugar que se chama “Cidade Universitária”. Não sei se conheces?

E: É aonde?

P3: É no *quatorzièm, Cité Universitaire*. E é um campus gigante com- Eu senti-me completamente em casa porque toda a gente ali tem essa experiência mais ou menos porque são residências de estudantes por país, divididas por país, e no centro há uma casa que se chama Casa Internacional que é uma casa onde há pessoas de todos os países. E há volta da casa do Brasil, casa de Portugal, casa dos Estados Unidos, casa do Canadá. E em cada residência há 70% de residentes da nacionalidade da casa, e 30% estrangeiros para haver um *mix* cultural também. E eu era para estar na casa do Brasil ou na de Portugal, mas afinal puseram-me no 30% de estrangeiros da casa do Canadá. Então eu vivi com canadianos durante esse tempo. E havia um rapaz que era sírio, e ele era refugiado sírio. Eles davam (inaudível 17.06), ele teve de fugir, então depois foi para Paris. Havia canadianos, havia mexicanos, havia brasileiros, havia uma mistura. E também foi incrível porque pude conhecer pessoas também muito diferentes e ter também essas perspetivas, acrescentar também essa perspetivas tipo do mundo, que eu consegui pelo menos entrar em contacto com.

E: Sim, wow, mesmo incrível. Agora uma pergunta assim mais pessoal. Como responderias à pergunta “*Quem sou eu?*”

P3: Ai! Isso é uma grande questão. [Ri-se] Eu acho que agora sobretudo, eu acabei o mestrado no ano passado e comecei a trabalhar e não sei quê... E agora essa questão tem se colocado muito, porque eu sinto que a nossa geração vive muito essa ansiedade de- Eu tenho falado com um amigo de psicologia, e disse que estava a ter uma crise existencial e de identidade. E uma das coisas que ele me disse foi, “Talvez essa tua crise tenha sido desencadeada por teres que trabalhar, procurar um emprego, e então estás a definir a tua identidade profissional. “Quem sou eu profissionalmente?” E isso *triggers* uma série de perguntas essenciais.” E essa pergunta de “Quem sou eu culturalmente?”, não sei porque, mas eu tenho pensado muito nisto. Porque os meus pais vão voltar agora para o Brasil outra vez, e eu gostaria de voltar porque no fundo eu vivi lá pouco tempo e no fundo, no papel eu sou brasileira. Então eu tenho todo esse tipo coiso de voltar ao meu país, conhecer o meu país. “Será que eu sou dali? Será que eu sou daqui? Será que eu sou da Guatemala? Será que eu sou uma mistura de tudo?” E essas perguntas tem me..., tem me...

E: Tem surgido...

P3: Tem surgido muito nesta altura da minha vida, mais do que noutras alturas. E eu acho que no fundo..., eu acho que no fundo temos de aceitar que somo um pouco de cada uma das coisas que vivemos. E o que conta mais é as experiências que tivemos, mais do que um papel ou *whatever*, mas..., mas eu não tenho de ser nada. Não tenho de ser brasileira. Eu não tenho de ser portuguesa. Eu não tenho de ser guatemalteca. Eu posso ser uma mistura de tudo o que eu vivi, que é o que eu sinto que me representa mais. É dizer que eu sou um pouco de cada coisa.

E: Então onde é que sentes que pertences?

P3: Ah, é isso, não sei! [Riem-se] A minha resposta vai ser, todos esses países incluídos.

E: Todos esses países. Um pouco em todo o lado.

P3: Sim.

E: E como é que descreves casa?

P3: Um lugar onde as pessoas que eu amo estão. Onde estou com as pessoas que eu amo. É mais as pessoas do que o lugar.

E: Sim, ok.

P3: Mais o sentimento. Eu tenho uma amiga que tem um projeto muito interessante chamado “*dreampire*”. Que é um projeto sobre sonhos. Ela filma pessoas a contar sonhos que tiveram. Sonhos que tiveram na semana passada, há um mês, um ano, o que for. Um sonho do qual se lembrem. E o primeiro sonho que lhe contei foi um sonho que tenho muito. Eu sonho muito que eu estou em casa, o sentimento de estar em casa e depois é a casa de Guatemala. Ou é a casa do Brasil. Ou é a casa de Portugal. Ou é a casa dos Estados Unidos. E quando eu acordo, é sempre uma casa diferente então eu nunca sei qual delas é, constantemente a minha casa. Mas eu acho que a da Guatemala foi muito marcante porque era uma casa muito grande com um jardim enorme. Foi a primeira vez que tivemos uma cadelinha. Eu e a minha irmã queríamos uma cadelinha há muito tempo. E foi a primeira vez que tivemos a Ninha. E, não sei..., essa casa deu-me uma sensação muito “casa”. E normalmente quando eu penso em casa, é nessa que eu penso. Normalmente quando eu sonho, muitas vezes é essa. Mas esse projeto é interessante porque ela tem uma base de dados de mais 3,000 sonhos. Ela é húngara, então ela filmou em Budapeste, filmou em Berlim, em Londres, aqui, no Brasil, em vários lugares. E o objetivo da coisa dela é ser uma, pode ser uma base de dados para investigação de psicologia ou antropologia, que é- eu fiz antropologia, ou sociologia, ou o que quer que seja. E também ser uma social network para conectar pessoas com sonhos parecidos, tipo com *tags*. Eu sonhei com um dragão, *hashtag* dragão, *hashtag* Paris, sei lá. E juntar tudo, e conectar muitas pessoas com os *hashtags* em comum. É muito interessante.

E: É muito interessante, muito giro mesmo, wow. Em relação agora a tua vida adulta, ao presente. Já ouvi que tiraste um curso aqui na NOVA. Tiraste antropologia?

P3: Sim. Eu na verdade no início fiz relações internacionais, porque queria ser diplomata também. No início tinha essa ideia. Depois eu percebi que eu gosto disso de várias culturas, etc., mas mais numa perspetiva antropológica, do que numa perspetiva de relações internacionais. Então fiz um mestrado em antropologia, e acabei no ano passado.

E: Então tens a licenciatura realmente feita em Relações Internacionais, e agora o mestrado em antropologia.

P3: Sim, exato!

E: O que motivo- quer dizer, já explicaste a tua escolha do curso. Foi precisamente a tua experiência.

P3: Sim, para relações internacionais. E depois antropologia foi isso, porque relações internacionais é muito focado nas instituições, na parte política, na parte mais burocrática. E o que me interessa mais são as pessoas, então antropologia tem essa abordagem mais...muito mais...

E: Humana...

P3: E de empatia pelo outro.

E: Porque aqui em Portugal, Lisboa?

P3: Eu escolhi- quer dizer, eu estava aqui em Lisboa quando acabei o secundário, e os meus pais foram para Itália, mas eu não queria- eu não sabia falar italiano e não queria mudar-me outra vez, pela milésima vez, de país. Então eu e a minha irmã decidimos ficar aqui. Decidimos ficar aqui por isso e depois o mestrado eu já estava a fazer a licenciatura aqui e entrei em contacto com vários professores do mestrado de antropologia e fiz aqui também. Mas fiz um ano de ERASMUS em Paris. Na licenciatura eu fiz um semestre no Rio também. Intercâmbio no Rio.

E: Quais é que são as tuas escolhas- aliás, agora disseste trabalho. Estás a trabalhar aonde?

P3: Estou a trabalhar numa organização internacional que se chama Organização de Estados Ibero-Americanos, que fica aqui na 5 de outubro. Mas é uma organização que já existia na Ibero-América...enfim, países ibero-americanos, América Latina, Portugal e Espanha. E abriu- Portugal já é membro desde 2002, mas abriu aqui no ano passado e eles precisavam de pessoas para ajudar no escritório e eu comecei a trabalhar lá. Eu estou a fazer comunicação lá. Mas estou lá só part-time, só de manhã. Porque eles não têm muita estrutura para contratar muita gente agora. Não têm muito orçamento e coisas assim.

E: Planeias ficar nesta instituição? Ou o que planeias em termos vocacionais? Quais são os teus objetivos, sonhos?

P3: Não sei agora. Estou mesmo numa crise. Acho que gostaria muito de fazer- Não! Eu sei que gostaria muito de fazer um doutoramento em Antropologia. Só que ainda não defini bem o tema. Então enquanto estou a trabalhar agora part-time, a minha ideia é durante o resto do dia, procurar... Quer dizer, começar a escrever coisas...

E: Fazer investigação, ok. Atualmente resides cá em Lisboa. Mas mencionaste também queres eventualmente voltar para o Brasil.

P3: Sim, talvez.

E: São esses então os dois locais de residência? Ou pensas e sonhas também noutros sítios onde gostarias de residir?

P3: Há três lugares que estão na minha mente: Portugal, Brasil e França. França por ter feito lá ERASMUS e por saber falar francês. Brasil porque os meus pais vão para lá agora também e Portugal porque é onde eu e a minha irmã estamos. E é o lugar onde vivi durante mais tempo. Vivo aqui há dez anos e foi o máximo de tempo que eu já vivi em algum país.

E: Sim. Em relação aos teus relacionamentos amorosos, não sei se estás ou não a namorar agora atualmente?

P3: Não, mas numa meia relação, sim..., mas não...

E: Sim, ok. Quais é que são as características e as qualidades que tu procuras numa pessoa?

P3: Uhm...[pausa] Uhm...[ri-se] Empatia. Ser uma pessoa compreensiva, uma pessoa...uma pessoa compreensiva e., é isso. Com- não sei. [ri-se] (Inaudível 25:48-51) um pouco mais. Mas sim, compreensiva, empática, uhm... Uma pessoa que seja boa com os outros, que seja inteligente, e que seja uma boa companheira. Acho que é por aí. Mas é difícil essa pergunta. [Riem-se as duas] Porque sei lá...a pessoa com quem estás- não sei, nunca- quer dizer já- mas é mais difícil generalizar assim...

E: Sim claro. Pode é haver coisas importantes para ti, que sentes que tiveram presentes nos relacionamentos que tiveste, ou que quando não estás com ninguém, que pensas e procuras. Acho que vai mudando durante os anos possivelmente. Quando somos adolescentes, quando somos adultos, etc...

P3: Sim, eu acho que gosto de pessoas com alguma energia, determinadas, mas não pessoas muito, excessivamente, sei lá...*out there*. Mais tranquilas e com mais capacidade de conversar. Que não sejam muito intransigentes nas suas ideias.

E: Ok. E em relação as tuas amizades, quais é que são também essas qualidades e características que tu mais procuras ou mais valorizas nas pessoas?

P3: Ser *open-minded*. Ser curioso. Ser recetivo a ideias novas. Ir evoluindo conforme as coisas, não ser aquelas pessoas muito fixas nas suas coisas. É isso, não ser muito intransigente. Estar disposta a evoluir e ter uma abertura de espírito.

E: E sentes que atualmente tens contacto com ambientes internacionais, ou procuras ter?

P3: Eu acho que eu tenho sempre porque, mesmo na internet, eu falo muito com amigos de vários países e essa pessoa com quem eu estou mais ou menos, está no Rio, está no Brasil também. Então falamos tipo, estamos a distância, mas falamos quase todos os dias. Eu acho que inevitavelmente o meu mundo é todo misturado, entre vários lugares.

E: Então manténs contacto com pessoas que foste conhecendo ao longo dos anos.

P3: Sim, sem dúvida.

E: Continuas hoje a ter essas amizades.

P3: Sim, claro, claro! Sobretudo com os da Guatemala, porque nós vivemos lá dos nove aos quatorze. Então é tipo fim da infância e início da adolescência. E por exemplo, duas amigas minhas da Guatemala estão agora em França. Uma delas está em Barcelona na verdade, e outra está em França porque estão a estudar lá. E eu já não as vejo- essas duas amigas em especial, não tinham saído da Guatemala desde que eu fui embora. Então não as vejo há tipo, dez anos, nove anos. E quero muito ir vê-las e vamos combinar ou em Espanha ou aqui, ou no sítio que der mais jeito a todas, para nos vermos.

E: E mantiveram contacto este tempo todo?

P3: Sim! Sim, sim! [ri-se]

E: Incrível! Em relação ao futuro, não sei se sonhas ou não em criar família e em ter filhos, se sim, quais é que são os objetivos que tens, o que sonhas para a tua família? E quais é que são talvez alguns valores principais que gostarias de transmitir as tuas crianças, aos teus filhos?

P3: [ri-se] Eu acho..., sim, eu acho que sim. Eu não tenho nada de muito estruturado, mas eu acho que sim. Pelo menos ter uma pessoa com quem estou. Ou seja, pelo menos ter um relacionamento permanente com alguém e..., uhm- Valores. Não sei. Tenho aprendido muito, resiliência. Ah! Isso é uma coisa, alguém me disse recentemente que achava que eu era muito resiliente. E eu fiquei- sei lá, eu não esperava essa palavra. E falaram isso das mudanças, e é verdade, é muito duro, quando se é criança, passar por isso é muito, muito complicado. E acho que desenvolvemos uma resiliência muito forte. E isso é um valor que prezo muito. Uhm..., resiliência, abertura de espírito. É isso, não desistir das coisas. Determinação. Acho que é isso.

E: E gostarias também de certa forma continuar a ter este estilo de vida global-

P3: Sim!

E: ...quando tiveres família?

P3: Sim! Eu não consigo viver de outra forma. Já está muito impregnado no meu cérebro, mas eu também acho- Ah! Uma coisa importante. Eu acho que pessoas TCK, que migram muito, desenvolvem uma relação muito especial com a família. Porquê? Estamos sempre num contexto completamente novo, mas há três pessoas no meu caso, que estavam sempre lá. Minha irmã, meu pai, minha mãe e a \_\_\_\_\_. A \_\_\_\_\_ era a nossa empregada, babá, que cuidava de nós quando eramos crianças, e ela viajou sempre connosco. Então a \_\_\_\_\_, meu pai, minha irmã, e a nossa cadela que faleceu recentemente, eram o núcleo. Nós sempre mudávamos, a nossa cadela era super internacional. Ela viveu em Itália, foi para o Brasil, foi- e uhm, eu acho que isso nos aproximou muito uns dos outros. Então a minha irmã por exemplo, minha irmã é gêmea, então sempre que éramos novas na escola, *the new kid in school*, eu pelo menos tinha a minha irmã, que era a outra *new kid*, então eu sentia-me menos sozinha.

E: Havia esse apoio mútuo constante.

P3: Exato! A única coisa é que o Liceu Francês separava gêmeos porque eles diziam que, se não separassem em turmas diferentes, não se iriam socializar ou *whatever*. Então ela muitas vezes não estava na minha turma, mas estava na minha escola.

E: Em relação mesmo ao futuro, geralmente, quais é que são ainda alguns sonhos e aspirações que tu tens?

P3: Eu confesso que eu ainda não apaguei completamente do meu cérebro a ideia de tentar a carreira diplomática. Eu gostaria de fazer um doutoramento em Antropologia, mas talvez também tentar a carreira diplomática. Eu acho que isso ficou muito- não sei se isso vai acontecer, mas ficou muito no meu..., como uma das minhas ideias para o futuro.

E: Ok, obrigada! Isto é a entrevista. Gostei muito. Agora “*Off Record*”, por assim dizer, eu queria perguntar se tu sentiste que houve alguma pergunta que eu fiz que não fez muito sentido ou que poderia ser diferente?

P3: Não. Não, eu achei todas elas muito boas. Eu vi, na altura que eu li o livro- Ah! duas coisas. Uma delas é aquela dos poemas, que foi engraçado porque era uma compilação de poemas, ou desenhos, ou peças de arte feitas por TCKs. E uma amiga minha, que é brasileira, e cujo pai conhecia o meu, porque os dois eram diplomatas do Brasil, participou. Ela fez um poema, um texto. E a outra coisa era sobre, desculpa era sobre- Ah! Há um filme chamado “*Where’s home?*”, não sei se conheces? Eu adoro esse filme. É uma curta metragem que está no *vimeo*, que é uma pessoa que pergunta tipo, “*Where’s home?*” e as pessoas ficam super atrapalhadas e eu identifico-me porquê das perguntas que me deixa mais ansiosa é “de onde é que tu és?”. Não sei responder bem a isso, do Brasil, Portugal, Guatemala, não sei. É um pouco confuso.

E: Achas que havia ainda alguma coisa que poderia ainda perguntar, que tu lembres que seria interessante falar?

P3: Uhm..., [pausa] uhm..., não sei eu- deixa-me pensar. Eu pensei muito nisto numa certa altura então talvez possa-me surgir alguma pergunta. Mas uhm..., eu acho- há também aquele problema- quer dizer, aquela sensação, do tipo, nunca se sentir- é que aqui eu sinto-me daqui, mas ao mesmo tempo não muito, porque eu só vim para aqui com catorze anos. Antes nunca tinha vindo para Portugal na vida. E, [ri-se] e do Brasil eu sinto, mas eu só vivi lá quatro anos. A minha família é toda de lá. Quando estou com a minha família sinto-me brasileira, mas quando eu não estou, tipo é quase a minha identidade brasileira vem da minha família. Quando eu estou sem a minha família- se eu agora chegar ao Brasil, iria sentir-me um bocado estranha porque eu não conheço as coisas tipo, o meu pai é do Rio e a minha mãe é de Petrolina que é uma cidade do Nordeste. Se eu chegar ao Rio agora, eu não- tipo eu conheço o bairro em que nós vivíamos, mas eu não conheço muito tipo as ruas- Ah! Uma coisa que eu e a minha irmã vivemos muito é referências culturais, há muitas que eu não faço a menor ideia. “Ah, aquela música quando tínhamos dez anos.” Eu não sei, eu não estava cá. Ou mesmo aqui em Portugal também. Tudo o que for antes dos catorze, as pessoas falam de *Doraemon*, eu nunca vi isso, eu não sei. Ou de sei lá o que, desenhos animados, coisas infantis- Ah! A expo 98, as pessoas falam disso, eu não estava cá, eu não faço a menor ideia. Eu sei o que é porque já ouvi, mas não vivi isso. E as pessoas acham, assumem sempre que eu vou saber. Quando eu digo que sou brasileira, as pessoas falam sobre coisas que eu as vezes não faço a menor ideia sobre o que é. Então há sempre esse sentimento de eu não sei completamente tudo em nenhum lado. Só sei partes de coisas.

E: Sim. A minha última pergunta: qual é em geral a tua opinião em relação a estas- já percebi que leste muito, e estas também muito numa de autoconsciência durante este tempo. Qual é então a tua opinião em relação a estas experiências multiculturais, em relação ao impacto que elas têm sobre as vidas das pessoas que passam por estas experiências?

P3: Primeiro eu acho que cada vez mais isso vai acontecer, porque as migrações no mundo estão a tomar proporções gigantescas e- Ah! Uma coisa muito importante é que eu passei por essas coisas, mas num contexto muito privilegiado. Porque o meu pai era diplomata e isso era

tipo outra coisa. Imagina, este amigo que eu conheci em França que é refugiado, também mudou de país, mas numa situação completamente diferente, por isso, para já eu tive muito privilégio, conforto material nunca me faltou nada. Nunca fugi por causa de uma guerra, nem nada disso. E eu acho que isso é, apesar de ser difícil psicologicamente, não tem nada a ver com o sofrimento dos outros. Eu acho que é uma coisa que vai acontecer cada vez mais e eu acho que dá *skills* boas de adaptabilidade e de resiliência e de abertura de espírito. Mas ao mesmo tempo tira algumas coisas como sentimento de segurança, porque- Ah! Uma coisa que- Ah! duas coisas aliás. Uma delas, como eu fica normalmente quatro anos em cada país, eu habituei-me a certa altura a sentir que tudo era transitório. Então quando fez quatro anos que estava em Portugal, está quase tipo “Ah, ok e agora?”. Mas depois entramos nas universidades eu pensei “Ah ok, afinal agora não.” [ri-se] Depois fomos para o Brasil durante 6 meses e houve uma altura que eu achava que ia ficar lá. Mas de quatro em quatro anos tenho este tipo alarme, “*Ring!* Já passou o tempo!” E eu tenho que fazer o esforço, “não pera, isso já acabou”. Os meus pais- eu já não vivo com os meus pais, então já não há essa coisa. E os meus pais falavam sempre muito de voltar ao Brasil. Eles falavam sempre muito sobre isso então no meu cérebro há sempre muito aquela coisa de voltar ao Brasil mesmo que já não vá acontecer ou vá acontecer, mas por outras razões, porque eu quero e não porque eles me vão obrigar. E esse sentimento de ser *powerless* também, porque eles tomam uma decisão de irmos e ninguém pergunta tipo se eu quero ir ou não. É tipo, vamos ponto final. “Mas os meus amigos? Mas a minha escola?” Há essa coisa da criança que não podes fazer nada para parar isto. Eu não tenho controlo.

E: Sentimento de impotência. Falta de controlo

P3: Sim. Então eu sinto isso, falta de controlo. Eu tenho dificuldade em controlar a minha vida, porque eu sinto que eu não posso. Mas agora como adulta já posso.

E: Já sentes então que conseguiste encontrar isso?

P3: Estou a trabalhar nisso, mas sim. [ri-se]

E: Ok. [Sorri]

P3: Mas pelo menos eu já tenho a noção que eu posso controlar. E antes eu sentia que não podia. E isso já é bom. [ri-se]

E: Sim, é, muito importante. [sorri] Olha, muito obrigada! Não sei se tens alguma questão ainda? Algum comentário?

P3: Não, só que eu acho muito incrível a tua ideia de fazer este projeto.

E: É um assunto mesmo muito interessante, e como tu disseste, está a expandir por vários motivos.

P3: Concordo, acho genial mesmo. O meu pai dizia sempre “Comigo era pior!” Sempre que eu e a minha irmã reclamávamos, “Ah, vocês tem sorte. Comigo era muito mais difícil.” Coitado, ele também passou por isso nos anos cinquenta. Mas agora é cada vez mais fácil, enfim, entre aspas, e...

E: Em termos de manter a ligação.

P3: Sim, as redes sociais mudam tudo. Mas enfim, é sempre- Mesmo assim eu acho que é sempre um stress. Causa muito ansiedade. No momento da mudança porque- Ah! Nós só sabíamos que nós íamos mudar para onde, tipo três ou quatro meses antes. Era muito pouco tempo eu acho. Por um lado, havia sempre um incógnito para onde vamos, mas havia a coisa de diplomático. Quando sabíamos era segredo! Tu não podes contar a ninguém! Era tipo segredo de estado, não podes contar a ninguém. E eu queria contar aos meus amigos, e não podia, porque se não os meus pais ficavam muito chateados e quando- Esses meses quando já sabíamos para onde é que íamos e quando, era um stress desgraçado. Porquê? Porque tínhamos de chamar os senhores de mudança, tínhamos que empacotar tudo, e era sempre muita coisa e os meus pais não têm- não sabem gerir as coisas. Então era sempre muita coisa e a minha mãe ficava stressadíssima. O meu pai ficava stressadíssimo, e toda a gente ficava stressadíssimo. E quase não havia espaço para eu e a minha irmã ficarmos tristes, porque eles estavam tão estressados com a parte logística da coisa que era como se- e também tinha o mito que não é verdade “Ah já passaram por isso tantas vezes, já estão habituadas.” O meu pai até disse “Ah sim, mas é a quinta vez”, e eu “sim! mas não muda o facto de ser horrível!” Não é uma coisa que se possa treinar. Não fica mais fácil cada vez.

E: Porque cada mudança também é uma nova mudança.

P3: Isso, exato. É um novo desconhecido.

E: Sim, e é um novo desconhecido. Faz muito sentido. Olha, muito obrigada. [Sorri]

P3: Ora essa!

E: Foi muito bom, gostei tanto.

P3: Eu também! [Riem-se]

## ANEXO D: Transcrição da Entrevista P4

E (Entrevistador)

P4 (Participante4)

E: Em primeiro lugar queria agradecer-te por estares disponível para participar neste estudo. Como eu já disse, estás completamente à vontade para responderes àquilo que quiseres responder. Àquilo que não te sintas à vontade, não respondas e podes explicar abertamente isso. Queria iniciar por fazer algumas perguntas em relação ao teu *background*, ou seja, em relação aos dados sociodemográficos. E começo por perguntar, quantos anos tens? Qual é a tua idade?

P4: Uhm, vinte-três.

E: Ok, vinte-três. E qual é o teu estado civil?

P4: Solteiro.

E: Quantas línguas sabes falar e como é que às aprendeste?

P4: Uhm, quantas línguas aprendi ou quantas línguas que sei falar neste momento?

E: Que sabes falar neste momento e como as adquiriste e aprendeste, cada uma.

P4: Ok. Sei falar quatro línguas, que são, crioulo da Guiné-Bissau, português de Portugal, espanhol da Espanha, e inglês da Inglaterra. E crioulo da Guiné-Bissau aprendi porque, por ouvir as pessoas falar em casa. O português de Portugal aprendi na escola e com os meus amigos e colegas fora da escola. O espanhol de Espanha aprendi só na escola. E o inglês da Inglaterra aprendi também na escola e mais recentemente com a minha vivência cá na Inglaterra.

E: Qual é a tua nacionalidade, ou nacionalidades se tiveres mais que uma?

P4: Só tenho uma nacionalidade que é português.

E: Ok. E quais é que são as nacionalidades dos teus pais?

P4: O meu pai sempre foi guineense. E a minha tinha dupla nacionalidade, era guineense e portuguesa.

E: Ok. E qual é o teu país de nascença?

P4: Guiné-Bissau.

E: Ok. Tu atualmente estás a residir aonde?

P4: Em Londres, Inglaterra.

E: Quais é que foram os países em que residiste durante os teus anos de desenvolvimento. Portanto a partir dos zero aos dezoito anos. Em que países é que moraste e durante quanto tempo?

P4: Morei em dois países que são Guiné Bissau e Portugal. E Guiné Bissau não consigo dizer ao certo quanto tempo porque andava sempre a viajar de um lado- de Bissau para Lisboa. Mas Portugal, uhm, pronto é a mesma coisa que Bissau, mas depois a partir dos dez anos fiquei permanente em Portugal.

E: Então mais ou menos dos zero aos dez, foste vivendo entre Guiné-Bissau e Portugal.

P4: Sim.

E: E depois a partir dos dez anos até aos dezoito tiveste sempre em Portugal.

P4: Sim.

E: E com que idade foste primeiro para Portugal? Da Guiné para Portugal?

P4: A volta dos dois anos e meio, três anos.

E: Ok. Quais eram os motivos principais para estas mudanças entre os dois países.

P4: A primeira vez foi porque houve uma guerra civil em Bissau, e o meu pai para nos proteger, a mim e à minha mãe, achou melhor comprar uma casa, entre aspas, alugar uma casa em Lisboa para gente ficar lá enquanto estava a haver a guerra em 1998, 97, 98 mais ou menos. Entretanto andava a viajar entre Portugal e Bissau porque o meu pai estava em Bissau e a minha mãe estava em Portugal. E para manter contato com ambos, ficava sempre a ir de um lado para o outro sem tipo, uhm, tempo determinado.

E: Ok. Em relação a tua escolaridade, teu percurso escolar, que escolas frequentaste, tanto na Guiné como em Portugal? E durante quanto tempo mais ou menos?

P4: Pronto, era uma coisa como quando vivi. Não consigo dizer ao certo em cada escola, porque como dizia, eu andava a viajar de um lado para o outro. E a certas escolas que eu lembro me que tive, mas não me lembro quanto tempo tive lá, mas em Bissau só tive uma escola, que era uma escola privada que chamava-se uhm, \_\_\_\_\_, acho que era isso. Sim, \_\_\_\_\_. E em Portugal era uma escola primária em Alfragide, mas não me lembro do nome da escola. Essas foram as duas escolas onde tive. Creio eu, só devo ter estado numa outra escola. A gente depois vivemos um bocado no outro lado do rio, em Barreiro, mas não sei quanto tempo, era muito novo. Portanto não sei se cheguei a estar lá em alguma escola. Do que me lembro, só me lembro muito bem dessas duas escolas. Porque, entretanto, a partir dos dez anos sempre fiquei em Alfragide, portanto fiquei com uma conexão com a escola primária de lá. Mas não me lembro a escola, sinceramente. Só sei que era lá em Alfragide. Em Bissau era \_\_\_\_\_.

E: Ok. E depois o secundário também foi- Onde é que fizeste o secundário?

P4: Depois dos 10 anos. Estudei na escola \_\_\_\_\_ ou \_\_\_\_\_, não sei como aquilo se chama. Acho que é \_\_\_\_\_ - É escola básica, entre aspas.

E: Sim.

P4: É em Alfragide sim, a escola básica. Escola básica \_\_\_\_\_. E depois, aí a volta dos catorze anos, mudei para sete rios, para a escola secundária \_\_\_\_\_. E depois por aí a volta dos dezasseis anos mudei para o \_\_\_\_\_.

E: Ok. Em relação a tua adaptação entre estes dois países e duas culturas. Como é que irias descrever a tua adaptação? Como é que a sentiste?

P4: Complicada. [Pausa] Queres que eu desenvolva?

E: Sim, teria gosto. [Sorri]

P4: Uhm. Sim, foi complicado porque nunca- nunca conseguia- nunca conseguia manter amigos. Nunca conseguia estar com ambos os meus pais. E eram muitas viagens. Viajei sei lá...umas quarenta, cinquenta vezes de avião. E eu nunca gostei muito de viajar de avião, portanto era algo que me chateava muito. Foi mais ou menos isso, foi mais ou menos nesse sentido. Complicado porque eu nunca conseguia ter amigos porque estava sempre, quando tinha alguém que gostava vinha sempre uma altura que lá ia viajar outra vez, e eu perdia contato com essas pessoas porque éramos muito novos e na altura não havia as tecnologias que temos hoje em dia. Portanto os contactos não se conseguiam manter. Portanto era mais nesse sentido porque não conseguia estar com o meu pai e com a minha mãe juntos. E também por não conseguir ter os meus amigos por perto.

E: A minha pergunta seguinte é necessariamente se sentiste que passaste por algumas perdas devido a estas experiências multiculturais, estas mudanças. Na qual tu já disseste as amizades, que foi difícil nesse sentido. Há mais alguma coisa que tu sentes que perdeste por causa dessas mudanças constantes entre países?

P4: Perdi se calhar um bocado de uhm, um bocado de..., sentimento emocional, no sentido que já não ligo muito se alguém entra na minha vida e depois se vai embora porque sempre me habituei a isso. Portanto, fiquei assim um bocado mais frio, fiquei menos sensível nesse caso, em relação a- uhm, a manter- pronto, se perder alguém nesse caso. Não sei se faz sentido, mas...acho que... [Ri-se]

E: Sim, faz. E por outro lado, o que sentes que estas experiências te deram? O que tu ganhaste com estas experiências?

P4: Ganhei muita, muita exposição a diferentes culturas. Muita exposição a diferentes- diferentes maneiras de viver. Diferentes culturas, não só no sentido de maneiras de viver e língua, e pronto, etnias e outras coisas, mas também em termos de arte. Ganhei muita exposição em termos de arte porque [pausa] pronto, estive sempre exposto à música por exemplo da África e depois quando vinha para a europa estava exposto a música da europa. Uhm, é mesmo em termos de pinturas e algum assim, acho que ganhei muito com isso porque tenho noção de certas- certas culturas que talvez muitas pessoas da minha idade não têm por não terem passado por isso. E também aceitar pessoas que são diferentes tipo, religiões e isso tudo.

E: Em relação aos teus relacionamentos, nessa faixa etária, na tua infância e na tua adolescência, como é que iria caracterizar as tuas amizades? Quais é que achas que eram as características principais das amizades que vivenciaste?

P4: Hum. Era um bocado intenso, né. Era um bocado intenso porque, uhm..., de certa forma sempre fui rodeado- ou tentei rodear-me de pessoas com quem- sinto que conseguem pensar sempre um pouco mais a frente e que conseguem sempre sair fora da caixa. E eu acho que de certa forma sempre sabíamos que aquilo não ia durar muito, portanto aproveitávamos sempre o máximo, portanto eu acho que a palavra é mesmo essa, intensidade.

E: Já falaste de alguns dos desafios e das dificuldades que esses relacionamentos tiveram, que essas amizades tiveram. Identificas também algumas facilidades ou ganhos?

P4: Em relação às dificuldades?

E: Não, em relação às amizades em si.

P4: O que ganhei com as amizades?

E: Sim, com essas amizades que descreveste já como intensas e às vezes, pronto, como curtas, mas intensas.

P4: [Respira fundo] Muita aprendizagem porque conheci muita gente, uhm, conheci muito gente que se calhar certas pessoas chamam de amigos. Hoje em dia já conheci muita gente, mas para mim são só conhecidos. Mas eram meus amigos só que..., pronto..., eu normalmente quando estou longe de pessoas..., já não os chamo assim de amigos, porque para mim a amizade é falar quase todos os dias, é estar sempre juntos. Não é falar uma vez por ano, ou duas vezes por ano ou quando estás de férias. Isso para mim é mais um conhecido do que um amigo. Portanto, sim aprendi muita coisa. Aprendi como- aprendi a analisar as pessoas. Aprendi a perceber o carácter das pessoas e as diferentes personalidades. Acho que é mais isso por acaso. Personalidades. Fui exposto a muitos diferentes tipos de pessoas, sim.

E: Ok. Como é que tu responderias à pergunta “Quem sou eu?”

P4: [Ri-se] Em que sentido?

E: No sentido que tu quiseres.

P4: [Ri-se] Essa pergunta é mais difícil. Quem sou eu? Sou um cidadão do mundo. Acho que é assim que eu responderia.

E: E onde é que sentes que pertences?

P4: Africa.

E: E como descreves a palavra casa?

P4: Africa.

E: Em relação a tua vida adulta, ou seja, ao presente, depois de teres finalizado o secundário, continuaste a tua formação, a tua educação? Escolheste algum curso? Se sim, qual curso?

P4: Sim. Continuei. Fiz um curso de psicologia durante um ano e estou agora a fazer um curso de direito.

E: Ok, e o que motivou a escolha desses dois cursos?

P4: Psicologia porque não sabia- pronto era a única coisa que eu pensava e ia gostar de estudar. Sinceramente nunca- nunca dei muito valor a essa coisa de faculdade. Era mais- pronto, sempre quis ser jogador de futebol, portanto, para mim a faculdade foi mais para estudar para ter qualquer coisa. Diploma em psicologia era algo que eu pensava que ia achar interessante porque fiz psicologia no secundário também, no primeiro ano de ciências. E achava que ia estar interessado. Direito foi mais porque eu queria impressionar o meu pai. Queria, queria fazer estudar algo que eu achava que iria ser difícil, mas que não teria matemática e que ele ia ficar orgulhoso de mim. Foi mais mesmo por causa disso.

E: E onde é que tiraste estes dois cursos e porquê?

P4: Psicologia tirei na faculdade de Hull no norte da Inglaterra, e tirei porque, ficava lá perto da casa da minha tia com quem eu viva. Ficava há uma hora da nossa casa de autocarro. Eu como eu não tinha como, como ir para outras faculdades que me aceitaram e que se calhar eram muito melhores. Noutros lados de Inglaterra não tinha como, como ir para lá viver, porque tinha que estar sempre a trabalhar e não sei que. Na altura era muito novo e não tinha muito currículo, então era difícil arranjar trabalho. Prefiri ficar a viver com a minha tia e viajar todos os dias de autocarro para a faculdade. Direito..., uhm..., por acaso tirei- estou a tirar em duas cidades diferentes. No meu primeiro ano tirei em Birmingham. Sinceramente porque, porque na altura quando fiz a aplicação, queria tirar direito com psicologia porque pensei que não ia aguentar muito a intensidade direito. E só havia praí numas cinco ou quatro faculdades em toda a Inglaterra que ofereciam esse curso específico, de direito com psicologia. E quando vi as fotos das faculdades, a faculdade de Birmingham, *Birmingham City University*, era a que eu achava, mais bonita, sei lá. Que achava que ia gostar mais, então foi a que eu escolhi. Nem pensei no *ranking*, nem pensei muito nas condições. Para mim era mais onde sentia que ia estar bem. E é uma cidade que é grande. Tem quase a população de Lisboa e é barata também em termos de renda. Então assim consegui também arranjar trabalho mais rápido. Porque nas outras cidades que tinham o mesmo curso não conseguia arranjar trabalho. E em Birmingham assim que fiz a aplicação, fui a faculdade. No dia que fui a faculdade também fui a uma entrevista para ser um bartender, para trabalhar no bar, e, entretanto, foi o meu primeiro trabalho a partir das fábricas. E fi mais essa razão pelo qual eu escolhi essa faculdade. Mas depois de duas semanas, no meu curso de direito com psicologia na altura, achei que gostaria de tentar tirar só o curso de direito e deixar psicologia, porque achava que não iria aprender nada de novo. Já tinha tirado um curso de psicologia e aquilo estava a ser muito chato para mim, que era muito repetitivo e já sabia as coisas todas, as teorias todas, não sei que. Portanto pedi para mudar só para direito. Mas depois como mudei só para direito, comecei a perceber que se calhar poderia estar numa faculdade melhor do que onde estava. E aí fiz aplicação para outras faculdades e outra vez, não liguei muito onde era a faculdade no ranking. Só as fotos e faculdades, entre Liverpool, Bristol,

Lincoln, e duas faculdades em Londres, preferi a Westminster porque era- a *law school* é diferente, é só um edifício e pronto. Parecia que ia gostar daquilo, por não ser um campus. Eu não gostava muito da ideia do campus porque, pronto, aquilo dos estudantes todos e das bebedeiras, eu não estava muito virado para isso. E cá na *Westminster*, pronto, é um edifício onde só tem biblioteca para- com livros de direito. É mesmo uma *law school*, portanto gostei da ideia, e estou a gostar da ideia, mesmo que esteja a acabar. Foi mais essa razão. Portanto, Birmingham porque era barato e porque gostei daquilo que vi nas fotos, e tudo fazia sentido para que fosse para lá. E *Westminster* porque queria estar numa faculdade melhor, em Londres, por causa das oportunidades que existem cá, ao contrário de Birmingham. Portanto, foram essas as razões.

E: Isto faz sentido em relação a escolha da faculdade, mas antes disso, porque escolheste residir em Londres? Foi também pelo motivo de querer estudar em Londres ou houve outro motivo também?

P4: Em Londres específico?

E: Ou seja, peço desculpa, em Inglaterra.

P4: Em Inglaterra?

E: Sim.

P4: Hum. [Ri-se] Ok. Uhm. Estava um bocado revoltado com a vida em Portugal, sei lá. Achava que tinha muito mais potencial do que, do que as oportunidades que eu estava a ter. E, entretanto, no secundário, não gostei muito de como o ensino era feito. Pensei para mim, se isto já é assim no secundário, nem quero imaginar como será na faculdade. E eu, entretanto tinha amigos meus que já estudavam direito na faculdade e eu ia muitas vezes- um deles por acaso estudava de noite, e ia muitas vezes com ele lá para as aulas e detestei aquilo. Não gostei nada de como o ensino era. Era muito aborrecido para mim, era muito chato, era muito uhm..., inútil no sentido que aprendi muitas coisas que poderiam ter sido mais simplificados. E na altura como eu estava a dizer, eu estava um pouco revoltado com a vida, e sempre fui bocado..., pronto, com as experiências que eu tive da minha infância. Nunca tive medo de arriscar e de mudar. E mesmo nunca tendo vindo para a Inglaterra, como sabia que a minha tia estava cá a viver, e a minha tia, já a conhecia desde..., conheço-a desde muito novo e sempre tivemos uma muito boa relação mesmo. Mais que minha tia, acho que minha amiga. Uhm, pronto, foi assim um bocado nesse sentido. Foi mais por saber que podia estar com ela, e como eu pronto, estava lá em Portugal só com os meus irmãos, podia estar com ela, e seria alguém que me poderia tipo controlar para não continuar a fazer as mesmas coisas que um jovem faz, naquela altura, naquelas idades, né, em Portugal. Foi mais assim uma escapatória. E também porque, em Portugal no secundário, no meu último ano de secundário, passei literalmente a tudo, com muito boas notas por acaso. Mas depois como estava como aluno externo a história, e eu achava que aquilo era muito ridículo porque em vez de me ensinarem a história só me ensinam certas, certas páginas do livro, e certos tópicos. E eu sempre achei, se vais me ensinar história, tens que me ensinar tudo. Porque eu não posso aprender sobre escravatura, mas posso aprender sobre o que o Hitler fez na europa. E achava que aquilo era um bocado assim ridículo. Achava que aquilo

era um bocado só, só se interessavam pelas notas, mais pelas notas do que a aprendizagem do próprio indivíduo. E pronto, lá me rebelei outra vez, porque fui para o exame de história e escrevi para história, escrevi isto tudo no exame. É algo que por acaso não digo muito, mas é verdade, escrevi tudo isso no exame, que te estou a dizer agora. Foi mais um protesto num sentido. E obviamente que chumbei no exame. E como já tinha passado em psicologia, por acaso já tinha tido 17 a psicologia. Eu tinha 15 ou 16 a inglês, tinha 13 a filosofia, 13 a português, tinha mesmo boas notas e eu achava que era um bocado ridículo porque eu tinha potencial mas sabia que- a maneira que o ensino era potenciado em Portugal não se adequava muito a maneira como vejo a vida, portanto, vim para a Inglaterra sem saber se ia gostar disto ou não. E felizmente correu bem porque, dentro do ensino, a maneira como o ensino é feito cá na Inglaterra adequa-se mais a minha personalidade e a minha maneira de ver a vida.

E: E isto geral em todas as cidades que viveste em Inglaterra? Mantiveste esse sentimento? Em todas as cidades que viveste em Inglaterra sentiste que é mais adequado de acordo com a tua mentalidade?

P4: Não. Lá no Norte por exemplo, aquilo..., havia lá muito racismo. Era muito difícil tu veres um negro ou um muçulmano, ou um asiático a trabalhar por exemplo, como um empregado de mesa ou numa loja de roupa. Eles lá só dão oportunidades a quem é mesmo inglês, mesmo. E normalmente essas pessoas, africanos e asiáticos e pessoas que vem de leste, normalmente o trabalho que nós tínhamos era nas fábricas e trabalhei em três fábricas. Não me queixava de nada, mas era um trabalho muito árduo. Eu ia estudar de dia e trabalhava de noite. Mas nunca me queixei porque sempre soube que aquilo era só temporário e pelo menos poderia fazer dinheiro suficiente para poder viajar. E viajei muito e por causa disso trabalho fiz uma das melhores viagens da minha vida. Mas era mesmo nesse sentido, era só por causa de dinheiro, mas eu sabia que não me ia desenvolver no sentido profissional. Bem que desenvolveu a minha personalidade, desenvolveu o meu carácter, porque eu hoje em dia sei dar valor ao trabalho, sei ver e reconhecer de onde é que eu vim, portanto, as coisas fluem com mais vontade. Portanto, eu no norte da Inglaterra não gostei muito nesse aspeto. Embora em Birmingham também. Quando me mudei para lá, também não gostei muito porque aquilo era é uma cidade grande no sentido tem muita gente, mas aquilo era muito pequeno para mim, Era muito pequeno e, sei lá, passado dois meses já conhecia aquilo tudo, já explorei aquilo tudo, e estava sempre a ver as mesmas pessoas todos os dias. E eu como vivia em Lisboa durante muito tempo, sentia saudade da cidade grande. E sempre pensei que pronto, se eu vou ficar cá durante um tempo, gostava de um dia dizer que experimentei Londres, qual é o objetivo de vires para a Inglaterra sem teres a experiência de viveres em Londres. Londres é tipo um estado em Inglaterra. Londres é um país diferente. É um país dentro de um país. Literalmente, e fora de Londres não tem nada a ver com Londres. Portanto há muita gente que vem para Londres e diz que conhece Inglaterra. Errado, não conhecem. Conhecem Londres. Quando vais para Birmingham. Bristol, Hull, Liverpool, Manchester, isso é que é Inglaterra! Aí é que vez a cultura inglesa, e é uma cultura que muita gente como eu não se adequa porque é uma cultura muito mesquinha que me lembrava muito de Portugal. Pronto, pessoas muito assim. Eu sei que racismo vive um pouco dentro de nós, mas, de certa forma havia. E é verdade, é a realidade. Depois como eu já tinha previsto,

encontrei-me em Londres e felizmente correu bem porque, Londres sim, adequa-se a minha personalidade e maneira de ver a vida.

E: Ok. E é onde estás a residir agora, é em Londres.

P4: Sim.

E: Exato, ok. Agora mudando muito de assunto. Em relação aos teus relacionamentos amorosos, não sei agora estás com alguém ou não, mas quais são as características e as qualidades principais que procuras numa pessoa?

P4: [Respira fundo] Ok. [Ri-se] Uhm, quando dizes características estás a falar de personalidade certo?

E: Daquilo que tu quiseres. Daquilo que é importante para ti.

P4: Ok, uhm..., eu não ligo muito tipo..., fisicamente no sentido de..., daquilo que a pessoa mostra exteriormente, eu ligo mais no carácter na personalidade da pessoa. Aquilo que a pessoa é dentro de si. Eu sou daquele tipo de pessoas que a beleza vem de dentro, não de fora. Portanto quando olho para umas pessoas, a minha mãe sempre disse, os olhos são os espelhos da alma. Eu tento sempre ver os olhos das pessoas e aprendo muito só olhando as pessoas nos olhos. E eu consigo- vendo a pessoa, consigo logo sentir se essa pessoa vale a pena ou não investir o meu tempo e, pronto eu..., vejo isso, dedico muito valor- procuro muito ver qualidades interiores como por exemplo uhm..., a compaixão, o carinho, a calma. Uhm, gosto de pessoas que têm personalidade forte, pessoas que sabem aquilo que querem na vida. E que não são mesquinhas, não estou muito virado para..., pronto, fofoca. Isso são coisas que a mim não me chama muita atenção a mim. Pessoas com personalidade forte, pessoas que sabem dizer que sim, mas também sabem dizer que não. Pessoas que sabem bem aquilo que querem. Isso é que me atrai a mim, é isso, é..., pronto, é o carinho, é..., [ri-se] é a personalidade nesse sentido.

E: E em relação às tuas amizades. Também que características e qualidades procuras nas pessoas com quem te relacionas e queres conhecer melhor como amigos?

P4: É mais ou menos a mesma coisa. A única diferença que realmente existe é que, pronto, quando..., quando vejo alguém com essas qualidades todas que eu gosto, e neste caso mulheres, uhm..., a diferença é que pronto, há algumas pessoas a quem eu sou atraído, nesse sentido, as outras pessoas quem vejo essas qualidades, mas como amigos. Não sinto aquela atração, fisicamente também.

E: Sentes que atualmente convives em ambientes talvez multiculturais ou internacionais? Procuras isso? É algo que desejas, ou que acontece? Ou nem por isso?

P4: É assim, se percebi bem a pergunta, é algo que acontece naturalmente porque, realmente todos os sítios onde já trabalhei, já tive sempre- sempre houve muita diversidade, especialmente cá em Londres. Sempre diversidade mesmo. Agora no trabalho mais atualmente, há menos isso, mas ainda vejo umas cinco ou quatro pessoas que trazem essa multiculturalidade. Mas neste momento trabalho com muitos ingleses mesmo. Mesmo que não- os pais por exemplo, vieram

da Índia, ou vieram da África, vieram da Ásia, são pessoas que nasceram cá e que já têm aquela cultura inglesa. Enquanto que se calhar antes, em outros trabalhos que já fiz cá em Londres, havia mesmo pessoas que vieram de todo o lado. Sei lá, França, Itália, Bélgica, Holanda, Alemanha. Todo o lado mesmo. Espanha. Eu literalmente, eu- através dessas conectividades que eu tive durante a vida toda, eu certa forma sinto que conheço um bocado do mundo inteiro. Porque já conheci pessoas de todo o lado do mundo e consigo sempre tirar um bocado através dessas pessoas que são tipo o espelho da cultura que existe nos países deles, de certa forma. E eu saindo para outros países, só viajei entre África e Europa, mas eu saindo para outros países do mundo inteiro, consigo falar sobre esses países por causa das pessoas que conheci. Às vezes até parece que já estive lá, mas é mais nesse sentido, é que realmente tenho muita sorte em conhecer pessoas de todo o mundo, sim.

E: Em relação a tua vida futura, quais é que são os teus objetivos ou sonhos vocacionais, ou seja, em relação a tua profissão?

P4: [Respira fundo] Hum. Isso é uma pergunta difícil. [Volta a respirar fundo] Quais são os meus objetivos ou os meus sonhos?

E: Um e o outro. [Sorri]

P4: [Ri-se] Uhm..., o meu sonho?! É assim, se calhar os meus objetivos, posso expor tudo, é quase a mesma coisa nesse sentido para mim. Sonho e objetivo é ser feliz. Eu tinha um objetivo de- quando comecei a estar mais seriamente- focar-me mais seriamente em estudar, neste caso direito, tinha o objetivo de ser advogado chamado *bannister* cá na Inglaterra. É os advogados que tem autorização de irem aos tribunais representarem os clientes. Uhm, mas neste momento, eu acho que o meu sonho, independentemente de tudo é ser feliz. Acho que isso é a única coisa que eu consigo dizer.

E: Em relação a família, e criação de família. Não sei se já pensaste nisso, se é algo que gostarias ou não de fazer. Mas se sim, se gostarias de ter família um dia, quais são os valores principais que gostarias de passar as tuas crianças? Como gostarias de educá-las?

P4: [Respira fundo] Hum! Mais uma pergunta difícil! [Pausa] Sim. Acho que gostava de ter uma família, sim. Isso é uma coisa que, por causa de- por causa de coisas- por causa de acontecimentos da minha vida, sempre pensei que um dia gostava de ter uma família, porque de certa forma senti que nunca tive uma família. Uhm..., e..., gostava de passar certas mensagens, certos valores como, como presença no sentido de estar sempre presente e acompanhar a minha família nesse caso. E quando falo em minha família falo na minha mulher e nos meus filhos. É estar sempre presente. Não- não fazer nenhum trabalho, não fazer nada que me faça estar longe deles. É estar constantemente presente. E passar alguns valores como, muito mais importante é a educação, ambição e respeito. Acho que é isso, acho que esses três valores para mim são muito importantes, a educação, respeito. Quando digo respeito, não é só para com outras pessoas, mas para com elas próprias. Respeito e a educação, mais com as outras pessoas. E a ambição e com aquilo que querem fazer na vida, não interessa o que querem fazer. Desde que ambicionam algo que os faça feliz, para mim isso ia me deixar muito orgulhoso. E

eu acho que esses três valores são muito importantes para mim, que é a educação, ambição e o respeito.

E: Ok. Onde é que pensas residir no futuro?

P4: Lisboa.

E: Ok. É o teu local onde gostarias de residir?

P4: Sim.

E: Durante curto prazo? Longo prazo? Ou-

P4: O resto da minha vida.

E: Ok. E agora de uma forma geral, já tinhas dito que sonhas ser feliz, que esse é o teu objetivo principal. Mas há mais algum tipo de sonho ou aspiração futura que tenhas em qualquer área da tua vida?

P4: Gostava de viajar o mundo inteiro. Gostava de conhecer todos os países do mundo. Especialmente em África. Gostava de conhecer todos os países de África. Gostava de viajar todos, todos os países mesmo. Não interessa onde, não interessa que cidade. Era um grande sonho meu, era viajar o mundo inteiro, nem que seja tirar dois anos da minha vida. Se calhar, eu diria, se calhar um objetivo a curto prazo na minha vida é juntar o máximo dinheiro possível porque sem dinheiro a gente não consegue realizar esses sonhos. Mas como todo se calhar vou ter a oportunidade de fazer algo assim, no sentido juntar, uhm..., uhm..., maneira de poder viajar. Gostava de um dia, numa altura da minha vida, fazer uma pausa, e simplesmente viajar pelo mundo inteiro enquanto sou jovem e esse é um objetivo que eu tenho para os meus vinte anos, trinta anos. Eu gostava mesmo de viajar, era um grande sonho que eu tinha. Viajar o mundo inteiro. Mais? Gostava, hum. Gostava de deixar algo positivo no mundo. Gostava de, por exemplo de abrir um centro onde, onde pudesse ajudar crianças que fossem abandonadas pelos seus pais. E para lhes dar acompanhamento durante a sua vida inicial, até a vida adulta dessas crianças. Gostava também de abrir um hospital específico, em que ajudassem crianças e mulheres com cancro. Era algo que eu gostava muito de fazer também. Mais? Gostava de acabar com toda a pobreza e com todas as doenças que existem neste momento em África. Também é algo que eu gostava muito de fazer. Mais? Gostava de acabar com toda a corrupção que existe em África também porque essa pobreza que existe neste momento em África vem de toda a corrupção que existe. E gostava de fazer com que a educação em África fosse gratuita e que fosse obrigatória até aos quinze anos. Pronto, estes são um bocado os sonhos malucos que eu tenho. [ri-se]

E: [Sorri] Claro que são bons sonhos. Ok, isto é, a parte principal da entrevista. Obrigada por teres respondido. Mas eu ainda queria fazer mais três perguntas, que são mais “*Off Record*” por assim dizer. São mais em relação a tua perspetiva sobre este estudo. Achas que houve alguma pergunta que eu fiz que não foi relevante?

P4: Não, foi tudo relevante.

E: E alguma pergunta que eu não fiz e que tu ainda irias acrescentar e achas interessante pôr em relação a este tema?

P4: Que tema?

E: Sobre indivíduos de terceira cultura e das experiências multiculturais.

P4: Hum, talvez uhm, o que aconteceu na minha família que me fizesse- que me fizesse- com que eu não tivesse num só sítio e tivesse de viver assim.

E: Uma última pergunta. Qual é a tua opinião sobre estas experiências multiculturais e o seu impacto sobre a vida dos indivíduos que as vivenciam?

P4: Eu acho que é muito importante. Eu acho que é muito importante porque..., faz o caráter da pessoa. Faz a pessoa ser muito forte, faz a pessoa ter opiniões firmes. Faz mais que isso tudo, faz a pessoa não ter medo, ela não ter medo de viver, de arriscar porque muitas destas pessoas, não só estão habituados a estarem fora do conforto, a estarem no ambiente, que não é o ambiente natural dessas pessoas, mas também como muitas dessas pessoas já passaram por muitas- por essa mudanças todas, muitas dessas pessoas não tem aquele medo de arriscar e como a história já mostrou muitas vezes, essas pessoas depois conseguem fazer grandes coisas nas vidas deles porque passaram por muito, e aprenderam muita coisa e foram exposto a realidades e muitas culturas e conseguem perceber melhor as pessoas. Serão os grandes líderes de amanhã.

E: Muito obrigada por teres participado. Foi mesmo uma entrevista muito rica. Fez-me também pensar em vários assuntos. É isso, obrigada!

## ANEXO E: Transcrição da Entrevista P5 (em Inglês)

I (Interviewer)

P5 (Participant 5)

I: I wanted to, in the first place, thank you for your availability and your interest in participating in this study. I'm going to make a few questions about your experience, and how you felt about them, how you lived them. If there's anything that you don't feel comfortable answering then you don't have to, in any way. All your data is going to stay anonymous, so I'm never going to mention your name, and when transcribed, also, I won't transcribe your name. I don't know if you have any question, so far?

P5: No.

I: Ok. Then we can start. First of all, I wanted to ask you about your background. So, what is your age, in the first place? How old are you?

P5: Uhm, I'm eighteen.

I: How many, languages do you speak?

P5: Uhm, five.

I: Ok. And, what are these five languages and how did you acquire them?

P5: So, I speak all of them pretty fluently, but I- I would say that my strongest languages are English and French. So, English because I did my entire schooling in English, so it was always the language that I spoke, like, at school, with my friends, and just..., uhm..., yeah. French is because my father is French. Portuguese my mom is Portuguese. And then Spanish and Italian because I lived..., uhm..., in Italy for five years when I was quite young, so I learnt it quite fast and I was able to uhm..., like I can still speak it without necessarily practicing it that often. And Spanish because I lived in Panama and Cuba, so they were just the languages of the countries I was living in.

I: Ok, makes sense. So, what is your nationality? Or nationalities, if you have more than one.

P5: Uhm..., Fren- so I have the dual nationality, French and Portuguese, from my parents.

I: And you were born where?

P5: Sorry, it cut...

I: Ok. [laughing] Where were you born?

P5: I was born in London.

I: Ah!

P5: So that's the thing, I have the two nationalities, but I've never lived in either of the countries, like now it's the first time I'm living in either those countries. Uhm yeah... [laughing]

I: Yeah, funny [laughing]. Ok, so you currently live in... France?

P5: France, yeah.

I: Uhm, and you were mentioning... well can you describe maybe chronologically in what countries you've already lived in and how old you were..., in each country, so to say?

P5: So, I was born in London..., uhm..., but my parents, like, didn't really want to raise a child in London, My mom got a job offer, so after a year..., we moved to Kenya..., and I lived there for four years. My sister was born there and then..., uhm..., so from the ages—so I moved when I was five, and from the age of five to ten I lived in Rome..., and then from 2010 to 2013 I was in Panama, and then..., uhm..., until 2018 I was in Cuba and then now in France.

I: Ok.

P5: Until the end of next year.

I: Ok. And what were the motives for each change, for each move..., to each country?

P5: It was always my mom's job, so..., she, she works for the United Nations, for the World Food Program. So she like, it's a job that obviously is always on the rotation, so it's an average of four years per country, but you can like request a year less or a year more, and so it was obvious with her job..., uhm..., like that she moved around, like getting new goals and stuff, new assignments.

I: And what schools did you attend in each place that you were at?

P5: Uhm, I always went to international schools, like always international schools and always in English, so, again, that's how English is my strongest language.

I: So, you maintained always an international education throughout all your life, until your high school?

P5: Yeah, exactly.

I: Ok, very well.

P5: So, and even during the last four/five years of the high school years, for the first two years of grade nine and grade ten I did..., ahem..., an international English program, which is called the IGSCCE..., and then in the last two years I did the IB Diploma, which again is like a whole international curriculum.

I: Ok. And, how would you describe your adaptation between all of these cultures and countries?

P5: Uhm..., I think..., in the end, adapting to each of these countries wasn't necessarily very hard in the sense of like, the moving, because we were like— it's the only lifestyle that I've known, so in a way it's like the thing that I'm most used to, and also with the fact that every time we moved from international school to international school, like..., those schools are just

very particular contexts, because it's not like, me going to like a public school every time..., where the..., where the whole idea of moving around and stuff like that is not as common, so in that sense, it made it easier and stuff, but I think, the one thing that I've always noticed that was kind of the barrier to integration in some way, in all the countries, was a matter of language. So, for example, and I felt this the most when I moved to Panama, because I was..., already old enough, where language did in some way become a social barrier in terms of friendships and stuff, but I..., But I was, but it was also like..., I didn't..., learn it fast enough for me to..., for it to become a language in which I could socialize in, and this is something that I actually-because the thing is- Sorry-the difference is, in Rome I learnt it very quickly because I was really young and I was at an age when it didn't really matter yet, but then once I moved to Panama like there was still that whole thing, and I didn't speak the language when I got there, so it wasn't necessarily, ahem, something I could socialize with, but then when I moved to Cuba there were still the same language that I had already learnt..., like when I got there, there was immediately a language I could socialize in, so for me the matter of language is actually-has always actually been the biggest, uhm... obstacle in some way..., to integration and adaptation (inaudible 6.41-6.47) the context in which I, like, immersed in every single time. And to be honest I feel like I can almost see the same thing here, like the..., all French speaking people are able to socialize and to become friends very quickly early on, whilst the international students end up being..., very much amongst themselves and that's..., just that..., it really is a matter of language more than culture I would say.

I: Yeah, makes sense. And..., what do you feel were the major losses that you had to go through..., each change that you made?

P5: Uhm... [pause] it- I don't..., I don't- I think a loss..., maybe like as a whole of like the whole lifestyle of moving around a lot is, for example..., the fact of not having, like it's-it's very literal stuff I mean like it's not..., but it's like for example like I see it in my friends here, and just like the idea of having one group of friends that they've really grown up with, or having for example like one holiday place that they go to all the time, and it's just like, part- it's just like- it's like home to them, and like the whole act of going there regularly is just so normal to them, whereas for me I think there's that loss of like having something constant, in some way like having a sense of home..., uhm... but then, in terms of each individual place, it's just more like friendships and stuff, but uhm..., uhm, but yeah...

I: Yeah, ok. And, on the other hand, what do you feel that these experiences, gave you...? So, what did you win, what did you gain from them?

P5: Uhm, I think I actually did..., uh..., grow up like a lot from- from living in all those different places, because, even though cul- like as I said, culture is not necessarily the biggest, uhm, obstacle to integration and adaptation in a country. The fact that you're constantly faced with so many different cultures, so many different mentalities and stuff like that, especially growing up, because they-like you obviously have a change in mentalities and everything, you age. To have that on top, like a different cultural, like context..., I think it's just like the open mindedness..., and, and, just..., like the, the ability to underst- to empathize with different cultures and different mindsets and that kind of thing, because..., like, I don't know, I just feel

like there's also like a part of, like of stereotypes that I don't, like..., I don't know, I don't..., I think I don't believe in stereotypes easily, because I just remember, like, there's for example- when I told people I was moving to Cuba, or like when I tell people that I lived in Cuba they're like "Oh my God!" Like immediately goes to like, a negative perception, and I feel like that's the kind of thing where..., my brain is first like "Uuuuhh, what's that like?", without necessarily being..., like positive or negative, so I think that would be one big thing. And then the other big thing, which I feel is like the ability to travel so much, and so easily..., uhm..., just, in a general sense. Uhm..., and..., yeah, I think those are the two big things. [laughing]

I: Ok. And in relation to your friendships, and your relationships, what kind of friendships did you have, during your childhood, and your teenage years, like what do you think were the main characteristics, that stand out?

P5: I think there are friendships, that are just generally very..., intense, because you know that there's always a time limit to every- every relationship whether it's like boyfriend, or friend, like anything there's always a time crunch to it, so it's..., everyone is very much into a mentality of like, not like..., but you just have to maximize, like, maximize and enjoy the time that you have with those people as much as possible, because..., in the end, if you don't do that and you're moving your whole life you're just never going to have friends, uhm..., so it's just a matter of underst- like, of understanding that you have, like, to actually enjoy the experience and everything like, you need to just make the most of the time that you have. Uhm, then what's a little maybe like, sad, also though, is the fact that you can have relationships or friendships or anything in the moment that seem, like almost..., essential to you and to the way that you're living, and once you're moving away, the lack of ability to stay in contact means that you maybe really lose touch, because especially like, considering time zones and everything like, and some people are just like, very good at like texting or whatever so it makes it really hard to stay in touch, so in that sense it's also friendships that I guess are very, like..., weak in that sense, but not in terms of like..., yeah I don't know, it's like..., they're not necessary, you know that they're not necessarily relationships that will last your entire life, but they're always like worth it, in the moment.

I: Yeah, makes sense. And how would you answer the question-

P5: Oh!

I: Oh, sorry...

P5: Just to add something (inaudible 12.14). I think that what's also very interesting about this kind of lifestyle is that I'm very, very close to my family, like my parents and my sister because they're obviously like the only people who have experienced exactly what I have experienced throughout that being- like they are the only constant that I had, and so that makes that we really, like have a good understanding of each other and yeah...[laughing]

I: Yeah, yeah, it's definitely important. There's unity, right? There's-

P5: Yeah, exactly, very, very much. Like I'm very close to my direct family and then like my cousins or my grandparents and stuff like, a lot less, I would say than maybe people who live close by to their extended family.

I: Yeah, so, how would you answer the question, "Who am I?"

P5: Uhm..., I feel like when I get asked this question, my immediate first answer would be to describe my, nationalities, but don't know, I don't think that's like the entire way which I identify, because I- that's a thing, is that they're- neither of them are really countries where I lived in, well, until now..., so I think who am I is very much, it's actually very much this idea of..., moving around all the time and having to, like being forced to adapt..., and, and everything that I've learned from it, so like the capacity to have to be like independent to some degree, but also to be able, to be open minded and, I think the characteristics that come from that. So, in the end, who am I is very much relies on that aspect of me.

I: Ok. And where do you feel that you belong?

P5: Uhm... [pause] I don't feel like there's one place where I belong, I feel like I really belong wherever I make myself belong, in some sense, so..., for example, I feel..., like, as time goes by, I feel more and more at home, like I belong and I am at home here, as like, I have my own little apartment that I decorated myself, and so I feel like the place itself is like a manifestation in some way of me, because I decorated it the way I wanted to and *na na na*, but then at the same time I know that for example when I went to- I went to visit my parents in Guatemala, because they moved in the summer as well, so it's a country I've never lived in, a house I didn't know, but I got there and it was with my family members, with all the furniture that we had before and everything, so then ok I can also say that I also felt like I belong, because it was all those things that I- that in my head are like linked to family and therefore, to belonging..., and then, I think..., again, goes back to the whole idea of language, when I speak the language I feel like I can belong.

I: Yeah, ok. That ends up leading to-

P5: Is that for you- what you are looking for?

I: What I look for is what you are, what you think, and that, that's very interesting, yeah. And it leads to my next question also, which is, how would you describe home?

P5: Yeah, that's a very, very abstract concept to me, like, like it's not at all a fixed place or major anything. There's almost just like a bunch of little places, like very specific places and..., people too, that make me feel- that I would like associate to home, so yeah, like my sister, my parents, and then..., it's almost like- like, my parents, like, throughout our moving, always made sure that we kept all of our furniture, so every time we moved, we had like huge containers and stuff, because they knew that already moving on and stuff is hard, so always made like, like the stuff that we had with us be a constant, so almost like, the stuff, like we would like, borderline just take our trash with us [laughing]. So, like, I feel like I would say home is with my parents and my sister, my- just the stuff that I have, and, and then there's like certain places, like for example, like my grandparents apartment in Portugal, or, like, the countries I-like the family

house my family has in France, like, those are just places that I've gone (inaudible 16.45- 16-50), in some ways, that I consider home. But I don't have- I wouldn't say that I have one place that is..., that I really consider home.

I: Ok. Uhm, in relation to your adult life, now, your present life, are you, did you study, after high school? Are you studying after high school?

P5: Yeah, so, yeah. I've just started, like, this year, my bachelor's degree.

I: Ok, so you're currently doing university course.

P5: Yeah.

I: And what is it about? What is it in?

P5: I'm doing, political science.

I: Ok. And what is your motive, for this choice? [Laughing]

P5: This is probably, easy to guess, but, yea just like my interests, yeah, in international relations, and economics, and sociology, history and all that and..., that for me was very much-like it wasn't for example, I woke up one day and I was like "Oh my God, this is what I want to study!", like for me it was more like, it was a little blurry and then it just started clearing up and just, I just like, for me to seem like almost the logical next step for me it was to study something like this, because, yeah, so I moved around my whole life, my mom worked for the U.N. and obviously those are all things that influence the way that I think, and so I know that thinking of international relations and the dynamics between countries and like balances of power and just all that kind of things whether it is like out of international scale or just within a community of people, which is a thing that I find so interesting and also so relevant to me and the way that I've grown up, and, and so yeah, that's why I decided to study this, yeah. [laughing]

I: And you're in France currently, but what city in France?

P5: I'm in Reims which is, like, a city that's like 40 minutes away from Paris. Ok, and the reason I'm here, it's because it's..., it's basically this part of Sciences Po, which is a large university and they have like campuses all around the country, and so the main one is in Paris and then each of the smaller campuses is- it has like a geographical focus, and the campus that I want- the program that I'm doing is focused on European and North-American relations, and..., I guess the reason I chose, like I'm glad to be here for example, rather than in Paris or something like that is [laughing] is because it has kind of, like it worked for me as a transition because the old school that I was in was very small, like twenty people per grade, so coming here like it's still a small university and everything, it's a small city, which..., would guarantee in some way that it would be easy for me to transition here, and to not be like completely overwhelmed by, Paris, like a huge city, where people, like for example here nobody lives with their parents. Everyone lives like ten minutes away from campus, so, yeah. [Laughing]

I: Ok. Yeah, makes sense. And what, now- it's a bit personal, but, I don't know if you have a boyfriend or not, or a girlfriend but, in relation to your relationship's choices, what are the main characteristics or qualities that you look for in a person?

P5: [Pause] I feel, like..., I really like people who..., can..., who I can learn from..., and, and... in many senses I mean that I like intellectually, so..., ahem..., just like people who will..., I feel like, I like to be..., like I like to question what I know, and I like people, I like when people add on to what, like..., add on to what I know, what I think, and when I try to give different angles I think like, I feel like, that like so..., be able to really talk to a person, just about, like anything, whether it's like politics or anything, that kind of thing. I like to learn, and, like I think this is just very like (inaudible 21.09), but someone who, who, kind of like..., who's very calming, because I feel like personally I'm someone who can get stressed pretty easily [laughing], so someone who can calm me and then, otherwise someone who is..., I don't know for example brings out the fun side of me too... [laughing]

I: Ok, yeah. And, in your friendships? What do you think are the main characteristics that you look for or that characterize, your present and your future, friendships?

P5: Uhm, I feel like in the same way it's very similar, to what I was looking, like, in a boyfriend..., but, I think..., something for-in terms of friendships, it's also for me- it's very important to have someone, who's just like..., super reliable and I can see myself really..., growing with, because, like I think one of the things from, like, moving around, is that whatever relationship I had with in terms of like boyfriends or whatever, there's..., that- that whole idea of the time crunch is much more applicable in that sense, because, like, simply you just can't do long distance especially, like, at my age, it just doesn't seem very logical, so for me my friendships are more important, than, like, any relationship that I had with, like, with a guy. So, for me it's like, 1-my friendships are more important, I'm more relying on them and I'm looking more for this..., like, long-the longevity in it, because I know that those are things that I could actually try and maintain without being closed by, like, long distance or anything like that.

I: And do you think that in the present you- wait let me rephrase it. Are you in the present still, in university or maybe outside of university, do you find yourself in an international environment, so of, also other people that have similar experiences as you?

P5: Yeah, I do. I think, something that I was actually surprised by when I got here, that even..., like right now, some of my closest friends are people who have not actually had the same lifestyle as me, but then I always find people who do because at some point you just need to find people who are like you, so to actually understand, or- I don't know, there are just some experiences that, that I know that like my- for example like-my French friends, who like have lived in France their whole life and everything, there are some experiences, some feelings that they just don't understand and they can't relate to. And, that's not like from lack of... want to empathize or anything, it's just... it's such a weird... like, there's just something that is just weird to understand, in the same way that- you probably had the same feeling with me, but..., so yeah, I think I always do end up finding..., these people..., who had more or less the same lifestyle.

I: Ok.

P5: Like international.

I: Yeah, and in relation to your future, so things that you are planning, or goals that you have, what would you say is the profession you would like to have? Or what are your professional goals? Short term or long term, whatever you...

P5: To be honest, I'm not really sure yet, but, something that I actually, like, one of my French friends talked about the other day was like, this whole idea of where we would continue after Sciences Po, where are we going to do the Masters, because here's very much like, there's not this idea of like, considering leaving the country..., and for me that's just like, like staying in the country was something I had never considered. Like for me it was just like it's not a matter of the country, because I just..., like, I was never gonna stay in a country that I lived with my parents in, so for me like, it's just every option was a viable option, so it was almost like, too big to consider, so in that sense, like where's my future studies? I don't know, but I know that it will probably be in different countries [laughing] and then..., professionally like where I want to work is where, like, that kind of thing. I don't know I'm very interested in, like..., like everything that is like, anti-corruption, and that kind of thing, but I- like in my- where I see my professional future there's no fixed country.

I: Ok.

P5: It's really just a matter of, like interest. And like I said... [chuckling]

I: Ok. Is there, or are there actually, places that you would like to live in the future, that you already have in mind?

P5: Uhm..., not really, I feel like..., I don't know, there's-like, for example, I went to Amsterdam, recently, and... I really, really liked the Netherlands as a country, so, I was just saying like "Oh yeah, I feel like this is a kind of place where I could live in as an adult". But other than that, no, I don't think there's any country that I- and also because the countries that I have lived in, I very much associate to a certain period of my life, and so I don't know what it would be like, for example to go back to one of those countries at a very different time period. So no, I don't really particularly envision (inaudible 26.48).

I: Ok. And in relation to the future, I don't know if you have already thought, or considered..., like, if you've already had thoughts about your family and possible future children or not, but if you have..., what would you say are the main values and goals that you have in relation to creating a family and bring up your children? Or raising your children?

P5: Uhm, yeah. Uhm..., I don't know, like, I feel like I haven't really thought about this. [laughing]

I: Ok. [laughing]

P5: I think, one of the, like the biggest things that I..., kind of appreciate from the way I grew up, was the idea of being comfortable among diversity, you know it's-and also the languages,

like it, it's actually it's really cool and stuff [laughing], so I feel like one thing that I've always kind of thought about is like "how am I going to get my kids to learn all-to learn the languages that I speak too?", because they're part of who I am, and who my parents are, and, I'm like "how am I gonna get to- to fig-how am I gonna teach them French and Portuguese? Like what language should I speak to them?" And that kind of thing [laughing], but, uhm..., yeah, I think those two..., I don't know, I haven't really thought about it [laughing].

I: Yeah [laughing]. Ok, well then, in a very general way, whatever you think of and have dreamt of, what are your future dreams and aspirations?

P5: [Pause] Uhm..., [laughing] I- [pause] like in a general feeling, I want to be independent and..., feel like, I have like..., a sense of direction with what I'm doing, especially, like, professionally, I..., like even in..., even now I like to know that..., what I'm doing has a purpose, not necessarily like, "Oh for doing the greater good of society, or whatever", but like for myself, like I, I like to know where I'm going with things, in sense, like, not like- I don't know, it's just like I feel like I like to know that there's a purpose to the things I'm doing, like even if it's just for myself, and so..., in my future, I would like to continue that and..., yeah, just being very independent as a person and..., I don't know, I have [laughing] I don't really have like big plans for the future in terms of, like..., professionally or anything..., uhm..., and..., I know and I think I..., I don't know. [laughing]

I: Whatever you're thinking! I mean, I'm not- this question is very vague, is whatever you feel, it doesn't have to be..., big, constructive. You understand? Like...

P5: I think I also want to find..., like make my own..., find my own place that I could consider home, like find my own way of doing it, without necessarily having my parents and my sister..., because..., honestly, the idea of continuing to travel and all that is something that I would..., I think I would really like, and I don't know if that's just because I don't know what it's like to live in one single country for a long period of time, but I know [chuckling], that I didn't dislike the way that I grew up, so that would be some way, that I would like to continue, and..., in some way I would want- I do, professionally, like even though I don't know exactly what I want, I do want to... would want, want to do something that..., would mean that I made use of the privilege that I've had of growing up in this way. So that's why I feel like also, working in anything that's like anti-corruption and that kind of thing, would..., like..., being useful based on what I've had the chance of having. I don't know if that makes sense. [laughing]

I: Yeah, it does make sense, yeah.

P5: Ok. [laughing]

I: Thank you, that was mainly what I wanted to ask you, thank you so much. I would still want to ask you a few questions, like, off record so to say, which is mostly about the interview. Did you feel that there were any questions that I made that; you didn't find very relevant?

P5: (Inaudible, 31.50)

I: I'm sorry.

P5: I'm sorry, it cut a little...

I: Yeah, the connection. I'll repeat. Were there any questions that I made that you found irrelevant or not necessary?

P5: Uhm, no. And it's actually, like, I- I found it funny when you- when \_\_\_\_\_ messaged me, because just recently I had a friend who's applying to..., uhm..., to go to a Drama School, so she had to like, for her auditions, she had to write a play and she actually wrote a play about, like..., uhm..., sense of identity and all that, and so she also interviewed me with similar questions, so, uhm, no I don't find it irrelevant, and I know that they're things that have always kind of been at the back of my mind and I've always considered, because, uhm, especially like, in contrast to, for example, to the couple of friends that I do have, that I didn't have- I mean, that I've had in France, just always like..., like, when- like, my best friend lives in Paris and she lived there her whole life and so staying in contact with her means that we were always like, comparing each other's lives, not necessarily for like "Oh, who's better, who's worse", just..., to see the differences, because you always see, understand your situation better, by looking at or having an outside reference too.

I: Yeah, makes sense. Were there any questions that you think actually would still be interesting asking, that I didn't say, I didn't mention?

P5: Uhm... [Pause] No, I feel like you covered it pretty well. And now I feel like I kind of addressed them anyways. I feel like the idea of just like- no, I don't know, uhm, [pause]. I mean, I guess it just depends on, like, the approach that you're gonna do but obviously that's you, but, like, you covered it pretty well [laughing].

I: Ok. And now, in relation to your opinion, what do you think, is the impact of these multicultural experiences on the people who live them?

P5: I think..., a big thing is..., in one way, it-it really humbles you..., in the sense that you..., you see in your experiences so much, that you realize kind of just, like how irrelevant you are as one person, just like, one person is one person and you..., like you don't like- it doesn't- it doesn't allow you to live in a bubble, basically. But at the same time, it's still- is a bubble, because..., living this way means that you're part of like, a certain elite, who can travel, who has money, who has- and in that way it's, also like..., I don't know, I don't know what word is the opposite of humble, but..., yeah [laughing].

I: Like «proud» maybe? Or no?

P5: Yeah, but just kind of like, the idea that..., like in some way it can make you feel like you're, better than everyone else, because you had this... such a great opportunity, so you, like, open minded and *bla bla bla*, like, I think, there's really a matter of both, because, it can also be very humbling.

I: Ok. Yeah, makes sense.

P5: Like, w-wait what was the question, it's like (inaudible 35.27) [laughing]

I: No, it was, what was your- what is your opinion of the impact that these experiences have on people's lives?

P5: Uhm, yeah, I feel like that would be the biggest thing, and... [pause] Um, and I think that another big thing is that it..., [pause] like, the idea of having..., like habits and stuff, and..., or just routines is very..., it's like a very different concept. Or the way that it might have been in your day to day is very different, if it would be with people who lived in one place or like, one place for a long time within their whole lives.

I: Yeah, makes sense.

P5: It's just because, like, what you call home or like everything that you do and the way that you do it, is very related to where you are living.

I: Ok. Thank you so much for your participation.

P5: I hope it's helpful... [laughing]

I: It was! Definitely, it was very interesting to hear all your opinions and your experiences and you sharing that, so thank you for that.

## ANEXO F: Método Fenomenológico

**Tabela 1 – Participante Nº 1 (P1)**

Unidades de Significado	Transcrição Entrevista	Unidade de Significado Psicológico
U.S. 1	E: “Como foi o teu percurso escolar, pré até ao secundário, com essas mudanças todas?” P1: “Eu sempre tive nas mesmas escolas. No país em que estava nunca mudei de escola. Portanto, isso deu alguma, sei lá. Isso ajudou.	P1 refere que dentro da sua vivencia de mudanças entre países, a constante de estudar numa mesma escola em cada país foi um fator de apoio.
U.S. 2	Mas as mudanças de país para uma escola nova foram duas vezes, e depois aqui né, que também está nesse contexto de escola então..., foram traumáticas, ya.	P1 acrescenta que apesar dessa constante, a mudança entre países, e consequentemente entre escolas, foi uma experiência de elevado sofrimento psicológico.
U.S. 3	Tive..., quando era criança era uma coisa de “Pá, eu não quero estar aqui”, eu queria estar noutra lugar, eu queria- [respira fundo]	P1 partilha que enquanto criança, quando estava num contexto novo, sentia que não queria estar nesse lugar, mas noutra.
U.S. 4	depois as pessoas me pediam para eu falar..., achavam bonitinho o meu sotaque. E aquilo fazia me sentir mais estranha e tipo..., me destacava, ou seja, era mesmo diferente, e depois eu era brasileira ainda por cima. Mas ali não, era brasileira estrangeira.	P1 relata interações que outras pessoas brasileiras locais tinham com ela, destacando-a pelas suas diferenças, como o seu sotaque, que lhe proporcionavam um sentimento de marginalização, em que era vista como estrangeira, apesar de ser também brasileira.
U.S. 5	Só que é isso, acho que quando se é criança também essas coisas podem se fluir mais facilmente, porque- não sei, tem mais facilidade para a criança se adaptar a uma coisa nova.	De qualquer modo, P1 sente que enquanto criança conseguia lidar melhor com essas situações e adaptar-se mais facilmente a coisas novas.
U.S. 6	O que eu mais queria era pertencer e estar ali então, isso depois, sei lá, não ficava a pensar naquelas coisas. Então aquilo ia passando, escoando.	P1 partilha que na altura o seu desejo era pertencer e por isso não se focava nessas situações ou sentimentos.

U.S. 7	Depois eu passei a pegar o sotaque naturalmente com a minha família, não sei que. Aquilo desapareceu, essa evidência de que eu era, diferente.	P1 conta que com a adaptação, adquiriu o sotaque local, o que ajudou a diminuir o destaque das suas diferenças.
U.S. 8	Mas eu sempre me senti diferente porque sou e porque eu sou meia angolana. Nunca ia ser igual a eles, nessa questão da nacionalidade. Então isso sempre me incomodou. Me senti, senti que era sempre meia angolana.	Mas P1 continuava a sentir-se diferente, por causa da sua dupla nacionalidade. O saber que nunca seria completamente igual aos outros gerava sentimentos negativos nela.
U.S. 9	Mas enquanto estava lá no Brasil aquilo não era assim, tão incômodo, não era uma questão. Mas quando eu vim para cá, e entrava em contacto com outros brasileiros e falava tipo “Ok, de onde você é? Quanto tempo você tá fora do Brasil?”, e eu já estava fora do Brasil há mais tempo porque estive em Angola, e porque nós não temos mesmo-quer dizer, a maioria era sempre de dois pais brasileiros.	P1 fala sobre esta situação de diferenciação por parte de outros, que eram mais evidentes com indivíduos de nacionalidade brasileira, que conheceu quando foi residir em Lisboa, do que com os que conheceu no próprio Brasil.
U.S. 10	Teve uma vez até com um menino, que eu estava falando, estávamos falando tipo disso, de nacionalidade, e ele disse “Ah, mas você não é brasileira”. Ouve..., disse isso tipo brincando “Você é angolana! Você é meio brasileira”, alguma coisa desse tipo. E aí, ya, aquilo deixou-me triste e fiquei..., ainda não estava assim tipo..., não tinha pensado muito sobre essa questão e aí, quando ele disse aquilo, aquilo ficou de novo evidente porque, ah fora do brasil é assim, mais ou menos se calhar que os brasileiros se vem, ou seja, só se você..., tiver..., sempre vivido lá, ou tiver o pai e mãe, os dois brasileiros, aí você é mais brasileira do que um que, né.	P1 conta sobre um episódio de uma conversa com um individuo brasileiro, que ao falar sobre o assunto de nacionalidade, ele expressou que ela não poderia ser verdadeiramente brasileira, por ser meia angolana e por ter vivido tantos anos fora do brasil, como se isso a fizesse menos brasileira. Isso fez lhe sentir triste e tornou novamente evidente essa situação da diferenciação dos outros.

U.S. 11	E depois eu- isso é sempre uma questão que..., não sei..., está sempre assim..., tipo..., em mim... latente. E fiquei, entretanto, pensando sobre essas coisas, é que eu tipo fui chegando a uma..., não sei, a uma coisa mais profunda..., uma coisa..., permitiu achar uma identidade mais profunda, que no fundo é, é o que me sinto, né.	P1 revela que esta questão de identidade sempre se manteve latente ao longo do tempo, o que permitiu ela refletir bastante, e chegar a sua própria definição mais profunda de identidade.
U.S. 12	Não são as outras pessoas que, que vão definir isso, se eu me sinto...brasileira, mesmo só tendo vivido lá só oito anos no total. Na minha vida só vivi lá oito anos no Brasil. Ya só, isso não é..., não é pela quantidade é pela conexão.	P1 afirma que a sua identidade é definida pelo que ela própria sente e não pelos outros, apesar do tempo que ela residiu num lugar, porque para ela o que é mais significativo não é a quantidade de tempo, mas a conexão que tem com esse lugar.
U.S. 13	Sim, e depois também foi em fases..., e depois também essa outra coisa do tipo, eu vivi momentos críticos do desenvolvimento nesses dois países. Passei a adolescência no início, uma fase em Angola. Então ya isso..., tem impacto..., na minha personalidade, na minha...	P1 diz que cada lugar em que residiu fizeram parte de etapas específicas do seu desenvolvimento, e por isso tiveram impacto sobre a formação da sua personalidade.
U.S. 14	Então dos treze até aos dezoito eu sou mais angolana que brasileira, talvez. E dos 1..., do primeiro ano de vida sou brasileira.	P1 propõe que durante a sua adolescência a sua identidade fosse mais angolana do que brasileira, e no só primeiro ano de vida fosse brasileira.
U.S. 15	E depois é, isso ainda está tipo..., claro..., no processo, toda essa..., o que que dá..., ou o que que é..., qual o resultado, ou que já é. Eu ainda não, não, não..., estou vendo.”	P1 admite que ainda está no processo da formação da sua identidade, e que ainda não é algo claro para ela.
U.S. 16	E: “Quais é que foram algumas das perdas que tu tiveste e passaste, alguns dos lutos das várias experiências?” P1: “Coisas concretas, a relação..., a relação com as	P1 fala de perdas concretas consequentes das mudanças que passou, como a quebra dos relacionamentos interpessoais e familiares, como por exemplo, o perder o desenvolvimento de um familiar mais novo.

	<p>peças. Quebra de relações com alguns amigos e com a família. Tipo ver os bebês, as crianças pequenas..., a gente sai e depois perde esse crescimento.</p>	
U.S. 17	A casa, o espaço. O país, o clima.	P1 menciona a perda do próprio espaço concreto da casa, do país e dos fatores climáticos.
U.S. 18	O estar, e depois é o estar em casa. Essa coisa de..., pertencer. Encontrar, saber que você está no seu lugar.	P1 acrescenta a perda do próprio sentimento de estar em casa e de pertença.
U.S. 19	E a mesma coisa- e depois o negócio de, não sei da..., formação contínua desse conceito de nacionalidade. Que depois há gente não pensa mais sobre o que é esse conceito porque você está sempre nesse conceito. As pessoas que não sofrem essa interrupção.	P1 fala também da perda da construção contínua do conceito de nacionalidade, e consequentemente de identidade, em comparação com quem vive sempre num mesmo lugar e cultura, que mais cedo definem isso.
U.S. 20	E isso também é um ganho ao mesmo tempo, porque depois eu vejo que é um conceito. E que sendo um conceito eu também posso construí-lo, e isso é entusiasmante, é rico, é mais rico eu acho. Mas é muito difícil sim. Eu ainda estou tipo nessa embrulhada (...) a criar.”	Mas P1 acrescenta que também define isso como um ganho porque permite que ela veja que é somente um conceito, o que da oportunidade de ela própria o construir, que por um lado gera sentimentos positivos e por outro é sentido como difícil e inacabado.
U.S. 21	E: “Quais é que são outros ganhos que tu também sentes estas experiências tem te dado?” P1: “Conhecer coisas novas, diferentes. Ver- entrar em contacto com perspectivas de vida diferentes, como é que a vida pode ser vivida de outras maneiras. E depois tudo o que isso significa, de sei lá, a forma com a gente projeta a vida, como é que se veste, como é que se comporta, como é que se conhece, como é que brinca, como é que nas situações sociais,	P1 identifica como um dos ganhos destas experiências multiculturais, a exposição a uma diversidade de culturas, cada uma com as suas perspectivas, formas de viver, de vestir, socializar e relacionar.

	socialmente, como é que é essa-como é esse chegar e..., as dinâmicas relacionais, isso é muito diferente. E eu tenho noção mais disso, depois-	
U.S. 22	mesmo em viagens para outros países, viagens de passagem, é sempre essa coisa que mais me fica. Como é que as pessoas se portam de maneira diferente independentemente do lugar,	P1 expressa que o que mais lhe impacta e marca quando ela viaja e visita outros destinos, são as formas como as pessoas lá vivem.
U.S. 23	e às vezes parece que é só- a gente esquece mesmo que tem haver com o lugar. Eu pelo menos esqueço. [Ri-se] Então é fixe ter tipo, janelas, várias janelas.”	P1 acrescenta que sente que por vezes esquece que uma forma específica de viver está associada a um lugar específico, e por isso valoriza essas experiências de contacto com outros lugares e culturas que são como janelas.
U.S. 24	E: “E sentes que isto ajuda-te a teres mais facilidade em adaptares-te ou pelo contrário?” P1: “Os dois sim. Depende, também depende muito, tem muito haver também como eu estou em determinada fase da minha vida.	P1 diz que esta exposição a uma diversidade de culturas por vezes ajuda na sua adaptação, dependendo da fase de vida em que se encontra.
U.S. 25	Mas, as vezes é, não sei. Só porque sou brasileira já sei melhor qual é tipo de partilha e o que poderia falar para não ser mal interpretado.	P1 identifica que devido a sua experiência, já sabe distinguir o que e como conversar para ser adequada ao contexto da cultura brasileira.
U.S. 26	Mas aqui em Portugal tenho muita dificuldade. [ri-se] Tenho que gerir a espontaneidade e o limite, do que para as pessoas é falta de educação, ou até uma coisa invasiva. Eu fico tipo naquela “Até onde eu posso- até onde eu posso ir mesmo?”.	Mas P1 sente que atualmente em Portugal não tem a mesma facilidade em distinguir como e o que dizer para parecer adequada a cultura, e por isso tem adotado uma postura menos espontânea.
U.S. 27	Tem um outro impediente que é as pessoas que eu conheço são mais dentro dessa área de psicologia, e depois há muita sensibilidade, normalmente as pessoas são mais sensíveis. E não sei, e captam coisas que no Brasil	P1 acrescenta que a maioria das pessoas com quem interage em Lisboa são da área de Psicologia, que ela caracteriza como sensíveis e que captam coisas de forma diferente ao qual ela está habituada de outros contextos, como no

	<p>por exemplo, o Brasil também é muito grande, no Brasil que eu conheço, seriam uma coisa..., não seriam nada de mais. Seriam uma coisa mais tranquila.</p>	<p>Brasil que ela descreve como sendo mais tranquilo.</p>
U.S. 28	<p>O que eu percebi aqui é que já fui mal interpretada, já fui até tipo analisada. E depois eu fico pensando, mas isso é uma coisa..., tipo, eu fico confusa em relação a essa..., a isso tipo.... Será que no Brasil- depois eu fico perguntando, “Será que no Brasil a gente fala..., mais de uma forma indireta e de mais..., é mais aceitável essa coisa de mandar (...) indiretas. Ou se tem haver com o contexto em que eu mais estou aqui. Se tem haver com o negócio, são pessoas que estão nessa área.”</p>	<p>P1 sente que já foi mal interpretada e analisada em Portugal, o que lhe fez refletir sobre as diferenças entre contextos e do tipo de comunicação que é habitual e considerado adequado.</p>
U.S. 29	<p>E: “Como é que tu irias responder à pergunta, “Quem sou eu?” P1: “[Ri-se] Acho que sou uma pessoa que está..., está sempre procurando se construir e..., e procuro contacto para isso.”</p>	<p>P1 descreve-se como uma pessoa que se encontra no processo constante de autoconstrução, através do contacto com o outro.</p>
U.S. 30	<p>E: “Onde é que tu sentes que pertences?” P1: “Se eu tivesse que falar um país, o Brasil. Sim. Eu não sei se o Rio mesmo onde eu nasci.</p>	<p>P1 revela identificar que sente que pertença no Brasil, mas não sabe se é necessariamente no seu local de nascimento.</p>
U.S. 31	<p>Mas agora por exemplo, estou com muita curiosidade de conhecer a Amazônia. Ya eu quero descobrir a Amazônia, ficar lá um tempo. Acho que a Amazônia é a mãe do Brasil e eu sendo brasileira quero ir ter com a mãe. [Ri-se]”</p>	<p>P1 a seguir revela o seu desejo de como brasileira, vir a conhecer afundo a Amazônia, que ela descreve simbolicamente como a mãe do Brasil.</p>
U.S. 32	<p>E: “E como irias descrever “casa”?” P1: “É um lugar onde..., você pode ser quem você é e que está garantido, não te tiram. [Pausa]</p>	<p>P1 descreve o conceito de casa como um lugar que é constante e garantido onde se pode ser verdadeiramente quem é sem receio de o perder.</p>

	Ya, você sente envolvida, aceita, completamente, e..., ya, pode mostrar a..., pode-se mostrar sem medo de que..., ya. Pode se mostrar sem medo, porque aquilo vai estar lá.”	
U.S. 33	E: “E onde ou quem dirias que é a tua casa?” P1: “Mais profundo é o meu corpo.”	P1 define o seu corpo como representante mais profundo do seu conceito casa.
U.S. 34	Mas agora já me sinto mais..., na casa onde estou morando agora, eu sinto me mesmo muito mais em casa do que nas outras. Do que as outras, tirando a de infância no Brasil. Essa, essa também talvez. Só que está no passado, então não fui lá buscar. Seria essa, e a que eu estou morando agora, estou morando sozinha.”	P1 revela ainda que atualmente já se sente mais em casa na casa em que agora vive sozinha, em comparação com outras casas que viveu no passado, tirando a de infância no Brasil que também já representou casa para ela.
U.S. 35	E: “Então, em relação ao futuro, qual é a tua escolha vocacional? O que gostarias de fazer em termos de trabalho?” P1: “A curto prazo vai ser- acho que eu vou começar talvez pela..., não sei, pelo teatro talvez, ou artes expressivas. Estou a pensar em conjugar os dois. Seria uma coisa assim.”	P1 expressa os seus objetivos profissionais do futuro próximo, que consistem na possível conjugação do teatro com as artes expressivas.
U.S. 36	E: “Então pensas fazer uma pós-graduação, ainda ou algum tipo de formação?” P1: “Talvez. Ya. Mas depende, porque eu não sei onde eu quero viver sabe. Eu não faço ideia. Estou tipo, “Ok, eu vou terminar aqui o meu mestrado e vou ver o que acontece.”	P1 revela que tem como possibilidade continuar a estudar, mas que não se sente certa por que não tem certeza de onde quer e vai residir no futuro.
U.S. 37	Não penso logo entrar para a ordem, porque senão teria que ficar mais um tempo. Não me quero comprometer, acho que agora...,”	A possibilidade de seguir o processo da carreira da área dela de psicologia em Portugal está fora de questão para P1.

U.S. 38	“depois o que eu quero- o que me vem à cabeça depois quando eu penso que vou acabar isso é viajar, por um bom tempo, sabe. Depois é que vejo para saber mesmo para que lugar é que eu vou me sentir chamada.	P1 partilha que tem como desejo e objetivo futuro, viajar, também para encontrar um lugar onde se sente chamada para ficar.
U.S. 39	Não quero Angola. Sei que sei isso.	P1 afirma objetivamente que não considera Angola uma opção.
U.S. 40	Eu já começo a achar que também não vou querer Portugal, porque estou tipo..., quero me distanciar também um pouco de Portugal e ver..., como é que dentro dessa minha fase adulta eu posso..., como é que eu posso vivê-la de outra maneira. E sinto que em Portugal tenho- estou vivendo essa minha fase adulta de forma muito..., não sei, talvez muito intelectual, coisas que..., não sei..., muito de intelectualizar as coisas, e de às vezes criar problemas. Complicar uma coisa que não é, na forma de relacionar de interpretar.”	P1 partilha que também não está a considerar continuar a residir em Portugal porque sente a necessidade de se distanciar, porque está a procurar viver sua vida adulta de uma forma diferente da que a vive em Portugal, que caracteriza como intelectualizada e complicada.
U.S. 41	“(…) Por exemplo quando eu tive há algum tempo lá em Barcelona, eu senti essa diferença da maneira que eu gostei, fiquei..., isso é um bom, uma boa chamada de atenção. Eu gostei bué da forma com as pessoas viviam lá entendeu?	P1 menciona uma experiência que teve na cidade de Barcelona em que sentiu a diferença no ambiente e forma das pessoas viver, que para ela foi agradável, e que considerou como uma chamada de atenção.
U.S. 42	E eu sinto que aqui as vezes eu me fecho muito porque estou nesse ambiente, um ambiente que me influencia bastante e eu fico tipo, “Mas eu não quero ser assim, quero ser mais aberta!” E aí, ya, sinto essa coisa aqui, que já não quero estar aqui nos próximos tempos.”	P1 revela o impacto que o ambiente em que se encontra frequentemente tem sobre ela, fazendo com que seja menos aberta e espontânea, o que ela vivencia com algo negativo, e por isso quer se distanciar.
U.S. 43	E: “Quais é que são as características e as qualidades que	P1 revela que as qualidades e características comuns das pessoas com

	<p>tu procuras na pessoa com quem estás ou queres estar?”</p> <p>P1: “O que há em comum eu acho é, abertura, pessoas abertas, expressivas, ya. Que tem essa curiosidade sim, pela, pela vida, pelo mundo, pelos outros. E..., ya..., essa coisa de..., isso é também bastante complexo acho.</p>	<p>quem quer estar é o ser aberto, expressivo e ser curioso pela vida, pelo mundo e pelos outros.</p>
U.S. 44	<p>Mas é uma..., agora por exemplo estou..., sim estou num relacionamento amoroso que também não tem, não tem uma..., não é solteira ou..., não somos namorados também... Isso também as vezes me confunde, mas não tem então,</p>	<p>P1 partilha que atualmente tem um relacionamento amoroso com alguém que não tem um rotulo específico e que por vezes isso a confunde.</p>
U.S. 45	<p>acho que agora com ele é uma coisa de..., nós os dois gostamos daquilo que a nossa relação nos traz aos dois e que depois..., é uma coisa de muita amizade também, e também vai mudando muito, é muito..., é muito dinâmico. Vai passando tipo por fases sendo muito diferentes, mas dentro dessas fases o foco vai mudando, ou a forma como nós estamos um com o outro, fica mesmo diferente. Tem uma fase que éramos- para mim pelo menos era uma coisa..., éramos mesmo amigos que então..., ya.</p>	<p>P1 sente que a sua relação amorosa se baseia num sentimento mútuo e na amizade, mas que é também muito dinâmica, passando por várias etapas diferentes em que o foco e a forma de estar um com o outro muda.</p>
U.S. 46	<p>Mas se calhar as características seriam estas, pessoas abertas, (...) sociáveis e que tão..., querendo estar no mundo.”</p>	<p>P1 reforça e conclui que as características principais que valoriza é a abertura, o ser sociável e desejo de estar no mundo.</p>
U.S. 47	<p>E: “Em relação às tuas amizades, agora na tua vida adulta, quais é que as características que tu procuras nas pessoas, nas amizades que tu escolhes?”</p> <p>P1: “Acho que elas vão acontecendo, mas as que eu mantenho e tenho interesse em manter..., é a mesma coisa,</p>	<p>P1 diz que sente que as suas amizades vão se acontecendo naturalmente, mas que identifica que a maioria das pessoas com que mantem uma amizade se caracterizam como calorosa e interessadas que se tornam interessantes por isso.</p>

	<p>passam pela mesma coisa. Interessantes, pessoas interessadas, que depois ficam interessantes por isso. Ya, e calorosas, gosto de pessoas calorosas.</p>	
U.S. 48	<p>E com quem eu, com quem eu- sim se calhar isso é mesmo a base. Com quem eu me sinta mesmo segura, do tipo, posso mesmo, posso sei lá, estar mesmo aqui e falar, e falar besteira e falar, sem medo de ser mal interpretada, sem medo de ser julgada.”</p>	<p>P1 acrescenta que para ela a base é sentir-se segura e poder ser espontânea e falar abertamente sem ter receio de ser mal interpretada ou julgada.</p>
U.S. 49	<p>E: “Quais é que são as qualidades e os objetivos daquilo que procuras para a tua família, que sonhas para a tua família?” P1: “Ya, tenho vontade de ter filhos. E seria uma coisa- seria aquilo que eu não tive que é, consistência. Um lar consistente.</p>	<p>P1 patilha o seu desejo ter filhos no futuro e de lhes poder dar um lar consistente que ela sente que nunca teve.</p>
U.S. 50	<p>Só que isso também..., como eu também não sei mesmo como é que eu..., onde é que eu vou querer viver, onde eu vou estar..., eu não diria “Ok não vou ficar- não me vou casar com essa pessoa porque ela vai querer viajar pelo mundo e porque quero um lar consistente para os meus filhos!” Mas por agora..., é.</p>	<p>P1 clarificar que apesar desse desejo de consistência, ela não tem a certeza de como isso se iria realizar na prática, como também não negaria um relacionamento com uma pessoa que possivelmente não teria o mesmo objetivo que ela.</p>
U.S. 51	<p>“Seria essa. Eu..., sim, tenho muitas coisas boas a invejar, mas eu sinto é que..., calma..., sabe uma coisa onde eu possa..., onde eles possam crescer e sentir sempre que aquilo não vai sair debaixo dos pés deles, deve ser uma sensação maravilhosa,</p>	<p>P1 acha que devido as sua experiência adquiriu muitas boas qualidades, mas, contudo, que quer proporciona outra experiência para os seus filhos que lhes transmita uma sensação de segurança e constância que ela acredita ser uma sensação positiva.</p>
U.S. 52	<p>e até, depois o contacto com as pessoas do lugar onde a gente tiver vivendo, não sei- por acaso eu penso numa coisa pequena. Uma comunidade, sei la, ya. E</p>	<p>P1 acrescenta que visualiza um contexto de uma comunidade pequena de contacto entre as pessoas, onde os seus filhos poderiam crescer até a adolescência, porque sente que é</p>

	seria muito fixe isso, ter essa-pelo menos pela, não sei, primeira infância até a adolescência. Nessa fase acho que é bué importante ter essa..., ya, solidez.”	essencial ter essa solidez durante essas etapas de desenvolvimento.
U.S. 53	E: “E em relação a educação desses filhos que sonhas ter, que tipo de educação gostarias que eles tivessem, o que lhes queres oferecer, valores que queres transmitir, que experiências queres transmitir, vivências?” P1: “Cidadania, ya. Serem pessoas que estejam..., preocupadas com essas coisas de como estar bem na sociedade, de como viver bem na sociedade, e como se posicionar, como não invadir os espaços, como exigir aquilo que é justo, e aquilo que é a justiça.	P1 partilha valores que acha significativos passar para os seus futuros filhos, como a cidadania, respeito pelo outro e justiça.
U.S. 54	Todo o mundo..., todo o mundo é mesmo igual. Isso então está lá tipo..., ya, um dos princípios mesmo. Sim, pessoas assim.”	P1 acrescenta o princípio de que todo o ser humano é igual.
U.S. 55	E: “Em relação a aquilo que ainda não falaste em relação ao futuro, tens alguns sonhos ou aspirações futuras que gostarias de partilhar?” P1: “Pois. Viver de um- é bem simples até. Viver de um trabalho que realmente gosto e poder, poder escolher, mais ainda, poder escolher onde é que trabalho. Mas ter prazer nessa coisa, ter prazer no trabalho. Eu sei que tem que passar pelo teatro. Eu não sei até se seria depois só teatro, não sei, mas mais isso. Essa seria a minha grande ambição em viver disso, né. Poder viver disso.”	Em relação as suas aspirações futuras, P1 partilha que quer poder viver de um trabalho que realmente lhe é significativo e que lhe traz prazer, que acredita que passa pela área do teatro.
U.S. 56	E: “Qual é a tua opinião em relação a isto, (...) acreditas que realmente estas vivências	P1 acredita que as suas experiências multiculturais tiveram impacto sobre a formação de quem ela é.

	<p>multiculturais tem um impacto sobre quem a pessoa é?”</p> <p>P1: “Sim sem dúvida, sem dúvida! Porque é..., tem impacto porque forma quem eu sou mesmo.</p>	
U.S. 57	<p>(...) quando eu fui me apercebendo dessa coisa das três nacionalidades, e de que, “Ah então eu tenho coisas portuguesas”, até geneticamente mesmo, coisas angolanas e brasileiras, fico..., fico do tipo..., “Mas eu sou muito diferente de outras pessoas”.</p>	<p>P1 partilha quando refletia sobre a suas três nacionalidades, e como ela tem características e aspetos dos três países, compreendeu que realmente é diferente de outras pessoas.</p>
U.S. 58	<p>Como é que é- fico curiosa..., como é que é o contrário disso. (...) fico curiosa com isso. E depois o negócio de ter sempre vivido, até na mesma casa, pessoas que nunca mudaram de casa. O que é, qual é a sensação?</p>	<p>Por outro lado, P1 desenvolveu uma curiosidade de como é a experiência oposta de ter residido somente num lugar, e até numa mesma casa durante toda a vida.</p>
U.S. 59	<p>E..., sempre também me senti- Ah! Até dentro da minha própria família, eu e a minha irmã, nós somos as únicas dos dois lados que tem duas nacionalidades. Tanto que o meu pai, a família toda do meu pai, da minha mãe- Todos os nossos primos são ou angolanos dos dois lados, ou brasileiros dos dois lados. Nós somos mesmo as únicas que nessa situação. Eu sempre me senti também por isso, sei lá, um bocado fora, dentro da minha própria família.</p>	<p>P1 revela que dentro da sua própria família também sempre se sentiu diferente do resto, porque somente ela e a sua irmã estavam na situação de ter pais de dois países diferentes.</p>
U.S. 60	<p>Mas se calhar pronto, eu também podia, tipo, me focar muito nisso totalmente, e a minha irmã nem tanto, até eles nem tanto.</p>	<p>P1 chega a conclusão que talvez se focava mais nessas diferenças, enquanto que o resto da sua família, e até a sua irmã não.</p>
U.S. 61	<p>Mas ya, teve sempre essa coisa de, do- parece que eu não sou completa, completamente. Parece não! Não sou, completamente</p>	<p>P1 fala do sentimento que sempre teve de não ser completamente uma coisa, e do impacto psicológico que isso teve</p>

	<p>uma coisa, e isso tem um impacto psicológico. Que é isso, que é isso..., que está tipo..., que eu estou elaborando até, quando penso nisso, né.</p>	<p>durante a sua vida até agora, que ela ainda está a continuar a elaborar.</p>
U.S. 62	<p>Mas uma coisa que, a música, tenho contato grande com música..., angolana e brasileira. E é tipo nisso, essas questões se desfazem, e pronto é só-</p>	<p>P1 identifica um fenómeno que faz com que essas questões sejam suspensas, que é o seu contacto com a música e dança.</p>
U.S. 63	<p>tipo quando estou dançando, uma dança angolana, semba ou kizomba. E aí nesses momentos que a minha família angolana diz, “Mas _____ ‘cê Angolana, olha como ela dança isso e aquilo.” E aquilo era, ya, tem essa coisa que se expressa tão naturalmente que nem precisa- que está em mim e que nesses momentos que ela sai.</p>	<p>P1 descreve uma situação em que estava a dançar um estilo de dança angolana, e que sentiu que se expressou de forma tão natural, como se fizesse parte dela, que até a sua família angolana comentou como se fosse uma evidencia das suas origens.</p>
P.S. 64	<p>Ya então, me relacionar e conectar com isso. Também sinto que é..., ou pelo menos lembrar, quando eu estou..., quando fico assim confusa, de lembrar essa coisa.”</p>	<p>P1 sente que é importante relembrar esses momentos e conectar-se com essa sensação de naturalidade, quando se sente mais confusa.</p>

**Tabela 2 – Participante Nº 2 (P2)**

<b>Unidades de Significado</b>	<b>Transcrição Entrevista</b>	<b>Unidade de Significado Psicológico</b>
U.S. 1	E: “E como é que sentes que foi a tua adaptação entre estas culturas todas, destes três países?” P2: “Então, em Madrid, eu não senti assim grandes dificuldades em termos de adaptação porque pronto, ou seja, fui para lá viver muito nova e comecei lá a escola, portanto, onde é que me começou a ser assim mais difícil?”	P2 refere que não sentiu grandes dificuldades no seu processo de adaptação na sua primeira mudança devido a sua idade nova.
U.S. 2	Depois quando fui viver para Benidorm para aquela escola também não tive muitas dificuldades, era nova, tinha praí nove. Naquela altura as pessoas davam-se mais facilmente.	P2 refere que também não identifica grandes dificuldades no seu processo de adaptação na sua segunda mudança.
U.S. 3	Depois quando eu comecei a sentir dificuldades foi quando fui para Barcelona, e acho que também depende muita das idades, nê. Naquela idade, senti algumas dificuldades, porque, ou seja, as pessoas já estando todas juntas na escola a algum tempo, e eu vinha de fora.	P2 identifica algumas dificuldades no seu processo de adaptação quando se mudou pela terceira vez, devido à sua faixa etária e do novo ambiente escolar em que foi inserida, que na altura sentiu como menos inclusivo em comparação com as suas experiências anteriores.
U.S. 4	Foi mais difícil também em termos culturais porque não conhecia muito bem Barcelona, a cidade, era uma cidade muito grande, nova.	P2 identifica também que o seu processo de adaptação foi mais difícil devido às diferenças culturais.
U.S. 5	E sim, a partir daí as transições, cada vez mais, começaram a ser mais difíceis.”	P2 refere que a partir dessa mudança, as seguintes também tiveram um processo de adaptação mais difícil.
U.S. 6	“Na Polónia..., ou seja, na fase em que fui viver para a Polónia tinha dezasseis, eu não estava muito bem porque aquela mudança de Barcelona para a Polónia foi muito difícil.	P2 revela que a sua quarta mudança, que envolvia a deslocação para um novo país, foi vivida de forma mais crítica.

U.S. 7	Ou seja, no meu último ano de Barcelona sentia que já tinha conhecido as minhas amigas, apaixonei-me por um rapaz, então transição foi muito difícil.	P2 identifica o motivo principal da dificuldade da sua transição para um novo país, sendo esta o facto dela
U.S. 8	E eu estava, nem sequer, eu estava na escola, mas eu não queria tipo, não queria integrar-me.	P2 admite a sua resistência a esta mudança e à sua própria integração neste novo contexto.
U.S. 9	Portanto, mas pouco a pouco fui me integrado até que agora tenho grandes amigos lá também, mas não fiz assim um esforço.	P2 menciona que com o tempo, apesar da sua postura inicial, conseguiu-se integrar no novo contexto escolar.
U.S. 10	Mas também não teria- também não era fácil. Era uma escola muito internacional. Não era no centro de Varsóvia, era fora de Varsóvia. Havia uma comunidade muito forte a volta da escola.”	De acordo com a perspetiva de P2, o próprio contexto escolar, e comunitário à volta, não era de fácil integração.
U.S. 11	E: “Quais são as perdas que consegues identificar em todo esse processo?” P2: “Foi difícil para mim quando finalmente, ou seja, estava na cidade, perceber que eu tinha perdido um bocadinho a vida que tive na cidade anterior.	P2 identifica uma das maiores dificuldades para ela ao longo das suas mudanças, é a própria percepção de perda da vida que tinha construído na cidade de residência anterior.
U.S. 12	Os meus pais, o meu pai estava- quando nós fazíamos as mudanças e o meu pai não tinha a tendência a ficar agarrado aos sítios. Então ele preferia tipo, não voltar. E isso foi difícil para mim especialmente (...)”	P2 descreve a forma como o seu pai lidava com estas mudanças, desligando-se do local de residência anterior, que ela vivenciava de forma negativa.
U.S. 13	“(…) era difícil quando eu depois voltava por alguma razão, ver como as coisas tinham mudado, perceber que eu já não tinha, eu não tenho amigos por exemplo...,	P2 partilha que era difícil para ela a perda daquilo que ela tinha vivenciado e construído num sítio em que residiu, que quando voltava a visitar, se tinha mudado.
U.S. 14	eu não tenho, das pessoas que conheci quando era mais nova, eu não fiquei com amigos em Madrid, não fiquei com amigos em Benidorm, mas depois eu	P2 explica como perdeu as suas relações significativas de infância que teve nas primeiras duas cidades em que residiu, e que só manteve até ao presente algumas das amigas que criou em Barcelona.

	<p>fiquei com amigos em Barcelona. Mas só da última escola onde estive lá. Bom, das últimas duas.</p>	
U.S. 15	<p>E é difícil esta coisa de sentires, sentir que se viveu num sítio, que se faz parte de um sítio, parte da tua identidade foi construída por esse sítio, mas que não tens razão para ir para lá voltar, porque não tens lá ninguém. E isso foi difícil.</p>	<p>P2 aprofunda o seu sentimento de perda em relação aos lugares em que viveu e tiveram um papel importante na sua formação de identidade, descrevendo como difícil a sensação de já não ter motivos para voltar a esses lugares.</p>
U.S. 16	<p>E agora também outra coisa que foi difícil, agora quando- que estou aqui em Lisboa, os namorados que eu tive, os meus dois namorados, eram de Barcelona. Ou seja, o primeiro que eu tive foi de Barcelona, e depois o segundo também foi de Barcelona. Com os dois um relacionamento à distância. Foi engraçado, que com o último quando acabei, das coisas que mais me tinha custado, obviamente tipo a nossa separação, mas também foi pensar que eu já não tinha um elo com a cidade, ou seja porque grande parte das coisas que mexiam comigo era eu ia visitá-lo à Barcelona. E quando acabamos eu pensei, “Não estou a acreditar que isto está a acontecer! Eu já não tenho razão para voltar lá.” É engraçado!”</p>	<p>P2 conta como dois dos seus relacionamentos amorosos anteriores eram à distância, com pessoas que viviam em Barcelona, enquanto ela vivia em Lisboa. Ela relata como para ela, ambos os relacionamentos representavam um elo de ligação a cidade na qual ela já tinha vivido, e que isso em si tinha um significado positivo para ela. Ao terminar o relacionamento mais recente, sentiu não só a perda da pessoa na sua vida, mas também a perda desse elo de ligação à cidade, e de um sentido ou motivo para regressar à cidade.</p>
U.S. 17	<p>“E: O que achas que ganhaste com estas experiências? O que levas contigo?”  “P2: Ganhei, conhecer pessoas em todo o lado. Conheço, ou seja, estava a pensar, eu tenho..., vou..., por exemplo o ano passado em maio fui uma semana a Tóquio com os meus tios. Eu tinha lá uma amiga a viver. E depois agora também, vou ter com os meus pais que agora estão a viver na Malásia, entretanto</p>	<p>Por outro lado, P2 sente que devido a estas várias mudanças e experiências, teve a oportunidade de conhecer pessoas que agora estão um pouco por todo o mundo, e mantendo contacto com essas pessoas, tem também consequentemente contacto com vários outros países.</p>

	<p>continuar o percurso deles. [ri-se] Estão a viver na Malásia, vou visitá-los também a seguir, eu depois também vou para a Tailândia, e conheço uma amiga lá na Tailândia, portanto, eu tenho pessoas espalhadas por vários sítios, e isso é muito bom,</p>	
U.S. 18	<p>ou seja, para mim o viajar é uma coisa muito importante. E é bom porque acho conheço sempre alguém em algum lado. Isso é muito bom.</p>	<p>P2 acrescenta que o viajar em si é algo muito significativo para ela, e por isso vê positivamente essa oportunidade de conhecer pessoas em diversos locais.</p>
U.S. 19	<p>E também experiências, ou seja, a minha capacidade de adaptação. Tive que aprender a me adaptar a diferentes contextos, se for para num sítio novo em que não conheço ninguém, já não me sinto tão mal. Já não é tão..., tão difícil. Já consigo ver assim um pouco mais- já consigo relativizar.”</p>	<p>Outro ganho que P2 identifica destas suas experiências é a capacidade de adaptação que ela desenvolveu ao longo do tempo. P2 sente que isto agora a ajuda a lidar com novos contextos ou pessoas.</p>
U.S. 20	<p>“E: Como é que caracterizas as amizades que tiveste durante a tua adolescência, infância também, nas várias escolas? O que achas que são os aspetos que as caracterizam de forma mais significativa?” “P2: Então, eu- pessoas que eu conheço desde a minha infância da Espanha, infância quer dizer, até aos onze anos, não fiquei com ninguém. Ou seja, não mantenho assim uma amizade com ninguém dessa altura.”</p>	<p>P2 volta a referir que não manteve nenhum relacionamento que teve na sua infância até aos seus onze anos de idade.</p>
U.S. 21	<p>“As pessoas que ficaram foram pessoas que conheci tipo aos meus quinze, em Barcelona. O que hei de dizer? Tenho duas grandes amigas, que as vou visitar este fim de semana, que são de Barcelona, e damos- ou seja, continuamo-nos a dar já há imenso tempo, desde que fui para</p>	<p>P2 explicita que as únicas amizades que ela manteve da sua vivência em Espanha são algumas amizades que desenvolveu na sua adolescência, a partir dos quinze anos, em especial duas amigas com quem mantém contacto ainda hoje e tem uma amizade à distância.</p>

	Barcelona. E esta coisa tipo amizade à distância.”	
U.S. 22	“E aquilo que caracteriza, que eu mais acho significativo nestas relações que eu tenho, é a nossa disponibilidade e vontade de manter a amizade, basicamente.	P2 sente que a característica mais significativa destas amizades que ela ainda tem hoje, é à vontade e disponibilidade mútua de as manter.
U.S. 23	Gostamos muito uma das outras. Conhecemo-nos tipo, numa altura muito importante da nossa vida. Fomos importantes. Fazemos um esforço, de manter a amizade. Portanto é isso que caracteriza.”	P2 sente que estas amizades são significativas para todas em questão, especialmente porque ocorreram numa etapa também significativa das suas vidas, e por isso o esforço de as manter.
U.S. 24	“E: Quais é que achas que são os maiores desafios, especificamente neste tipo de amizade, de distância?” “P2: É de se perder a ligação, entre..., de já não se ver o sentido de manter, ou de manter-se ligado, por causa da distância.	P4 identifica o maior desafio destas amizades o risco de as perder devido a distância.
U.S. 25	Quando (inaudível) é sorte de sempre ser recíproco. Nós gostamos muito uma das outras e queremos manter esta ligação. Mas conheço pessoas que não, que depois com o tempo se foram desligando, deixando de fazer um esforço. Da outra parte houve uma desligação, também da minha parte algumas vezes deve ter acontecido.”	P2 acredita que o fator principal de conseguirem manter a amizade à distância é porque existe esse desejo recíproco, em contrapartida com outras amizades que ela não conseguiu manter porque acredita que não houve esse mesmo interesse e esforço mútuo.
U.S. 26	“E: Sim. E facilidades ou ganhos? Consegues identificar?” “P2: Sim. De certa forma talvez continuamos a manter a nossa amizade também porque não nos vemos tanto tempo, [ri-se] no sentido em que talvez, se convivêssemos no dia a dia, alguma coisa já tivesse passado alguma chatice ou..., não sei. Mas sim, há esta parte.	Em contrapartida P2 é da opinião que talvez um dos motivos por que conseguem manter esta amizade, também é porque não se encontram na vida quotidiana umas das outras, e conseqüentemente não entram em conflito.
U.S. 27	E também viajar, encontrar e visitarmo-nos umas às outras.	Outro ganho que P2 identifica é a oportunidade de viajar para se verem.

	Passar o fim de semana juntas. Também é isso.	
U.S. 28	<p>“E: Sim. E na altura, sentiste uma maior facilidade em criar amizades com pessoas que tinham uma experiência semelhante à tua multicultural ou pessoas que eram por exemplo, monoculturais como agora as amizades que tens cá em Lisboa?”</p> <p>“P2: Depende muito do sítio. Por exemplo, eu nas escolas que eu tive, por exemplo em Barcelona que é o que mais me lembro. Em Barcelona eu tinha facilidade em dar-me com pessoas de diferentes contextos. Ou seja, por um lado conseguia dar-me com pessoas que tinham vivido toda a vida delas ali, em Barcelona. Por outro lado, conseguia dar-me com pessoa que tinham vivido em países diferentes. Portanto eu nunca fiz assim uma distinção, conseguia encontrar coisas em comum com ambas.</p>	<p>P2 relata que em relação ao criar amizades, dependia do contexto, mas que em Barcelona sentia facilidade em desenvolver relacionamentos interpessoais, tanto com pessoas com experiências multiculturais e com um estilo de vida de alta mobilidade, como também pessoas monoculturais que sempre residiram no mesmo sítio. Realça que nunca fez uma distinção entre os dois tipos de pessoas e que conseguia se identificar com ambos.</p>
U.S. 29	<p>Depois na minha escola em Varsóvia, tive mais facilidade em dar-me, por exemplo- dava-me com uma rapariga espanhola. Identificava-me com ela porque tinha vivido em Espanha. Também dava-me com uma rapariga italiana. Tive sempre mais afinidade talvez por pessoas que senti que eram mais próximas da minha cultura.</p>	<p>P2 distingue que já em Varsóvia, a sua experiência era um pouco diferente, pois tinha maior facilidade em identificar-se e desenvolver amizades com pessoas que sentia que eram mais próximas da sua própria cultura.</p>
U.S. 30	<p>Mas mesmo assim, por exemplo também tinha- fiz amigas e..., pessoas Coreanas, Tailandesas (...)</p>	<p>De qualquer modo, P2 diz que também desenvolvia amizades com outras pessoas que não sentia como próximas da sua cultura.</p>
U.S. 31	<p>“E: Como responderias à pergunta “Quem sou eu?”.”</p> <p>“P2: Quem eu sinto que sou. Sou uma rapariga de vinte-dois anos, que..., estuda psicologia..., viveu</p>	<p>P2 responde à questão do investigador com dados biográficos, descrevendo-se como sendo uma pessoa do sexo feminino, com 22 anos, que estuda psicologia e já que residiu em vários</p>

	em sítios diferentes..., e agora estuda em Lisboa. Não sei! Eu não sei por onde hei de pegar!”	países, e que atualmente estuda em Lisboa.
U.S. 32	“Ou seja, acho que é importante para mim as vezes falar destas minhas experiências de ter vivido, em sítios diferentes, mas não é uma coisa que eu introduza muito facilmente.	P2 comenta que sente que lhe é significativo apresentar-se aos outros também através das suas experiências multiculturais, mas que não o faz de forma necessariamente espontânea.
U.S. 33	Muitas vezes eu penso que..., as vezes tenho receio que as pessoas pensem que me estou a gabar, ou porque talvez traz confusão. Que alguém esteja tipo, “Quem é esta pessoa?”, tipo...,	P2 admite ter receio em partilhar as suas experiências devido a reação que os outros possam ter, e que lhe percecionem de uma forma mais negativa.
U.S. 34	porque é isso, eu muitas vezes, ou seja, se eu não falar destas minhas experiências, as pessoas dizem, “Ok, ela é portuguesa”. “Tudo bem, está tipo aqui encaixada.”	P2 explica que sente que as pessoas, antes de conhecerem as experiências dela, têm a tendência de limitá-la e resumi-la a sua nacionalidade/cultura portuguesa.
U.S. 35	Mas depois tem outra coisa de que também tenho receio. Eu às vezes sinto que não domino muito bem o português, ou seja, domino, mas tipo tenho receio de dar e cometer erros, alguma coisa assim do género. Eu aprendi o português tipo em casa, então não tive tipo uma educação formal. Muitas vezes, começo a ter tipo receio dizer qualquer coisa que soe mal e depois as pessoas percebem que eu não sou tipo, que eu não sou portuguesa pura, pronto.	P2 admite que também tem receio por sentir que não domina bem a língua portuguesa, em comparação com quem teve uma educação formal em português, devido ao facto de ela ter adquirido a língua portuguesa em contexto familiar. Ela teme que ao cometer erros de linguagem, conseqüentemente não seja vista como uma verdadeira portuguesa.
U.S. 36	Não sei, é que é isso tipo, quem sou eu, tipo, consigo dar umas descrições tipo básicas, mas ainda não..., ou seja, ainda estou um bocado a descoberta disso, estás a perceber? Sinto que ainda tenho que..., que... (...) é um processo.”	P2 chega a conclusão que ainda está no seu processo de descoberta de “quem é”.
U.S. 37	Tenho que talvez, ou seja, tenho sentido uma grande necessidade	P2 revela sentir a necessidade de enraizar, mas que admite considerar ser

	de enraizar, que também uma coisa difícil, porque tenho sempre a tendência de ir de um lado para o outro.	algo difícil devido a sua experiência e tendência de constante mudança.
U.S. 38	E depois quando é para ficar num sítio, começo a ficar tipo, “Epá, o que vou fazer agora? Vou ficar aqui? Vou me embora em três meses?” Então ainda estou, ainda estou a descobrir nesse aspeto como é que, como é que vai ser.”	P2 descreve que quando vai para um novo sítio, questiona-se se será esse o sítio ou não onde quer enraizar, e por isso sente que ainda se encontra na descoberta dessa resposta.
U.S. 39	E: “Onde é que sentes que pertences?” P2: “Hum... [pausa] Depende..., ou seja, eu sinto que pertenço..., onde..., hum. [pausa] Pertenço com as pessoas de quem gosto.	Inicialmente pensativa, P2 diz que associa o sentimento de pertença às pessoas que lhe são afetivamente significativas.
U.S. 40	“Ou seja, eu consigo estar..., quando eu vou visitar amigos eu sinto que pertenço. Consigo ir ter com não sei quem à Madrid. Se eu tiver tipo- seu eu gostar muito da pessoa, se eu me sentir muito a vontade com ela, essa cidade torna-se uma parte de mim. E, portanto, eu não consigo encontrar só um sítio onde pertenço.	P2 esclarece que sente que pertença aos vários sítios onde essas pessoas que lhe são significativas se encontram.
U.S. 41	Porque eu agora estou em Lisboa e sinto-me bem, mas eu sei que há uma parte de mim que está sempre a pensar em muitos outros sítios, onde eu também sinto que pertenço [ri-se], que é onde estão as pessoas que eu sinto que são importantes para mim.”	P2 partilha que se sente bem em Lisboa, onde reside atualmente, mas que continua a sentir uma ligação com vários outros lugares onde sente que também pertence, que os lugares onde as pessoas que são importantes para ela estão.
U.S. 42	E: “Então como é que irias descrever casa?” P2: “Opa! Que complicado! [Riem-se as duas] Casa...? É assim, quando eu me imagino no futuro imagino-me numa cidade qualquer, eu não sei qual. Às vezes penso em Londres, outras vezes não sei no que é que	P2 descreve casa com um sonho que tem do seu futuro, que inclui um espaço dela, personalizado por ela, localizado numa cidade hipotética, que as vezes considera ser Londres. E nessa cidade, tem a sua vida constituída com um emprego e um grupo de pessoas significativas, onde sente que pertence.

	penso.... Imagino eu, num apartamento meu, com as minhas decorações. Eu já a trabalhar, encontrei o meu grupo de amigos. Estar bem no sítio. Isso para mim é casa. Pronto.”	
U.S. 43	“Agora mesmo, não sei o que é casa porque, ou seja, obviamente eu estou muito bem em minha casa..., e quando eu chego lá, até que enfim. Considero tipo isto casa.	Mas P2 admite que no presente não sabe onde “casa” realmente é, mas que se sente bem na casa em que agora reside.
U.S. 44	Depois mesmo tipo, profundamente tipo, não sei, se esta casa que eu tenho aqui é mesmo casa, porque depois tenho sempre saudades de muitos outros sítios, portanto...	E P2 esclarece que não tem a certeza se onde vive representa verdadeiramente casa para ela, porque ainda se mantém sempre ligada a outros lugares, e senta falta deles.
U.S. 45	Este ano consegui estar mais à vontade em Lisboa e sentir que isto pode ser casa,	P2 revela que recentemente começou a sentir a possibilidade de Lisboa poder vir a ser casa.
U.S. 46	mas até tipo a um ano ou dois anos atrás, para mim casa era ainda Barcelona, que era onde o meu namorado morava. Varsóvia, mas os meus pais não vivem lá.	P2 diz que até há dois anos onde ela realmente se sentia em casa era Barcelona, onde o namorado na altura vivia, ou Varsóvia, onde os pais viviam.
U.S. 47	Portanto, então agora está um bocado, continua um bocado difuso..., mas está um pouquinho mais assente em Lisboa.”	P2 admite que continua a ter um conceito de “casa” difuso, mas que se tem vindo a associar mais a Lisboa recentemente.
U.S. 48	E: “Em relação a tua vida adulta, ao presente (...), entraste no ensino superior, e fizeste o curso de psicologia. Qual é que foi o motivo para a escolha deste curso?” P2: “Então, eu quando tinha dezasseis anos, eu queria- eu tinha a ideia, eu queria estudar cinema. Mas eu na altura, ou seja, eu nunca tinha feito na prática com cinema. Gostava muito de ver filmes e adorava aprender tipo sobre história, mas todos os	P2 revela que inicialmente considerou estudar cinema no ensino superior, mas que não experiência prática na área, e percebeu que os cursos de cinema disponíveis eram maioritariamente práticos, mas o que mais lhe interessava era visualizar filmes e a própria história do cinema.

	<p> cursos que eu tinha visto, eram muito- eram tipo cinema prático.</p>	
<p> U.S. 49</p>	<p> Pronto, e depois lembro-me que até uma vez sentei-me com a minha mãe, tipo na sala ou não sei aonde. Ela é uma pessoa que gosta muito de tipo ajudar e fazer assim uns esquemas para orientar e tal, e então começamos a fazer tipo um <i>brainstorming</i> sobre o que eu poderia- quais eram as minhas possibilidades, pronto. E depois eu cheguei tipo a conclusão de que, que eu gostava imenso de psicologia.”</p>	<p> P2 conta um episódio em que em conjunto com a sua mãe, que caracteriza como alguém que a apoia, avaliaram as suas opções, até que chegou a conclusão que gostava da área de psicologia.</p>
<p> U.S. 50</p>	<p> Eu tive no IB, tive uma disciplina de psicologia, e que adorava. E depois cheguei a conclusão de que aquilo que eu tipo realmente gostava quando estava a ver os filmes era de perceber as personagens. Isso, perceber tipo, pronto... Isso também foi uma coisa que eu gostava.</p>	<p> P2 explica que no seu ensino secundário teve uma disciplina de psicologia, em que teve uma experiência positiva, e que compreendeu que o que gostava ao ver os filmes, na verdade, era compreender as personagens.</p>
<p> U.S. 51</p>	<p> “Eu sempre gostei muito de conversar com os meus amigos, percebê-los melhor. Falar mais de assuntos assim, complicados, de saúde mental e tudo mais, portanto acabei por fazer essa escolha.”</p>	<p> P2 conta que tinha gosto em conversar com os seus amigos de assuntos sobre saúde mental, e também de para os compreender melhor. Conclui que por esses motivos, escolheu fazer o curso de psicologia.</p>
<p> U.S. 52</p>	<p> “E: E escolheste Lisboa?”  “P2: Não. Tinha escolhido ir para Barcelona, mas depois os meus pais não deixarem por, pronto..., confusões, enfim...[ri-se] Não deixaram porque..., tinha lá o meu namorado [ri-se] sim..., que era um bocado complicado, os meus pais não gostavam muito dele, então não me deixaram ir, pronto. [ri-se]”</p>	<p> P2 revela que não tinha escolhido inicialmente Lisboa para estudar, mas sim Barcelona, mas por assuntos familiares acabou por ir para Barcelona.</p>
<p> U.S. 53</p>	<p> “E: Ok, e tu vieste para Lisboa por causa dos teus pais, para estudar?”</p>	<p> P2 diz que foi para Lisboa por causa dos seus pais, mas que eles inicialmente a incentivaram a ir para Inglaterra, porque</p>

	<p>“P2: Sim, sim, sim. Porque então, na altura os meus pais queriam me incentivar para ir para a Inglaterra ou muitas pessoas da minha escola americana tipo iam para todo o lado.</p>	<p>era uma opção comum da população do seu contexto escolar.</p>
U.S. 54	<p>Pronto, só que eu na altura disse que não, “...não quero agora fazer tipo outra mudança, eu não me sinto pronta para...”, porque eu na altura não estava muito bem, “...não me sinto preparada para estar a fazer outra vez um processo de mudança e de voltar a não conhecer nada”.</p>	<p>Mas P2 recusou esta ideia porque revela que na altura não se sentia preparada para passar por mais uma mudança e processo de adaptação.</p>
U.S. 55	<p>Portanto eu tinha ou Barcelona com opção, ou Lisboa, porque os meus pais têm cá uma casa, então obviamente dava para eu viver cá em casa dos meus pais. E pronto, não me deixaram ir para Barcelona, então acabei por vir para aqui.”</p>	<p>P2 explica que tinha então duas opções, sendo estas Barcelona e Lisboa, e como os seus pais não apoiaram a escolha de Barcelona, ela foi para Lisboa e ficou numa dos pais.</p>
U.S. 56	<p>“E: E em relação, a quando fores acabar o mestrado, o que pensas fazer em relação ao emprego, no aspeto profissional? O que sonhas fazer?”</p> <p>“P2: Então, estou a pensar em duas coisas. Uma, ficar aqui em Lisboa, e logo se vê. Ou seja, tentar arranjar cá estágio, inscrever-me na ordem dos psicólogos, pronto e tudo isso.”</p>	<p>Quando terminar o seu curso atual, P2 partilha que intenciona possivelmente continuar a residir em Lisboa e continuar a investir na sua carreira profissional como psicóloga clínica.</p>
U.S. 57	<p>“E depois ainda eventualmente fazer pós-graduações em outras coisas fora ou aqui, não sei.”</p>	<p>P2 acrescenta também a possibilidade de fazer alguma pós-graduação em Portugal ou fora.</p>
U.S. 58	<p>“Pronto, a minha segunda opção que eu duvido que vá acontecer, é, a seguir a acabar isto, acabar o mestrado, fazer um doutoramento. Um sítio que eu queria muito ir, mas para fazer mestrado, mas não consegui entrar, também em Londres.</p>	<p>P2 revela a sua segunda opção sendo continuar o seu percurso académico e completar um doutoramento, idealmente em Londres, mas expressa pouca convicção de tal acontecer.</p>

	Portanto essas são as minhas duas opções.”	
U.S. 59	<p>“E: E em relação aos relacionamentos amorosos, quais é que achas que são as características, as qualidades principais que tu procuras numa pessoa?”</p> <p>“P2: Hum..., o que é que eu procuro numa pessoa? Procuo que seja muito inteligente! Procuo pessoa aberta. [Pausa] Que seja séria, ou seja, que leva os relacionamentos à sério. “[Pausa] Essas são as coisas mais importantes, e depois obviamente que seja giro! [Riem-se as duas]”</p>	P2 descreve algumas das qualidades que apreciar numa pessoa com quem procura desenvolver um relacionamento amoroso. Algumas destas qualidades referem-se as qualidades internas, como uma pessoa inteligente, aberta e séria, mas também externas, de uma pessoa atraente para ela.
U.S. 60	<p>“Não, mas sim, acho que essas três.... Têm góstos parecidos aos-gostos! Olha aí eu já... [ri-se] Gostos parecidos aos meus, em termos de músicas, filmes, e tudo mais, que são coisas importantes para mim. Acho que é principalmente isso.”</p>	P2 refere que para ela é importante ter gostos musicais, cinemáticos, e outros, em comum com a pessoa com quem está.
U.S. 61	<p>“E: E em relação as tuas amizades atualmente, o que achas que procuras? Ou seja, quando conheces pessoas, quais são as características que te chamam atenção?”</p> <p>“P2: Sim. Pessoas que- ou seja, pessoas respeitosas. Ou seja, que combinam- conseguem manter compromissos, tipo quando se combinam coisas. Isso é uma coisa que me chama muito à atenção [ri-se].”</p>	P2 refere que, nas suas amizades, valoriza muito pessoas que são respeitosas e que mantem os seus compromissos.
U.S. 62	<p>“Pessoas também abertas, pessoas disponíveis para ouvir, falar. [Pausa] Pessoas generosas. Por aí.”</p>	P2 acrescenta que aprecia pessoas abertas, boas ouvintes e generosas.
U.S. 63	<p>“E: Sentes que agora atualmente, procuras espaços, amizades, sítios que também têm, de alguma</p>	P2 refere que atualmente em Lisboa não procura necessariamente ambientes ou amizades internacionais.

	<p>forma, um ambiente internacional ou multicultural?”</p> <p>“P2: Não. Aqui em Lisboa, não.”</p>	
U.S. 64	<p>“E: E gostarias de o fazer ou...?”</p> <p>“P2: Lembro-me me que houve uma altura qualquer que eu às vezes pensava, “Era giro conhecer pessoas estrangeiras”, porque realmente sentia que era algo que me interessa e tudo mais, mas não. Não sinto essa necessidade, não procuro.”</p>	<p>P2 revela que houve uma altura em que tinha o desejo e interesse de conhecer e conviver com pessoas estrangeiras, mas que atualmente não procura ou sente essa necessidade.</p>
U.S. 65	<p>“E: Quais são os valores que gostarias de transmitir a tua família?”</p> <p>“P2: É assim, eu não sei..., se quero ter filhos ou não. Já pensei nisso obviamente. Não tenho a certeza. Mas se, se alguma vez tivesse essa- ou seja, [ri-se] se tivesse filhos, uhm, o que que eu transmitiria? [pausa] Tentaria tipo criar uma pessoa tipo, independente, com um sentido crítico. Pessoa aberta. Mas a independência acho que é muito importante.”</p>	<p>P2 revela que não sabe definitivamente se quer ou não criar família, mas se tiver filhos, sente que o mais importante seria criar uma pessoa independente com um sentido crítico, e aberta.</p>
U.S. 66	<p>“E: Estás interessada em continuar a ter uma vida na tua vida adulta, de mobilidade, multicultural, quando tiveres família? Ou gostarias de enraizar como também já disseste?”</p> <p>“P2: Gostaria de enraizar. Porque acho que é muito difícil este tipo de vida de andar de um lado para o outro.</p>	<p>P2 partilha que tem o desejo de enraizar na sua vida adulta, pois sente que o estilo de vida de elevada mobilidade é muito difícil.</p>
U.S. 67	<p>Acho que, ou seja, agora estava a lembrar, eu tenho um amigo que ele já viveu em catrefadas de sítios. É um amigo meu que eu conheço desde que sou pequena. O pai dele é embaixador e não sei que. Só que eu sinto que ele, é uma pessoa muito defensiva, no sentido em que, ele quando fala</p>	<p>P2 relata a história de um amigo de infância, que como filho de embaixador, sempre teve este estilo de vida de elevada mobilidade. P2 sente que ele é uma pessoa defensiva porque na sua perspetiva, ele procura sempre focar-se somente no lado positivo das suas experiências, quando acredita que também haja dificuldades e desafios nas</p>

	<p>das experiências de andar sempre de um lado para o outro, que ele literalmente já viveu, viveu no Brasil, viveu em França, viveu Xangai, Indonésia, Dubai, tipo mesmo, em todo o lado. Lisboa. Tipo, pronto [ri-se]. Eu quando falo com ele, ele diz que adora o estilo de vida e que tipo..., que ele tipo, que adorou a viver em sítios diferentes, não sei que. Ou seja, parece esta sempre, foca-se sempre no lado positivo da coisa, porque parece que é aquilo que ele quer apresentar as pessoas, mas eu sei que no fundo não é verdade [ri-se].”</p>	<p>suas vivencias que ele procura não demonstrar.</p>
U.S. 68	<p>“Mas estou a dizer que eu sinto que às vezes pode ser difícil para certas pessoas tipo encararem talvez esta parte, as dificuldades, de ter andado..., em vários sítios... Sinto que certa forma faz uma espécie de uma máscara (...) tipo como se..., como se..., nunca tivesse havido nada tipo de mal...”</p>	<p>P2 esclarece que ela sente que as vezes é difícil para pessoas que tenham este tipo de experiências, de gerir as dificuldades envolvidas e conseqüentemente defendem-se, não demonstrando esse lado da situação.</p>
U.S. 69	<p>E: “E isso para ti é claro, ou seja, tu sabes que gostarias de ter um sítio onde ficar e enraizar?” P2: “Sim, sim. É um objetivo que gostava de conseguir, mas não sei se.... Ou seja, acho que vou ter que trabalhar muito para isso..., ou seja, sei que tenho algumas resistências. [ri-se]”</p>	<p>P2 reforça o seu objetivo d enraizar, que acredita vai ser difícil devido às suas próprias resistências.</p>
U.S. 70	<p>E: “Ok. E, agora de uma forma muito geral, quais é que são os teus sonhos e as tuas aspirações futuras?” P2: “Ok, então. Sonhos e aspirações futuras. Gostava de ser psicóloga, psicoterapeuta. Portanto, psicanalítica.</p>	<p>P2 partilha que tem como objetivo futuro próximo ser psicóloga, psicoterapeuta, psicanalítica.</p>

U.S. 71	Gostava de trabalhar, em alguma instituição com crianças, não sei quando, mas pronto.	P2 acrescenta que gostava de trabalhar com a população infantil.
U.S. 72	Gostava também, eventualmente, talvez, futuramente, abrir tipo o meu próprio consultório.	P2 partilha que também aspira um dia abrir o seu próprio consultório.
U.S. 73	Gostava de- tenho tipo uma série de viagens que gostava muito de fazer, sozinha ou acompanhada. [Ri-se]	P2 revela o seu sonho de realizar várias viagens.
U.S. 74	O que mais? Gostava de poder explorar melhor tipo..., a minha criatividade. Que é uma coisa que tenho há muito tempo dentro de mim, mas que tenho tido alguma dificuldade em explorar isso. Não sei, eu gostava conseguir de produzir coisas que considerasse de jeito [ri-se].	P2 partilha o seu desejo de explorar a sua própria criatividade e produzir algo que achasse de valor.
U.S. 75	Gostava, de como estávamos a falar a bocadinho, de encontra um sítio, um grupo ou amigos, um namorado [ri-se].	P2 volta a mencionar o seu desejo de ter a sua própria casa, formar um grupo de amigos e desenvolver um relacionamento amoroso.
U.S. 76	Mas, ou seja, mais pensando em mim, tipo estas primeiras coisas que disse, profissionais.”	P2 reforça e conclui que os seus objetivos principais são os profissionais que partilhou.
U.S. 77	E: “E qual é a tua opinião em relação a estas experiências multiculturais e o seu impacto na vida das pessoas?” P2: “Acho que é complicado. Pelo aquilo que tenho andado a perceber, a estudar, pronto, por estar em psicologia.	P2 diz que acha que estas vivencias multiculturais são complicadas para os indivíduos.
U.S. 78	Acho que- acho que não se percebe muito bem o impacto que talvez mudar pode ter tipo- especialmente em crianças e adolescentes, obviamente já se estudou alguma coisa. Mas não sinto que seja uma coisa muito bem, muito bem explorada.	P2 julga que ainda não é suficientemente explorado e compreendido o impacto que estas vivencias tem sobre as pessoas, especialmente crianças e adolescentes.

U.S. 79	E essa coisa quando se fala tipo das perdas e tudo mais, sinto que, pessoas que mudam mais, estão mais suscetíveis a, talvez a essa, essa conceção de uma perda, que depois não sei se..., depois as implicações que também tem na identidade das pessoas e..., acho que é complexo, não sei.”	P2 sente que estas pessoas que passam por várias mudanças, encontram-se mais vulneráveis às várias perdas, e tem consequências na sobre a sua identidade.
---------	--	---

**Tabela 3 – Participante Nº 3 (P3)**

<b>Unidades de Significado</b>	<b>Transcrição Entrevista</b>	<b>Unidade de Significado Psicológico</b>
U.S. 1	<p>E: “Como é que tu sentes que foi a tua adaptação entre estas culturas?”</p> <p>P3: “Sim. Nos Estados Unidos não me lembro porque tinha dois anos. Eu só me lembro no primeiro dia de aulas eu não querer nada. Eu querer a minha mãe e chorar muito. Lembro-me disso.</p>	<p>P3 afirma que não se recorda de forma pormenorizada o seu processo de adaptação na sua primeira mudança, devido à sua idade na altura, mas recorda-se de um episódio, do seu primeiro dia de aulas, em que chorou por não querer ficar na escola.</p>
U.S. 2	<p>Depois, para o Brasil de volta, lembro-me pouco mas lembro-me que foi muito doloroso. Lembro-me sempre que foi muito doloroso, se eu tivesse de escolher uma palavra.</p>	<p>P3 diz que também não se recorda bem da sua segunda mudança, mas descreve como sendo uma experiência dolorosa.</p>
U.S. 3	<p>Foi sempre horrível, sobre tudo antigamente quando não havia maneira de falar com as pessoas, o meu pai dizia..., sempre que eu e a minha irmã nos queixávamos disso ele dizia “Ah vocês pelo menos têm mais ou menos uma forma de comunicar por email ou o que for.” E ele dizia, “Quando era eu, eu despedia-me das pessoas e era para sempre. Era muito improvável eu voltar a ver aquelas pessoas.” Uma ou duas talvez, mas era muito improvável voltar a ver aquelas pessoas outra vez.</p>	<p>P3 conta que todas as suas mudanças e processos de adaptação envolveram muito sofrimento psicológico, especialmente com a perda das amizades devido a dificuldade de manter contacto.</p>
U.S. 4	<p>Do Brasil para a Guatemala é a primeira que me lembro mais, com mais força. Essa é uma das mais marcantes para mim. Porque nós não falávamos espanhol. Então tivemos de aprender espanhol com nove anos e senti muito pressão e no início não sabia e falava francês com as pessoas na escola. E lembro me</p>	<p>P3 relata que a primeira experiência de mudança que mais se recorda e que mais a marcou, foi a sua terceira, porque não sabia a língua local, e sentiu dificuldade e pressão em comunicar.</p>

	ser um bocado difícil, e certa altura começaram a falar comigo em espanhol.	
U.S. 5	E quando saímos da Guatemala eu sentia-me mais Guatemalteca do que outra coisa. Eu falava espanhol, era a minha língua que eu tinha mais presente.	P3 conta que no final da sua estadia na Guatemala, sentia-se mais local do que outra coisa, também porque a sua língua principal passou a ser a espanhola.
U.S. 6	E depois viemos para Portugal e no início havia essa coisa do sotaque porque nós viemos com treze/catorze, ainda deu para tipo entrar no nosso cérebro como se fosse outra língua, sei lá.	P3 fala da sua mudança seguinte, em que inicialmente sentiu uma distinção devido a diferença de sotaque, mas que ainda facilmente adquiriu, como se fosse uma nova língua.
U.S. 7	Mas no início eu sentia alguma dificuldade. Eu e a minha irmã no início misturávamos o espanhol com português do brasil e depois o português de Portugal e ficou uma misturada [ri-se].	P3 descreve as suas dificuldades em termos linguísticos.
U.S. 8	Uma coisa engraçada, no liceu francês havia duas turmas de português. Havia Português de língua materna e outra que era português de língua estrangeira porque havia muitos franceses. E eu e a minha irmã fizemos o teste, e nós somos brasileiras e devíamos ter ficado com português de língua materna, mas ficamos com português de língua estrangeira porque estava tudo misturado. Os meus pais ficaram tipo “Ah! Não acredito!” [ri-se] Bom, depois fizemos isso, e pronto, ficamos lá.	P3 conta sobre uma situação na escola, em que havia dois níveis de língua portuguesa, e mesmo como brasileira de origem, ficou no nível de português como língua estrangeira, por causa das suas misturas e dificuldades linguísticas.
U.S. 9	A de Portugal também me lembro muito no início o sotaque ser complicado, agora já dominamos, mas enfim, no início não.	P3 reforça que inicialmente foi difícil adaptar-se e adquirir o sotaque local, mas que atualmente já domina.
U.S. 10	E lembro na Guatemala as pessoas eram muito..., a nossa escola era muito pequena. Então toda a gente se falava, toda a gente era amiga,	P3 compara as suas vivências entre os dois ambientes escolares em que esteve inserida, sentido que na Guatemala havia uma maior proximidade entre os alunos,

	independentemente do ano, de tudo. E aqui não. Aqui o liceu francês era muito..., sei lá, havia grupos e as pessoas não falavam umas com as outras. As pessoas eram muito mais frias.	enquanto que em Portugal havia uma postura mais distante e menos inclusiva.
U.S. 11	Também com a idade, nós chegamos aqui com treze, então as pessoas estão na adolescência e começam a ter uma atitude diferente. Na Guatemala demoramos cinco minutos a fazer amigos. Em cinco minutos já tínhamos amigos na turma. Aqui demorou mais. Demorou muito mais.”	P3 acredita que um possível motivo para esta diferença de ambientes entre as duas escolas também estava relacionado com a diferença entre faixas etárias em que foi inserida em cada escola, sendo que na adolescência existe uma postura menos acolhedora por parte das pessoas.
U.S. 12	E: “Se pensares nestas várias experiências, o que sentes que tu perdeste ao longo destas experiências? Algumas das tuas perdas?” P3: “Ah! Eu no livro... não sei se isso é <i>bias</i> , mas nesse livro eu li uma coisa muito interessante que é “ <i>os hidden losses</i> ”. Que é a ideia que as perdas que são mais claras para nós são tipo perder o país, os amigos, etc... Mas há uma série de pequenas perdas que são muito sutis (...) Tipo os cheiros, cores, sensações que são muito específicas de um país, ou de um local ou de um momento também da nossa vida. Houve duas histórias engraçadas recentemente que me fizeram pensar nisso.	P3 menciona que se recorda de duas histórias que associa ao conceito das “perdas escondidas”, sobre o qual leu, que estão envolvidas nestas experiências de mudança.
U.S. 13	Uma delas foi agora que os meus pais voltaram para o Brasil durante dois anos, eu fui visitá-los. E quando entrei na casa da minha tia e a abri a porta, veio um cheiro. E esse cheiro era o cheiro da casa da minha tia. Eu já não me lembrava desse cheiro, e automaticamente <i>triggered</i> memórias de quando tinha nove	P3 conta uma primeira história, descrevendo uma situação em que nos últimos dois anos foi visitar a sua tia no Brasil, em que ao entrar em sua casa sentiu um cheiro que desencadeou uma série de memórias da sua infância.

	anos, ou oito, e brincava lá. E eu tipo “Ó meu Deus! Não me lembrava desse cheiro.” Eu tinha perdido esse cheiro.	
U.S. 14	<p>Uma outra coisa engraçada que aconteceu recentemente foi, quando tínhamos sete anos aprendemos a andar de bicicleta no Brasil. E lembro-me que havia uma rampa atrás da nossa casa, que era uma rampa gigante. E todas as crianças do bairro aprendiam a andar de bicicleta nessa rampa, e era tipo <i>super</i> assustador. E quando alguém finalmente conseguia descer a rampa, era uma prova que a pessoa conseguia andar de bicicleta, e era tipo superperigoso, não sei que. [Ri-se] E quando os meus pais voltaram, eles foram para um prédio que era atrás do prédio em que nós tínhamos vivido. Então comecei “Ó meu Deus!”, e a chorar a ver tudo e a lembrar-me de tudo. “Mãe eu quero muito ver a rampa.” E a minha mãe “Ah ok, é ali atrás”. Eu fui ver e eu fiquei tipo meia hora a procura da rampa. “Mãe cade a rampa?” E ela, “Essa é a rampa.” [Ri-se] E era uma coisa tipo minúscula, não era nem uma rampa. Era tipo uma pequena inclinação. E eu tipo, “Não, isso não! É muito maior que isso”. E ela “Não, não! Essa é a rampa...” E eu..., ó meu deus..., na altura parecia gigante e não havia nada. Eu na altura até pensava, como é que os meus pais me deixam andar nessa rampa tão perigosa. E agora obviamente eles deixavam, não é nada perigoso.”</p>	<p>P3 conta uma segunda história mais recente, em que regressou ao lugar onde viveu no Brasil, em que tinha memórias do local onde ela e o resto das crianças daquele bairro aprendiam a andar de bicicleta. Quando regressou ao lugar, apercebeu-se que as suas memórias estavam na sua perspectiva de criança, que não correspondiam com a sua percepção de adulta, no presente.</p>
U.S. 15	E: “E o que sentes então que ganhaste dessas experiências todas, multiculturais?”	<p>P3 sente que um dos seus ganhos principais das suas experiências</p>

	P3: “Línguas. Eu sinto que tenho uma capacidade muito boa para línguas. E eu acho que isso é um tipo de coisa, é uma lógica que se treina quando se é muito pequeno.	multiculturais foi a sua boa capacidade de aquisição de várias línguas.
U.S.16	E uma coisa também eu acho que é a empatia, porque eu tive de conviver sempre com pessoas tão diferentes. Uma pessoa em Guatemala não tem nada a ver com uma pessoa em Lisboa. Não tem nada a ver com uma pessoa no Rio. Não tem nada a ver com uma pessoa nos Estados Unidos.	P3 menciona que outro fator que sente que foi um ganho, devido à sua convivência com uma diversidade de pessoas, desenvolveu nela uma grande capacidade empática.
U.S. 17	E eu e a minha irmã sempre nos tivemos de adaptar muito para conseguir entender pessoas muito diferentes. Então eu sinto que tenho uma capacidade de falar com pessoas muito diferentes, e entender pessoas muito diferentes.”	P3 sente que tem a capacidade de falar e compreender pessoas diferentes, porque desde cedo teve de se adaptar também a vários contextos diferentes.
U.S. 18	E: “Em relação as tuas amizades que tiveste na tua infância, na tua adolescência. Quais achas que são as características principais?” P3: “Eu acho os meus amigos muito diferentes, por ter conhecido pessoas muito diferentes. Mas eu identifico-me muito com pessoas que também tiveram essa experiência. Por exemplo, com a _____, eu identifiquei-me logo. Eu só a vi uma vez, mas foi tipo, ó meu deus! Uma empatia instantânea, por ela entender essas coisas também.”	P3 diz que as pessoas com quem desenvolveu amizades durante a sua infância e adolescência eram todas bastante diferentes, mas sente que se identifica e facilmente consegue empatizar com pessoas que tiveram experiências de vida semelhantes à dela.
U.S. 19	E: “Dessas amizades, quais é que achas que são alguns dos ganhos ou facilidades que consegues identificar?” P3: “Essa pergunta é difícil. Não sei, eu- É isso, eu conheci muita gente muito diferente, e eu sinto	P3 sente que um dos ganhos que teve destas suas várias amizades, é necessariamente as várias perspetivas diferentes que obteve.

	que isso me deu muitas perspectivas muito diferentes.	
U.S. 20	Eu no ano passado fiz ERASMUS em França, porque tinha essa ligação com a comunidade francesa e nunca tive em França. Então eu achei que valia a pena eu ir, e identifiquei-me muito. Senti-me <i>super</i> em casa.	P3 conta que no ano anterior foi de ERASMUS para França, porque sempre teve uma grande interação com a comunidade francesa nas escolas em que frequentou, apesar de nunca ter ido ao país, e descobriu que se identificava bastante.
U.S. 21	Também porque como eu tinha muitos amigos dos liceus franceses, muitos deles foram estudar lá. Então no fundo eu encontrei- em Paris foi uma loucura. Eu encontrei amigos do Brasil, do liceu francês do Brasil, amigos do liceu francês de Portugal, amigos do liceu francês da Guatemala. Dos Estados Unidos não porque eu era muito pequena, enfim. Toda essa comunidade dos liceus franceses do mundo eu encontrei lá.	P3 explica que reencontrou alguns amigos de infância dos vários liceus franceses que frequentou, que também optaram por ingressar no ensino superior francês.
U.S. 22	Eu vivi na resi- Eu tive uma experiência muito boa também porque eu vivi num lugar que se chama “Cidade Universitária”. (...) é um campus gigante com- Eu senti-me completamente em casa porque toda a gente ali tem essa experiência mais ou menos porque são residências de estudantes por país, divididas por país, e no centro há uma casa que se chama Casa Internacional que é uma casa onde há pessoas de todos os países. E há volta da casa do Brasil, casa de Portugal, casa dos Estados Unidos, casa do Canadá. E em cada residência há 70% de residentes da nacionalidade da casa, e 30% estrangeiros para haver um <i>mix</i> cultural também. E eu era para estar na casa do Brasil ou na de Portugal, mas afinal puseram-me no 30% de estrangeiros da casa do	P3 descreve a sua experiência universitária em França de forma positiva, em que também teve contacto com estudantes de várias culturas, que residiam no campus universitário, agrupados por países.

	Canadá. Então eu vivi com canadianos durante esse tempo.	
U.S. 23	E havia um rapaz que era sírio, e ele era refugiado sírio. Eles davam (inaudível 17.06), ele teve de fugir, então depois foi para Paris. Havia canadianos, havia mexicanos, havia brasileiros, havia uma mistura. E também foi incrível porque pude conhecer pessoas também muito diferentes e ter também essas perspectivas, acrescentar também essa perspectiva tipo do mundo, que eu consegui pelo menos entrar em contacto com.”	P3 menciona algumas das nacionalidades representadas na residência em que ficou incluindo um rapaz refugiado sírio, e que sente que a partir dessas experiências, passou a ter um melhor conhecimento de várias outras perspectivas e realidades do mundo.
U.S. 24	E: “Como responderias à pergunta “ <i>Quem sou eu?</i> ?”” P3: “Ai! Isso é uma grande questão. [Ri-se] Eu acho que agora sobretudo, eu acabei o mestrado no ano passado e comecei a trabalhar e não sei quê... E agora essa questão tem se colocado muito, porque eu sinto que a nossa geração vive muito essa ansiedade de- Eu tenho falado com um amigo de psicologia, e disse que estava a ter uma crise existencial e de identidade. E uma das coisas que ele me disse foi, “Talvez essa tua crise tenha sido desencadeada por teres de trabalhar, procurar um emprego, e então estás a definir a tua identidade profissional. “Quem sou eu profissionalmente?””	P3 sente que atualmente está a passar por um género de crise de identidade e existencial, também pela etapa de vida em que se encontra atualmente, em que tem de definir que é profissionalmente.
U.S. 25	E isso <i>triggers</i> uma série de perguntas essenciais. E essa pergunta de “Quem sou eu culturalmente?”, não sei porque, mas eu tenho pensado muito nisto.	P3 sente que essa sua crise de identidade produz uma série de perguntas essenciais, também em relação a sua identidade cultural, do qual ela ainda não sabe a resposta.

U.S. 26	Porque os meus pais vão voltar agora para o Brasil outra vez, e eu gostaria de voltar porque no fundo eu vivi lá pouco tempo e no fundo, no papel eu sou brasileira. Então eu tenho todo esse tipo coiso de voltar ao meu país, conhecer o meu país.	P3 partilha que os seus pais em breve irão voltar a viver no Brasil, e identifica em si a necessidade de voltar lá, para ir até às suas origens e conhecer mais fundo o seu país.
U.S. 27	“Será que eu sou dali? Será que eu sou daqui? Será que eu sou da Guatemala? Será que eu sou uma mistura de tudo?” E essas perguntas tem me..., tem me (...) tem surgido muito nesta altura da minha vida, mais do que noutras alturas.	P3 confessa que mais nesta altura da sua vida, tem surgido muitas perguntas relacionadas com sentido de pertença e identidade.
U.S. 28	E eu acho que no fundo..., eu acho que no fundo temos de aceitar que somo um pouco de cada uma das coisas que vivemos. E o que conta mais é as experiências que tivemos, mais do que um papel ou <i>whatever</i> , mas..., mas eu não tenho de ser nada. Não tenho de ser brasileira. Eu não tenho de ser portuguesa. Eu não tenho de ser guatemalteca. Eu posso ser uma mistura de tudo o que eu vivi, que é o que eu sinto que me representa mais. É dizer que eu sou um pouco de cada coisa.”	P3 acredita que a identidade é constituída pelo conjunto das várias experiências vividas, acima de um documento, ou limitação a uma só nacionalidade ou cultura.
U.S. 29	E: “Então onde é que sentes que pertences?” P3: “Ah, é isso, não sei! [Riemse] A minha resposta vai ser, todos esses países incluídos.”	P3 responde à pergunta do investigador, dizendo que sente que pertence em todos aqueles países com que interagiu de forma significativa.
U.S. 30	E: “E como é que descreves casa?” P3: “Um lugar onde as pessoas que eu amo estão. Onde estou com as pessoas que eu amo. É mais as pessoas do que o lugar. Mais o sentimento.	O conceito de “casa” é descrito por P3 mais como um sentimento de estar como as pessoas que lhe são significativas, em vez de um lugar, propriamente dito.
U.S. 31	Eu tenho uma amiga que tem um projeto muito interessante	P3 refere um projeto de uma amiga, no qual participou, partilhando um sonho

	<p>chamado “<i>dreampire</i>”. Que é um projeto sobre sonhos. Ela filma pessoas a contar sonhos que tiveram. Sonhos que tiveram na semana passada, há um mês, um ano, o que for. Um sonho do qual se lembrem. E o primeiro sonho que lhe contei foi um sonho que tenho muito. Eu sonho muito que eu estou em casa, o sentimento de estar em casa e depois é a casa de Guatemala. Ou é a casa do Brasil. Ou é a casa de Portugal. Ou é a casa dos Estados Unidos. E quando eu acordo, é sempre uma casa diferente então eu nunca sei qual delas é, constantemente a minha casa.</p>	<p>frequente que tem sobre o sentimento de “estar em casa”, mas que ocorre nas várias casas nos países em que já viveu, sendo que quando acorda percebe que não tem um conceito constante de onde é casa.</p>
U.S. 32	<p>Mas eu acho que a da Guatemala foi muito marcante porque era uma casa muito grande com um jardim enorme. Foi a primeira vez que tivemos uma cadelinha. Eu e a minha irmã queríamos uma cadelinha há muito tempo. E foi a primeira vez que tivemos a Ninha. E, não sei..., essa casa deu me uma sensação muito “casa”. E normalmente quando eu penso em casa, é nessa que eu penso. Normalmente quando eu sonho, muitas vezes é essa.”</p>	<p>De qualquer modo, P3 partilha que sua casa de Guatemala para ela se destaca, porque tem várias recordações marcantes e significativas, que lhe deram um sentimento particular de “casa”, sendo que é essa com que sonha mais frequentemente.</p>
U.S. 33	<p>E: “Em relação agora a tua vida adulta, ao presente. Já ouvi que tiraste um curso aqui na NOVA. Tiraste antropologia?” P3: “Sim. Eu na verdade no início fiz relações internacionais, porque queria ser diplomata também. No início tinha essa ideia.</p>	<p>P3 partilha que tirou uma licenciatura em relações internacionais, porque também queria ser diplomata.</p>
U.S. 34	<p>Depois eu percebi que eu gosto disso de várias culturas, etc...., mas mais numa perspetiva antropológica, do que numa perspetiva de relações internacionais. Então fiz um</p>	<p>Depois de ter terminado a licenciatura, P3 percebeu que se interessava mais pela área das culturas na perspetiva antropológica mais humana e empática, o que a motivou a tirar o mestrado nessa área.</p>

	<p>mestrado em antropologia, e acabei no ano passado. (...) Porque relações internacionais é muito focado nas instituições, na parte política, na parte mais burocrática. E o que me interessa mais são as pessoas, então antropologia tem essa abordagem mais...muito mais (...) da empatia pelo outro.”</p>	
U.S. 35	<p>E: “Porque aqui em Portugal, Lisboa?”  P3: “Eu escolhi- quer dizer, eu estava aqui em Lisboa quando acabei o secundário, e os meus pais foram para Itália, mas eu não queria- eu não sabia falar italiano e não queria mudar-me outra vez, pela milésima vez, de país. Então eu e a minha irmã decidimos ficar aqui. Decidimos ficar aqui por isso,</p>	<p>P3 revela que escolheu tirar a licenciatura em Lisboa porque era onde vivia quando terminou o secundário, e não queria passar novamente por mais uma mudança e processo de adaptação num novo país.</p>
U.S. 36	<p>e depois o mestrado eu já estava a fazer a licenciatura aqui e entrei em contacto com vários professores do mestrado de antropologia e fiz aqui também.</p>	<p>P3 explica que a escolha de permanecer em Lisboa para o seu mestrado, foi porque já estava inserida naquele contexto universitário.</p>
U.S. 37	<p>Mas fiz um ano de ERASMUS em Paris. Na licenciatura eu fiz um semestre no Rio também. Intercâmbio no Rio.”</p>	<p>P3 acrescenta que dentro desse período de estudo, teve as duas experiências de mobilidade de ERASMUS e intercâmbio.</p>
U.S. 38	<p>E: “O que planeias em termos vocacionais? Quais são os teus objetivos, sonhos?”  P3: “Não sei agora. Estou mesmo numa crise. Acho que gostaria muito de fazer- Não! Eu sei que gostaria muito de fazer um doutoramento em Antropologia. Só que ainda não defini bem o tema. Então enquanto estou a trabalhar agora part-time, a minha ideia é durante o resto do dia, procurar... Quer dizer, começar a escrever coisas...”</p>	<p>P3 confessa que realmente não sabe quais são os seus próximos objetivos em termos profissionais, mas que gostaria muito de fazer um doutorado na área da Antropologia.</p>

U.S. 39	<p>E: “Pensas e sonhas também noutros sítios onde gostarias de residir?”</p> <p>P3: “Há três lugares que estão na minha mente: Portugal, Brasil e França. França por ter feito lá ERASMUS e por saber falar francês. Brasil porque os meus pais vão para lá agora também e... Portugal porque é onde eu e a minha irmã estamos. E é o lugar onde vivi durante mais tempo. Vivo aqui há dez anos e foi o máximo de tempo que eu já vivi em algum país.”</p>	P3 revela os três países em que considera residir no futuro, e os motivos porquê.
U.S. 40	<p>E: “Quais é que são as características e as qualidades que tu procuras numa pessoa?”</p> <p>P3: “Uhm...[pausa] Uhm...[ri-se] Empatia. Ser uma pessoa compreensiva, uma pessoa...uma pessoa compreensiva e...é isso. Com- não sei. [ri-se] (Inaudível 25:48-51) um pouco mais. Mas sim, compreensiva, empática.</p>	P3 revela que uma das qualidades principais que procura numa pessoa com quem desenvolve um relacionamento amoroso é a empatia.
U.S. 41	Uma pessoa que seja boa com os outros, que seja inteligente, e que seja uma boa companheira. Acho que é por aí. Mas é difícil essa pergunta. [Riem-se as duas]”	P3 acrescenta outras qualidades que valoriza, como a inteligência, companheirismo e a bondade.
U.S. 42	“(...) Sim, eu acho que gosto de pessoas com alguma energia, determinadas, mas não pessoas muito, excessivamente, sei lá... <i>out there</i> . Mais tranquilas e com mais capacidade de conversar. Que não sejam muito intransigentes nas suas ideias.”	P3 refere que aprecia pessoas que tenham uma boa energia, com boa capacidade de conversa e equilibradas nas suas opiniões e ideias, determinadas, mas não excessivas.
U.S. 43	<p>E: “E em relação as tuas amizades, quais é que são também essas qualidades e características que tu mais procuras ou mais valorizas nas pessoas?”</p> <p>P3: “Ser <i>open-minded</i>. Ser curioso. Ser recetivo a ideias</p>	Em relação as suas amizades, P3 valoriza pessoas curiosas com uma mente aberta, que procuram evoluir e se desenvolver.

	<p>novas. Ir evoluindo conforme as coisas, não ser aquelas pessoas muito fixas nas suas coisas. É isso, não ser muito intransigente. Estar disposta a evoluir e ter uma abertura de espírito.”</p>	
U.S. 44	<p>E: “E sentes que atualmente tens contacto com ambientes internacionais, ou procuras ter?”  P3: “Eu acho que eu tenho sempre porque, mesmo na internet, eu falo muito com amigos de vários países e essa pessoa com quem eu estou mais ou menos, está no Rio, está no Brasil também. Então falamos tipo, estamos a distância, mas falamos quase todos os dias. Eu acho que inevitavelmente o meu mundo é todo misturado, entre vários lugares.”</p>	<p>P3 afirma que está sempre em contacto com pessoas em vários lugares diferentes, e por isso sente que se encontra constantemente num contexto internacional.</p>
U.S. 45	<p>E: “Então manténs contacto com pessoas que foste conhecendo ao longo dos anos?”  P3: “Sim, sim! Claro! Sobretudo com os da Guatemala, porque nós vivemos lá dos nove aos quatorze. Então é tipo fim da infância e início da adolescência. E por exemplo, duas amigas minhas da Guatemala estão agora em França. Uma delas está em Barcelona na verdade, e outra está em França porque estão a estudar lá. E eu já não as vejo- essas duas amigas em especial, não tinham saído da Guatemala desde que eu fui embora. Então não as vejo há tipo, dez anos, nove anos. E quero muito ir vê-las e vamos combinar ou em Espanha ou aqui, ou no sítio que der mais jeito a todas, para nos vermos.”</p>	<p>P3 afirma que mantém contacto com algumas das pessoas que conheceu ao longo do tempo, mesmo que já não os veja há anos, até que está a planear reencontrar com duas em específico.</p>

U.S. 46	<p>E: “Em relação ao futuro, não sei se sonhas ou não em criar família e em ter filhos, se sim, quais é que são os objetivos que tens, o que sonhas para a tua família? E quais é que são talvez alguns valores principais que gostarias de transmitir as tuas crianças, aos teus filhos?”</p> <p>P3: “[ri-se] Eu acho..., sim, eu acho que sim. Eu não tenho nada de muito estruturado, mas eu acho que sim. Pelo menos ter uma pessoa com quem estou. Ou seja, pelo menos ter um relacionamento permanente com alguém e..., uhm-</p>	P3 partilha que considera criar família, e deseja desenvolver um relacionamento sério e durador com alguém.
U.S. 47	<p>Valores. Não sei. Tenho aprendido muito, resiliência. Ah! Isso é uma coisa, alguém me disse recentemente que achava que eu era muito resiliente. E eu fiquei-sei lá, eu não esperava essa palavra. E falaram isso das mudanças, e é verdade, é muito duro, quando se é criança, passar por isso é muito, muito complicado. E acho que desenvolvemos uma resiliência muito forte. E isso é um valor que prezo muito. Uhm..., resiliência, abertura de espírito. É isso, não desistir das coisas. Determinação. Acho que é isso.”</p>	As qualidades principais que P3 valoriza muito em si própria e transmitiria aos seus filhos, são a resiliência, abertura de espírito e determinação, conseqüente das várias mudanças pela qual teve de passar.
U.S. 48	<p>E: “E gostarias também de certa forma continuar a ter este estilo de vida global quando tiveres família?”</p> <p>P3: “Sim! Eu não consigo viver de outra forma. Já está muito impregnado no meu cérebro, mas eu também acho-</p>	P3 confessa que deseja continuar a ter um estilo de vida de elevada mobilidade na sua vida adulta, porque sente que já esta interiorizado nela.
U.S. 49	<p>Ah! Uma coisa importante. Eu acho que pessoas TCK, que migram muito, desenvolvem uma relação muito especial com a família. Porquê? Estamos sempre</p>	P3 acredita que indivíduos de terceira cultura com estilos de vida de elevada mobilidade, tal como ela, desenvolvem uma grande proximidade às suas famílias nucleares, porque vivenciam

	<p>num contexto completamente novo, mas há três pessoas no meu caso, que estavam sempre lá. Minha irmã, meu pai, minha mãe e a _____. A _____ era a nossa empregada, babá, que cuidava de nós quando eramos crianças, e ela viajou sempre conosco. Então a _____, meu pai, minha irmã, e a nossa cadela que faleceu recentemente, eram o núcleo. Nós sempre mudávamos, a nossa cadela era <i>super</i> internacional. Ela viveu em Itália, foi para o Brasil, foi- e uhm, eu acho que isso nos aproximou muito uns dos outros.</p>	<p>em conjunto as várias mudanças para os novos contextos.</p>
U.S. 50	<p>Então a minha irmã por exemplo, minha irmã é gêmea, então sempre que éramos novas na escola, <i>the new kid in school</i>, eu pelo menos tinha a minha irmã, que era a outra <i>new kid</i>, então eu sentia-me menos sozinha.</p>	<p>P3 acrescenta que ao ter uma irmã gêmea, sempre lhe por perto a vivenciar as mesmas mudanças em simultâneo.</p>
U.S. 51	<p>A única coisa é que o Liceu Francês separava gêmeos porque eles diziam que, se não separassem em turmas diferentes, não se iriam socializar ou <i>whatever</i>. Então ela muitas vezes não estava na minha turma, mas estava na minha escola.”</p>	<p>P3 conta que na escola que ambas frequentaram, havia uma política de colocação de gêmeos em turmas separadas, o que fez com que não permanecessem juntas a tempo inteiro.</p>
U.S. 52	<p>E: “Em relação mesmo ao futuro, geralmente, quais é que são ainda alguns sonhos e aspirações que tu tens?” P3: “Eu confesso que eu ainda não apaguei completamente do meu cérebro a ideia de tentar a carreira diplomática. Eu gostaria de fazer um doutoramento em Antropologia, mas talvez também tentar a carreira diplomática. Eu acho que isso ficou muito- não sei se isso vai acontecer, mas ficou muito no meu..., como uma das minhas ideias para o futuro.”</p>	<p>P3 confessa que ainda tem como possibilidade futura, uma carreira na área da diplomacia, apesar de também querer fazer um doutoramento em antropologia.</p>

<p>U.S. 53</p>	<p>E: “Achas que havia ainda alguma coisa que poderia ainda perguntar, que tu lembres que seria interessante falar?”</p> <p>P3: “Uhm..., [pausa] uhm..., não sei eu- deixa-me pensar. Eu pensei muito nisto numa certa altura então talvez possa-me surgir alguma pergunta. Mas uhm..., eu acho- há também aquele problema- quer dizer, aquela sensação, do tipo, nunca se sentir- é que aqui eu sinto-me daqui, mas ao mesmo tempo não muito, porque eu só vim para aqui com catorze anos. Antes nunca tinha vindo para Portugal na vida.</p>	<p>P3 acha que um assunto pertinente da vivencia dos indivíduos de terceira cultura é a falta de um sentimento de pertença.</p>
<p>U.S. 54</p>	<p>E, [ri-se] e do Brasil eu sinto, mas eu só vivi lá quatro anos. A minha família é toda de lá. Quando estou com a minha família sinto-me brasileira, mas quando eu não estou, tipo é quase a minha identidade brasileira vem da minha família. Quando eu estou sem a minha família- se eu agora chegar ao brasil, iria sentir-me um bocado estranha porque eu não conheço as coisas tipo, o meu pai é do Rio e a minha mãe é de Petrolina que é uma cidade do Nordeste. Se eu chegar ao Rio agora, eu não- tipo eu conheço o bairro em que nós vivíamos, mas eu não conheço muito tipo as ruas-</p>	<p>P3 exemplifica que a sua identidade brasileira está maioritariamente associada à sua família, onde tem um sentimento de pertença, mas que por outro lado depende quase inteiramente desses relacionamentos, porque ela por si só não sente que conhece bem o próprio país.</p>
<p>U.S. 55</p>	<p>Ah! Uma coisa que eu e a minha irmã vivemos muito é referencias culturais, há muitas que eu não faço a menor ideia. “Ah, aquela música quando tínhamos dez anos.” Eu não sei, eu não estava cá. Ou mesmo aqui em Portugal também. Tudo o que for antes dos catorze, as pessoas falam de <i>Doraemon</i>, eu nunca vi isso, eu não sei. Ou de sei lá o que, desenhos animados, coisas</p>	<p>P3 descreve que frequentemente vivência ter lacunas em relação a referencias culturais, por não ter vivenciado por perto essas épocas e momentos, o que lhe deixa com uma sensação de um conhecimento incompleto em qualquer lado que estiver.</p>

	<p>infantis- Ah! A expo 98, as pessoas falam disso, eu não estava cá, eu não faço a menor ideia. Eu sei o que é porque já ouvi, mas não vivi isso. E as pessoas acham, assumem sempre que eu vou saber. Quando eu digo que sou brasileira, as pessoas falam sobre coisas que eu as vezes não faço a menor ideia sobre o que é. Então há sempre esse sentimento de eu não sei completamente tudo em nenhum lado. Só sei partes de coisas”</p>	
U.S. 56	<p>E: “Qual é então a tua opinião em relação a estas experiências multiculturais, em relação ao impacto que elas têm sobre as vidas das pessoas que passam por estas experiências?”</p> <p>P3: “Primeiro eu acho que cada vez mais isso vai acontecer, porque as migrações no mundo estão a tomar proporções gigantescas e-</p>	<p>P3 acredita que haverá cada vez mais indivíduos de terceira cultura, com experiências de vida de elevada mobilidade, especialmente devido à globalização.</p>
U.S. 57	<p>Ah! Uma coisa muito importante é que eu passei por essas coisas, mas num contexto muito privilegiado. Porque o meu pai era diplomata e isso era tipo outra coisa. Imagina, este amigo que eu conheci em França que é refugiado, também mudou de país, mas numa situação completamente diferente, por isso, para já eu tive muito privilégio, conforto material nunca me faltou nada. Nunca fugi por causa de uma guerra, nem nada disso. E eu acho que isso é, apesar de ser difícil psicologicamente, não tem nada a ver com o sofrimento dos outros.</p>	<p>P3 reconhece que a sua experiência de vida é privilegiada, porque apesar das dificuldades que possa ter passado, sempre teve conforto e segurança, em comparação com outros indivíduos que passam por mudanças e adaptações interculturais por motivos como guerra, tendo em consequência outro nível de sofrimento psicológico.</p>
U.S. 58	<p>Eu acho que é uma coisa que vai acontecer cada vez mais e eu acho que dá <i>skills</i> boas de adaptabilidade e de resiliência e</p>	<p>P3 reforça que estas experiências serão cada vez mais frequentes, que por um lado proporcionam o desenvolvimento de competências como resiliência,</p>

	de abertura de espírito. Mas ao mesmo tempo tira algumas coisas como sentimento de segurança, porque-	elevada capacidade de adaptação e abertura de mente, mas que por outro lado, retiram o sentimento de segurança.
U.S. 59	Ah! Uma coisa que- Ah! duas coisas aliás. Uma delas, como eu fica normalmente quatro anos em cada país, eu habituei-me a certa altura a sentir que tudo era transitório. Então quando fez quatro anos que estava em Portugal, está quase tipo “Ah, ok e agora?”. Mas depois entramos nas universidades eu pensei “Ah ok, afinal agora não.” [ri-se] Depois fomos para o Brasil durante 6 meses e houve uma altura que eu achava que ia ficar lá. Mas de quatro em quatro anos tenho este tipo alarme, “ <i>Ring!</i> Já passou o tempo!” E eu tenho de fazer o esforço, “não pera, isso já acabou”. Os meus pais- eu já não vivo com os meus pais, então já não há essa coisa.	P3 identifica que desenvolveu uma espécie de relógio interno automático, que a indica quando está na altura de iniciar o próximo ciclo de mudança, e por isso estranhou quando permaneceu em Lisboa, porque já estava na altura de se mudar novamente.
U.S. 60	E os meus pais falavam sempre muito de voltar ao Brasil. Eles falavam sempre muito sobre isso então no meu cérebro há sempre muito aquela coisa de voltar ao Brasil mesmo que já não vá acontecer ou vá acontecer, mas por outras razões, porque eu quero e não porque eles me vão obrigar.	P3 relata que tem internalizado a ideia de regressar ao Brasil, porque também foi algo sempre considerado pelos seus pais, e não sabe se virá ou não a acontecer, mas que agora seria pela sua vontade, e não pela escolha dos pais.
U.S. 61	E esse sentimento de ser <i>powerless</i> também, porque eles tomam uma decisão de irmos e ninguém pergunta tipo se eu quero ir ou não. É tipo, vamos ponto final. “Mas os meus amigos? Mas a minha escola?” Há essa coisa da criança que não podes fazer nada para parar isto. Eu não tenho controlo. Então eu sinto isso, falta de controlo. Eu tenho dificuldade em controlar a	P3 descreve o sentimento de impotência que teve durante a sua infância, não tendo escolha nas mudanças em que passava, e como isso impacta atualmente a sua vida, em que por vezes sente essa falta de controlo, apesar de reconhecer que agora como adulta já o tem.

	minha vida, porque eu sinto que eu não posso. Mas agora como adulta já posso.”	
U.S. 62	E: “Já sentes então que conseguiste encontrar isso?” P3: “Estou a trabalhar nisso, mas sim. [ri-se] Mas pelo menos eu já tenho a noção que eu posso controlar. E antes eu sentia que não podia. E isso já é bom. [ri-se]	P3 admite que ainda está no processo de conseguir controlar a sua própria vida, mas que pelo menos já tem a consciência que o pode fazer, que vivencia como algo positivo.
U.S. 63	O meu pai dizia sempre “Comigo era pior!” Sempre que eu e a minha irmã reclamávamos, “Ah, vocês têm sorte. Comigo era muito mais difícil.” Coitado, ele também passou por isso nos anos cinquenta. Mas agora é cada vez mais fácil, enfim, entre aspas, e... as redes sociais mudam tudo. Mas enfim, é sempre- Mesmo assim eu acho que é sempre um stress. Causa muito ansiedade. No momento da mudança porque-	P3 conta que quando expressavam a sua angústia ao seu pai, ele respondia que elas tinham sorte porque em comparação com a sua própria experiência, tinha meios de manter contacto que ele nunca teve. P3 acrescenta que mesmo sendo cada vez mais fácil manter contacto atualmente, a experiência destas mudanças e perdas causa sempre um elevado sofrimento psicológico.
U.S. 64	Ah! Nós só sabíamos que nós íamos mudar para onde, tipo três ou quatro meses antes. Era muito pouco tempo eu acho. Por um lado, havia sempre um incógnito para onde vamos, mas havia a coisa de diplomático. Quando sabíamos era segredo! Tu não podes contar a ninguém! Era tipo segredo de estado, não podes contar a ninguém. E eu queria contar aos meus amigos, e não podia, porque se não os meus pais ficavam muito chateados e quando-	P3 recorda-se que só tinham conhecimento para onde iriam viver a seguir pouco tempo antes da própria mudança, e que quando finalmente sabiam não podiam partilhar com mais ninguém.
U.S.65	Esses meses quando já sabíamos para onde é que íamos e quando, era um stress desgraçado. Porquê? Porque tínhamos de chamar os senhores de mudança, tínhamos de empacotar tudo, e era	Nessa época em que já tinham conhecimento para onde seria a mudança seguinte, P3 descreve sendo de elevado stress emocional para toda a família, com todos os procedimentos logísticos envolvidos, dando pouco ou

	<p>sempre muita coisa e os meus pais não têm- não sabem gerir as coisas. Então era sempre muita coisa e a minha mãe ficava stressadíssima. O meu pai ficava stressadíssimo, e toda a gente ficava stressadíssimo. E quase não havia espaço para eu e a minha irmã ficarmos tristes, porque eles estavam tão estressados com a parte logística da coisa que era como se-</p>	<p>nenhum espaço para ela elaborar emocionalmente toda a situação.</p>
U.S. 66	<p>e também tinha o mito que não é verdade “Ah já passaram por isso tantas vezes, já estão habituadas.” O meu pai até disse “Ah sim, mas é a quinta vez”, e eu “sim! mas não muda o facto de ser horrível!” Não é uma coisa que se possa treinar. Não fica mais fácil cada vez. É um novo desconhecido.”</p>	<p>P3 partilha uma crença falsa que lhe era expressa nestas fases, de que já deveria estar habituada por ter passado pela situação várias vezes. P3 invalidava esta ideia, continuando sempre a vivenciar sofrimento psicológico, porque cada experiência tinha as suas próprias dificuldades.</p>

**Tabela 4 – Participante N° 4 (P4)**

<b>Unidades de Significado</b>	<b>Transcrição Entrevista</b>	<b>Unidade de Significado Psicológico</b>
U.S. 1	E: “Como é que irias descrever a tua adaptação? Como é que a sentiste?” P4: “Complicada. (...) Sim, foi complicado porque nunca- nunca conseguia- nunca conseguia manter amigos.	P4 descreve a sua vivência das múltiplas mudanças e como complicada devido a perda constante dos seus relacionamentos interpessoais com os pares.
U.S. 2	Nunca conseguia estar com ambos os meus pais.	P4 refere a circunstância de nunca ter ambos os progenitores simultaneamente presentes.
U.S. 3	E eram muitas viagens. Viajei sei lá...umas quarenta, cinquenta vezes de avião. E eu nunca gostei muito de viajar de avião, portanto era algo que me chateava muito. Foi mais ou menos isso, foi mais ou menos nesse sentido.	P4 descreve a sua experiência de elevada mobilidade, e dos sentimentos negativos que tinha em relação às próprias deslocações de avião.
U.S. 4	Complicado porque eu nunca conseguia ter amigos porque estava sempre, quando tinha alguém que gostava vinha sempre uma altura que lá ia viajar outra vez, e eu perdia contato com essas pessoas porque éramos muito novos e na altura não havia as tecnologias que temos hoje em dia. Portanto os contactos não se conseguiam manter.	P4 refere novamente o processo da perda dos relacionamentos interpessoais com os pares, que ocorria em cada situação de mudança. Refere que estas perdas eram em consequência das dificuldades de manter contacto com os pares devido a sua faixa etária e dos meios de comunicação que eram pouco acessíveis na altura.
U.S. 5	Portanto era mais nesse sentido porque não conseguia estar com o meu pai e com a minha mãe juntos. E também por não conseguir ter os meus amigos por perto.”	P4 conclui que os dois motivos principais que caracterizavam de forma mais negativa a sua vivência de elevada mobilidade eram a perda dos seus relacionamentos interpessoais e da impossibilidade de poder estar com ambos os progenitores em simultâneo.
U.S. 6	E: “Há mais alguma coisa que tu sentes que perdeste por causa dessas mudanças constantes entre países?” P4: “Perdi se calhar um bocado de uhm, um bocado de...,	P4 sente que devido estas mudanças constantes, também perdeu alguma da sua abertura e investimento emocional no contexto dos relacionamentos interpessoais, identificando que com o tempo ficou menos sensível às perdas

	sentimento emocional, no sentido que já não ligo muito se alguém entra na minha vida e depois se vai embora porque sempre me habituei a isso. Portanto, fiquei assim um bocado mais frio, fiquei menos sensível nesse caso, em relação a- uhm, a manter- pronto, se perder alguém nesse caso. Não sei se faz sentido, mas...acho que..."	em comparação aquando inicialmente as vivenciava.
U.S. 7	E: "O que tu ganhaste com estas experiências?" P4: "Ganhei muita, muita exposição a diferentes culturas. Muita exposição a diferentes-diferentes maneiras de viver.	Por outro lado, P4 refere que um dos ganhos principais destas suas experiências foi a exposição a uma variedade de culturas e de maneiras diferentes de pessoas viverem.
U.S. 8	Diferentes culturas, não só no sentido de maneiras de viver e língua, e pronto, etnias e outras coisas, mas também em termos de arte. Ganhei muita exposição em termos de arte porque [pausa] pronto, estive sempre exposto à música por exemplo da África e depois quando vinha para a europa estava exposto a música da europa. Uhm, é mesmo em termos de pinturas e algum assim, acho que ganhei muito com isso porque tenho noção de certas-certas culturas que talvez muitas pessoas da minha idade não têm por não terem passado por isso.	P4 também adiciona que além da exposição aos fatores sociais base de cada cultura, também identifica uma grande exposição a uma diversidade artística das culturas dos países e continentes em que teve inserido.
U.S. 9	E também aceitar pessoas que são diferentes tipo, religiões e isso tudo."	P4 menciona também a aceitação através do contacto com várias pessoas de diferentes religiões.
U.S. 10	E: "Quais é que achas que eram as características principais das amizades que vivenciaste?" P4: "Hum. Era um bocado intenso, né. Era um bocado intenso porque, uhm..., de certa forma sempre fui rodeado- ou tentei rodear-me de pessoas com quem- sinto que conseguem	P4 caracteriza a vivencia dos seus relacionamentos interpessoais como intensa devido ao conhecimento do limite de tempo que estas teriam.

	<p>pensar sempre um pouco mais a frente e que conseguem sempre sair fora da caixa. E eu acho que de certa forma sempre sabíamos que aquilo não ia durar muito, portanto aproveitávamos sempre o máximo, portanto eu acho que a palavra é mesmo essa, intensidade.”</p>	
U.S. 11	<p>E: “Identificas também algumas facilidades ou ganhos?” P4: “[Respira fundo] Muita aprendizagem porque conheci muita gente, uhm,</p>	<p>P4 identifica a aprendizagem como um ganho dos seus vários relacionamentos interpessoais.</p>
U.S. 12	<p>conheci muita gente que se calhar certas pessoas chamam de amigos. Hoje em dia já conheci muita gente, mas para mim são só conhecidos. Mas eram meus amigos só que..., pronto..., eu normalmente quando estou longe de pessoas..., já não os chamo assim de amigos, porque para mim a amizade é falar quase todos os dias, é estar sempre juntos. Não é falar uma vez por ano, ou duas vezes por ano ou quando estás de férias. Isso para mim é mais um conhecido do que um amigo.</p>	<p>P4 descreve o significado do que é um amigo para ele que se baseia na presença quase quotidiana, que acredita que se distingue do significado que poderá ter para outras pessoas.</p>
U.S. 13	<p>Portanto, sim aprendi muita coisa. Aprendi como- aprendi a analisar as pessoas. Aprendi a perceber o carácter das pessoas e as diferentes personalidades. Acho que é mais isso por acaso. Personalidades. Fui exposto a muitos diferentes tipos de pessoas, sim.”</p>	<p>P4 descreve a aprendizagem que teve dos seus relacionamentos interpessoais. Sente que a diversidade destas o ajudaram a desenvolver a sua compreensão das características dos outros.</p>
U.S. 14	<p>E: “Como é que tu responderias à pergunta “Quem sou eu?”” P4: “[Ri-se] Essa pergunta é mais difícil. Quem sou eu? Sou um cidadão do mundo. Acho que é assim que eu responderia.”</p>	<p>Em resposta a pergunta do entrevistador, P1 descreve-se como um cidadão do mundo.</p>

U.S. 15	E: “E onde é que sentes que pertences?” P4: “África.”	P4 responde de forma objetiva, afirmando onde sente que pertence.
U.S. 16	E: “E como descreves a palavra casa?” P4: “África.”	P4 responde de forma objetiva, associando a palavra “casa” ao seu continente de nascença.
U.S. 17	E: “Em relação aos teus relacionamentos amorosos, quais são as características e as qualidades principais que procuras numa pessoa?” P4: “Ok, uhm..., eu não ligo muito tipo..., fisicamente no sentido de..., daquilo que a pessoa mostra exteriormente, eu ligo mais no caráter na personalidade da pessoa. Aquilo que a pessoa é dentro de si. Eu sou daquele tipo de pessoas que a beleza vem de dentro, não de fora.	P4 afirma que em contextos relacionais amorosos, tende a valorizar mais os aspetos interiores das pessoas do que os seus aspetos físicos.
U.S. 18	Portanto quando olho para umas pessoas, a minha mãe sempre disse, os olhos são os espelhos da alma. Eu tento sempre ver os olhos das pessoas e aprendo muito só olhando as pessoas nos olhos. E eu consigo- vendo a pessoa, consigo logo sentir se essa pessoa vale a pena ou não investir o meu tempo e, pronto eu..., vejo isso, dedico muito valor-	P4 faz uma referência a um conceito que lhe foi transmitido pela sua mãe, que adotou como seu, em relação a perceção e entendimento dos outros.
U.S. 19	Procuro muito ver qualidades interiores como por exemplo uhm..., a compaixão, o carinho, a calma. Uhm, gosto de pessoas que têm personalidade forte, pessoas que sabem aquilo que querem na vida.	P4 explicita algumas das qualidades psicológicas que procura nas pessoas com quem considera estabelecer um relacionamento amoroso.
U.S. 20	E que não são mesquinhas, não estou muito virado para..., pronto, fofoca. Isso são coisas que a mim não me chama muita atenção a mim.	P4 menciona aspetos mais negativos que não aprecia nas pessoas.

U.S. 21	Pessoas com personalidade forte, pessoas que sabem dizer que sim, mas também sabem dizer que não. Pessoas que sabem bem aquilo que querem. Isso é que me atrai a mim, é isso, é, pronto, é o carinho, é..., [ri-se] é a personalidade nesse sentido.”	P4 reforça as qualidades e características principais que valoriza nas pessoas.
U.S. 22	E: “Também que características e qualidades procuras nas pessoas com quem te relacionas e queres conhecer melhor como amigos?” P4: “É mais ou menos a mesma coisa.”	P4 afirma que procura e valoriza as mesmas características e qualidades nas pessoas com quem desenvolve amizades e relacionamentos amorosos.
U.S. 23	A única diferença que realmente existe é que, pronto, quando..., quando vejo alguém com essas qualidades todas que eu gosto, e neste caso mulheres, uhm..., a diferença é que pronto, há algumas pessoas a quem eu sou atraído, nesse sentido, as outras pessoas quem vejo essas qualidades, mas como amigos. Não sinto aquela atração, fisicamente também.”	P4 esclarece que a diferença principal entre ambos os tipos de relacionamentos é que nos seus relacionamentos amorosos também valoriza e necessita a atração física.
U.S. 24	E: “Sentes que atualmente convives em ambientes talvez multiculturais ou internacionais? Procuras isso? É algo que desejas, ou que acontece? Ou nem por isso?” P4: É assim, se percebi bem a pergunta, é algo que acontece naturalmente porque, realmente todos os sítios onde já trabalhei, já tive sempre- sempre houve muita diversidade, especialmente cá em Londres. Sempre diversidade mesmo.	P4 identifica estar frequentemente em ambientes multiculturais, especialmente nos vários contextos profissionais em que já esteve inserido.
U.S. 25	Agora no trabalho mais atualmente, há menos isso, mas ainda vejo umas cinco ou quatro pessoas que trazem essa multiculturalidade.”	P4 relata que na atualidade o seu contexto profissional não se caracteriza como multicultural, mas que identifica conviver com indivíduos multiculturais.

U.S. 26	Mas neste momento trabalho com muitos ingleses mesmo. Mesmo que não- os pais por exemplo, vieram da Índia, ou vieram da África, vieram da Ásia, são pessoas que nasceram cá e que já têm aquela cultura inglesa.	P4 reforça que o seu contexto de trabalho atual não é caracterizado como multicultural.
U.S. 27	Enquanto que se calhar antes, em outros trabalhos que já fiz cá em Londres, havia mesmo pessoas que vieram de todo o lado. Sei lá, França, Itália, Bélgica, Holanda, Alemanha. Todo o lado mesmo. Espanha.	P4 volta a referir que em outros contextos de trabalho em que teve inserido havia um grande contacto com diversidade cultural e exemplifica algumas das culturas com que entrou em contacto.
U.S. 28	Eu literalmente, eu- através dessas conectividades que eu tive durante a vida toda, eu certa forma sinto que conheço um bocado do mundo inteiro. Porque já conheci pessoas de todo o lado do mundo e consigo sempre tirar um bocado através dessas pessoas que são tipo o espelho da cultura que existe nos países deles, de certa forma. E eu saindo para outros países, só viajei entre África e Europa, mas eu saindo para outros países do mundo inteiro, consigo falar sobre esses países por causa das pessoas que conheci. Às vezes até parece que já estive lá, mas é mais nesse sentido, é que realmente tenho muita sorte em conhecer pessoas de todo o mundo, sim.”	P4 considera que esta convivência que teve com indivíduos de diversas culturas permitiu-lhe um maior conhecimento do mundo, e sente estas vivências como positivas.
U.S. 29	E: “Em relação a tua vida futura, quais é que são os teus objetivos ou sonhos vocacionais, ou seja, em relação a tua profissão?” P4: “[Respira fundo] Hum. Isso é uma pergunta difícil. [Volta a respirar fundo] (...) Uhm..., o meu sonho?! É assim, se calhar os meus objetivos, posso expor tudo, é quase a mesma coisa nesse sentido para mim. Sonho e objetivo é ser feliz.	P4 refere que o seu objetivo e sonho futuro principal resume-se ao “ser feliz”.

U.S. 30	Eu tinha um objetivo de- quando comecei a estar mais seriamente- focar-me mais seriamente em estudar, neste caso direito, tinha o objetivo de ser advogado chamado <i>bannister</i> cá na Inglaterra. É os advogados que tem autorização de irem aos tribunais representarem os clientes.	P4 menciona um objetivo prévio que tinha estabelecido em relação a sua carreira académica e profissional na área do direito e da advocacia.
U.S. 31	Uhm, mas neste momento, eu acho que o meu sonho, independentemente de tudo é ser feliz. Acho que isso é a única coisa que eu consigo dizer.”	P4 reforça que atualmente o seu sonho baseia-se nesse fim, de “ser feliz” independente do seu percurso de vida.
U.S. 32	E: “Se gostarias de ter família um dia, quais são os valores principais que gostarias de passar as tuas crianças? Como gostarias de educá-las?” P4: “[Respira fundo] Hum! Mais uma pergunta difícil! [Pausa] Sim. Acho que gostava de ter uma família, sim. Isso é uma coisa que, por causa de- por causa de coisas- por causa de acontecimentos da minha vida, sempre pensei que um dia gostava de ter uma família, porque de certa forma senti que nunca tive uma família.	P4 afirma que tem o sonho e desejo de ter família no seu futuro, e relaciona e justifica esse desejo com a sua experiência de vida, em que sentiu a ausência de um contexto e sistema familiar nuclear constante.
U.S. 33	Uhm..., e..., gostava de passar certas mensagens, certos valores como, como presença no sentido de estar sempre presente e acompanhar a minha família nesse caso. E quando falo em minha família falo na minha mulher e nos meus filhos. É estar sempre presente. Não- não fazer nenhum trabalho, não fazer nada que me faça estar longe deles. É estar constantemente presente.	P4 revela que intenciona salvaguardar a sua futura família nuclear através da adoção de uma postura presente que investe e dá prioridade à vida familiar.
U.S. 34	E passar alguns valores como, muito mais importante é a educação, ambição e respeito. Acho que é isso, acho que esses	Para P4 existem também alguns valores fulcrais que identifica que intenciona transmitir a sua hipotética futura família.

	três valores para mim são muito importantes, a educação, respeito	
U.S. 35	Quando digo respeito, não é só para com outras pessoas, mas para com elas próprias. Respeito e a educação, mais com as outras pessoas.	P4 esclarece o que cada um dos valores significam para ele, explicitando que sente que a importância do respeito e da educação é para com os outros como também para si mesmo.
U.S. 36	E a ambição e com aquilo que querem fazer na vida, não interessa o que querem fazer. Desde que ambicionam algo que os faça feliz, para mim isso ia me deixar muito orgulhoso.	Do mesmo modo, P4 explicita que para ele a ambição tem um significado positivo associado aos sonhos e objetivos de vida, que ele é considera significativo, independentemente do que é.
U.S. 37	E eu acho que esses três valores são muito importantes para mim, que é a educação, ambição e o respeito.”	P4 volta a reforçar os três valores principais que identifica com significativos para ele, e quer transmitir a sua família futura.
U.S. 38	E: “Onde é que pensas residir no futuro?” P4: “Lisboa.” E: “Durante curto prazo? Longo prazo?” P4: “O resto da minha vida.”	P4 afirma de forma objetiva que quer residir em Lisboa o resto da sua vida.
U.S. 39	E: “Há mais algum tipo de sonho ou aspiração futura que tenhas em qualquer área da tua vida?” P4: “Gostava de viajar o mundo inteiro. Gostava de conhecer todos os países do mundo. Especialmente em África. Gostava de conhecer todos os países de África. Gostava de viajar todos, todos os países mesmo. Não interessa onde, não interessa que cidade. Era um grande sonho meu, era viajar o mundo inteiro, nem que seja tirar dois anos da minha vida.	P4 revela que sonha viajar e conhecer mundo, especialmente, África, o seu continente de origem.
U.S. 40	Se calhar, eu diria, se calhar um objetivo a curto prazo na minha vida é juntar o máximo dinheiro possível porque sem dinheiro a gente não consegue realizar esses sonhos. Mas como todo se calhar vou ter a oportunidade de fazer	P4 chega a conclusão de que outro objetivo adicional seria juntar dinheiro com o propósito de ter possibilidades de realizar os seus futuros objetivos e sonhos.

	algo assim, no sentido juntar, uhm..., uhm..., maneira de poder viajar.	
U.S. 41	Gostava de um dia, numa altura da minha vida, fazer uma pausa, e simplesmente viajar pelo mundo inteiro enquanto sou jovem e esse é um objetivo que eu tenho para os meus vinte anos, trinta anos. Eu gostava mesmo de viajar, era um grande sonho que eu tinha. Viajar o mundo inteiro.	P4 reafirma a sua vontade de viajar o mundo inteiro, e sua intenção de o realizar ainda na sua vida jovem adulta.
U.S. 42	Mais? Gostava, hum. Gostava de deixar algo positivo no mundo. Gostava de, por exemplo de abrir um centro onde, onde pudesse ajudar crianças que fossem abandonadas pelos seus pais. E para lhes dar acompanhamento durante a sua vida inicial, até a vida adulta dessas crianças.	Outro sonho que P4 partilha é o seu desejo de deixar a sua marca no mundo através da criação de uma organização que acolhesse e apoiasse crianças abandonadas durante o seu percurso de vida.
U.S. 43	Gostava também de abrir um hospital específico, em que ajudassem crianças e mulheres com cancro. Era algo que eu gostava muito de fazer também.	P4 acrescenta outro objetivo significativo para ele, de abrir um hospital para pacientes oncológicos.
U.S. 44	Mais? Gostava de acabar com toda a pobreza e com todas as doenças que existem neste momento em África. Também é algo que eu gostava muito de fazer.	P4 partilha outro sonho que de grande significado para ele que envolve acabar com a pobreza existente em Africa.
U.S. 45	Mais? Gostava de acabar com toda a corrupção que existe em África também porque essa pobreza que existe neste momento em África vem de toda a corrupção que existe.	P4 continua a sua lista de objetivos, mencionado também o desejar acabar com a atual situação de corrupção em Africa que na sua opinião, também está relacionado com o seu objetivo anterior.
U.S. 46	E gostava de fazer com que a educação em África fosse gratuita e que fosse obrigatória até aos quinze anos.	P4 também partilha que gostava de alterar o sistema educacional em Africa para que seja acessível e obrigatório para todas as crianças.

U.S. 47	Pronto, estes são um bocado os sonhos malucos que eu tenho. [ri-se]”	P4 finaliza a sua lista de objetivos com um comentário que sugere acreditar que estes sejam fora do comum.
U.S. 48	E: “Qual é a tua opinião sobre estas experiências multiculturais e o seu impacto sobre a vida dos indivíduos que as vivenciam?” P4: “Eu acho que é muito importante. Eu acho que é muito importante porque..., faz o caráter da pessoa. Faz a pessoa ser muito forte, faz a pessoa ter opiniões firmes.	P4 acredita que as vivências multiculturais são de grande relevância, formando indivíduos de caráter forte e firme.
U.S. 49	Faz mais que isso tudo, faz a pessoa não ter medo, ela não ter medo de viver, de arriscar porque muitas destas pessoas, não só estão habituados a estarem fora do conforto, a estarem no ambiente, que não é o ambiente natural dessas pessoas, mas também como muitas dessas pessoas já passaram por muitas- por essa mudanças todas, muitas dessas pessoas não tem aquele medo de arriscar e como a história já mostrou muitas vezes, essas pessoas depois conseguem fazer grandes coisas nas vidas deles porque passaram por muito, e aprenderam muita coisa e foram exposto a realidades e muitas culturas e conseguem perceber melhor as pessoas.	Na opinião de P4, os indivíduos que vivenciam estas experiências multiculturais desenvolvem uma maior capacidade de adaptação a novas realidades, uma maior capacidade de saírem da sua zona de conforto e potencialmente alcançam mais nas suas vidas.
U.S. 50	Serão os grandes líderes de amanhã.”	P4 conclui que as características destes indivíduos desenvolvem boas capacidades de liderança.

**Tabela 5 – Participante Nº 5 (P5)**

Unidades de Significado	Transcrição Entrevista	Unidade de Significado Psicológico
U.S. 1	<p>E: “How would you describe your adaptation between all of these cultures and countries?”</p> <p>P5: “Uhm..., I think..., in the end, adapting to each of these countries wasn’t necessarily very hard in the sense of like, the moving, because we were like—it’s the only lifestyle that I’ve known, so in a way it’s like the thing that I’m most used to...”</p>	<p>P5 afirma que a sua adaptação a cada um dos países não foi necessariamente difícil em si, porque sente que o estilo de vida de elevada mobilidade é ao que ela está realmente habituada.</p>
U.S. 2	<p>and also with the fact that every time we moved from international school to international school, like..., those schools are just very particular contexts, because it’s not like, me going to like a public school every time..., where the..., where the whole idea of moving around and stuff like that is not as common, so in that sense, it made it easier and stuff.</p>	<p>P5 menciona que o facto de ter estado sempre num contexto escolar internacional em cada país em que residiu, permitiu um que a sua adaptação fosse mais fácil, do que provavelmente um contexto de escolas públicas em que este estilo de vida de elevada mobilidade não é tão comum.</p>
U.S. 3	<p>But I think, the one thing that I’ve always noticed that was kind of the barrier to integration in some way, in all the countries, was a matter of language.</p>	<p>De qualquer modo, P5 identifica que sentiu que o fator da língua sempre foi como uma barreira para a sua integração em todos os países.</p>
U.S. 4	<p>So, for example, and I felt this the most when I moved to Panama, because I was..., already old enough, where language did in some way become a social barrier in terms of friendships and stuff, but I..., But I was, but it was</p>	<p>Especialmente na sua mudança para o Panamá, P5 identifica essa barreira, porque já se encontrava numa idade em que a língua se tornava uma barreira social no processo de criar amizades.</p>
U.S. 5	<p>also like..., I didn’t..., learn it fast enough for me to..., for it to become a language in which I could socialize in, and this is something that I actually-</p>	<p>P5 acrescenta que sente que não aprendeu a língua rápido o suficiente para conseguir socializar.</p>

U.S. 6	because the thing is- the difference is, in Rome I learnt it very quickly because I was really young and I was at an age when it didn't really matter yet,	P5 faz uma comparação com outra mudança prévia para Roma, que também não sabia a língua, mas sendo mais nova, não teve tão grande impacto na sua integração.
U.S. 7	but then once I moved to Panama like there was still that whole thing, and I didn't speak the language when I got there, so it wasn't necessarily, ahem, something I could socialize with,	P5 volta a referir que na sua mudança para o Panamá ela não falava a língua quando lá chegou e por esse motivo não conseguia socializar com outros.
U.S. 8	but then when I moved to Cuba there were still the same language that I had already learnt..., like when I got there, there was immediately a language I could socialize in,	P5 refere que na sua mudança para Cuba, como era a mesma língua do lugar onde residiu anteriormente, ela conseguiu imediatamente socializar quando lá chegou.
U.S. 9	so, for me the matter of language is actually-has always actually been the biggest, uhm... obstacle in some way..., to integration and adaptation (inaudible 6.41-6.47) the context in which I, like, immersed in every single time.	P5 reforça que a questão da língua sempre foi para ela o maior obstáculo para a sua integração e adaptação ao novo contexto em que era inserida.
U.S. 10	And to be honest I feel like I can almost see the same thing here, like the..., all French speaking people are able to socialize and to become friends very quickly early on, whilst the international students end up being..., very much amongst themselves and that's..., just that..., it really is a matter of language more than culture I would say."	P5 acrescenta que identifica o mesmo fenómeno onde vive atualmente, em que todas as pessoas que falam francês desenvolvem amizades mais rapidamente entre si em comparação com os estudantes internacionais que acabam por ficar mais entre eles. Para P5 é mais uma questão de língua do que de cultura.
U.S. 11	I: "What do you feel were the major losses that you had to go through..., each change that you made?" P5: "Uhm... [pause] it- I don't..., I don't- I think a loss..., maybe like as a whole of like the whole lifestyle of moving around a lot is, for example..., the fact of not having, like it's-it's very literal	P5 refere que sente que as perdas consequentes das suas várias mudanças são perdas mais concretas como o ter um grupo de amigos constante durante o desenvolvimento.

	stuff I mean like it's not..., but it's like for example like I see it in my friends here, and just like the idea of having one group of friends that they've really grown up with,	
U.S. 12	or having for example like one holiday place that they go to all the time, and it's just like, part-it's just like- it's like home to them, and like the whole act of going there regularly is just so normal to them,	P5 menciona que identifica não ter experienciado, é o ter um local de férias regular que quase representa também casa.
U.S. 13	whereas for me I think there's that loss of like having something constant, in some way like having a sense of home..., uhm...	P5 sente que para ela a perda é de ter algo constante e um sentimento de casa.
U.S. 14	but then, in terms of each individual place, it's just more like friendships and stuff, but uhm..., uhm, but yeah...	P5 esclarece que as perdas associadas a cada lugar específico em que viveu, baseiam-se mais na perda das amizades.
U.S. 15	I: "And, on the other hand, what do you feel that these experiences, gave you? So, what did you win, what did you gain from them?" P5: "Uhm, I think I actually did, uh, grow up like a lot from- from living in all those different places,	P5 sente que a experiência de ter vivido em vários sítios diferentes fizeram-na amadurecer bastante.
U.S. 16	because, even though cul- like as I said, culture is not necessarily the biggest, uhm, obstacle to integration and adaptation in a country.	P5 reforça que acha que as diferenças culturais não são o maior obstáculo para a adaptação e integração num novo país.
U.S. 17	The fact that you're constantly faced with so many different cultures, so many different mentalities and stuff like that, especially growing up, because they-like you obviously have a change in mentalities and everything, you age. To have that on top, like a different cultural, like context..., I think it's just like the open mindedness...,	P5 realça que a exposição a uma variedade de culturas e mentalidades, durante os anos de desenvolvimento, proporciona uma abertura de mente.

U.S. 18	and, and, just..., like the, the ability to underst- to empathize with different cultures and different mindsets and that kind of thing, because..., like, I don't know,	P5 acrescenta que esta exposição também desenvolve a capacidade de compreensão empática do outro.
U.S. 19	I just feel like there's also like a part of, like of stereotypes that I don't, like..., I don't know, I don't..., I think I don't believe in stereotypes easily, because I just remember, like, there's for example- when I told people I was moving to Cuba, or like when I tell people that I lived in Cuba they're like "Oh my God!" Like immediately goes to like, a negative perception, and I feel like that's the kind of thing where..., my brain is first like "Uuuuhh, what's that like?", without necessarily being..., like positive or negative, so I think that would be one big thing.	P5 sente que não acredita tão facilmente em estereótipos em comparação com outras pessoas, e dá um exemplo em que percebeu que a sua tendência de perceber situações é mais de curiosidade, em que outras pessoas têm já preconceitos positivos ou negativos.
U.S. 20	And then the other big thing, which I feel is like the ability to travel so much, and so easily..., uhm..., just, in a general sense. Uhm..., and..., yeah, I think those are the two big things. [laughing]"	P5 identifica que tem facilidade em viajar devido as suas experiências multiculturais e de elevada mobilidade.
U.S. 21	I: "And in relation to your friendships, and your relationships, what kind of friendships did you have, during your childhood, and your teenage years, like what do you think were the main characteristics, that stand out?" P5: I think there are friendships, that are just generally very..., intense, because you know that there's always a time limit to every- every relationship whether it's like boyfriend, or friend, like anything there's always a time crunch to it, so it's...,	P5 afirma que o que principalmente caracteriza as relações que teve durante a sua infância e adolescência, é a intensidade em que são vividas devido ao limite de tempo que estas têm. P5 sente é necessário maximizar a experiência em cada relação, porque se não o fizer acabará por nunca conseguir realmente ter amigos.

	everyone is very much into a mentality of like, not like..., but you just have to maximize, like, maximize and enjoy the time that you have with those people as much as possible, because..., in the end, if you don't do that and you're moving your whole life you're just never going to have friends, uhm...,	
U.S. 22	so, it's just a matter of understanding that you have, like, to actually enjoy the experience and everything like, you need to just make the most of the time that you have.	P5 sente que é uma questão de compreender que é preciso realmente aproveitar e desfrutar ao máximo da experiência no tempo que se tem.
U.S. 23	Uhm, then what's a little maybe like, sad, also though, is the fact that you can have relationships or friendships or anything in the moment that seem, like almost..., essential to you and to the way that you're living, and once you're moving away, the lack of ability to stay in contact means that you maybe really lose touch,	P5 acrescenta que é difícil e triste a perda de amizades e relacionamentos que passaram a ser essenciais e significativos na sua vida, devido incapacidade de manter contacto depois de se mudar.
U.S. 24	because especially like, considering time zones and everything like, and some people are just like, not very good at like texting or whatever so it makes it really hard to stay in touch,	P5 acrescenta que as diferenças entre os fusos horários dificultam o manter contacto.
U.S. 25	so in that sense it's also friendships that I guess are very, like..., weak in that sense, but not in terms of like..., yeah I don't know, it's like..., they're not necessary, you know that they're not necessarily relationships that will last your entire life, but they're always like worth it, in the moment.”	P5 afirma que há amizades que na altura sabe que não serão duradoras, mas que mesmo assim, valem a pena no momento.
U.S. 26	“I think that what's also very interesting about this kind of lifestyle is that I'm very, very	P5 considera interessante um fator consequente do seu estilo de vida, que é a proximidade que a sua família nuclear

	close to my family, like my parents and my sister because they're obviously like the only people who have experienced exactly what I have experienced throughout that being- like they are the only constant that I had, and so that makes that we really, like have a good understanding of each other and yeah...[laughing]	tem, por terem todos unicamente vivenciado o mesmo e terem sido a única constante durante todas as mudanças, e por isso terem uma compreensão profunda uns dos outros.
U.S. 27	Like I'm very close to my, to my direct family and then like my cousins or my grandparents and stuff like, a lot less, I would say than maybe people who live close by to their extended family."	P5 acrescenta que é bastante próxima da sua família nuclear, e muito menos próxima da sua família alargada em comparação com outras pessoas que vivem perto da sua família.
U.S. 28	I: "Yeah, so, how would you answer the question, "Who am I?"" P5: "Uhm..., I feel like when I get asked this question, my immediate first answer would be to describe my, nationalities, but don't know,	P5 sente que a sua resposta imediata quando lhe é perguntado quem é, é de descrever as suas nacionalidades.
U.S. 29	I don't think that's like the entire way which I identify, because I- that's a thing, is that they're- neither of them are really countries where I lived in, well, until now...,	P5 sente que as suas nacionalidades não são inteiramente comos e identifica porque na realidade nunca viveu em nenhum dos dois países até mais recentemente.
U.S. 30	so, I think who am I is very much, it's actually very much this idea of..., moving around all the time and having to, like being forced to adapt...,	P5 acha que quem ela é na realidade baseia-se no fenómeno das suas várias mudanças, no qual foi forçada a se adaptar.
U.S. 31	and, and everything that I've learned from it, so like the capacity to have to be like independent to some degree, but also to be able, to be open minded and, I think the characteristics that come from that. So, in the end, who am I is very much, relies on that aspect of me."	P5 acrescenta que quem ela é também são todas as aprendizagens que ela teve em consequência dessas experiências, como o ser independente e ter uma mente aberta.

U.S. 32	I: “And where do you feel that you belong?” P5: “I don’t feel like there’s one place where I belong, I feel like I really belong wherever I make myself belong, in some sense,	P5 sente que não há um só lugar em que pertence, mas sim, que pertence onde quer que seja que se faz pertencer.
U.S. 33	so..., for example, I feel..., like, as time goes by, I feel more and more at home, like I belong and I am at home here, as like, I have my own little apartment that I decorated myself, and so I feel like the place itself is like a manifestation in some way of me, because I decorated it the way I wanted to and <i>na na na</i> ,	P5 partilha que com o passar do tempo sente cada vez mais que pertence onde vive atualmente, porque tem o seu próprio apartamento que decorou e personalizou, tornando-se assim uma manifestação dela.
U.S. 34	but then at the same time I know that for example when I went to- I went to visit my parents in Guatemala, because they moved in the summer as well, so it’s a country I’ve never lived in, a house I didn’t know, but I got there and it was with my family members, with all the furniture that we had before and everything, so then ok I can also say that I also felt like I belong,	Por outro lado, P5 sente que ao visitar a sua família, mesmo sendo num país e casa em que nunca viveu, mas estando na presença deles e revendo as mesmas mobílias, também sente que pertence.
U.S. 35	because it was all those things that I- that in my head are like linked to family and therefore, to belonging....,	P5 revela que associa aquelas mobílias e coisas à família, e por isso também ao pertencer.
U.S. 36	and then, I think..., again, goes back to the whole idea of language, when I speak the language, I feel like I can belong.”	P5 acrescenta que quando sabe falar a língua também sente que pertence.
U.S. 37	I: “How would you describe home?” P5: “Yeah, that’s a very, very abstract concept to me, like, like it’s not at all a fixed place or major anything.	P5 diz que o conceito de “casa” para ela é algo muito abstrato e não fixado a um lugar.

U.S. 38	There's almost just like a bunch of little places, like very specific places and..., people too, that make me feel- that I would like associate to home, so yeah, like my sister, my parents, and then...,	P5 explica que o seu conceito de casa é constituído por muitos pequenos lugares e pessoas, como os pais e a irmã.
U.S. 39	it's almost like- like, my parents, like, throughout our moving, always made sure that we kept all of our furniture, so every time we moved, we had like huge containers and stuff, because they knew that already moving on and stuff is hard, so always made like, like the stuff that we had with us be a constant, so almost like, the stuff, like we would like, borderline just take our trash with us [laughing].	P5 conta que os seus pais, em cada mudança ficam e levam todas as suas coisas para o próximo lugar, podendo assim proporcionar um fator constante entre todas as outras mudanças.
U.S. 40	So, like, I feel like I would say home is with my parents and my sister, my- just the stuff that I have,	P5 reforça que sente que para ela casa é a sua família nuclear e todas as essas suas coisas.
U.S. 41	and, and then there's like certain places, like for example, like my grandparents apartment in Portugal, or, like, the countries I-like the family house my family has in France, like, those are just places that I've gone (inaudible 16.45- 16-50), in some ways, that I consider home.	P5 acrescenta que há certos lugares onde já esteve, como a casa dos avós em Portugal, ou a casa de família em França, que de alguma forma também considera fazerem parte da sua "casa".
U.S. 42	But I don't have- I wouldn't say that I have one place that is..., that I really consider home.	P5 conclui que não considera ter um só lugar que seja "casa".
U.S. 43	I: "In relation to your adult life, now, your present life, are you, did you study, after high school? Are you studying after high school?" P5: "Yeah, so, yeah. I've just started, like, this year, my bachelor's degree." I: "And what is it about? What is it in?"	P5 partilha que iniciou este ano a sua licenciatura, na área das ciências políticas.

	P5: "I'm doing, political science."	
U.S. 44	I: "And what is your motive, for this choice? [Laughing]" P5: "This is probably, easy to guess, but, yea just like my interests, yeah, in international relations, and economics, and sociology, history and all that and..., that for me was very much-	P5 diz que o motivo da escolha deste curso foi o seu interesse nas áreas de relações internacionais, economia, sociologia e história.
U.S. 45	like it wasn't for example, I woke up one day and I was like "Oh my God, this is what I want to study!", like for me it was more like, it was a little blurry and then it just started clearing up and just, I just like, for me to seem like almost the logical next step for me it was to study something like this, because, yeah, and so I know that thinking of international relations	P5 explica que a escolha deste curso não era algo definido, mas que com o tempo se foi tornando mais claro, porque pareceu-lhe a decisão mais lógica de tomar, de estudar algo na área das relações internacionais.
U.S. 46	so, I moved around my whole life, my mom worked for the U.N. and obviously those are all things that influence the way that I think.	P5 sente que a seu estilo de vida de elevada mobilidade, como também o trabalho da mãe, influenciam o seu modo de pensar.
U.S. 47	And the dynamics between countries and like balances of power and just all that kind of things whether it is like out of international scale or just within a community of people, which is a thing that I find so interesting and also so relevant to me and the way that I've grown up, and, and so yeah, that's why I decided to study this, yeah. [laughing]	Sobre tudo o motivo pelo qual P5 decidiu escolher este curso, é a forma como cresceu e a relevância e interesse que tem em relação as dinâmicas entre países, e o equilíbrio de poderes, tanto a um nível internacional como comunitário.
U.S. 48	I: "In relation to your relationship's choices, what are the main characteristics or qualities that you look for in a person?" P5: [Pause] I feel, like..., I really like people who..., can..., who I can learn from..., and, and... in many senses I mean that I like	P5 sente que gosta de desenvolver relacionamentos amorosos com pessoas que são intelectualmente estimulantes, quem pode falar e que a desafiam a pensar, seja em que área for.

	intellectually, so..., ahem..., just like people who will..., I feel like, I like to be..., like I like to question what I know, and I like people, I like when people add on to what, like..., add on to what I know, what I think, and when I try to give different angles I think like, I feel like, that like so..., be able to really talk to a person, just about, like anything, whether it's like politics or anything, that kind of thing. I like to learn, and, like,	
U.S. 49	I think this is just very like (inaudible 21.09), but someone who, who, kind of like..., who's very calming, because I feel like personally I'm someone who can get stressed pretty easily [laughing], so someone who can calm me and then,	P5 valoriza alguém que a saiba acalmar, porque sente que se stressa facilmente.
U.S. 50	otherwise someone who is..., I don't know for example brings out the fun side of me too... [laughing]	P5 acrescenta que também valoriza alguém que consegue realçar o seu lado divertido.
U.S. 51	I: "And, in your friendships? What do you think are the main characteristics that you look for or that characterize, your present and your future, friendships?" P5: "Uhm, I feel like in the same way it's very similar, to what I was looking, like, in a boyfriend...,	P5 sente que procura características semelhantes nas pessoas com quem desenvolve amizades e relacionamentos amorosos.
U.S. 52	but I think..., something for-in terms of friendships, it's also for me- it's very important to have someone, who's just like..., super reliable and I can see myself really..., growing with,	P5 realça que um aspeto fulcral para ela numa amizade, é ter alguém que sabe que pode contar e com quem se vê a crescer.
U.S. 53	because, like I think one of the things from, like, moving around, is that whatever relationship I had with in terms of like boyfriends or whatever, there's..., that- that	P5 sente que devido às suas constantes mudanças, todos os seus relacionamentos, tanto amizades como relacionamentos amorosos, tiveram uma pressão temporal.

	whole idea of the time crunch is much more applicable in that sense,	
U.S. 54	because, like, simply you just can't do long distance especially, like, at my age, it just doesn't seem very logical,	P5 afirma que não acredita que seja logico ter relacionamentos à distância, especialmente na sua idade (18 anos).
U.S. 55	so, for me my friendships are more important, than, like, any relationship that I had with, like, with a guy. So, for me it's like, 1 - my friendships are more important,	P5 revela que valoriza mais as suas amizades do que os seus relacionamentos amorosos.
U.S. 56	I'm more relying on them and I'm looking more for this..., like, long-the longevity in it, because I know that those are things that I could actually try and maintain without being closed by, like, long distance or anything like that."	P5 explica que conta mais com as suas amizades para encontrar longevidade e algo que consiga manter, mesmo à distância.
U.S. 57	I: "Do you find yourself in an international environment, so of also other people that have similar experiences as you?" P5: "Yeah, I do. I think, something that I was actually surprised by when I got here, that even..., like right now, some of my closest friends are people who have not actually had the same lifestyle as me,	P5 relata que se encontra em contextos internacionais, e que se surpreendeu desde com o facto de atualmente onde vive ter mais amigos que não partilham essa mesma experiência de vida com ela.
U.S. 58	but then I always find people who do because at some point you just need to find people who are like you, so to actually understand, or I don't know, there are just some experiences that, that I know that like my- for example like-my French friends, who like have lived in France their whole life and everything, there are some experiences, some feelings that they just don't understand and they can't relate to.	P5 diz que acaba sempre por se relacionar com pessoas que tem experiências de vida semelhantes as dela, porque sente a necessidade de encontrar pessoas que a compreendem, em comparação com pessoas que conhece, que viveram no mesmo país durante toda a sua vida, e que não conseguem relacionar-se com alguns dos sentimentos e pensamentos que ela tem.

U.S. 59	And, that's not like from lack of..., want to empathize or anything, it's just... it's such a weird... like, there's just something that is just weird to understand, in the same way that-you probably had the same feeling with me,	P5 esclarece que não acredita que seja por falta de empatia, que essas pessoas não compreendam o que ela sente, mas por serem situações e sentimentos peculiares.
U.S. 60	but..., so yeah, I think I always do end up finding..., these people..., who had more or less the same lifestyle.	P5 conclui que sente que acaba sempre por encontrar estas pessoas que tiveram um estilo de vida parecido ao seu.
U.S. 61	I: "What would you say is the profession you would like to have? Or what are your professional goals?" P5: "To be honest, I'm not really sure yet, but, something that I actually, like, one of my French friends talked about the other day was like, this whole idea of where we would continue after Sciences Po, where are we going to do the Masters, because here's very much like, there's not this idea of like, considering leaving the country..., and for me that's just like, like staying in the country was something I had never considered.	P5 revela que ainda não está certa do que quer seguir profissionalmente, mas sabe que, em comparação com os seus colegas que não consideram a opção de saírem do país, P5 não considera como opção ficar no país.
U.S. 62	Like for me it was just like it's not a matter of the country, because I just..., like, I was never gonna stay in a country that I lived with my parents in, so for me like, it's just every option was a viable option, so it was almost like, too big to consider, so in that sense, like where's my future studies? I don't know, but I know that it will probably be in different countries [laughing]	P5 explica que para ela nunca foi uma questão de em que país ficar, porque sempre houve a circunstância de saber que não iria permanecer, e por isso cada opção seria viável. Tendo isto em conta, P5 não sabe onde irá estudar no futuro, mas acredita que será em vários lugares diferentes.
U.S. 63	and then..., professionally like where I want to work is where, like, that kind of thing. I don't know I'm very interested in,	Profissionalmente, P5 interessasse pelos assuntos relacionados com a anticorrupção.

	like..., like everything that is like, anti-corruption, and that kind of thing,	
U.S. 64	but I- like in my- where I see my professional future there's no fixed country.	P5 afirma que não vê o seu futuro profissional em nenhum país em específico.
U.S. 65	I: "What would you say are the main values and goals that you have in relation to creating a family and bring up your children? Or raising your children?" P5: "I think, one of the, like the biggest things that I..., kind of appreciate from the way I grew up, was the idea of being comfortable among diversity, you know it's- and also the languages, like it, it's actually it's really cool and stuff [laughing],	P5 partilha que o que mais valoriza sobre a maneira como foi educada esta relacionado com o saber estar no meio da diversidade, e poder saber falar várias línguas.
U.S. 66	so I feel like one thing that I've always kind of thought about is like "how am I going to get my kids to learn all- to learn the languages that I speak too?", because they're part of who I am, and who my parents are, and, I'm like "how am I gonna get to- to fig- how am I gonna teach them French and Portuguese? Like what language should I speak to them?" And that kind of thing [laughing], but, uhm..., yeah, I think those two..., I don't know, I haven't really thought about it [laughing]."	Um dos assuntos sobre o qual P5 já se questionou, é de como poderia transmitir e ensinar aos seus futuros filhos todas as línguas que fala, que ela identifica como sendo parte da sua identidade, e da sua família.
U.S. 67	I: "In a very general way, what are your future dreams and aspirations?" P5: "Uhm..., [laughing] I- like in a general feeling, I want to be independent and..., feel like, I have like..., a sense of direction with what I'm doing, especially, like, professionally, I..., like even in..., even now I like to know	P5 partilha que tem como aspirações futuras, vir a ser independente e encontrar um sentido de propósito naquilo que fará profissionalmente.

	<p>that..., what I'm doing has a purpose, not necessarily like, "Oh for doing the greater good of society, or whatever", but like for myself, like I, I like to know where I'm going with things, in sense, like, not like- I don't know, it's just like I feel like I like to know that there's a purpose to the things I'm doing, like even if it's just for myself, and so..., in my future, I would like to continue that and..., yeah, just being very independent as a person and...,</p>	
U.S. 68	<p>I don't know, I have [laughing] I don't really have like big plans for the future in terms of, like..., professionally or anything..., uhm..., and..., I know, and I think I..., I don't know. [laughing]</p>	<p>P5 revela que ainda não identifica ter grandes planos ou objetivos futuros em termos profissionais.</p>
U.S. 69	<p>I think I also want to find..., like make my own..., find my own place that I could consider home, like find my own way of doing it, without necessarily having my parents and my sister...,</p>	<p>P5 reconhece que um objetivo seu é conseguir encontrar o seu próprio lugar que considere ser a sua casa, sem ter o resto da sua família.</p>
U.S. 70	<p>because..., honestly, the idea of continuing to travel and all that is something that I would..., I think I would really like, and I don't know if that's just because I don't know what it's like to live in one single country for a long period of time, but I know [chuckling], that I didn't dislike the way that I grew up, so that would be some way, that I would like to continue, and...,</p>	<p>P5 explica que gostava de continuar a ter um estilo de vida de elevada mobilidade, por um lado, porque não conhece o que é estar num só lugar durante um período longo, e por outro lado, porque valoriza essa maneira que cresceu.</p>
U.S. 71	<p>in some way I would want- I do professionally, like even though I don't know exactly what I want, I do want to... would want, want to do something that..., would mean that I made use of the privilege that I've had of growing up in this way.</p>	<p>P5 esclarece que apesar de não saber exatamente qual carreira profissional deseja seguir, quer que seja algo que aproveite a sua experiência de vida, que considera ter sido um privilégio.</p>

U.S. 72	So that's why I feel like also, working in anything that's like anti-corruption and that kind of thing, would..., like..., being useful based on what I've had the chance of having. I don't know if that makes sense. [laughing]"	P5 justifica que pelo fato de querer aproveitar a sua experiência de vida para a sua vida profissional, é que considera interessante a área da anticorrupção.
U.S. 73	I: "Did you feel that there were any questions that I made that; you didn't find very relevant?" P5: "Uhm, no. And it's actually, like, I- I found it funny when you-when _____ messaged me, because just recently I had a friend who's applying to..., uhm..., to go to a Drama School, so she had to like, for her auditions, she had to write a play and she actually wrote a play about, like..., uhm..., sense of identity and all that, and so she also interviewed me with similar questions so, uhm, no I don't find it irrelevant, and I know that they're things that have always kind of been at the back of my mind and I've always considered,	Respondendo à pergunta do entrevistador, P5 não sentiu que na entrevista houvesse questões irrelevantes, e partilha que foi também entrevistada para um trabalho sobre o senso de identidade, e reconhece que sempre houve algumas questões latentes relacionadas a estes assuntos.
U.S. 74	because, uhm, especially like, in contrast to, for example, to the couple of friends that I do have, that I didn't have- I mean, that I've had in France, just always like..., like, when- like, my best friend lives in Paris and she lived there her whole life and so staying in contact with her means that we were always like, comparing each other's lives, not necessarily for like "Oh, who's better, who's worse", just..., to see the differences, because you always see, understand your situation better, by looking at or having an outside reference too."	P5 relata que a sua melhor amiga sempre viveu toda a sua vida em Paris, o que permitiu uma troca de experiências e percepção do contraste entre as suas vivências, que permitiu a P5 uma compreensão mais profunda da sua própria situação.
U.S. 75	I: "And now, in relation to your opinion, what do you think, is the impact of these multicultural	P5 sente que as experiências multiculturais deixam as pessoas mais humildes, porque entende-se o quão

	<p>experiences on the people who live them?”</p> <p>P5: “I think..., a big thing is..., in one way, it- it really humbles you..., in the sense that you..., you see in your experiences so much, that you realize kind of just, like how irrelevant you are as one person, just like, one person is one person and you..., like you don’t like- it doesn’t- it doesn’t allow you to live in a bubble, basically.</p>	<p>pequeno se é num mundo tão grande, o que proporciona viver fora de uma bolha.</p>
U.S. 76	<p>But at the same time, it’s still- is a bubble, because..., living this way means that you’re part of like, a certain elite, who can travel, who has money, who has- and in that way it’s, also like..., I don’t know, I don’t know what word is the opposite of humble, but..., yeah [laughing].</p>	<p>P5 contrapõe que, por outro lado, esta experiência é de facto vivida numa bolha, porque se pertence a uma elite que viaja e tem dinheiro, e em consequência pode ter o efeito contrário da humildade.</p>
U.S. 77	<p>Yeah, but just kind of like, the idea that..., like in some way it can make you feel like you’re, better than everyone else, because you had this... such a great opportunity, so you, like, open minded and <i>bla bla bla</i>, like, I think, there’s really a matter of both, because, it can also be very humbling. Uhm, yeah, I feel like that would be the biggest thing,</p>	<p>P5 reforça que por um lado, quem experiência esta variedade cultural pode obter uma crença de superioridade em comparação aos outros, ou pode se tornar verdadeiramente humilde.</p>
U.S. 78	<p>and... Uhm, and I think that another big thing is that it..., [pause] like, the idea of having..., like habits and stuff, and..., or just routines is very..., it’s like a very different concept. Or the way that it might have been in your day to day is very different, if it would be with people who lived in one place or like, one place for a long time within their whole lives.”</p>	<p>P5 acredita que os conceitos de rotinas e hábitos do dia-a-dia são muito diferentes quando se tem um estilo de vida de elevada mobilidade e exposição multicultural, do quando se tem vivido num lugar só durante a maior parte da vida.</p>

ANEXO G: Tabela 6 - Constituintes Essenciais

Constituintes Essenciais	P1	P2	P3	P4	P5
Impacto Psicológico das Mudanças	<p>“Mas as mudanças de país para uma escola nova foram duas vezes, e depois aqui né, que também está nesse contexto de escola então..., foram traumáticas, ya. Tive..., quando era criança era uma coisa de “Pá, eu não quero estar aqui”, eu queria estar noutro lugar, eu queria- [respira fundo] depois as pessoas me pediam para eu falar..., achavam bonitinho o meu sotaque. E aquilo fazia me sentir mais estranha e tipo..., me destacava, ou seja, era</p>	<p>“Depois quando eu comecei a sentir dificuldades foi quando fui para Barcelona, e acho que também depende muita das idades, nê. Naquela idade, senti algumas dificuldades, porque, ou seja, as pessoas já estando todas juntas na escola a algum tempo, e eu vinha de fora. Foi mais difícil também em termos culturais porque não conhecia muito bem Barcelona, a cidade, era uma cidade muito grande, nova. E sim, a partir daí as transições, cada vez</p>	<p>“Nos Estados Unidos não me lembro porque tinha dois anos. Eu só me lembro no primeiro dia de aulas eu não querer nada. Eu querer a minha mãe e chorar muito. Lembro-me disso. Depois, para o Brasil de volta, lembro-me pouco mas lembro-me que foi muito doloroso. Lembro-me sempre que foi muito doloroso, se eu tivesse de escolher uma palavra. Foi sempre horrível, sobre tudo antigamente quando não havia maneira de falar com as pessoas.”</p>	<p>“Complicada. Sim, foi complicado porque nunca-nunca conseguia-manter amigos. Nunca conseguia estar com ambos os meus pais. E eram muitas viagens. Viajei sei lá...umas quarenta, cinquenta vezes de avião. E eu nunca gostei muito de viajar de avião, portanto era algo que me chateava muito. Foi mais ou menos isso, foi mais ou menos nesse sentido.” (U.S.1-3)  “Perdi se calhar um bocado de uhm, um</p>	<p>“Maybe like as a whole of like the whole lifestyle of moving around a lot is, for example..., the fact of not having, like it’s-it’s very literal stuff I mean like it’s not..., but it’s like for example like I see it in my friends here, and just like the idea of having one group of friends that they’ve really grown up with, or having for example like one holiday place that they go to all the time, and it’s just like, part- it’s just like- it’s like home to them, and like the</p>

	<p>mesmo diferente, e depois eu era brasileira ainda por cima. Mas ali não, era brasileira estrangeira.” (U.S. 2-4)</p>	<p>mais, começaram a ser mais difíceis. Na Polônia..., ou seja, na fase em que fui viver para a Polônia tinha dezasseis, eu não estava muito bem porque aquela mudança de Barcelona para a Polônia foi muito difícil.” (U.S. 2-6)</p>	<p>(U.S. 1-3)  “E falaram isso das mudanças, e é verdade, é muito duro, quando se é criança, passar por isso é muito, muito complicado. E acho que desenvolvemos uma resiliência muito forte. E isso é um valor que prezo muito.” (U.S. 47)  “E esse sentimento de ser <i>powerless</i> também, porque eles tomam uma decisão de irmos e ninguém pergunta tipo se eu quero ir ou não. É tipo, vamos ponto final. “Mas os meus amigos? Mas a minha escola?” Há essa coisa da criança que não podes fazer nada para parar isto. Eu não tenho controlo. Então eu sinto isso, falta de controlo.</p>	<p>bocado de..., sentimento emocional, no sentido que já não ligo muito se alguém entra na minha vida e depois se vai embora porque sempre me habituei a isso. Portanto, fiquei assim um bocado mais frio, fiquei menos sensível nesse caso, em relação a- uhm, a manter-pronto, se perder alguém nesse caso. Não sei se faz sentido, mas...acho que...” (U.S. 6)</p>	<p>whole act of going there regularly is just so normal to them, whereas for me I think there’s that loss of like having something constant, in some way like having a sense of home.” (U.S. 11-13)  “Uhm, I think I actually did, uh, grow up like a lot from- from living in all those different places, because, even though cul- like as I said, culture is not necessarily the biggest, uhm, obstacle to integration and adaptation in a country. The fact that you’re constantly faced with so many different cultures, so many different mentalities and stuff like that,</p>
--	---	---	--	---	--

			<p>Eu tenho dificuldade em controlar a minha vida, porque eu sinto que eu não posso. Mas agora como adulta já posso.” (U.S. 61)</p> <p>“Mas enfim, é sempre- Mesmo assim eu acho que é sempre um stress. Causa muita ansiedade. No momento da mudança porque- Ah! Nós só sabíamos que nós íamos mudar para onde, tipo três ou quatro meses antes. Era muito pouco tempo eu acho. Por um lado, havia sempre um incógnito para onde vamos, mas havia a coisa de diplomático. Quando sabíamos era segredo! Tu não podes contar a ninguém! Era tipo segredo de estado,</p>		<p>especially growing up, because they-like you obviously have a change in mentalities and everything, you age. To have that on top, like a different cultural, like context..., I think it’s just like the open mindedness.” (U.S. 15-17)</p>
--	--	--	--	--	--

			<p>não podes contar a ninguém. E eu queria contar aos meus amigos, e não podia, porque se não os meus pais ficavam muito chateados e quando- Esses meses quando já sabíamos para onde é que íamos e quando, era um stress desgraçado. Porquê? Porque tínhamos de chamar os senhores de mudança, tínhamos de empacotar tudo, e era sempre muita coisa e os meus pais não têm- não sabem gerir as coisas. Então era sempre muita coisa e a minha mãe ficava stressadíssima. O meu pai ficava stressadíssimo, e toda a gente ficava stressadíssimo. E quase</p>	
--	--	--	--	--

			<p>não havia espaço para eu e a minha irmã ficarmos tristes, porque eles estavam tão estressados com a parte logística da coisa que era como se- e também tinha o mito que não é verdade “Ah já passaram por isso tantas vezes, já estão habituadas.” O meu pai até disse “Ah sim, mas é a quinta vez”, e eu “sim! mas não muda o facto de ser horrível!” Não é uma coisa que se possa treinar. Não fica mais fácil cada vez. É um novo desconhecido.” (U.S. 63-66)</p>		
Convivência com a	“Conhecer coisas novas, diferentes. Ver-	“Ganhei, conhecer pessoas em todo o lado. Conheço, ou seja,	“E uma coisa também eu acho que é a empatia, porque eu tive	“Ganhei muita, muita exposição a diferentes culturas. Muita	“The fact that you’re constantly faced with so many different

<p>Diversidade Cultural</p>	<p>entrar em contacto com perspectivas de vida diferentes, como é que a vida pode ser vivida de outras maneiras. E depois tudo o que isso significa, de sei lá, a forma com a gente projeta a vida, como é que se veste, como é que se comporta, como é que se conhece, como é que brinca, como é que nas situações sociais, socialmente, como é que é essa- como é esse chegar e..., as dinâmicas relacionais, isso é</p>	<p>estava a pensar, eu tenho..., vou..., por exemplo o ano passado em maio fui uma semana a Tóquio com os meus tios. Eu tinha lá uma amiga a viver. E depois agora também, vou ter com os meus pais que agora estão a viver na Malásia, entretanto continuar o percurso deles. [ri-se] Estão a viver na Malásia, vou visitá-los também a seguir, eu depois também vou para a Tailândia, e conheço uma amiga lá na Tailândia, portanto, eu tenho pessoas espalhadas por vários sítios, e isso é muito bom.” (U.S. 17)</p>	<p>de conviver sempre com pessoas tão diferentes. Uma pessoa em Guatemala não tem nada a ver com uma pessoa em Lisboa. Não tem nada a ver com uma pessoa no Rio. Não tem nada a ver com uma pessoa nos Estados Unidos. E eu e a minha irmã sempre nos tivemos de adaptar muito para conseguir entender pessoas muito diferentes. Então eu sinto que tenho uma capacidade de falar com pessoas muito diferentes, e entender pessoas muito diferentes.” (U.S. 16-17)  “É isso, eu conheci muita gente muito diferente, e eu sinto que</p>	<p>exposição a diferentes- diferentes maneiras de viver. Diferentes culturas, não só no sentido de maneiras de viver e língua, e pronto, etnias e outras coisas, mas também em termos de arte. Ganhei muita exposição em termos de arte porque [pausa] pronto, estive sempre exposto à música por exemplo da África e depois quando vinha para a europa estava exposto a música da europa. Uhm, é mesmo em termos de pinturas e algum assim, acho que ganhei muito com isso porque tenho noção de certas- certas culturas que talvez muitas pessoas da minha idade não têm por não terem</p>	<p>cultures, so many different mentalities and stuff like that, especially growing up, because they-like you obviously have a change in mentalities and everything, you age. To have that on top, like a different cultural, like context..., I think it’s just like the open mindedness, and, and, just., like the, the ability to underst- to empathize with different cultures and different mindsets and that kind of thing, because..., like, I don’t know, I just feel like there’s also like a part of, like of stereotypes that I don’t, like..., I don’t know, I don’t..., I think I don’t believe in</p>
-----------------------------	--	--	---	--	--

	<p>muito diferente. Então é fixe ter tipo, janelas, várias janelas.” (U.S. 21-23)</p>		<p>isso me deu muitas perspectivas muito diferentes” (U.S. 19) “E também foi incrível porque pude conhecer pessoas também muito diferentes e ter também essas perspectivas, acrescentar também essa perspectiva tipo do mundo, que eu consegui pelo menos entrar em contacto com.” (U.S. 23)</p>	<p>passado por isso. E também aceitar pessoas que são diferentes tipo, religiões e isso tudo.” (U.S. 7-9) “Eu literalmente, eu através dessas conectividades que eu tive durante a vida toda, eu certa forma sinto que conheço um bocado do mundo inteiro. Porque já conheci pessoas de todo o lado do mundo e consigo sempre tirar um bocado através dessas pessoas que são tipo o espelho da cultura que existe nos países deles, de certa forma. E eu saindo para outros países, só viajei entre África e Europa, mas eu saindo para outros países do mundo</p>	<p>stereotypes easily, because I just remember, like, there’s for example- when I told people I was moving to Cuba, or like when I tell people that I lived in Cuba they’re like “Oh my God!” Like immediately goes to like, a negative perception, and I feel like that’s the kind of thing where..., my brain is first like “Uuuuhh, what’s that like?”, without necessarily being..., like positive or negative.” (U.S. 17-19) “I think, one of the, like the biggest things that I., kind of appreciate from the way I grew up, was the idea of being comfortable among diversity, you know</p>
--	---	--	--	--	---

				inteiro, consigo falar sobre esses países por causa das pessoas que conheci. Às vezes até parece que já estive lá, mas é mais nesse sentido, é que realmente tenho muita sorte em conhecer pessoas de todo o mundo, sim.” (U.S. 28)	it’s- and also the languages, like it, it’s actually it’s really cool and stuff. [laughing]” (U.S. 65)
Quebra dos Relacionamentos Interpessoais	“Coisas concretas, a relação..., a relação com as pessoas. Quebra de relações com alguns amigos e com a família. Tipo ver os bebês, as crianças pequenas..., a gente sai e depois perde esse crescimento.” (U.S. 16)	“Ou seja, no meu último ano de Barcelona sentia que já tinha conhecido as minhas amizades, apaixonei-me por um rapaz, então transição foi muito difícil.” (U.S. 7) “Mas conheço pessoas que não, que depois com o tempo se foram desligando, deixando de fazer um esforço. Da	“Foi sempre horrível, sobre tudo antigamente quando não havia maneira de falar com as pessoas, o meu pai dizia..., sempre que eu e a minha irmã nos queixávamos disso ele dizia “Ah vocês pelo menos têm mais ou menos uma forma de comunicar por email ou o que for.” E ele dizia, “Quando era eu, eu	“Sim, foi complicado porque nunca- nunca conseguia- nunca conseguia manter amigos.” (U.S.1) “Complicado porque eu nunca conseguia ter amigos porque estava sempre, quando tinha alguém que gostava vinha sempre uma altura que lá ia viajar outra vez, e eu perdia contato com essas	“Uhm... [pause] it- I don’t..., I don’t- I think a loss..., maybe like as a whole of like the whole lifestyle of moving around a lot is, for example..., the fact of not having, like it’s-it’s very literal stuff I mean like it’s not..., but it’s like for example like I see it in my friends here, and just like the idea of having one

		<p>outra parte houve uma desligação, também da minha parte algumas vezes deve ter acontecido.” (U.S. 25)</p>	<p>despedia-me das pessoas e era para sempre. Era muito improvável eu voltar a ver aquelas pessoas.” Uma ou duas talvez, mas era muito improvável voltar a ver aquelas pessoas outra vez.” (U.S. 3)</p>	<p>pessoas porque éramos muito novos e na altura não havia as tecnologias que temos hoje em dia. Portanto os contactos não se conseguiam manter.” (U.S. 4)</p> <p>“Era um bocado intenso porque, uhm..., de certa forma sempre fui rodeado- ou tentei rodear-me de pessoas com quem- sinto que conseguem pensar sempre um pouco mais a frente e que conseguem sempre sair fora da caixa. E eu acho que de certa forma sempre sabíamos que aquilo não ia durar muito, portanto aproveitávamos sempre o máximo, portanto eu acho que a palavra é</p>	<p>group of friends that they’ve really grown up with...” (U.S. 11)</p> <p>“but then, in terms of each individual place, it’s just more like friendships and stuff, but uhm..., uhm, but yeah...” (U.S. 14)</p> <p>“I think there are friendships, that are just generally very..., intense, because you know that there’s always a time limit to every- every relationship whether it’s like boyfriend, or friend, like anything there’s always a time crunch to it, so it’s..., everyone is very much into a mentality of like, not like..., but you just have to maximize, like, maximize and enjoy the</p>
--	--	--	---	--	--

				<p>mesmo                      essa, intensidade.” (U.S. 10)</p>	<p>time that you have with those people as much as possible, because..., in the end, if you don't do that and you're moving your whole life you're just never going to have friends, uhm..., so, it's just a matter of understanding that you have, like, to actually enjoy the experience and everything like, you need to just make the most of the time that you have. Uhm, then what's a little maybe like, sad, also though, is the fact that you can have relationships or friendships or anything in the moment that seem, like almost..., essential to you and to the way that you're</p>
--	--	--	--	---	---

					<p>living, and once you're moving away, the lack of ability to stay in contact means that you maybe really lose touch, because especially like, considering time zones and everything like, and some people are just like, not very good at like texting or whatever so it makes it really hard to stay in touch, so in that sense it's also friendships that I guess are very, like..., weak in that sense, but not in terms of like..., yeah I don't know, it's like..., they're not necessary, you know that they're not necessarily relationships that will last your entire life, but</p>
--	--	--	--	--	--

					they're always like worth it, in the moment." (U.S. 21-25)
Construção do Conceito de Identidade	<p>“E depois eu- isso é sempre uma questão que..., não sei..., está sempre assim..., tipo..., em mim... latente. E fiquei, entretanto, pensando sobre essas coisas, é que eu tipo fui chegando a uma..., não sei, a uma coisa mais profunda..., uma coisa..., permitiu achar uma identidade mais profunda, que no fundo é, é o que me sinto, né. Não são as outras pessoas que, que vão definir isso, se eu me sinto... brasileira, mesmo só tendo vivido lá só oito anos no total.</p>	<p>“Ou seja, acho que é importante para mim as vezes falar destas minhas experiências de ter vivido, em sítios diferentes, mas não é uma coisa que eu introduza muito facilmente. Muitas vezes eu penso que..., as vezes tenho receio que as pessoas pensem que me estou a gabar, ou porque talvez traz confusão. Que alguém esteja tipo, “Quem é esta pessoa?”, tipo..., porque é isso, eu muitas vezes, ou seja, se eu não falar destas minhas experiências, as pessoas dizem, “Ok, ela</p>	<p>“Eu acho que agora sobretudo, eu acabei o mestrado no ano passado e comecei a trabalhar e não sei quê... E agora essa questão tem se colocado muito, porque eu sinto que a nossa geração vive muito essa ansiedade de- Eu tenho falado com um amigo de psicologia, e disse que estava a ter uma crise existencial e de identidade. E uma das coisas que ele me disse foi, “Talvez essa tua crise tenha sido desencadeada por teres de trabalhar, procurar um emprego, e então</p>	<p>“Sou um cidadão do mundo.” (U.S.14)</p>	<p>“Uhm..., I feel like when I get asked this question, my immediate first answer would be to describe my, nationalities, but don't know, I don't think that's like the entire way which I identify, because I- that's a thing, is that they're- neither of them are really countries where I lived in, well, until now..., so, I think who am I is very much, it's actually very much this idea of..., moving around all the time and having to, like being forced to adapt..., and, and everything that I've</p>

	<p>Na minha vida só vivi lá oito anos no Brasil. Ya só, isso não é..., não é pela quantidade é pela conexão. Sim, e depois também foi em fases..., e depois também essa outra coisa do tipo, eu vivi momentos críticos do desenvolvimento nesses dois países. Passei a adolescência no início, uma fase em Angola. Então ya isso..., tem impacto..., na minha personalidade, na minha... Então dos treze até a os dezoito eu sou mais angolana que brasileira, talvez. E dos 1..., do primeiro ano de vida sou brasileira. E depois é, isso ainda está tipo..., claro..., no processo, toda essa...,</p>	<p>é portuguesa”. “Tudo bem, está tipo aqui encaixada. Mas depois tem outra coisa de que também tenho receio. Eu às vezes sinto que não domino muito bem o português, ou seja, domino, mas tipo tenho receio de dar e cometer erros, alguma coisa assim do género. Eu aprendi o português tipo em casa, então não tive tipo uma educação formal. Muitas vezes, começo a ter tipo receio dizer qualquer coisa que soe mal e depois as pessoas percebem que eu não sou tipo, que eu não sou portuguesa pura, pronto. Não sei, é que é isso tipo, quem sou eu, tipo, consigo dar umas descrições</p>	<p>estás a definir a tua identidade profissional. “Quem sou eu profissionalmente?” E isso <i>triggers</i> uma série de perguntas essenciais. E essa pergunta de “Quem sou eu culturalmente?”, não sei porque, mas eu tenho pensado muito nisto. Porque os meus pais vão voltar agora para o Brasil outra vez, e eu gostaria de voltar porque no fundo eu vivi lá pouco tempo e no fundo, no papel eu sou brasileira. Então eu tenho todo esse tipo coiso de voltar ao meu país, conhecer o meu país.” (U.S. 24-26)  “E eu acho que no fundo..., eu acho que no fundo temos de aceitar</p>		<p>learned from it, so like the capacity to have to be like independent to some degree, but also to be able, to be open minded and, I think the characteristics that come from that. So, in the end, who am I is very much, relies on that aspect of me.” (U.S. 28-31)</p>
--	--	---	---	--	--

	<p>o que que dá..., ou o que que é..., qual o resultado, ou que já é. Eu ainda não, não, não..., estou vendo.” (U.S. 11-15)</p> <p>“Acho que sou uma pessoa que está..., está sempre procurando se construir e..., e procuro contacto para isso.” (U.S. 29)</p> <p>“Porque é..., tem impacto porque forma quem eu sou mesmo. Quando eu fui me apercebendo dessa coisa das três nacionalidades, e de que, “Ah então eu tenho coisas portuguesas”, até geneticamente mesmo, coisas angolanas e brasileiras, fico..., fico do tipo..., “Mas eu sou</p>	<p>tipo básicas, mas ainda não..., ou seja, ainda estou um bocado a descoberta disso, estás a perceber? Sinto que ainda tenho que..., que... é um processo.” (U.S. 32-36)</p>	<p>que sou um pouco de cada uma das coisas que vivemos. E o que conta mais é as experiências que tivemos, mais do que um papel ou <i>whatever</i>, mas..., mas eu não tenho de ser nada. Não tenho de ser brasileira. Eu não tenho de ser portuguesa. Eu não tenho de ser guatemalteca. Eu posso ser uma mistura de tudo o que eu vivi, que é o que eu sinto que me representa mais. É dizer que eu sou um pouco de cada coisa.” (U.S. 28)</p>		
--	---	---	--	--	--

	<p>muito diferente de outras pessoas”.” (U.S. 56 – 57)</p> <p>“Mas ya, teve sempre essa coisa de, do- parece que eu não sou completa, completamente. Parece não! Não sou, completamente uma coisa, e isso tem um impacto psicológico. Que é isso, que é isso..., que está tipo..., que eu estou elaborando até, quando penso nisso, né.” (U.S. 61)</p>				
<p>Definição de “Casa”</p>	<p>“O estar, e depois é o estar em casa. Essa coisa de..., pertencer. Encontrar, saber que você está no seu lugar. E a mesma coisa- e depois o negócio de,</p>	<p>“É assim, quando eu me imagino no futuro imagino-me numa cidade qualquer, eu não sei qual. Às vezes penso em Londres, outras vezes não sei no</p>	<p>“Um lugar onde as pessoas que eu amo estão. Onde estou com as pessoas que eu amo. É mais as pessoas do que o lugar. Mais o sentimento. Eu tenho</p>	<p>“Sou um cidadão do mundo.” (U.S.14)</p>	<p>“Yeah, that’s a very, very abstract concept to me, like, like it’s not at all a fixed place or major anything. There’s almost just like a bunch of little places,</p>

	<p>não sei, da formação contínua desse conceito de nacionalidade. Que depois há gente não pensa mais sobre o que é esse conceito porque você está sempre nesse conceito. As pessoas que não sofrem essa interrupção. E isso também é um ganho ao mesmo tempo, porque depois eu vejo que é um conceito. E que sendo um conceito eu também posso construí-lo, e isso é entusiasmante, é rico, é mais rico eu acho. Mas é muito difícil sim. Eu ainda estou tipo nessa embrulhada..., a criar.” (U.S. 18 - 20)  “É um lugar onde..., você pode ser quem você é e que está</p>	<p>que é que penso... Imagino eu, num apartamento meu, com as minhas decorações. Eu já a trabalhar, encontrei o meu grupo de amigos. Estar bem no sítio. Isso para mim é casa. Pronto. “Agora mesmo, não sei o que é casa porque, ou seja, obviamente eu estou muito bem em minha casa..., e quando eu chego lá, até que enfim. Considero tipo isto casa. Depois mesmo tipo, profundamente tipo, não sei, se esta casa que eu tenho aqui é mesmo casa, porque depois tenho sempre saudades de muitos outros sítios, portanto... Este ano consegui estar mais à</p>	<p>uma amiga que tem um projeto muito interessante chamado “<i>dreampire</i>”. Que é um projeto sobre sonhos. Ela filma pessoas a contar sonhos que tiveram. Sonhos que tiveram na semana passada, há um mês, um ano, o que for. Um sonho do qual se lembrem. E o primeiro sonho que lhe contei foi um sonho que tenho muito. Eu sonho muito que eu estou em casa, o sentimento de estar em casa e depois é a casa de Guatemala. Ou é a casa do Brasil. Ou é a casa de Portugal. Ou é a casa dos Estados Unidos. E quando eu acordo, é sempre uma casa diferente então eu</p>		<p>like very specific places and..., people too, that make me feel- that I would like associate to home, so yeah, like my sister, my parents, and then..., it’s almost like- like, my parents, like, throughout our moving, always made sure that we kept all of our furniture, so every time we moved, we had like huge containers and stuff, because they knew that already moving on and stuff is hard, so always made like, like the stuff that we had with us be a constant, so almost like, the stuff, like we would like, borderline just take our trash with us [laughing]. So, like,</p>
--	--	--	---	--	---

	<p>garantido, não te tiram. [Pausa] Ya, você sente envolvida, aceita, completamente, e..., ya, pode mostrar a..., pode-se mostrar sem medo de que..., ya. Pode se mostrar sem medo, porque aquilo vai estar lá.” (U.S. 32) “Mais profundo é o meu corpo. Mas agora já me sinto mais..., na casa onde estou morando agora, eu sinto me mesmo muito mais em casa do que nas outras. Do que as outras, tirando a de infância no Brasil. Essa, essa também talvez. Só que está no passado, então não fui lá buscar. Seria essa, e a que eu estou morando</p>	<p>vontade em Lisboa e sentir que isto pode ser casa, mas até tipo a um ano ou dois anos atrás, para mim casa era ainda Barcelona, que era onde o meu namorado morava. Varsóvia, mas os meus pais não vivem lá. Portanto, então agora está um bocado, continua um bocado difuso..., mas está um pouquinho mais assente em Lisboa.” (U.S. 42-47)</p>	<p>nunca sei qual delas é, constantemente a minha casa.” (U.S. 30-32)</p>		<p>I feel like I would say home is with my parents and my sister, my- just the stuff that I have, and, and then there’s like certain places, like for example, like my grandparents apartment in Portugal, or, like, the countries I-like the family house my family has in France, like, those are just places that I’ve gone (inaudible 16.45- 16-50), in some ways, that I consider home. But I don’t have- I wouldn’t say that I have one place that is..., that I really consider home.” (U.S. 37-42)</p>
--	--	---	---	--	--

	agora, estou morando sozinha.” (U.S. 33-34)				
Sentimento de Pertença	“O que eu mais queria era pertencer e estar ali então, isso depois, sei lá, não ficava a pensar naquelas coisas. Então aquilo ia passando, escoando. Depois eu passei a pegar o sotaque naturalmente com a minha família, não sei que. Aquilo desapareceu, essa evidência de que eu era, diferente. Mas eu sempre me senti diferente porque sou e porque eu sou meia angolana. Nunca ia ser igual a eles, nessa questão da nacionalidade. Então isso sempre me incomodou. Me senti,	“Eu sinto que pertença..., onde..., hum. [pausa] Pertenço com as pessoas de quem gosto. Ou seja, eu consigo estar..., quando eu vou visitar amigos eu sinto que pertença. Consigo ir ter com não sei quem à Madrid. Se eu tiver tipo- seu eu gostar muito da pessoa, se eu me sentir muito a vontade com ela, essa cidade torna-se uma parte de mim. E, portanto, eu não consigo encontrar só um sítio onde pertença. Porque eu agora estou em Lisboa e sinto-me bem, mas eu sei que há	“Será que eu sou dali? Será que eu sou daqui? Será que eu sou da Guatemala? Será que eu sou uma mistura de tudo?” E essas perguntas tem me..., tem me..., tem surgido muito nesta altura da minha vida, mais do que noutras alturas.” (U.S. 27) “Mas uhm..., eu acho- há também aquele problema- quer dizer, aquela sensação, do tipo, nunca se sentir- é que aqui eu sinto-me daqui, mas ao mesmo tempo não muito, porque eu só vim para aqui com catorze anos. Antes nunca tinha	“Sou um cidadão do mundo.” (U.S.14)	“I don’t feel like there’s one place where I belong, I feel like I really belong wherever I make myself belong, in some sense, so..., for example, I feel..., like, as time goes by, I feel more and more at home, like I belong and I am at home here, as like, I have my own little apartment that I decorated myself, and so I feel like the place itself is like a manifestation in some way of me, because I decorated it the way I wanted to and <i>na na na</i> , but then at the same time I know that for example when I went

	<p>senti que era sempre meia angolana.” (U.S. 6-8)</p> <p>“E..., sempre também me senti- Ah! Até dentro da minha própria família, eu e a minha irmã, nós somos as únicas dos dois lados que tem duas nacionalidades. Tanto que o meu pai, a família toda do meu pai, da minha mãe- Todos os nossos primos são ou angolanos dos dois lados, ou brasileiros dos dois lados. Nós somos mesmo as únicas que nessa situação. Eu sempre me senti também por isso, sei lá, um bocado fora, dentro da minha própria família.” (U.S. 59)</p>	<p>uma parte de mim que está sempre a pensar em muitos outros sítios, onde eu também sinto que pertença [ri-se], que é onde estão as pessoas que eu sinto que são importantes para mim.” (U.S. 39-41)</p>	<p>vindo para Portugal na vida.” (U.S. 53)</p>		<p>to- I went to visit my parents in Guatemala, because they moved in the summer as well, so it’s a country I’ve never lived in, a house I didn’t know, but I got there and it was with my family members, with all the furniture that we had before and everything, so then ok I can also say that I also felt like I belong, because it was all those things that I- that in my head are like linked to family and therefore, to belonging..., and then, I think..., again, goes back to the whole idea of language, when I speak the language, I feel like I can belong.” (U.S. 32-36)</p>
--	---	---	--	--	---

<p>Valorização do Viajar</p>	<p>“Não me quero comprometer, acho que agora..., depois o que eu quero- o que me vem à cabeça depois quando eu penso que vou acabar isso é viajar, por um bom tempo, sabe. Depois é que vejo para saber mesmo para que lugar é que eu vou me sentir chamada.” (U.S. 37 – 38)</p>	<p>“...ou seja, para mim o viajar é uma coisa muito importante. E é bom porque acho conheço sempre alguém em algum lado. Isso é muito bom.” (U.S. 18)</p> <p>“Gostava de- tenho tipo uma série de viagens que gostava muito de fazer, sozinha ou acompanhada. [Ri-se]” (U.S. 73)</p>	<p>“Eu no ano passado fiz ERASMUS em França, porque tinha essa ligação com a comunidade francesa e nunca tive em França. Então eu achei que valia a pena eu ir.” (U.S. 20)</p> <p>“Fiz um ano de ERASMUS em Paris. Na licenciatura eu fiz um semestre no Rio também. Intercâmbio no Rio.” (U.S. 37)</p>	<p>“Gostava de viajar o mundo inteiro. Gostava de conhecer todos os países do mundo. Especialmente em África. Gostava de conhecer todos os países de África. Gostava de viajar todos, todos os países mesmo. Não interessa onde, não interessa que cidade. Era um grande sonho meu, era viajar o mundo inteiro, nem que seja tirar dois anos da minha vida. Se calhar, eu diria, se calhar um objetivo a curto prazo na minha vida é juntar o máximo dinheiro possível porque sem dinheiro a gente não consegue realizar esses sonhos. Mas como todo se calhar vou ter a</p>	<p>“And then the other big thing, which I feel is like the ability to travel so much, and so easily..., uhm..., just, in a general sense. Uhm..., and..., yeah, I think those are the two big things. [laughing]” (U.S. 20)</p>
------------------------------	--	--	---	--	---

				oportunidade de fazer algo assim, no sentido juntar, uhm..., uhm..., maneira de poder viajar. Gostava de um dia, numa altura da minha vida, fazer uma pausa, e simplesmente viajar pelo mundo inteiro enquanto sou jovem e esse é um objetivo que eu tenho para os meus vinte anos, trinta anos. Eu gostava mesmo de viajar, era um grande sonho que eu tinha. Viajar o mundo inteiro. (U.S. 39 – 41)	
Confronto entre Mobilidade e Enraizamento	“Ya, tenho vontade de ter filhos. E seria uma coisa- seria aquilo que eu não tive que é, consistência. Um lar consistente. Só que isso	“Tenho que talvez, ou seja, tenho sentido uma grande necessidade de enraizar, que também uma coisa difícil, porque tenho sempre a	“Eu não consigo viver de outra forma. Já está muito impregnado no meu cérebro.” (U.S. 48)	Uhm..., e..., gostava de passar certas mensagens, certos valores como, como presença no sentido de estar sempre presente e	“Something that I actually, like, one of my French friends talked about the other day was like, this whole idea of where we would

	<p>também..., como eu também não sei mesmo como é que eu..., onde é que eu vou querer viver, onde eu vou estar..., eu não diria “Ok não vou ficar- não me vou casar com essa pessoa porque ela vai querer viajar pelo mundo e porque quero um lar consistente para os meus filhos! Mas por agora..., é. Seria essa. Eu..., sim, tenho muitas coisas boas a invejar, mas eu sinto é que..., calma..., sabe uma coisa onde eu possa..., onde eles possam crescer e sentir sempre que aquilo não vai sair debaixo dos pés deles, deve ser uma sensação maravilhosa,</p>	<p>tendência de ir de um lado para o outro. E depois quando é para ficar num sítio, começo a ficar tipo, “Epá, o que vou fazer agora? Vou ficar aqui? Vou me embora em três meses?” Então ainda estou, ainda estou a descobrir nesse aspeto como é que, como é que vai ser.” (U.S. 37-38)</p> <p>“Gostaria de enraizar. Porque acho que é muito difícil este tipo de vida de andar de um lado para o outro.” (U.S. 66)</p> <p>É um objetivo que gostava de conseguir, mas não sei se.... Ou seja, acho que vou ter que trabalhar muito para isso..., ou seja, sei que tenho algumas</p>		<p>acompanhar a minha família nesse caso. E quando falo em minha família falo na minha mulher e nos meus filhos. É estar sempre presente. Não- não fazer nenhum trabalho, não fazer nada que me faça estar longe deles. É estar constantemente presente.” (U.S. 33)</p>	<p>continue after Sciences Po, where are we going to do the Masters, because here’s very much like, there’s not this idea of like, considering leaving the country..., and for me that’s just like, like staying in the country was something I had never considered. Like for me it was just like it’s not a matter of the country, because I just..., like, I was never going to stay in a country that I lived with my parents in, so for me like, it’s just every option was a viable option, so it was almost like, too big to consider, so in that sense, like where’s my future studies? I don’t</p>
--	--	---	--	---	---

	<p>e até, depois o contacto com as pessoas do lugar onde a gente tiver vivendo, não sei- por acaso eu penso numa coisa pequena. Uma comunidade, sei la, ya. E seria muito fixe isso, ter essa- pelo menos pela, não sei, primeira infância até a adolescência. Nessa fase acho que é bué importante ter essa..., ya, solidez.” (U.S. 49-52)</p>	<p>resistências. [ri-se]” (U.S. 69)</p>			<p>know, but I know that it will probably be in different countries [laughing] and then..., professionally like where I want to work is where, like, that kind of thing. I don’t know I’m very interested in, like..., like everything that is like, anti-corruption, and that kind of thing, but I- like in my- where I see my professional future there’s no fixed country.” (U.S. 61-64)  “I think I also want to find..., like make my own..., find my own place that I could consider home, like find my own way of doing it, without necessarily having my parents and my sister...,</p>
--	---	---	--	--	--

					because..., honestly, the idea of continuing to travel and all that is something that I would..., I think I would really like, and I don't know if that's just because I don't know what it's like to live in one single country for a long period of time, but I know [chuckling], that I didn't dislike the way that I grew up, so that would be some way, that I would like to continue." (U.S. 69-70)
--	--	--	--	--	---